

DA AUTORA DE *AMOR CRUEL*, *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

COLLEEN
HOOVER

SE

FOSSE

PERFEITO

TOP
SEL
LER

**COLLEEN
HOOVER**

SE

FOSSE

PERFEITO



os livros em primeiro lugar



*Para o Heath.
Amo-te mais hoje do que em
qualquer outro dia que o tenha antecedido.
Obrigada por seres honesto.*

Capítulo Um

Dantes

O porteiro não me sorriu.

Esse pensamento atormenta-me ao longo de toda a deslocação de elevador até ao piso do Ethan. O Vincent é o meu porteiro preferido desde que o Ethan se mudou para este prédio. Sorri e conversa sempre comigo. Mas hoje limitou-se a abrir a porta com uma expressão estoica. Nem sequer um «Olá, Quinn. Como correu a viagem?».

Suponho que todos nós tenhamos dias maus.

Olho para o telemóvel e vejo que já passa das sete da tarde. O Ethan deve chegar a casa às oito, por isso terei muito tempo para o surpreender com um jantar. *E com a minha presença*. Antecipei o meu regresso um dia e decidi não lhe dizer nada. Temos andado tão ocupados com os planos para o nosso casamento, que já passaram semanas desde que fizemos uma verdadeira refeição caseira juntos. Ou até mesmo sexo.

Quando chego ao piso do Ethan, estaco assim que saio do elevador. Vejo um tipo a andar de um lado para o outro no patamar, mesmo à porta do apartamento dele. Dá três passos, para e olha para a porta. Dá mais três passos na direção oposta e para novamente. Observo-o, na esperança de que se vá embora, mas não vai. Continua a andar para trás e para a frente, sem tirar os

olhos da porta do Ethan. Não creio que se trate de um dos amigos dele. Reconhecê-lo-ia, se assim fosse.

Começo a dirigir-me ao apartamento do Ethan e aclaro a garganta. O homem encara-me e eu faço um movimento na direção da porta do Ethan para lhe indicar que tenho de passar por ele. Ele afasta-se para o lado e dá-me espaço, mas tenho o cuidado de não ter qualquer outro contacto visual com ele. Reviro a mala em busca da chave. Quando a encontro, dou com ele ao meu lado e com uma mão na porta.

— Vai entrar?

Levanto os olhos para ele e depois para a porta do Ethan. *Porque é que ele está a perguntar isto?* O meu coração começa a acelerar com o pensamento de me encontrar sozinha no patamar com um desconhecido que se interroga se estarei prestes a abrir a porta de um apartamento vazio. *Será que ele sabe que o Ethan não está em casa? Será que sabe que estou sozinha?*

Pigarreio e tento disfarçar o medo, apesar de o homem parecer inofensivo. Mas suponho que o mal nem sempre tenha uma aparência reveladora, por isso é difícil avaliar.

— O meu noivo vive aqui. Está lá dentro — minto.

O homem acena vigorosamente com a cabeça.

— Pois. Ah, está lá dentro, está! — Cerra o punho e bate na parede ao lado da porta. — Dentro da minha namorada, porra!

Em tempos, tive aulas de autodefesa. O instrutor ensinou-nos a esconder uma chave entre os dedos, com a ponta ligeiramente saída, para, no caso de sermos atacadas, podermos cravá-la no olho do atacante. É o que faço, preparada para a investida iminente do psicopata à minha frente.

Ele solta um arquejo e eu não consigo deixar de reparar que o ar entre nós cheira a canela. Que pensamento estranho de se ter no instante antes de ser atacada. Que alinhamento bizarro seria na esquadra de polícia. *Oh, não consigo propriamente descrever o que vestia o meu atacante, mas o seu hálito cheirava bem. Fazia lembrar o refrigerante Big Red.*

— Enganou-se no apartamento — digo-lhe, na esperança de que ele se vá embora sem discussão.

Ele abana a cabeça. Sacudidelas minúsculas e rápidas que indicam que eu não posso estar mais enganada e ele mais certo.

— Estou no apartamento certo. Tenho a certeza. O seu noivo tem um *Volvo* azul?

Muito bem, então ele anda a seguir o Ethan? Tenho a boca seca. *Uma água vinha mesmo a calhar.*

— Tem cerca de um metro e oitenta? Cabelo preto? Usa um casaco da *North Face* demasiado grande para ele?

Pressiono o estômago com uma mão. *Uma vodca vinha mesmo a calhar.*

— O seu noivo trabalha para o Dr. Van Kemp?

Agora *sou eu* quem abana a cabeça. Não só o Ethan trabalha para o Dr. Van Kemp... como é filho do Dr. Van Kemp. *Como é que este tipo sabe tanto sobre o Ethan?*

— A minha namorada trabalha com ele — diz, olhando de relance para a porta do apartamento com repulsa. — Até faz *mais* do que trabalhar, ao que parece!

— O Ethan não...

Sou interrompida por aquilo. *Os sons do sexo.*

Ouçó o nome do Ethan a ser chamado numa voz baixinha. Pelo

menos deste lado da porta parece baixinha. O quarto do Ethan fica na outra ponta do apartamento, o que indica que, seja ela quem for, não está a ser discreta. Está a gritar o nome dele.

Enquanto ele a come.

Afasto-me imediatamente da porta. A realidade dos acontecimentos no interior do apartamento do Ethan deixa-me zozna. Abala todo o meu mundo. O meu passado, o meu presente, o meu futuro... está tudo a ficar fora de controlo. O homem segura-me o braço e ajuda-me a reencontrar o equilíbrio.

— Sente-se bem? — Leva-me até ao apoio da parede. — Peço desculpa. Não devia ter dito as coisas daquele modo.

Abro a boca, mas só me saem incertezas.

— Tem... tem a certeza? Talvez aqueles sons não venham do apartamento do Ethan. Talvez seja o casal do apartamento ao lado.

— Que conveniente. O vizinho do Ethan também se chama Ethan? — Trata-se de uma pergunta sarcástica, mas vejo de imediato o arrependimento no seu olhar assim que o diz. É simpático da sua parte, encontrar em si mesmo o sentimento de compaixão por mim quando partilhamos, obviamente, o mesmo choque. — Eu segui-os — diz ele. — Estão ali dentro. Os dois. A minha namorada e o seu... namorado.

— Noivo — corrijo-o.

Começo a percorrer o patamar, mas encosto-me à parede, acabando por deslizar até ao chão. Se calhar não me devia deixar cair assim no chão, porque tenho uma saia vestida. O Ethan gosta de saias, portanto pensei em ser simpática e vestir uma para ele, mas agora só me apetece despi-la e amarrá-la à volta do pescoço dele e sufocá-lo com ela. Olho fixamente para os sapatos durante

muito tempo e nem sequer reparo que o tipo se encontra sentado no chão ao meu lado, até ele dizer:

— Ele está à sua espera?

Abano a cabeça.

— Era uma surpresa. Tenho estado fora com a minha irmã.

Outro grito abafado consegue escapar pela porta. O homem encolhe-se e tapa os ouvidos. Eu também tapo os meus. Permanecemos sentados deste modo durante alguns momentos. Ambos a impedirmos que os ruídos penetrem nos nossos ouvidos até terminarem. Não demora muito. O Ethan não aguenta mais de alguns minutos.

Passados dois minutos, digo:

— Creio que já está. — O tipo retira as mãos dos ouvidos e repousa os braços nos joelhos. Enrolo os meus braços em torno dos joelhos, pousando o queixo sobre eles. — Abrimos a porta com a minha chave? Confrontamo-los?

— Não posso — responde. — Tenho de me acalmar primeiro.

Ele parece estar bastante calmo. A maioria dos homens que conheço estaria a deitar a porta abaixo neste preciso momento.

Quanto a mim, nem sequer tenho a certeza se quero confrontar o Ethan. Parte de mim quer afastar-se e fingir que os últimos minutos não aconteceram. Poderia enviar-lhe uma mensagem a dizer que regressaria a casa mais cedo, ele responderia que ia ficar a trabalhar até tarde, e eu permaneceria, abençoadamente, na ignorância.

Ou poderia simplesmente regressar a casa, queimar todas as coisas que ele lá tem, vender o meu vestido de noiva e bloquear o número dele.

Não, a minha mãe nunca o permitiria.

Oh, Deus. A minha mãe.

Solto um suspiro e o homem endireita-se imediatamente.

— Vai vomitar?

Digo-lhe que não com a cabeça.

— Não. Não sei. — Levanto a cabeça dos braços e inclino-me para trás contra a parede. — Acabei de me aperceber de quão furiosa a minha mãe irá ficar.

Ele relaxa quando vê que não estou a gemer devido a uma questão física, mas sim devido ao receio da reação da minha mãe quando descobrir que o casamento foi cancelado. Porque foi decididamente cancelado. Perdi a conta às vezes em que ela referiu o valor do sinal para garantir a presença na lista de espera do local do copo-d'água.

«Tens consciência de quantas pessoas desejam poder casar-se em Douglas Whimberly Plaza? A Evelyn Bradbury casou-se ali, Quinn, a *Evelyn Bradbury!*»

A minha mãe adora comparar-me à Evelyn Bradbury. A sua família é uma das poucas em Greenwich que é mais proeminente do que a do meu padrasto. Por isso, a minha mãe utiliza a Evelyn Bradbury como exemplo de perfeição de primeira categoria a cada oportunidade, claro está. Não quero saber da Evelyn Bradbury. Estou a pensar enviar uma mensagem à minha mãe, neste preciso momento, a dizer simplesmente: «O casamento foi cancelado e estou-me nas tintas para a Evelyn Bradbury!»

— Como é que se chama? — pergunta-me ele.

Fito-o e apercebo-me de que é a primeira vez que o vejo verdadeiramente. Este pode ser um dos piores momentos da sua

vida, mas a verdade é que ele é extremamente atraente. Olhos castanho-escuros expressivos que condizem com o seu cabelo rebelde. Um maxilar forte que se contorce constantemente com uma raiva silenciosa desde que saí do elevador. Dois lábios cheios que continuam bastante apertados um contra o outro e se cerram numa linha fina sempre que ele olha para a porta. O que me leva a pensar se os seus traços seriam mais suaves caso a sua namorada não se encontrasse ali dentro com o Ethan neste preciso momento.

É uma pessoa triste. Não se trata de uma tristeza relacionada com a nossa situação atual. Algo mais profundo... como se estivesse enraizada. Conheci pessoas que sorriem com os olhos, mas os dele franzem-se.

— É mais bem-parecido do que o Ethan. — O meu comentário apanha-o desprevenido. A sua expressão é consumida por um tumulto porque pensa que estou a seduzi-lo. Essa seria a última coisa que faria numa situação como esta. — Isto não foi um elogio. Foi apenas a constatação de um facto.

Ele encolhe os ombros como se, de qualquer modo, não quisesse saber.

— É que, se é mais bem-parecido do que o Ethan, isso leva-me a crer que a sua namorada é mais bem-parecida do que eu. Não que me importe. Talvez me importe. *Não* me deveria importar, mas não consigo deixar de me perguntar se o Ethan se sentirá mais atraído por ela do que por mim. Se será por esse motivo que ele me trai. Provavelmente. Lamento. Não costumo ser assim tão autodepreciativa, mas estou muito zangada e, não sei porquê, não consigo parar de falar.

Ele olha para mim fixamente por instantes, contemplando a minha

estranha linha de raciocínio.

— A Sasha é feia. Não tem nada com que se preocupar.

— Sasha? — profiro o nome, de modo incrédulo. Repito-o colocando a ênfase em *sha*. — *Sasha*. Isso explica muito.

Ele ri-se e depois rio-me *eu*, o que não deixa de ser algo estranho... rir quando deveríamos estar a chorar. Porque não estou eu a chorar?

— Chamo-me Graham — diz, estendendo a mão.

— Quinn.

Até o seu sorriso é triste. Pergunto-me imediatamente se o seu sorriso será diferente em circunstâncias diferentes.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, Quinn, mas este é o pior momento da minha vida.

Essa é uma verdade muito triste.

— Iguamente — digo eu, desapontada. — Embora esteja aliviada por conhecê-lo agora em vez de o conhecer daqui a um mês, depois do casamento. Pelo menos não vou desperdiçar votos matrimoniais com ele.

— Iam casar-se no próximo mês? — O Graham afasta o olhar. — Que imbecil — diz calmamente.

— É mesmo. — Foi algo que sempre soube em relação ao Ethan. Ele é um imbecil. Presunçoso. Mas é bom para mim. *Ou assim pensava*. Inclino-me para a frente uma vez mais e passo as mãos pelo cabelo. — Céus, isto é uma merda!

Como sempre, a minha mãe mostra um sentido de oportunidade perfeito com a sua mensagem. Pego no telemóvel e leio:

A prova do bolo passou para as 14 horas de sábado.

Não almoces antes da prova. O Ethan também vai?

Todo o meu corpo solta um suspiro. Estava mais ansiosa pela prova do bolo do que por qualquer outro detalhe do planeamento do casamento. Será que consigo esperar até domingo antes de dizer a alguém que o casamento foi cancelado?

O elevador dá sinal e a minha atenção é afastada do telemóvel para as suas portas. Quando se abrem, sinto um nó a formar-se na garganta. Cerro um punho em torno do telemóvel quando vejo as embalagens de comida. O tipo das entregas começa a avançar na nossa direção e o meu coração bate a cada passo. *Que belo modo de esfregar sal nas feridas, Ethan.*

— Chinês? Só pode estar a brincar! — Levanto-me e olho para o Graham, que ainda se encontra sentado no chão a olhar para mim. Faço sinal para a comida chinesa. — Isso é uma coisa *minha!* Não dele! *Eu* é que gosto de comida chinesa depois do sexo! — Viro-me para o estafeta, que está paralisado a olhar fixamente para mim, perguntando-se se deverá avançar para a porta ou não. — Dê cá isso! — Tiro-lhe os sacos. Nem sequer me questiona. Volto a sentar-me no chão com os dois sacos de comida chinesa e vasculho-os. Fico zangada por o Ethan ter simplesmente replicado o que costumo pedir. — Até pediu a mesma coisa! Está a dar à Sasha a minha comida chinesa!

O Graham levanta-se e retira a carteira do bolso. Ele paga a comida e o desgraçado do estafeta empurra a porta de acesso às escadas só para deixar o patamar mais depressa do que se regressasse ao elevador.

— Cheira bem — afirma o Graham. Volta a sentar-se e pega na embalagem de frango com brócolos. Entrego-lhe um garfo e deixo-o comer, apesar de o frango ser o meu prato preferido. Este não é um

momento para se ser egoísta. Abro a embalagem com bife da Mongólia e começo a comer, apesar de não ter fome nenhuma. Mas diabos me levem se vou deixar a Sasha ou o Ethan comerem isto!

— Filhos da mãe — murmuro.

— Filhos da mãe sem comida — afirma o Graham. — Pode ser que morram à fome.

Sorrio.

Em seguida, volto a comer e pergunto-me durante quanto tempo irei ficar aqui fora sentada, no corredor, com este tipo. Não quero estar aqui quando a porta se abrir, porque não quero ver como é a Sasha. Mas também não quero perder o momento em que ela abre a porta e se depara com o Graham aqui sentado, a comer a comida chinesa dela.

Por isso, espero. E como. Na companhia do Graham.

Após vários minutos, ele pousa a embalagem e leva a mão ao saco de comida, retirando dois biscoitos da sorte. Entrega-me um e abre o outro. Parte o biscoito e desenrola uma tira de papel, lendo em voz alta o que o destino lhe reserva.

— «Irá ter sucesso nos negócios hoje.» — Dobra o papel ao meio depois de o ler. — Já calculava. Hoje tirei o dia de folga.

— Sorte malvada! — murmuro.

O Graham amachuca a sua sina numa bola minúscula e lança-a contra a porta do Ethan. Eu abro o meu biscoito e retiro o papel do interior.

— «Se apenas iluminar os seus defeitos, todos os seus perfeitos ficarão às escuras.»

— Gosto disso — afirma ele.

Amachuco o papel e lanço-o na direção da porta, como ele.

— Sou uma *snob* gramatical. O correto seria «as suas *perfeições*».

— Mas foi disso mesmo que eu gostei! A única palavra que empregam erradamente é *perfeitos*. O que não deixa de ser irónico.
— Ele gatinha para a frente e pega no papel amachucado, depois volta a encostar-se à parede. Entrega-mo. — Acho que devia ficar com isto.

Afasto imediatamente a mão dele e o papel com a sina.

— Não quero uma recordação deste momento.

Ele olha fixamente para mim, pensativo.

— Pois. Eu também não.

Acho que começamos a ficar os dois cada vez mais nervosos perante a perspectiva de a porta se poder abrir a qualquer momento, por isso deixamo-nos ficar atentos às vozes no interior e não falamos. O Graham repuxa os fios das suas calças de ganga, no joelho direito, até haver uma pequena pilha de fios no chão e quase nada a cobrir o seu joelho. Eu pego num dos fios e torço-o entre os dedos.

— Costumávamos jogar um jogo de palavras nos nossos portáteis à noite — diz ele. — Eu era mesmo bom. Fui eu quem ensinou o jogo à Sasha, mas ela vencia-me sempre. Todas as noites. — Estende as pernas. São muito mais compridas do que as minhas. — Senti-me impressionado até ver um movimento de 800 dólares em jogo no seu extrato bancário. Ela comprava letras suplementares, a cinco dólares cada, só para me poder ganhar.

Tento imaginá-lo a jogar jogos no seu portátil à noite, mas é difícil. Ele parece ser o tipo de pessoa que lê romances e limpa a casa

duas vezes por dia e dobra as peúgas, e depois complementa toda aquela perfeição com uma corrida matinal.

— O Ethan não sabe mudar um pneu sequer. Já tivemos dois furos desde que estamos juntos, e ele teve de chamar o reboque das duas vezes.

O Graham abana ligeiramente a cabeça e diz:

— Não estou à procura de razões para desculpar esse estupor, mas isso não é assim tão mau. Muitos homens não sabem mudar um pneu.

— Eu sei. Essa não é a parte má. A parte má é que *eu* sei mudar um pneu. Só que ele recusa-se a deixar-me fazê-lo, porque ficaria envergonhado se tivesse de permanecer ao lado de uma rapariga enquanto ela mudava o pneu.

Há mais qualquer coisa na expressão do Graham. Algo em que eu ainda não tinha reparado. Preocupação, talvez? Olha para mim de modo muito sério.

— Não o perdoe por isto, Quinn.

As palavras dele fazem o meu peito contrair-se.

— Não o farei — afirmo, cheia de confiança. — Não o quero de volta depois disto. Continuo a perguntar-me porque não estou a chorar. Talvez seja um sinal.

O Graham tem uma expressão compreensiva, mas depois os traços em torno dos seus olhos esbatem-se um pouco.

— Irá chorar esta noite. Na cama. É quando se sente mais a dor. Quando estamos sozinhos.

De repente, o ar fica mais pesado com este comentário. Não quero chorar, mas sei que tudo isto me irá atingir a qualquer momento. Conheci o Ethan logo depois de entrar para a faculdade e

estamos juntos há quatro anos. É muito para se perder num único momento. E, apesar de saber que terminou, não o quero confrontar. Quero apenas afastar-me e ver-me livre dele. Não quero ter necessidade de uma conclusão nem sequer de uma explicação, mas tenho medo de vir a necessitar dessas duas coisas quando estiver sozinha esta noite.

— Se calhar, devíamos fazer análises.

As palavras do Graham e o medo que me consome depois de ele as proferir são interrompidas pelo som da voz abafada do Ethan.

Está a aproximar-se da porta. Viro-me para olhar para a porta do apartamento, mas o Graham toca-me no rosto e faz com que me foque nele.

— O pior que podemos fazer neste preciso momento é mostrar emoção, Quinn. Não se zangue. Não chore.

Mordo o lábio e aceno com a cabeça, tentando reprimir todas as coisas que sei que estou prestes a ter de gritar.

— Está bem — sussurro, no instante em que a porta do apartamento do Ethan começa a abrir-se.

Tento manter a minha firmeza como o Graham está a fazer, mas a iminente presença do Ethan dá-me náuseas. Nenhum dos dois olha para a porta. O olhar do Graham é severo e ele respira de modo consistente, enquanto mantém o olhar fixo no meu. Nem sequer consigo imaginar o que o Ethan irá pensar dentro de dois segundos, quando abrir a porta. Não me reconhecerá logo. Irá pensar que somos duas pessoas quaisquer sentadas no chão do patamar do seu prédio.

— Quinn?

Fecho os olhos quando ouço o Ethan dizer o meu nome. Não me

volto na direção da sua voz. Ouço-o dar um passo para fora de casa. Consigo sentir o meu coração a bater em tantos pontos neste preciso momento, mas sinto-o principalmente nas mãos do Graham na minha face. O Ethan repete o meu nome, mas fá-lo como se me exigisse que olhasse para ele. Abro os olhos, mas mantenho-os focados no Graham.

A porta do Ethan abre-se ainda mais e uma rapariga arqueja com o choque. *A Sasha*. O Graham pestaneja, mantendo os seus olhos fechados durante mais um segundo enquanto inspira para se acalmar. Quando os abre, a Sasha fala.

— Graham?

— Merda — resmunga o Ethan.

O Graham não olha para eles. Continua a fitar-me. Como se as nossas vidas não estivessem a desmoronar-se à nossa volta, diz-me calmamente:

— Gostarias que te acompanhasse até lá abaixo?

Aceno com a cabeça.

— Graham! — A Sasha profere o seu nome como se tivesse o direito a estar zangada por ele se encontrar ali.

Eu e o Graham levantamo-nos. Nenhum de nós olha na direção do apartamento do Ethan. O Graham aperta a minha mão com força, enquanto me encaminha para o elevador.

A Sasha está mesmo atrás de nós, depois ao nosso lado, enquanto aguardamos pelo elevador. Está do outro lado do Graham, a puxar a manga da camisa dele. Ele aperta a minha mão com um pouco mais de força, portanto também aperto a dele, dando-lhe a saber que podemos fazer isto sem causar uma cena. Limitamo-nos a entrar no elevador e ir embora.

Quando as portas se abrem, o Graham indica-me que entre à sua frente. Não deixa espaço para a Sasha entrar connosco. Bloqueia a passagem e somos obrigados a virar-nos para as portas. Na direção da Sasha. Ele pressiona o botão para o átrio e, quando as portas começam a fechar-se, olho, finalmente, para cima. Reparo em duas coisas.

- 1) O Ethan já não se encontra no patamar e a porta do seu apartamento está fechada.
- 2) A Sasha é muito mais bonita do que eu. Mesmo quando está a chorar.

As portas fecham-se e a descida revela-se muito longa e silenciosa até chegarmos ao destino. O Graham não liberta a minha mão e nós não falamos, mas também não choramos. Saímos calmamente do elevador e atravessamos o átrio. Quando chegamos à porta, o Vincent segura-a e olha para nós os dois com um pedido de desculpa no olhar. O Graham puxa da sua carteira e entrega ao Vincent um punhado de notas.

— Obrigado pelo número do apartamento — agradece-lhe o Graham.

O Vincent acena com a cabeça e aceita o dinheiro. Quando o seu olhar encontra o meu, está inundado de pedidos de desculpa. Abraço o Vincent, pois, provavelmente, nunca mais o irei ver.

Uma vez no exterior, eu e o Graham deixamo-nos ficar no passeio, perplexos. Pergunto-me se o mundo lhe parecerá diferente agora, porque a mim parece, sem dúvida. O céu, as árvores, as pessoas que passam por nós. Tudo parece ligeiramente mais frustrante do que antes de eu entrar no prédio do Ethan.

— Queres que chame um táxi? — pergunta, por fim.

— Eu vim de carro. É aquele ali — indico, apontando para o outro lado da rua.

Ele volta a olhar de relance para o edifício.

— Quero sair daqui antes que ela chegue cá abaixo. — Ele parece estar genuinamente preocupado, como se não a conseguisse encarar de todo naquele momento.

Pelo menos a Sasha está a tentar. Ela seguiu o Graham até ao elevador, enquanto o Ethan se limitou a regressar a casa e fechar a porta.

O Graham volta a olhar para mim com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Enrolo-me no meu casaco. Não há muito mais a dizer além de adeus.

— Adeus, Graham.

O seu olhar é pálido, como se não estivesse presente neste momento. Recua um passo. Dois passos. Depois dá meia-volta e começa a caminhar na direção oposta.

Torno a olhar para o edifício no exato momento em que a Sasha irrompe pelas portas. O Vincent encontra-se atrás dela a olhar fixamente para mim. Acena-me, por isso ergo a mão e aceno-lhe de volta. Ambos sabemos que se trata de um aceno de despedida, porque nunca mais irei pôr um pé no prédio onde o Ethan mora. Nem sequer para ir buscar as minhas coisas que possam estar a encher-lhe a casa. Antes ele deitar tudo fora do que eu ter de voltar a olhar para ele.

A Sasha olha para a esquerda e para a direita, na esperança de encontrar o Graham. Não o encontra. Apenas me vê a mim, e isso faz-me pensar se ela saberá quem eu sou. Será que o Ethan lhe

disse que se ia casar no próximo mês? Será que lhe contou que acabámos de falar ao telefone esta manhã e que ele me disse que está a contar os segundos até me poder chamar sua esposa? Será que ela sabe que, quando durmo em casa do Ethan, ele se recusa a tomar um duche sem mim? Será que ele lhe disse que os lençóis onde acabou de a comer foram um presente de noivado da minha irmã?

Será que ela sabe que, quando o Ethan se declarou e pediu a minha mão, chorou quando eu disse que sim?

Ela não deve ter consciência disto, senão teria deitado a perder a sua relação com um homem que me impressionou mais numa hora do que o Ethan em quatro anos.

Capítulo Dois

Agora

O nosso casamento não caiu por terra. Não ruiu repentinamente.

Tem sido um processo muito mais lento.

Tem andado em *declínio*, por assim dizer.

Nem sequer tenho a certeza de quem tem a maior parte da culpa. Começámos bem. Melhor do que a maioria, estou convencida disso. Mas, ao longo dos últimos anos, temos andado menos bem. O mais inquietante em relação a isso é a nossa capacidade de fingir que nada mudou. Não falamos sobre o assunto. Somos iguais em muitos aspetos, um deles é o sermos capazes de evitar as coisas que necessitam mais da nossa atenção.

Em nossa defesa, é difícil admitir que um casamento pode acabar quando ainda existe amor. As pessoas são levadas a acreditar que um casamento termina apenas quando se perdeu o amor. Quando a raiva substitui a felicidade. Quando o desprezo substitui a alegria. Porém, eu e o Graham não estamos zangados um com o outro. Simplesmente já não somos as pessoas que éramos.

Por vezes, quando as pessoas mudam, isso nem sempre é óbvio num casamento, porque o casal muda em conjunto, na mesma direção. No entanto, outras vezes, as pessoas mudam em direções opostas.

Eu ando a avançar na direção oposta do Graham há tanto tempo

que nem me consigo lembrar de como são os seus olhos quando ele está dentro de mim. Mas tenho a certeza de que ele memorizou cada fio de cabelo na minha nuca de todas as vezes que me viro e me afasto dele à noite.

As pessoas nem sempre controlam em quem as circunstâncias as transformam.

Baixo o olhar para a minha aliança e rodo-a com o polegar, fazendo-a girar num círculo ininterrupto no dedo. Quando o Graham a comprou, o joalheiro disse-lhe que a aliança é um símbolo de amor eterno. Um círculo interminável. O início transforma-se no meio e não se espera que haja um fim.

No entanto, em lado nenhum na explicação do joalheiro é dito que a aliança simboliza a *felicidade* eterna. Apenas amor eterno. O problema é que o amor e a felicidade não são concordantes. Um pode existir sem o outro.

Olho fixamente para a minha aliança, para a minha mão, para a caixa em madeira que seguro quando, do nada, o Graham diz:

— O que estás a fazer?

Levanto a cabeça devagar — no meu íntimo, a surpresa que sinto com o seu aparecimento é, no entanto, abrupta. Já retirou a gravata e desabotoou os três botões de cima da camisa. Inclina-se contra a aduela da porta, com a sua curiosidade a unir as sobrancelhas enquanto olha fixamente para mim. A sua presença enche o quarto.

Eu apenas o preencho com a minha ausência.

Depois de o conhecer há tanto tempo, ainda existe algo de misterioso que o envolve. Espreita pelos seus olhos escuros e pesa sobre todos os pensamentos que nunca profere. A quietude foi o que me atraiu nele no dia em que o conheci. Fez-me sentir em paz.

É engraçado como essa mesma quietude agora me faz sentir desconfortável.

Nem sequer tento esconder a caixa de madeira. É demasiado tarde; ele olha diretamente para ela. Desvio o olhar do dele, para a caixa que tenho nas mãos. Tem estado no sótão, intocada e raramente recordada. Encontrei-a hoje quando estava à procura do meu vestido de noiva. Só queria ver se ainda me servia. Servia, mas eu já não parecia a noiva de há sete anos.

Parecia mais solitária.

O Graham avançou dois passos para o interior do quarto. Consigo ver o medo abafado na sua expressão enquanto desvia o olhar da caixa de madeira para mim, enquanto espera que eu lhe responda relativamente ao motivo que me leva a tê-la nas mãos. A razão pela qual se encontra no quarto. Porque é que a trouxe do sótão.

Não sei porquê. Mas segurar nesta caixa é certamente uma decisão consciente, por isso não posso responder algo inocente como «não sei».

Ele aproxima-se, emanando um odor nítido a cerveja. Ele nunca foi de beber muito, a menos que seja quinta-feira, que é o dia em que vai jantar com os colegas de trabalho. Eu até gosto do cheiro dele às quintas-feiras. Tenho a certeza de que, se ele bebesse todos os dias, eu começaria a desprezar o cheiro, sobretudo se ele não conseguisse controlar a quantidade de bebida. Isso passaria a ser um pomo de discórdia entre nós. Mas o Graham controla-se sempre. Tem uma rotina e não a quebra. Acho este aspeto da sua personalidade um dos seus traços mais atraentes. Dantes, eu aguardava ansiosamente pelo seu regresso nas noites de quinta-

feira. Por vezes, aperaltava-me e esperava por ele na cama, antecipando o sabor doce da sua boca.

O facto de me ter esquecido de aguardar ansiosamente por ele esta noite significa qualquer coisa.

— Quinn?

Consgo ouvir todos os seus medos, esmagados silenciosamente entre cada letra do meu nome. Ele avança na minha direção e eu concentro-me nos seus olhos durante todo o trajeto. Estão inseguros e inquietos, e pergunto-me quando começou ele a olhar para mim assim. Ele costumava olhar para mim de modo divertido e com reverência. Agora, os seus olhos apenas me inundam de pena.

Estou cansada de ser olhada desta maneira, de não saber como responder às suas perguntas. Já não estou na mesma frequência que o meu marido. Já não sei como comunicar com ele. Por vezes, quando abro a boca, tenho a sensação de que o vento empurra todas as minhas palavras novamente para dentro.

Tenho saudades dos tempos em que tinha necessidade de lhe dizer tudo, senão rebentava. E sinto falta dos dias em que ele sentia que o tempo nos enganava durante as horas que tínhamos de dormir. Em algumas manhãs, eu acordava e dava com ele a olhar para mim. Ele sorria e sussurrava: «O que é que perdi enquanto estavas a dormir?» Eu virava-me de lado e contava-lhe os meus sonhos e, por vezes, ele ria-se tanto que chegava a ficar com lágrimas nos olhos. Analisava os bons e desvalorizava os maus. Arranjava sempre maneira de me fazer sentir como se os meus sonhos fossem melhores do que os das outras pessoas.

Ele já não pergunta o que perdeu enquanto eu estava a dormir.

Não sei se é porque já não pensa nisso ou se se deverá ao facto de eu já não sonhar com nada digno de ser partilhado.

Só me apercebo de que ainda estou a rodar a aliança quando o Graham estende a mão e me impede de continuar a fazê-lo. Ele entrelaça suavemente os nossos dedos e afasta a minha mão com cuidado da caixa de madeira. Pergunto-me se a sua intenção é reagir como se eu estivesse a segurar um explosivo ou se é mesmo assim que ele se sente naquele momento.

Ele inclina o meu rosto para cima e dobra-se para a frente, depositando um beijo na minha testa.

Fecho os olhos e afasto-me subtilmente, como se ele me tivesse apanhado a meio do movimento. Os seus lábios roçam pela minha testa enquanto empurro a cama, obrigando-o a libertar-me, vendo-o dar um passo atrás, entristecido.

Eu chamo-lhe a dança do divórcio. O primeiro parceiro avança para o beijo, o segundo parceiro não está recetivo, o primeiro finge que não repara. Já há uns tempos que fazemos esta dança.

Enquanto aclaro a garganta, as minhas mãos agarram a caixa para a levar até à estante.

— Encontrei-a no sótão — afirmo. Debruço-me e coloco a caixa entre dois livros na prateleira de baixo.

O Graham construiu-me esta estante como presente quando fizemos um ano de casados. Eu fiquei tão impressionada por ele a ter construído de raiz com as próprias mãos. Lembro-me de ele ter espetado uma farpa de madeira na palma da mão quando a levou para o quarto. Retirei-lha da pele como forma de agradecimento. Depois, empurrei-o contra a estante, ajoelhei-me à sua frente e agradei-lhe mais um pouco.

Isso aconteceu quando tocarmos um no outro ainda encerrava alguma esperança. Agora o seu toque é apenas mais uma recordação de todas as coisas que nunca serei para ele. Ouço-o avançar pelo quarto na minha direção, por isso levanto-me e agarro-me à estante.

— Porque é que trouxeste isso do sótão? — pergunta.

Não me viro para ele, porque não sei como lhe responder.

Ele está tão próximo de mim agora, a sua respiração desliza-me pelo cabelo e roça-me a parte de trás do pescoço quando ele suspira. A sua mão encontra-se sobre a minha e ele agarra-se à estante comigo, apertando. Leva os seus lábios ao meu ombro num beijo silencioso.

Fico incomodada com a intensidade do meu desejo por ele. Quero virar-me e encher a boca dele com a minha língua. Sinto falta do sabor dele, do seu cheiro, do seu som. Sinto falta de quando ele ficava sobre mim, tão obcecado por mim que parecia capaz de me rasgar peito para poder ficar frente a frente com o meu coração enquanto fazíamos amor. Agora é estranho que possa sentir a falta de uma pessoa que ainda se encontra presente. É estranho que possa sentir falta de fazer amor com uma pessoa com quem ainda faço sexo.

Independentemente de quanto eu chore pelo casamento que tínhamos, sou parcialmente — se não totalmente — responsável por aquilo em que se transformou. Fecho os olhos, desiludida comigo mesma. Aperfeiçoei a arte da evasão. Sou tão graciosa a fugir dele. Por vezes, não tenho a certeza se ele repara. Finjo adormecer antes de ele chegar sequer à cama, à noite. Finjo não o ouvir quando o meu nome pinga dos seus lábios na escuridão. Finjo estar ocupada

quando ele avança na minha direção, finjo estar indisposta quando me sinto lindamente, finjo trancar a porta por acidente quando estou no duche.

Finjo estar feliz quando respiro.

Está a tornar-se mais difícil fingir que me agrada o seu toque. Não me agrada — apenas *necessito* dele. Existe uma diferença. Faz-me perguntar a mim mesma se ele apenas finge tanto quanto eu. Será que me deseja tanto quanto professa? Será que deseja que eu não me afaste? Será que agradece que eu o faça?

Ele enrola um braço em torno de mim e desliza os dedos pelo meu ventre. Um ventre que ainda encaixa facilmente no meu vestido de noiva. Uma barriga intocada pela gravidez.

Tenho isso a meu favor, pelo menos. Um ventre que a maioria das mães invejaria.

— Alguma vez... — A sua voz é baixa e doce e completamente aterrorizada pela perspectiva de me perguntar o que quer que seja que está prestes a perguntar-me. — Alguma vez pensas em abri-la?

O Graham nunca faz perguntas para as quais não necessite de resposta. Sempre gostei disso nele. Não preenche vazios com conversas desnecessárias. Se não tem nada para dizer, não fala. Ou quer ouvir uma resposta ou não quer. Ele nunca me perguntaria se alguma vez pensei em abrir a caixa se não tivesse necessidade de saber a resposta.

Neste preciso momento, esta é a característica que menos aprecio nele. Não quero ouvir esta pergunta porque não sei como responder.

Em vez de correr o risco de o vento me empurrar as palavras para dentro, limito-me a encolher os ombros. Após anos a sermos

especialistas da evasão, ele para, finalmente, com a dança do divórcio durante tempo suficiente para fazer uma pergunta séria. A única pergunta que eu esperava que ele me fizesse há já algum tempo. E o que faço eu?

Encolho os ombros.

Os instantes que se seguem ao meu encolher de ombros são, provavelmente, a razão pela qual ele demorou tanto tempo a fazer a pergunta. Trata-se do momento em que sinto o seu coração a parar, o momento em que ele pressiona os lábios no meu cabelo e arqueja um sopro que nunca recuperará, o momento em que se apercebe de que tem os dois braços à minha volta sem estar a abraçar-me. Já há algum tempo que é incapaz de me abraçar. É difícil segurar alguém que há muito se escapou.

Não retribuo. Ele liberta-me. Eu expiro. Ele sai do quarto.

Retomamos a dança.

Capítulo Três

Dantes

O céu está virado do avesso.

Tal como a minha vida.

Há uma hora, eu estava noiva do homem por quem me apaixonei há quatro anos. Agora, não estou. Liguei as escovas do limpa-para-brisas e olhei pela janela enquanto as pessoas corriam para se abrigarem. Algumas fugiram para dentro do prédio do Ethan, incluindo a Sasha.

A chuva apareceu do nada. Não enviou sequer uns chuviscos para dar sinal de que se aproximava. O céu começou a entornar como um balde de água, com gotas enormes a embater no meu vidro.

Pergunto-me se o Graham vive aqui perto ou se ainda vai a caminho de casa. Ligo o pisca e arranco, pela última vez, do meu lugar de estacionamento habitual junto ao prédio do Ethan. Sigo na direção que o Graham tomou há alguns minutos. Mal viro à esquerda, vejo-o abrigado do temporal num restaurante. O Conquistadors. Trata-se de um restaurante mexicano. Um dos que não gosto assim muito. Mas fica perto da casa do Ethan, que gosta dele, por isso, comíamos ali pelo menos uma vez por mês.

Está um carro a sair de um lugar em frente ao restaurante, por isso, aguardo pacientemente que arranque e depois estaciono lá.

Saio do carro sem saber o que hei de dizer ao Graham quando lá entrar.

«Precisas de boleia até casa?»

«Precisas de companhia?»

«Estás disposto a uma noite de sexo de vingança?»

Quem é que eu quero enganar? A última coisa que me apetece esta noite é sexo de vingança. Não é por esse motivo que o sigo, por isso espero que ele não presuma que é esse o caso assim que me vir. Ainda não sei porque é que estou a ir ter com ele. Talvez seja porque não quero estar sozinha. É que, tal como ele disse, as lágrimas chegarão mais tarde, no silêncio.

Quando a porta se fecha atrás de mim e os meus olhos se ajustam à fraca iluminação no interior do restaurante, avisto o Graham em pé junto ao bar. Está a despir o casaco molhado e a pousá-lo sobre as costas do banco alto quando me vê. Não parece estar, de todo, chocado por me ver. Puxa o banco ao seu lado com a expectativa confiante de que eu vá até lá e me sente.

É o que faço. Sento-me mesmo ao seu lado e nenhum de nós diz uma palavra. Apenas nos lamentamos no nosso sofrimento silencioso.

— Posso trazer-vos alguma coisa para beber? — pergunta o empregado do bar.

— Dois shots de qualquer coisa que nos ajude a esquecer a última hora das nossas vidas — diz o Graham.

O empregado ri-se, mas nós não. E percebe que o Graham está mesmo a falar a sério, por isso levanta um dedo.

— Tenho a bebida ideal. — Vai até à outra ponta do bar.

Consigo sentir o Graham a observar-me, mas não olho para ele.

Não quero ver a tristeza nos seus olhos. Quase me sinto pior por ele do que por mim.

Puxo uma taça de aperitivos que se encontra à minha frente. Têm formas diferentes, por isso começo por retirar os palitos e dispô-los no balcão de modo a formar uma grelha. Depois retiro todos os que têm a forma de um círculo e empurro a taça com os tradicionais aperitivos em forma de nó na direção do Graham.

Pouso o meu aperitivo no centro da grelha. Olho na direção do Graham e aguardo em silêncio. Ele olha para os aperitivos que coloquei estrategicamente no balcão e depois devolve-me o olhar. Um sorriso muito lento e reservado decide deixar-se ver. Depois, ele alcança a taça, retira um aperitivo em forma de nó e coloca-o no quadrado por cima do meu.

Eu escolho a casa à esquerda do quadrado do meio, colocando o meu aperitivo cuidadosamente nesse espaço.

O empregado coloca dois shots à nossa frente. Pegamos neles ao mesmo tempo e giramos os bancos para ficarmos de frente um para o outro. Permanecemos em silêncio durante uns bons dez segundos, à espera de que o outro faça um brinde. Por fim, o Graham diz:

— Não tenho absolutamente nada a que brindar. Que se lixe o dia de hoje.

— Que se lixe o dia de hoje — digo, concordando por completo. Fazemos chocar os nossos copos e inclinamos a cabeça para trás. O do Graham desce muito mais suavemente do que o meu. Ele bate com o seu copo no balcão, pegando em seguida noutra aperitivo. Executa a jogada seguinte.

Estou prestes a pegar no aperitivo seguinte quando o meu

telemóvel começa a vibrar no bolso do casaco. Retiro-o do bolso. O nome do Ethan pisca no ecrã.

É então que o Graham retira o seu telemóvel do bolso e o pouso no balcão. O nome da Sasha pisca no ecrã. Na verdade, é cómico. O que terão pensado os dois ao saírem do apartamento e ao ver-nos sentados no chão, juntos, a comer a comida chinesa que eles tinham encomendado?

O Graham deixa o telemóvel no balcão, com o ecrã para cima. Leva um dedo ao aparelho, mas, em vez de atender, empurra-o. Vejo-o a deslizar pelo balcão e a desaparecer para lá do rebordo. Ouço o telemóvel embater contra o chão, mas o Graham age como se a ideia de ter partido o telemóvel não o perturbasse.

— Acabaste de partir o telemóvel.

Lança um aperitivo para a boca.

— Não tem mais nada senão fotografias e mensagens da Sasha. Amanhã compro um novo.

Eu pouso o meu telemóvel no balcão e olho fixamente para ele. Durante um momento, fica silencioso, mas o Ethan telefona uma segunda vez. Assim que o seu nome surge no ecrã, sinto vontade de fazer exatamente o que o Graham acabou de fazer. Seja como for, já estou a precisar de um telemóvel novo.

Quando o toque para e recebo uma mensagem do Ethan, empurro o telemóvel. Observamo-lo a deslizar até ao outro extremo do balcão.

Voltamos ao jogo do galo. Venço a primeira partida. O Graham vence a segunda. A terceira é um empate.

O Graham pega noutra aperitivo e come-o. Não sei se foi do shot que bebi ou se estou simplesmente confusa por causa de toda a

agitação, mas, sempre que o Graham olha para mim, consigo sentir o olhar a escorrer-me pela pele. E pelo peito. Por todo o lado, na verdade. Não sei se ele me deixa nervosa ou se me sinto apenas inquieta. Seja como for, esta sensação é melhor do que o sofrimento que estaria a sentir neste momento se estivesse em casa sozinha.

Substituo o pedaço de aperitivo da grelha que o Graham acaba de comer.

— Tenho uma confissão a fazer — digo.

— Nada do que possas dizer consegue superar as últimas horas da minha vida. Confessa à vontade.

Apoio o cotovelo no balcão e pouso a cabeça na mão. Olho para ele de esguelha.

— A Sasha saiu para a rua. Depois de te teres afastado.

O Graham consegue ver vergonha na minha expressão. Ergue as sobrancelhas com curiosidade.

— O que é que fizeste, Quinn?

— Perguntou em que direção tinhas ido. Recusei-me a responder. — Endireito-me e viro-me para ele. — Mas, antes de entrar no carro, voltei-me para trás e disse: «Oitocentos dólares num jogo de palavras? *A sério*, Sasha?»

O Graham olha-me de modo fixo. Sério. Pergunto-me se terei ultrapassado os limites. Provavelmente não deveria ter-lhe dito aquilo, mas estava amargurada. Não me arrependo.

— O que respondeu ela?

Abano a cabeça.

— Nada. Ficou boquiaberta com o choque, mas depois começou a chover e ela voltou para dentro do prédio do Ethan a correr.

O Graham fita-me intensamente. Odeio isso. Gostava que ele se

risse ou que ficasse furioso por eu ter interferido. *Alguma coisa.*

Não diz nada.

Por fim, baixa o olhar até o fixar no chão que se encontra entre nós. Estamos de frente um para o outro, mas as nossas pernas não se tocam. A mão que o Graham tem pousada no joelho avança um pouco até os seus dedos roçarem no meu, logo abaixo da bainha da minha saia.

É subtil, mas óbvio. Todo o meu corpo fica tenso com o contacto. Não porque não goste, mas porque não me consigo lembrar da última vez em que o toque do Ethan tenha feito correr tanto calor por mim.

O Graham esboça um círculo sobre o meu joelho com o dedo. Quando olha de novo para mim, não estou confusa pelo que vejo no seu olhar. É bem claro o que ele está a pensar.

— Queres sair daqui? — A sua voz é um sussurro, uma súplica.

Digo que sim com a cabeça.

O Graham levanta-se e retira a carteira do bolso. Deixa algum dinheiro no balcão e veste o casaco. Estende a mão e entrelaça os seus dedos nos meus, conduzindo-me pela porta do restaurante, talvez em direção a algo que faça este dia valer a pena.

Capítulo Quatro

Agora

O Graham perguntou-me, certa vez, porque é que demoro tanto tempo no duche. Não me recordo de qual foi a minha desculpa. Certamente terei dito que os duches são relaxantes ou que a água quente me faz bem à pele. Mas a verdade é que tomo estes duches tão prolongados porque é a única altura em que me permito fazer o luto.

Sinto-me fraca por precisar de fazer luto, uma vez que ninguém morreu. Não faz sentido que eu faça tanto luto por aqueles que nunca sequer existiram.

Já estou no duche há meia hora. Quando acordei esta manhã, presumi erradamente que seria um dia de duche rápido e livre de dor. Mas isso mudou quando vi o sangue. Eu não deveria estar chocada. Acontece todos os meses. Acontece todos os meses desde os meus 12 anos.

Colo-me aos azulejos, permitindo que os borrifos do chuveiro se abatam sobre o meu rosto. A torrente de água dilui as minhas lágrimas e faz-me sentir menos patética. É mais fácil convencer-me de que não estou a chorar *assim* tanto quando a maior parte do que escorre pelo meu rosto é água.

Agora estou a maquilhar-me.

Por vezes, isto acontece. Num segundo estou no duche, no

segundo seguinte já não estou. Perco-me no sofrimento. Fico tão perdida que, pela altura em que volto a deixar as trevas, já me encontro num novo lugar. Este novo lugar sou eu, nua, em frente ao espelho da casa de banho.

Passo o batom no lábio inferior e depois no superior. Deixo-o assentar antes de olhar fixamente para o meu reflexo no espelho. Os meus olhos estão vermelhos devido à tristeza, mas a maquilhagem está no ponto, o cabelo foi puxado para trás, as roupas encontram-se perfeitamente dobradas na bancada. Olho para a imagem refletida do meu corpo, cobrindo ambos os seios com as mãos. Por fora, pareço saudável. Tenho as ancas largas, o ventre liso, os seios médios e empinados. Quando os homens olham para mim, há alturas em que o seu olhar se demora no meu corpo.

Por dentro, contudo, não sou assim tão atraente. Não sou internamente apelativa pelos padrões da mãe natureza, porque não tenho um aparelho reprodutivo funcional. Afinal de contas, a reprodução é fundamental para concluir o ciclo da vida. Nascemos, reproduzimo-nos, criamos a prole, morremos, a nossa prole reproduz-se, cria a *sua* prole, *morre*. Geração após geração de nascimento, vida e morte. Um belo ciclo que não se pretende que seja quebrado.

Sim... eu sou o elo mais fraco.

Nasci. Foi tudo o que consegui até morrer. Ergo-me do lado de fora do ciclo da vida, a ver o mundo a andar à roda enquanto me encontro num impasse.

E por se ter casado comigo... o Graham também se encontra num impasse.

Visto-me, cobrindo o corpo que nos tem falhado repetidamente.

Dirijo-me à cozinha, onde encontro o Graham junto da máquina de café. Quando ele olha para mim, não quero que saiba do sangue nem da dor no duche, por isso cometo o erro de lhe sorrir. Apresso-me a apagar o sorriso, mas é demasiado tarde. Ele pensa que se trata de um dia bom. Os meus sorrisos dão-lhe esperança. Ele aproxima-se de mim porque, como idiota que sou, não tenho nenhuma das minhas armas habituais. Normalmente, garanto que tenho as mãos ocupadas com uma mala, um copo, um guarda-chuva, um casaco. Por vezes, tudo isso em simultâneo. Hoje não tenho nada para me proteger do seu amor, por isso, ele abraça-me para me desejar bom-dia. Sou obrigada a retribuir-lhe o abraço.

O meu rosto encaixa na perfeição entre o pescoço dele e o seu ombro. Os seus braços encaixam na perfeição quando envolvem a minha cintura. Apetece-me pressionar a minha boca contra a sua pele e sentir os arrepios que se escapam contra a minha língua. Mas, se fizer isso, sei exatamente o que acontecerá a seguir.

Os seus dedos deslizarão pela minha cintura.

A sua boca, quente e húmida, encontrará a minha.

As suas mãos libertar-me-ão da minha roupa.

Ele estará dentro de mim.

Ele fará amor comigo.

E quando parar, eu estarei cheia de esperança.

E, depois, toda essa esperança acabará por evadir-se com o sangue.

Irei sentir-me arrasada no duche.

E depois o Graham irá perguntar-me: «Porque é que tomas duchas tão demorados?»

E eu responderei: «Porque são relaxantes. A água quente faz bem à minha pele.»

Fecho os olhos e pressiono o seu peito com as mãos, afastando-me dele. Hoje em dia afasto-me dele com tanta frequência que por vezes me pergunto se as palmas das minhas mãos lhe deixam marcas no peito.

— A que horas é o jantar em casa da tua irmã? — A minha pergunta apazigua a rejeição. Se eu me chegar para trás enquanto faço uma pergunta, a rejeição irá parecer menos pessoal.

O Graham volta para junto da máquina de café e pega na sua chávena. Sopra enquanto encolhe os ombros.

— Ela sai do trabalho às cinco. Por isso, é capaz de ser às sete.

Agarro nas minhas armas. A mala, um café, o casaco.

— Está bem. Vemo-nos mais logo. Amo-te. — Beijo-lhe o rosto, com as minhas armas a estabelecerem uma barreira de segurança entre nós.

— Também te amo.

Já estou de costas voltadas quando ele profere as palavras. Raramente lhe dou uma oportunidade para as dizer cara a cara.

Quando chego ao carro, envio uma mensagem à Ava, a minha irmã.

Não foi este mês.

É a única pessoa com quem ainda falo sobre este assunto. Deixei de falar com o Graham sobre o meu ciclo no ano passado. Todos os meses, desde que começámos a tentar ter um bebé, há anos, o Graham consolava-me quando eu descobria que não estava grávida. De início, eu dava muito valor a isso. Ansiava por isso. Contudo, mês após mês, comecei a temer cada vez mais ter de lhe

dizer quão destroçada me sentia. E sabia que, se eu temia o facto de ele ter de me consolar, o mais provável era que ele já estivesse mais do que cansado daquela rotina de desilusão. Então, no início do ano passado, decidi que só voltaria a tocar no assunto se o desfecho fosse diferente.

Até agora, o desfecho é sempre o mesmo.

Lamento, querida, responde a minha irmã.

Estás ocupada? Tenho novidades.

Recuo na minha entrada e ativo o *bluetooth* do telemóvel antes de lhe telefonar. Ela atende a meio do primeiro toque. Em vez de olá, diz:

— Sei que não queres falar sobre o assunto, por isso vamos falar de mim.

Adoro o facto de ela me compreender.

— O que se passa de novo contigo?

— Ele conseguiu o emprego.

Aperto o volante e obrigo a minha voz a parecer entusiasmada.

— A sério? Ava, isso é ótimo!

Ela suspira e consigo perceber que se está a obrigar a soar triste.

— Mudamo-nos dentro de duas semanas.

Sinto as lágrimas ameaçarem cair, mas já chorei o suficiente por um dia. Estou muito feliz por ela. Mas ela é a minha única irmã e agora irá mudar-se para o outro lado do mundo. O seu marido, o Reid, vem de uma enorme família em França, e, mesmo antes de se terem casado, a Ava dissera que mais cedo ou mais tarde se mudariam para a Europa. A ideia sempre a entusiasmou, por isso sei que está a conter a sua inebriação por respeito à minha tristeza em relação à distância que esta situação irá estabelecer entre nós.

Eu sabia que o Reid se tinha candidatado a alguns empregos no último mês, mas uma pequena parte de mim acalentava, de modo egoísta, a esperança de que não recebesse nenhuma oferta.

— Vão mudar-se para o Mónaco?

— Não, o emprego do Reid será em Impéria. Num país diferente, mas fica apenas a uma hora do Mónaco. A Europa é tão pequena, é estranho. Aqui, conduzimos durante uma hora e vamos parar a Nova Iorque. Na Europa, conduzimos durante uma hora e damos connosco num país onde se fala uma língua completamente diferente.

Nem sequer sei onde fica Impéria, mas já me parece ser um local muito mais adequado para ela do que o Connecticut.

— Já contaste à mãe?

— Não — diz ela. — Sei que vai ser muito dramática, por isso prefiro dizer-lho pessoalmente. Estou a caminho de casa dela.

— Boa sorte!

— Obrigada. Eu ligo-te depois, para te dizer quão culpada me fez sentir. Vemo-nos ao almoço amanhã?

— Lá estarei. E isso irá dar-lhe um dia inteiro para se acalmar.

Quando terminámos a chamada, dei comigo encurralada por um semáforo vermelho numa rua vazia.

Literalmente e metaforicamente.

*

O meu pai faleceu quando eu tinha apenas 14 anos. A minha mãe voltou a casar-se não muito depois. Não me surpreendeu. Nem sequer me aborreceu. A minha mãe e o meu pai nunca tiveram uma

relação invejável. Tenho a certeza de que foi bom no início, mas pela altura em que tive idade suficiente para saber o que era o amor, percebi que não existia entre eles.

Não tenho a certeza de alguma vez a minha mãe se ter casado por amor, de qualquer modo. O dinheiro é a sua prioridade no que a encontrar uma alma gémea diz respeito. O meu padrasto não a conquistou com a sua personalidade. Conquistou-a com a sua casa de praia em Cape Cod.

Contrariamente ao seu guarda-roupa e atitude, a minha mãe não é rica. Cresceu com uma vida parca no Vermont, sendo a segunda de sete filhos. Casou-se com o meu pai quando ele era moderadamente abastado e, assim que eu e a minha irmã nascemos, ela exigiu-lhe que lhe comprasse uma casa em Old Greenwich, no Connecticut. Não importava que ele tivesse de trabalhar o dobro para conseguir sustentar os seus gastos luxuosos. Creio até que ele gostava mais de estar no emprego do que em casa.

Quando o meu pai faleceu, havia bens, mas não o suficiente para sustentar o estilo de vida que a minha mãe levava. Algo que ela não tardou a corrigir. Casou-se com o meu padrasto numa cerimónia íntima no espaço de um ano após enterrar o meu pai. Nem oito meses teve de passar com um orçamento controlado.

Apesar de eu e a minha irmã termos crescido com um estilo de vida abastado, não éramos e não somos abastadas. A nossa mãe há muito que gastou o que o meu pai deixou. E o meu padrasto tem filhos biológicos que receberão a sua riqueza quando ele morrer. Devido a todos estes fatores, eu e a Ava nunca nos considerámos

abastadas, apesar de termos crescido e de termos sido educadas por pessoas que o eram.

Foi por esse motivo que, mal nos licenciámos, começámos imediatamente a trabalhar e a pagar as nossas próprias despesas. Nunca pedi dinheiro à minha mãe. Primeiro, porque acho inapropriado que uma mulher adulta e casada tenha de pedir ajuda aos pais. E, segundo, porque ela não dá de livre e espontânea vontade. Tudo o que é dado pela minha mãe tem as suas condições.

Ocasionalmente, ela faz coisas por mim e pela Ava pelas quais estamos ambas muito gratas. Acabou de pagar os nossos carros no Natal passado. E quando me licenciiei, antes de conhecer o Graham, ela ajudou-me a encontrar um apartamento e pagou o primeiro mês de renda. Mas, de um modo geral, o dinheiro que ela gasta connosco tem como objetivo beneficiá-la. Compra as roupas que acha que devíamos vestir porque não gosta das que nós compramos. Oferece-nos dias no spa pelo nosso aniversário e obriga-nos a passá-lo com ela. Visita as nossas casas e queixa-se da nossa mobília e, dois dias depois, vem uma transportadora entregar mobiliário completamente novo escolhido por ela.

O Graham odeia que ela faça isso. Diz que uma prenda é um gesto simpático, mas um sofá é um insulto.

Não sou mal-agradecida pelas coisas que ela faz por mim, mas sei que tenho de trilhar o meu próprio caminho pela vida, porque, embora esteja rodeada de dinheiro, este não me enche os bolsos.

Uma das coisas pela qual sempre me senti grata foi pelos nossos almoços semanais. Eu e a Ava juntamo-nos a ela para almoçar no *country club* perto da sua casa; nunca falhamos. Eu detesto aquele

lugar, mas gosto de passar tempo com a Ava, e toleramos a nossa mãe o suficiente para conseguirmos ansiar pelos almoços semanais.

No entanto, tenho a sensação de que tudo isso irá mudar, agora que a Ava se vai mudar para a Europa. Ela estará a preparar a mudança na próxima semana, o que leva a que este seja o nosso último almoço. A plenitude que acabou de ser adicionada à sua vida faz a minha parecer ainda mais vazia.

— Não podes viajar todas as semanas para vires almoçar? — pergunto à Ava. — Como é que posso entreter a tua mãe sozinha? — Referimo-nos sempre à nossa mãe como *a tua* mãe quando estamos a falar dela. Começou por ser uma piada no secundário, mas agora dizemo-lo com tanta frequência que temos de ter cuidado à frente dela para não nos descuidarmos.

— Eu levo um *iPad* e falamos por *Skype* — diz.

Eu rio-me.

— Não me tentes.

A Ava pega no seu telemóvel e fica animada quando lê uma mensagem.

— Tenho uma entrevista!

— Isso foi rápido. Para que emprego?

— É para tutora de Inglês numa escola secundária local. O ordenado é péssimo, mas, se conseguir o emprego, vou aprender a praguejar em francês e em italiano muito mais depressa.

O Reid ganha dinheiro suficiente para que a Ava não tenha de trabalhar, mas ela sempre esteve empregada. Diz que o papel de dona de casa não lhe assenta bem, e creio que foi isso que o atraiu.

Nenhum deles quer ter filhos, e a Ava sempre gostou de se manter ocupada, por isso, resulta no caso deles.

Há momentos em que invejo a sua falta de vontade de ter filhos. Tantas questões na minha vida e no meu casamento não existiriam se eu não me sentisse tão incompleta sem um filho.

— Vai ser tão estranho sem ti, Ava — diz a minha mãe, reclamando o seu lugar à mesa. Pedi o habitual para ela, um martíni com azeitonas extra. Ela pousa a mala na cadeira ao seu lado e retira uma azeitona com o palito. — Não pensei que a tua mudança me fosse incomodar tanto — prossegue a minha mãe. — Quando pensas regressar para uma visita?

— Ainda nem sequer me fui embora — afirma a Ava.

A minha mãe suspira e pega na ementa.

— Não consigo acreditar que nos vais deixar. Pelo menos, não tens filhos. Não consigo imaginar como me sentiria se levasses para longe os meus netos.

Dou uma gargalhada pouco sonora. A minha mãe é a pessoa mais dramática que eu conheço. Ela quase nem queria ser mãe quando eu e a Ava éramos pequenas, e sei que, na verdade, não tem pressa nenhuma em ser avó. Esse é um aspeto da sua personalidade em que consigo encontrar alívio. Ela não me chateia para eu ter um bebé. Apenas reza para que eu nunca adote.

A Ava abordou a questão da adoção num dos nossos almoços com a minha mãe, há dois anos. A minha mãe fez pouco da sugestão. «Quinn, por favor, diz-me que não estás a considerar a ideia de criar o filho de outra pessoa qualquer», disse. «Pode ter... problemas.»

A Ava limitou-se a olhar para mim e revirou os olhos, enviando-

me, em seguida, uma mensagem escrita por baixo da mesa: Sim, porque os filhos biológicos nunca têm problemas. A tua mãe tem de se ver ao espelho.

Vou ter tantas saudades dela.

Já tenho tantas saudades tuas, escrevo-lhe numa mensagem.

Ainda estou cá.

— Sinceramente, meninas, ainda nenhuma de vocês sabe, por esta altura, ter maneiras à mesa?

Ergo o olhar e vejo a minha mãe a fitar os nossos telemóveis. Desligo o meu e guardo-o na mala.

— Como está o Graham? — pergunta a minha mãe. Ela só pergunta por cortesia. Apesar de eu e o Graham estarmos casados há sete anos, ela ainda preferia que estivesse outra pessoa no lugar dele. Ele nunca foi suficientemente bom aos olhos dela, mas não porque ela quisesse o melhor para mim. Se dependesse da minha mãe, o Graham seria o Ethan, e eu estaria a viver numa casa grande como a dela, uma casa de que pudesse gabar-se a todas as suas amigas, ostentando quão mais rica a sua filha é do que a Evelyn Bradbury.

— Está ótimo — respondo, sem elaborar. Porque sinceramente é apenas uma presunção. Já não consigo perceber o que está ele a sentir ou a pensar, ou se está ótimo, bem ou infeliz. — Excelente.

— Estás a sentir-te bem?

— Sinto-me ótima. Porquê?

— Não sei — diz ela, olhando-me da cabeça aos pés. — Pareces apenas... cansada. Andas a dormir o suficiente?

— Uau — sussurra a Ava.

Reviro os olhos e pego na ementa. A minha mãe sempre teve um

dom para os insultos diretos. Nunca me incomodou muito, uma vez que ela nos ataca às duas na mesma medida. Provavelmente porque somos muito parecidas. A Ava é apenas dois anos mais velha do que eu. Temos as duas o mesmo cabelo castanho liso que nos chega um pouco abaixo dos ombros. Temos os mesmos olhos, que são da mesma cor do cabelo. E, segundo a nossa mãe, ambas exibimos constantemente um aspeto cansado.

Pedimos a comida e dedicamo-nos à conversa de circunstância até os pratos chegarem. O almoço está quase terminado quando alguém se aproxima da nossa mesa.

— Avril?

Eu e a Ava levantamos o olhar enquanto a Eleanor Watts passa a mala *Hermès* azul-bebé de um ombro para o outro. Tenta que o gesto pareça subtil, mas poderia tê-la atirado à nossa cabeça enquanto gritava: «Olhem para mim! Posso comprar uma mala de 15 mil dólares!», pois o efeito seria o mesmo.

— Eleanor! — exclama a minha mãe. Levanta-se e dão um beijo no ar, e eu forço um sorriso quando a Eleanor olha na nossa direção.

— Quinn e Ava! Estão lindas como sempre! — Considero a hipótese de lhe perguntar se tenho um ar cansado. Ela senta-se numa cadeira vazia e cruza os braços em torno da mala. — Como estás, Avril? Não te vejo desde... — Faz uma pausa.

— Da festa de noivado da Quinn com o Ethan van Kemp — conclui a minha mãe.

A Eleanor abana a cabeça.

— Não acredito que tenha passado tanto tempo. Olha para nós, já somos avós! Como é que isso aconteceu?

A minha mãe pega no seu copo de martíni e dá um gole.

— Eu ainda não sou avó — corrige, quase como se estivesse a vangloriar-se disso. — A Ava vai mudar-se para a Europa com o marido. Os filhos interferem com o seu desejo de viajar — afirma, acenando com a mão, num gesto displicente, em direção à Ava.

A Eleanor vira-se para mim, com os olhos a analisarem a minha aliança antes de regressarem ao meu rosto.

— E então tu, Quinn? Já estás casada há uns tempos — afirma, com um riso ignorante.

Sinto o rosto a arder, embora, por esta altura, já devesse estar habituada a este tipo de conversa. Eu sei que as pessoas não pretendem ser insensíveis, mas a intenção não faz com que os comentários magoem menos.

«Quando é que tu e o Graham vão ter um bebé?»

«Não queres ter filhos?»

«Continua a tentar, vai acontecer!»

Aclaro a garganta e pego no meu copo de água.

— Estamos a trabalhar nisso — respondo, mesmo antes de dar um gole. Gostava que fosse o fim desta conversa, mas a minha mãe assegura-se de que não é. Inclina-se na direção da Eleanor, como se eu nem sequer ali estivesse.

— A Quinn está a ter problemas de fertilidade — informa, como se isso dissesse respeito a quem quer que fosse além de mim e do Graham.

A Eleanor inclina a cabeça e olha-me com pena.

— Oh, minha querida — diz, pousando a sua mão sobre a minha. — Lamento muito sabê-lo. Já consideraram a possibilidade da fertilização *in vitro*? A minha sobrinha e o marido não conseguiam

conceber naturalmente, e agora estão à espera de gêmeos a qualquer momento.

Se já considerámos a hipótese da fertilização *in vitro*? *Estará ela a falar a sério?* Provavelmente, eu deveria apenas sorrir e dizer-lhe que é uma excelente ideia, mas de repente apercebo-me de que tenho um limite e que este acabou de ser atingido.

— Sim, Eleanor — respondo, afastando a minha mão da dela. — Já fizemos três tentativas sem sucesso. Esgotámos as nossas poupanças e tivemos de fazer uma segunda hipoteca da casa.

O rosto da Eleanor ruborizou e eu sinto-me imediatamente envergonhada com a minha resposta, o que significa que é muito provável que a minha mãe se encontre escandalizada. Não olho para ela para validar a minha suspeita. Consigo ver a Ava a dar um gole na sua água, tentando disfarçar o riso.

— Oh — diz a Eleanor. — Isso é... lamento.

— Não lamentes — interrompe a minha mãe. — Há uma razão para tudo aquilo por que passamos, certo? Até para as dificuldades.

A Eleanor anui.

— Oh, acredito piamente nisso — concorda. — Os desígnios de Deus são misteriosos.

Eu rio-me em silêncio. O seu comentário recorda os muitos comentários que a minha mãe proferiu no passado. Eu sei que não o faz com intenção, mas a Avril Donnelly é mais insensível do que qualquer outra pessoa.

Eu e o Graham decidimos começar a tentar ter um bebé apenas um ano após o nosso casamento. Eu fui tão ingénua ao pensar que aconteceria de imediato. Depois dos primeiros meses sem sucesso, comecei a preocupar-me. Comentei isso com a Ava... e com a

minha *mãe* — sabe-se lá porquê. Falei-lhes das minhas inquietações antes de as debater sequer com o Graham. A minha mãe teve o desprazimento de dizer que talvez Deus não achasse que eu estava preparada para ter um filho.

Se Deus não dá bebés às pessoas que não estão preparadas para eles, Ele tem muitas explicações a dar. Porque algumas das mães que Ele escolhe para serem férteis são muito questionáveis. A minha própria mãe é uma delas.

O Graham tem sido compreensivo ao longo de todo o calvário, mas, às vezes, pergunto-me se ele se sentirá tão frustrado quanto eu com todas as perguntas. São cada vez mais difíceis de responder. Por vezes, quando estamos juntos e as pessoas perguntam por que razão ainda não temos filhos, o Graham assume a culpa.

«Sou estéril», diz.

Ele está longe de ser estéril. Realizou um espermograma no início do processo e o seu esperma estava ótimo. Na verdade, estava *mais* do que ótimo. O médico utilizou a palavra *exuberante*.

«Tem uma quantidade exuberante de esperma, Sr. Wells.»

Eu e o Graham brincávamos sempre com isso. Porém, apesar de tentarmos transformar aquilo numa piada, no fundo, a verdade é que o problema residia em mim. Independentemente de quão *exuberante* a sua contagem de espermatozoides fosse, não servia para nada no meu útero. Mantínhamos relações sexuais durante o ciclo estrito de ovulação. Eu media a minha temperatura de modo regular. Comia e bebia os alimentos adequados. Nada. Gastámos todos os tostões que tínhamos e tentámos inseminação artificial, e,

depois, a fertilização *in vitro*, mas não obtivemos resultados de sucesso.

Considerámos a hipótese de recorrer a uma barriga de aluguer, mas é tão dispendioso como as outras técnicas e, segundo o nosso médico, devido à endometriose que me fora diagnosticada aos 25 anos, os meus óvulos não eram muito fiáveis.

Não tivemos sucesso em nada e não temos dinheiro para continuar a repetir as coisas que sempre tentámos, nem sequer para experimentar novas técnicas. Começo a ter consciência de que poderá nunca acontecer.

Este último ano tem sido o mais difícil de todos. Estou a perder a fé. Estou a perder o interesse. Estou a perder a esperança.

A perder, a perder, a perder.

— Ponderariam a adoção? — pergunta a Eleanor.

Os meus olhos viram-se para os dela e dou o meu melhor para esconder o desespero. Abro a boca para lhe responder, mas a minha mãe intervém.

— O marido dela não está interessado em adotar — diz.

— *Mãe* — sibila a Ava.

Ela silencia a Ava com um gesto.

— Não estou propriamente a contar ao mundo inteiro. Eu e a Eleanor somos praticamente as melhores amigas.

— Vocês não se veem há quase uma década — digo.

A minha mãe aperta a mão da Eleanor.

— Bem, não parece mesmo que tenha passado assim tanto tempo. Como está o Peter?

A Eleanor ri-se, tão recetiva à mudança de assunto como eu. Começa a contar à minha mãe sobre o carro novo e a crise de meia-

idade, que, na prática, não pode ser uma crise de meia-idade, porque ele já entrou nos 60, mas não as corrijo. Peço licença. Dirijo-me à casa de banho numa tentativa de fugir da recordação constante da minha infertilidade.

Eu deveria tê-la corrigido quando a minha mãe disse que o Graham não está interessado em adotar. Não é que ele não esteja interessado, não tivemos foi ainda a sorte de sermos aprovados numa agência de adoção devido ao passado do Graham. Não compreendo que uma agência de adoção possa não ter em consideração que, excluindo a condenação devastadora quando ele era adolescente, ele nunca mais teve sequer uma multa de estacionamento. No entanto, quando se é apenas um entre milhares de casais candidatos à adoção, a mais ínfima falha pode ser motivo de exclusão.

A minha mãe está enganada. Nenhum de nós se opõe à ideia, só não conseguimos ser aprovados e já não conseguimos pagar para continuarmos a tentar. Os tratamentos drenaram a nossa conta bancária, e, agora que temos uma segunda hipoteca da casa, nem sequer sabemos como conseguiríamos pagar o processo se *fôssemos* aprovados.

Existem imensos fatores, e, apesar de as pessoas pensarem que não ponderámos todas as opções, considerámo-las muitas vezes.

Raios, a Ava até nos ofereceu uma boneca de fertilidade quando foi ao México há três anos. Mas nada — nem sequer a superstição resultou a nosso favor. Eu e o Graham decidimos no início do ano passado entregar tudo ao acaso, na esperança de que acontecesse naturalmente. Não aconteceu. E, para ser sincera, estou cansada de nadar contra a corrente.

A única coisa que me impede de desistir por completo é o Graham. Eu sei que, no fundo, se desistir do sonho de ter filhos, estarei a abrir mão do Graham. Não lhe quero tirar a possibilidade de poder vir a ser pai.

Eu é que sou infértil. Não o Graham. Também ele deverá ser punido pela minha infertilidade? Ele diz que ter filhos não é tão importante para ele como é para mim, mas eu sei que ele diz isso porque não me quer magoar. E porque ainda tem esperança. Contudo, daqui a dez ou vinte anos irá culpar-me. É humano.

Sinto-me egoísta quando tenho estes pensamentos. Sinto-me egoísta sempre que eu e o Graham temos relações sexuais, porque sei que estou a agarrar-me a uma esperança que não existe, arrastando-o comigo num casamento que, mais cedo ou mais tarde, se tornará demasiado monótono para qualquer um de nós. E é por esse motivo que passo horas na Internet, todos os dias, em busca de algo que possa dar-me uma resposta. Qualquer coisa. Estou em grupos de apoio, leio todas as entradas dos fóruns, as histórias de «conceções milagrosas», os grupos de adoção privados. Até faço parte de grupos de parentalidade, só para o caso de, um dia, vir a ter um filho. Estarei bem preparada.

O único local onde não tenho presença online são as redes sociais. Apaguei todas as minhas contas no ano passado. Não conseguia suportar as pessoas insensíveis na minha cronologia. O Dia das Mentiras foi o pior. Perdi a conta a quantos dos meus amigos acham que tem piada anunciar uma gravidez falsa.

Não têm qualquer tipo de compaixão pelas pessoas na minha situação. Se soubessem quantas mulheres estão há anos a sonhar

com um resultado positivo, nunca sequer lhes passaria pela cabeça menosprezá-lo.

E nem me obriguem a começar a falar de muitos dos meus amigos que se queixam dos seus filhos na sua cronologia. «Oh, pá... A Evie passou a noite toda a chorar! Argh! Quando irá ela dormir uma noite completa, raios?» ou «Mal consigo esperar que comecem as aulas! Estes rapazes estão a dar comigo em louca!»

Se ao menos essas mães soubessem.

Se eu fosse mãe, não tomaria um único momento da vida do meu filho como dado adquirido. Estaria grata por cada segundo em que choramingasse ou chorasse ou adoecesse ou me respondesse mal. Apreciaria cada segundo que estivesse em casa durante o verão e teria saudades dele a cada segundo que estivesse na escola.

Foi por essa razão que apaguei as minhas contas nas redes sociais. Porque, a cada publicação que lia, ficava mais amargurada. Eu sei que aquelas mães adoram os seus filhos. Eu sei que lhes dão o devido valor. Mas não compreendem o que é não poder vivenciar as coisas que lhes causam stress a elas. E, em vez de desprezar todas as pessoas de quem sou amiga online, decidi apagar as minhas contas, na esperança de que isso me trouxesse algo semelhante a paz. Mas não trouxe.

Mesmo sem presença nas redes sociais, não há um único dia que passe em que não seja recordada de que poderei nunca vir a ser mãe. Sempre que vejo uma criança. Sempre que me cruzo com uma mulher grávida. Sempre que encontro pessoas como a Eleanor. Quase todos os filmes a que assisto, todos os livros que leio, todas as músicas que ouço.

E ultimamente... sempre que o meu marido me toca.

Capítulo Cinco

Dantes

Nunca trouxe um homem para minha casa que não fosse o Ethan. Na verdade, o Ethan raramente vem cá. O apartamento dele é mais simpático e muito maior, por isso ficamos sempre lá. No entanto, aqui estou eu, prestes a ter sexo casual com um completo desconhecido poucas horas depois de ter apanhado o meu noivo com outra.

Se o Ethan é capaz de ter um caso, eu sou certamente capaz de ter sexo casual com um tipo extremamente atraente. Este dia tem sido um acontecimento bizarro atrás de outro. *Qual é o mal de mais um?*

Abro a porta e passo rapidamente os olhos pela casa tentando detetar alguma coisa que precise de ser escondida. Ao fazê-lo, conluo que teria de esconder *tudo*, o que não é possível com o Graham mesmo atrás de mim. Avanço e convido-o a entrar.

— Entra — digo.

O Graham assim faz, assimilando tudo o que vê à sua volta. Trata-se de um pequeno apartamento com um quarto, mas todas as fotografias em que estou com o Ethan fazem-no parecer ainda mais pequeno. Sufocante.

Ainda há sobras de convites de casamento espalhadas na mesa de refeições.

O vestido de noiva que comprei há duas semanas está pendurado na porta do roupeiro da entrada. Vê-lo enfurece-me. Pego nele, dobro o saco e atiro-o para dentro do roupeiro. Nem sequer me dou ao trabalho de o pendurar. Aliás, *espero* que fique cheio de vincos.

O Graham dirige-se ao bar e pega numa fotografia em que estou com o Ethan. Na fotografia, o Ethan tinha acabado de me pedir em casamento e eu tinha respondido que sim. Estava a mostrar o meu anel à câmara. Posiciono-me ao lado do Graham e olho para a fotografia com ele. O seu polegar desliza sobre o vidro.

— Pareces estar mesmo feliz aqui.

Não respondo, porque ele tem razão. Eu pareço estar feliz naquela fotografia porque eu *estava* feliz. Extremamente feliz. E completamente alheada da realidade. Quantas vezes me terá o Ethan traído? Terá acontecido antes de ele me ter pedido em casamento? Tenho tantas perguntas, mas não creio que queira assim tanto as respostas para me sujeitar a interrogar o Ethan.

O Graham pousa a fotografia, virada para baixo. E tal como fizemos com os telemóveis, pressiona-a com o dedo e empurra-a pela bancada. Cai e estilhaça-se quando atinge o chão da cozinha.

Que coisa tão irresponsável e grosseira de se fazer na casa de outra pessoa. Ainda assim, gosto que o tenha feito.

Estão mais duas fotografias sobre a bancada. Pego naquela em que estou com o Ethan e pouso-a voltada para baixo. Faço-a deslizar e, quando também ela se estilhaça, sorrio. E o Graham também.

Olhamos ambos fixamente para a última fotografia. O Ethan não está presente nesta. Trata-se de uma foto em que estou com o meu

pai, tirada poucas semanas antes da sua morte. O Graham pega nela e aproxima-a para a analisar.

— É o teu pai?

— Sim.

Ele volta a pousar a fotografia.

— Esta pode ficar.

O Graham dirige-se à mesa onde repousam dispersas as sobras dos convites de casamento. Eu não escolhi os convites. Foram a minha mãe e a mãe do Ethan. Até os enviaram por nós. A minha mãe deixou cá estes há duas semanas e disse-me para procurar no *Pinterest* formas de aproveitar as sobras dos convites, mas eu não tinha qualquer vontade de fazer fosse o que fosse com eles.

Agora irei, decididamente, deitá-los fora. Não quero uma única recordação desta relação desastrosa.

Sigo o Graham até à mesa e sento-me nela, puxando as pernas para cima. Sento-me de pernas cruzadas, enquanto o Graham pega num dos convites e começa a ler em voz alta.

— Temos a honra de o/a convidar para a cerimónia de casamento de Quinn Diane Whitley, filha de Avril Donnelly e do falecido Kevin Whitley, de Old Greenwich, Connecticut, com Ethan Samson van Kemp, filho do Dr. e da Sra. Samson van Kemp, também de Old Greenwich. O evento decorrerá na prestigiada Douglas Whimberly Plaza na noite de...

O Graham interrompe a leitura e olha para mim. Aponta para o convite.

— O teu convite tem a palavra *prestigiada*.

Consigo sentir a vergonha invadir-me o rosto.

Odeio estes convites. Quando os vi pela primeira vez, tive um

ataque perante tamanho pretensiosismo, mas a minha mãe e o pretensiosismo andam de mãos dadas.

— Obra da minha mãe. Por vezes, é mais fácil deixá-la levar a sua avante do que encetar um confronto.

O Graham ergue o sobrolho e depois lança o convite para a pilha.

— Então, és de Greenwich? — Consigo distinguir a crítica na sua voz, mas não o culpo. Old Greenwich foi recentemente classificada como uma das cidades mais abastadas da América. Entre quem faz parte daquela riqueza é comum presumir que se está melhor do que aqueles que não fazem. Os que *não* fazem parte da riqueza censuram os que fazem. É uma tendência que me recuso a seguir. — Não pareces uma rapariga de Old Greenwich — acrescenta.

A minha mãe acharia isso insultuoso, mas o seu comentário faz-me sorrir. Encaro-o como o elogio que ele pretendeu que fosse. E está certo... o meu apartamento minúsculo e o mobiliário não se parecem de todo com a casa em que cresci.

— Obrigada. Esforço-me muito por me afastar das dragas da alta sociedade.

— Terias de tentar ainda com mais afinco, se quisesses convencer as pessoas de que *pertences* à alta sociedade. E digo isto no bom sentido.

Mais um comentário com o qual a minha mãe se sentiria insultada. Começo a gostar cada vez mais deste tipo.

— Tens fome? — Olho de relance para a cozinha, perguntando-me se terei sequer algo para lhe oferecer. Felizmente, ele abana a cabeça.

— Não! Ainda estou mais ou menos cheio de toda aquela comida chinesa e da infidelidade.

Eu rio-me em silêncio.

— Pois. Também eu.

O Graham analisa uma vez mais o meu apartamento, a cozinha, a sala de estar e o corredor que dá para o quarto. Depois os seus olhos assentam em mim de tal modo que encho os pulmões de ar. Ele olha fixamente para mim, depois para as minhas pernas. Observo-o à medida que os seus olhos absorvem cada parte de mim. Parece diferente, ser olhada deste modo por alguém que não o Ethan. Fico surpreendida por estar a gostar.

Pergunto-me em que pensará o Graham quando olha para mim. Estará apenas tão chocado quanto eu por ter acabado aqui, na minha casa, a fitar-me, em vez de estar na sua própria casa, em frente à sua mesa, a olhar para a Sasha?

O Graham leva a mão ao bolso do casaco e retira de lá uma pequena caixa. Abre-a e entrega-ma. No interior, encontra-se um anel. Um anel de noivado, sem dúvida, mas é significativamente mais pequeno do que aquele que o Ethan me ofereceu. Para ser sincera, gosto mais deste do que do meu. Eu queria algo um pouco mais subtil, mas o Ethan comprou o mais caro que o pai podia pagar.

— Ando com isto há duas semanas — diz o Graham. Inclina-se por cima da mesa ao meu lado e fita o anel na minha mão. — Não tive a oportunidade de a pedir em casamento porque ela estava sempre a despachar-me. Comecei a desconfiar já há uns tempos. Ela é uma boa mentirosa.

Profere esta última parte como se estivesse impressionado.

— Gosto dele. — Retiro o anel da caixa e coloco-o no meu anelar direito.

— Podes ficar com ele. Já não me faz falta.

— Devias devolvê-lo. Deve ter sido caro.

— Comprei-o no *eBay*. Não aceitam devoluções.

Estendo as duas mãos à minha frente e comparo os dois anéis. Olho para o meu anel de noivado e pergunto-me porque nunca pensei em dizer de antemão ao Ethan que não precisava de uma coisa tão ostensiva. É como se eu estivesse tão desesperada por me casar com ele que perdi a minha voz. A minha opinião. *A mim*.

Retiro o meu anel de noivado da mão esquerda e guardo-o na caixa, substituindo aquele que o Graham tinha comprado para a Sasha. Entrego a caixa ao Graham, mas ele não a aceita.

— Aceita — digo, empurrando-a para ele numa tentativa de trocar os anéis.

Ele encosta-se para trás sobre as mãos para que eu não lho possa oferecer.

— Esse anel dá para comprar um carro novo, Quinn.

— O meu já está pago.

— Então devolve-o ao Ethan. Ele que o ofereça à Sasha. Ela é capaz de gostar mais desse do que daquele que lhe comprei.

Ele não aceita o anel, por isso pouso-o sobre a mesa. Acho que vou enviá-lo por correio à mãe do Ethan. Ela que decida o que fazer com ele.

O Graham levanta-se e põe as mãos nos bolsos do casaco. Ele é bastante mais bem-parecido do que o Ethan. Quando lho disse, não foi só para o lisonjear. A beleza do Ethan advém da confiança e do dinheiro. Ele sempre andou bem aprumado, bem vestido e de modo convencido. Se uma pessoa acreditar que é suficientemente bem-parecida, o resto do mundo acabará por acreditar também.

Porém, o encanto do Graham é mais honesto. Ele não tem nenhum traço espetacular que seja realçado de modo individual. O tom castanho do seu cabelo não é homogêneo. Os seus olhos são escuros, mas não se inclinam para o preto ou para o invulgar. Quando muito, o tom de castanha leva a que pareçam ainda mais tristes do que seriam se fossem azuis ou verdes. Os seus lábios são suaves e cheios, mas não de um modo que me faça pensar na sua singularidade se não estivessem mesmo à minha frente. Ele não é alto a ponto de a sua altura ser digna de realce. Deve ter um metro e oitenta.

O seu encanto vem da combinação de todos estes traços. Os seus traços não espetaculares aliam-se, de algum modo, para criar este repelão no meu peito. Gosto do modo como ele encara o mundo com olhos calmos, quando a sua vida se encontra num total rebuliço. Sou completamente atraída pelo modo como sorri com apenas metade da boca. Quando fala, por vezes, faz uma pausa e passa um polegar pelo lábio superior. É sensual de uma maneira não intencional. Não sei se alguma vez me senti fisicamente tão atraída por alguém de quem sei tão pouco.

O Graham olha para a porta da rua e pergunto-me se mudou de ideias. Fiz alguma coisa para o desmotivar? Ainda estará a pensar na Sasha? Ele parece estar prestes a dar a noite por terminada. Afasta-se da mesa, e eu permaneço sentada, à espera de que ele me diga todas as razões pelas quais isto não é uma boa ideia. Então, põe-se diretamente à minha frente. É como se não soubesse o que fazer com as mãos antes de se despedir de mim, por isso, enfia-as nos bolsos das calças. O seu olhar incide no meu pescoço

antes de regressar ao meu rosto. Os seus olhos estão agora mais intensos do que nunca.

— Onde fica o teu quarto?

Fico chocada com o seu atrevimento.

Tento esconder o conflito interior, porque, mais do que tudo, adorava vingar-me do Ethan indo para a cama com o atraente namorado da sua amante. Mas estar ciente de que essa é também a razão pela qual o Graham se encontra aqui faz-me pensar se quererei ser a pessoa com quem ele tem sexo por vingança.

É melhor do que estar sozinha neste momento.

Desvio-me da mesa e levanto-me. O Graham não recua, por isso os nossos corpos tocam-se por breves momentos antes de eu passar por ele. Sinto-o por todo o lado, mas em grande medida, nos meus pulmões.

— Anda comigo.

Ainda estou nervosa, mas não tão nervosa como quando introduzi a chave na fechadura da porta. A voz do Graham acalma-me. A presença dele acalma-me. É difícil ficar intimidada por alguém tão triste.

— Nunca faço a cama — admito, ao abrir a porta para o meu quarto desarrumado. Acendo uma luz e a imagem do Graham enche o corredor.

— Porque não? — Ele dá alguns passos para dentro do quarto, e é a visão mais estranha. Este homem que não conheço de todo, no meu quarto. No mesmo quarto em que me deveria deitar com o coração partido em angústia.

E o Graham? Também se sentirá estranho? Eu sei que ele suspeitava que se passava algo com a Sasha, senão não a teria

seguido até ao prédio do Ethan com um anel de noivado a queimar um buraco no bolso do casaco.

Será que o Graham tem procurado uma saída? Terei eu? E só agora é que tomo consciência disso? Porque, neste preciso momento, estou nervosa e ansiosa e tudo o que não deveria estar apenas horas depois de a minha vida se ter afundado.

Estou a olhar fixamente para ele, sem articular um som, quando me apercebo de que não respondi à pergunta dele sobre o porquê de não fazer a cama. Aclaro a garganta.

— Demora-se aproximadamente dois minutos para fazer bem a cama. Isso significa que uma pessoa normal desperdiça 38 dias completos da sua vida a fazer uma cama que vai, simplesmente, voltar a ser desmanchada.

O Graham parece divertido. Dirige-me um dos seus sorrisos de esguelha e depois olha de relance para a cama. Observá-lo a assimilar a minha cama faz-me sentir que não estou preparada para isto. Eu estava preparada para um reencontro com o Ethan esta noite. Não para ter sexo com um desconhecido. Não sei se quero as luzes acesas. Nem sequer sei se quero estar vestida como estou. Não quero que o Graham dispa roupas que estavam destinadas a serem despidas por outro homem. Preciso de um momento para me recompor. Ainda não tive um momento, e acho que preciso de um.

— Tenho de... — Aponto para a porta da casa de banho. — Preciso de um minuto.

Os lábios do Graham curvam-se para cima num sorriso ligeiramente maior e nesse momento tomo consciência de que aqueles lábios incríveis estão prestes a tocar nos meus e, de súbito, não me sinto digna. É uma sensação estranha, porque sou uma

mulher confiante. Porém, o Graham estabelece um padrão para a confiança a que não estou habituada. A sua confiança transforma a minha em incerteza.

Fecho-me na casa de banho e olho fixamente para a porta fechada. Por momentos, esqueço-me do que estou sequer a fazer aqui, mas depois lembro-me de que estou prestes a ter sexo com um tipo que não é o Ethan pela primeira vez em quatro anos. Carrego no acelerador. Abro a porta do armário e vasculho tudo à procura da peça mais modesta que consigo encontrar. Trata-se de uma camisa de dormir rosada com alças finas. Não é transparente, mas ele conseguirá ver que não estou a usar o soutien que estou a despir neste momento. Visto a camisa de dormir e vou até ao lavatório. Puxo o cabelo para cima para formar um carrapito solto que não me tape o rosto e depois escovo os dentes e a língua até me sentir confiante de que a minha boca não o recordará da comida chinesa que roubámos há pouco.

Vejo-me ao espelho e deixo-me ali ficar durante mais tempo do que seria recomendável. Não consigo meter na cabeça o facto de o dia de hoje ir acabar como está prestes a acabar. Eu... a considerar ter sexo com um homem que não é o meu noivo.

Inspiro fundo para me acalmar e depois abro a porta da casa de banho.

Não tenho bem a certeza do que estava à espera, mas o Graham parece estar na mesma. Continua parado diante da porta da casa de banho, ainda com as calças de ganga e a t-shirt vestidas. E o casaco. *E* os sapatos. Estou de olhos postos nos seus sapatos quando ele sussurra:

— Uau.

Torno a levantar o olhar para ele. Encontra-se mais próximo. O seu rosto está muito perto do meu e eu quero mesmo aproximar-me dele e tocar-lhe no maxilar. Não costumo prestar atenção ao maxilar de uma pessoa, mas o dele é forte e tem uma barba rala que culmina nos lábios, que me parecem tão tristes quanto os olhos.

Acho que ele reparou na nossa proximidade, porque apressa-se a dar um passo atrás e faz sinal para a cama.

As almofadas estão alinhadas e o edredão está preso por baixo do colchão e esticado. O canto cuidadosamente dobrado, de modo a revelar o lençol por baixo.

— Fizeste a minha cama? — Dirijo-me até lá e sento-me. Não foi assim que imaginei que isto começasse, mas apenas porque estive presa na rotina do Ethan durante os últimos quatro anos.

O Graham levanta o edredão e eu levanto as pernas e meto-me na minha cama. Chego-me para o lado o suficiente para ele se juntar a mim, mas ele não o faz. Limita-se a puxar a roupa para cima e senta-se na cama, sempre com os olhos postos em mim.

— É agradável, não é?

Eu ajeito a almofada e viro-me de lado. Ele entalou a ponta do edredão por baixo do colchão, para não fugir. É, sem dúvida, uma sensação aconchegante, esta pressão reconfortante à volta dos pés e das pernas. Para ser sincera, acho que gosto. E, de algum modo, até a parte de cima do edredão parece estar a aconchegar-me.

— Estou impressionada.

Ele estende a mão para prender uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. O gesto é querido. Não conheço muito bem o Graham, mas posso dizer que ele é boa pessoa. Pude perceber que assim era quando o Ethan abriu a porta e o Graham não o atacou

fisicamente. É preciso possuir uma confiança saudável e um grande autocontrole para se afastar calmamente de uma situação como aquela.

A mão do Graham toca-me agora no ombro. Não tenho a certeza do que mudou nele desde que saímos do bar, nem sequer desde que entrámos no meu quarto, mas posso dizer que os seus pensamentos já não são os mesmos. Desliza a mão pelo cobertor, deixando-a assentar na minha anca. Toda a sua expressão parece estar carregada de indecisão. Tento aliviar um pouco o conflito.

— Não há problema — sussurro. — Podes ir.

Ele suspira pesadamente de alívio.

— Pensei que conseguia fazer isto. Eu e tu. Esta noite.

— Eu também pensei, mas... é demasiado cedo para começar uma relação de ressaca.

Consigo sentir o calor que a sua mão emana através do edredão. Ele desloca-a um pouco para cima e agarra-me pela cintura inclinando-se para a frente. Beija-me suavemente o rosto. Fecho os olhos e engulo com dificuldade, sentindo os seus lábios avançarem na direção da minha orelha.

— Mesmo que não fosse demasiado cedo, continuava a não querer fazer parte da tua ressaca amorosa. — Sinto-o a afastar-se. — Boa noite, Quinn.

Mantenho os olhos fechados quando ele se levanta da cama. Não os abro até ele apagar a luz e fechar a porta do quarto.

Ele não queria fazer parte da minha ressaca amorosa?

Seria um elogio? Ou terá sido ele simplesmente a dizer que não está interessado?

Por alguns instantes, reflito sobre as suas palavras de despedida,

mas rapidamente as relego para o fundo da minha mente. Pensarei nas palavras do Graham amanhã. Neste preciso momento, só me apetece pensar em tudo aquilo que perdi nas últimas horas.

Toda a minha vida mudou hoje. A ideia era o Ethan ser a minha cara-metade para o resto da vida. Tudo o que pensava saber sobre o meu futuro descarrilou. Tudo o que eu pensava saber sobre o Ethan é uma mentira.

Odeio-o. Odeio-o porque, independentemente do que vier a acontecer a partir deste momento, nunca conseguirei voltar a confiar em alguém como confiei nele.

Viro-me de costas e olho fixamente para o teto.

— Vai à merda, Ethan van Kemp.

E que raio de apelido é aquele? Digo o meu nome em voz alta e adiciono o apelido dele.

— Quinn Diane van Kemp.

Nunca me souu tão estúpido como agora. Sinto-me aliviada por saber que esse nunca será o meu nome.

Sinto-me aliviada por o ter apanhado a trair-me.

Sinto-me aliviada por ter tido o Graham a acompanhar-me durante toda a situação.

Sinto-me aliviada por o Graham ter decidido ir-se embora.

No calor do momento, no restaurante, tive vontade de me vingar. Achei que ir para a cama com ele iria, de algum modo, aliviar a dor que o Ethan me tinha provocado. Mas agora que o Graham se foi embora, percebo que nada iria aliviar esta sensação. É apenas uma ferida enorme, inconveniente e dolorosa. Apetece-me trancar a porta e nunca mais sair de casa. Só para ir comprar gelado.

Amanhã saio para ir comprar gelado, mas, depois disso, nunca mais saio do apartamento.

Até se acabar o gelado.

Destapo-me e vou até à sala para trancar a porta de casa. Quando estendo a mão na direção da corrente, reparo numa nota adesiva colada na parede ao lado da porta. Tem um número de telefone. Por baixo do número, uma breve mensagem.

Liga-me um dia destes. Depois do teu namorado de ressaca.

Graham

Tenho uma reação mista em relação a esta nota. O Graham parece ser simpático e já aceitei que me sinto atraída por ele, porém, neste momento, não tenho a certeza se conseguirei voltar a namorar. Só passaram algumas horas desde a minha última relação. E mesmo que eu chegue a um ponto em que sinta vontade de voltar a namorar, a última pessoa com quem eu quereria fazê-lo seria o ex-namorado da rapariga que desempenhou o papel principal na destruição de tudo o que tinha de bom na minha vida.

Quero ir para o mais longe possível do Ethan e da Sasha. E, infelizmente, o Graham apenas me faria recordá-los.

Ainda assim, o seu bilhete faz-me sorrir. Mas apenas por um segundo.

Regresso ao quarto e esgueiro-me para debaixo do edredão. Puxo-o por cima da cabeça e as lágrimas começam a escorrer. O Graham tinha razão quando disse que eu iria chorar esta noite. «Na cama. É quando se sente mais a dor. Quando se está sozinho.»

Capítulo Seis

Agora

No dia em que partiu para a Europa, a Ava deu-me uma prenda. Um pacote de chá exótico destinado a ajudar em relação à infertilidade. O problema foi o sabor: como se eu tivesse rasgado o saco e colocado o chá diretamente na língua e depois o ajudasse a descer com grãos de café.

Por isso... o chá de fertilidade milagroso está fora de questão. Vou entregar tudo ao acaso, uma vez mais. Decidi que irei tentar durante mais um mês. Talvez dois, antes de dizer ao Graham que vou deixar de tentar.

Mais dois meses antes de lhe dizer que estou verdadeiramente preparada para abrir aquela caixa de madeira na minha estante.

Estou sentada na bancada da cozinha com uma das t-shirts do Graham vestida quando ele chega. As minhas pernas despidas estão a balançar com os pés a apontarem para o chão. Ele não repara logo em mim, mas, assim que me vê, eu passo a ser tudo o que ele vê. Agarro a bancada com as mãos entre as pernas, abrindo-as o suficiente para lhe dar a conhecer os meus planos para a noite. Os seus olhos estão fixos nas minhas mãos enquanto tira a gravata, fazendo-a deslizar pelo colarinho, deixando-a cair no chão.

É uma das minhas coisas preferidas, que ele trabalhe até mais tarde do que eu. Posso vê-lo a tirar a gravata todos os dias.

— Ocasão especial? — Sorri, enquanto me contempla de cima a baixo. Avança na minha direção e eu dirijo-lhe o meu sorriso mais sedutor. Aquele que diz que esta noite quero deitar para trás das costas toda a dissimulação. Fingir que estamos bem, fingir que somos felizes, fingir que esta é exatamente a vida que escolheríamos, se a escolha fosse nossa.

Pela altura em que me alcança, já despiu o casaco e os primeiros botões da camisa foram desabotoados. Descalça-se enquanto as suas mãos deslizam pelas minhas coxas. Envolve-me o pescoço com os meus braços e ele encosta-se a mim, preparado e ansioso. Os seus lábios roçam-me o pescoço e, depois, o rosto; a seguir, pressiona-os contra a minha boca, suavemente.

— Aonde gostarias que te levasse? — Pega em mim e segura-me contra ele enquanto entrelaço as pernas em torno da sua cintura.

Sussurro-lhe ao ouvido.

— O nosso quarto parece-me bem.

Apesar de eu ter desistido de todas as hipóteses de engravidar, ainda me agarro àquela réstia de esperança, pelo menos uma vez por mês. Não sei se isso me torna forte ou patética. Por vezes, sinto que sou ambas.

O Graham pousa-me na cama, as nossas roupas a marcar a distância entre a cozinha e o quarto, como migalhas espalhadas. Ele posiciona-se entre as minhas pernas e depois penetra-me, com um gemido. Aceito-o em silêncio.

O Graham é consistente em todos os aspetos fora do quarto. Mas, no quarto, nunca sei o que irei ter. Por vezes, faz amor comigo com paciência e altruísmo, outras vezes, está carente e é rápido e egoísta. Outras ainda, é conversador enquanto me penetra,

murmurando palavras que me fazem sentir ainda mais apaixonada por ele. Há ainda aquelas vezes em que está zangado e refila e diz coisas que me fazem corar.

Nunca sei o que vou ter com ele. Dantes, isso excitava-me.

Mas agora tendo a querer apenas uma das suas muitas facetas no quarto. A faceta carente, rápida e egoísta. Sinto menos culpa quando recebo essa faceta dele porque, ultimamente, a única coisa que verdadeiramente quero do sexo é o resultado.

Infelizmente, esta noite, não é a versão egoísta do Graham que tenho no quarto. Esta noite é o exato oposto do que necessito dele. Está a apreciar cada momento. A penetrar-me com impulsos controlados enquanto saboreia todas as partes do meu pescoço e do meu peito. Tento envolver-me tanto quanto ele, pressionando ocasionalmente os meus lábios contra os seus ombros ou puxando-lhe o cabelo. Mas é difícil fingir que não quero que ele se despache. Viro a cabeça para o lado para que ele possa deixar a sua marca no meu pescoço enquanto espero.

Ele começa, por fim, a acelerar e eu fico um pouco tensa, antecipando o final, mas, então, sai de dentro de mim, inesperadamente. Desce pelo meu corpo, levando o meu mamilo esquerdo à boca, e reconheço o padrão. Ele vai descer até lá abaixo, lentamente, saboreando cada centímetro de mim até, por fim, introduzir a língua entre as minhas pernas, onde desperdiçará uns preciosos dez minutos e eu terei de pensar demasiado sobre o que significa este dia, que horas são, como será daqui a 14 dias, o que farei ou direi se o teste for, por fim, positivo, durante quanto tempo chorarei no chuveiro se for mais uma vez negativo.

Esta noite não quero pensar. Só quero que ele se despache.

Puxo-lhe os ombros até a sua boca estar mais uma vez próxima da minha e sussurro ao seu ouvido.

— Não faz mal, podes acabar.

Tento dirigi-lo de novo para dentro de mim, mas ele afasta-se. Olho-o nos olhos pela primeira vez desde que estávamos na cozinha.

Ele afaga-me suavemente o cabelo.

— Perdeste a vontade?

Não sei como lhe dizer que nunca estive com vontade sem magoar os seus sentimentos.

— Não há problema. Estou na ovulação.

Tento beijá-lo, mas antes de os meus lábios encontrarem os seus, ele sai de cima de mim.

Fito o teto, perguntando-me como pode ele estar chateado comigo devido àquele comentário. Andamos a tentar engravidar há tanto tempo. Esta rotina nada tem de novo.

Sinto-o a sair da cama. Quando olho para ele, está de costas voltadas para mim e a vestir as calças.

— A sério que estás chateado por eu não estar com vontade, Graham? — pergunto, sentando-me. — Caso já não te lembres, estávamos a ter sexo há um minuto, independentemente da minha vontade.

Ele vira-se e encara-me, fazendo uma pausa para organizar os pensamentos. Passa uma mão frustrada pelo cabelo e aproxima-se da cama. A tensão do seu maxilar revela irritação, mas a sua voz é calma e silenciosa quando fala.

— Estou farto de foder em nome da ciência, Quinn. Seria

simpático se, por uma vez que fosse, te pudesse penetrar porque me *queres* aí dentro. Não por ser um requisito para engravidar.

As suas palavras ferem. Parte de mim quer atacá-lo e dizer algo ofensivo em resposta, mas a maior parte de mim sabe que ele apenas o disse porque é verdade. Por vezes, sinto falta de fazer amor de modo espontâneo. Mas a certa altura todas as nossas tentativas falhadas para engravidar começaram a magoar demasiado. Tanto que cheguei à conclusão de que, quanto menos sexo tivéssemos, menos desiludida eu me sentia. Se tivéssemos sexo apenas nos dias em que eu estivesse a ovular, ficaria desiludida menos vezes.

Gostava que ele pudesse compreender isso. Gostava que ele soubesse que, por vezes, tentar é mais difícil para mim do que fracassar. Tento sentir empatia em relação aos seus sentimentos, mas é difícil porque não sei se ele tem verdadeira empatia pelos meus. Como pode ter? Não é ele quem fracassa a cada tentativa.

Eu posso ficar desapontada comigo mais tarde. Neste preciso momento, só preciso que ele volte para a cama. Para dentro de mim. Porque ele tem razão. Sexo com o meu marido é decididamente uma exigência para engravidar. E hoje é o dia do mês com melhores hipóteses.

Retiro as cobertas de cima de mim para ficar esparramada na cama. Pressiono com uma mão o ventre e chamo a sua atenção para mim.

— Desculpa — sussurro, deslizando os dedos por mim. — Volta para a cama, Graham.

Ainda tem o maxilar apertado, mas os seus olhos seguem a minha mão. Assisto à sua luta interior, entre a parte dele que quer

sair de rompante do quarto e a parte que me quer tomar de assalto. Não gosto que ele não esteja convencido de que ainda o desejo, por isso viro-me de barriga para baixo. Se há algo de que o Graham gosta no meu corpo, é ver-me de costas.

— Quero-te dentro de mim, Graham. É tudo o que eu quero. Juro.

— *Minto.*

Sinto-me aliviada quando ele geme.

— Caramba, Quinn! — E depois volta para a cama, com as mãos nas minhas coxas, os lábios nos meus glúteos. Faz deslizar uma mão por baixo de mim e pressiona-a aberta contra o meu ventre, levantando-me o suficiente para que me possa penetrar com facilidade por trás. Gemo e aperto de modo convincente o lençol.

O Graham agarra-me as ancas e ergue-se até ficar de joelhos, puxando-me para trás até estar completamente dentro de mim.

Já não tenho o Graham paciente. Ele é uma mistura de emoções neste preciso momento, penetrando-me com impaciência e com raiva. Está concentrado em terminar e não está, de todo, concentrado em mim, e isso é exatamente o que eu quero.

Gemo para ir ao encontro dos seus impulsos, na esperança de que ele não reconheça que o resto de mim se encontra desligado do que está a acontecer. Pouco depois, de algum modo, deixamos de estar ambos de joelhos, e eu fico deitada de barriga para baixo, com todo o seu peso sobre mim. Ele aperta-me as mãos que comprimem o lençol e eu relaxo enquanto ele solta um gemido. Espero que me encha de esperança.

Mas não enche.

Em vez disso, sai de dentro de mim, exercendo pressão contra o fundo das minhas costas. Depois geme uma última vez junto ao

meu pescoço. Sinto-o a tocar-me na pele, quente e molhado enquanto escorrega pela minha anca e se afunda no colchão.

Mas ele acabou de...

Sim, acabou.

As lágrimas começam a arder-me nos olhos quando me apercebo de que não terminou dentro de mim. Quero sair de baixo dele, mas ele é demasiado pesado, ainda se encontra tenso e não me consigo mexer.

Assim que começo a senti-lo relaxar, tento levantar-me. Ele rebola e fica de costas. Eu afasto-me dele, usando o lençol por baixo de mim para me limpar. As lágrimas escorrem-me abundantemente pelo rosto e limpo-as furiosamente. Estou tão zangada que nem consigo falar. O Graham limita-se a observar-me enquanto tento ocultar a raiva que sinto. E o constrangimento.

O Graham é o meu marido, mas esta noite era um meio para atingir um fim. E embora eu tenha tentado convencê-lo do contrário, provou-o a si mesmo não me dando a única coisa que eu queria dele esta noite.

Não consigo impedir as lágrimas de correrem pelas faces, mas tento de qualquer modo. Tapo os olhos com a manta, enquanto o Graham sai da cama e pega nas suas calças. As minhas lágrimas silenciosas começam a transformar-se em soluços, fazendo os meus ombros começarem a tremer. Não parece nada coisa minha, estar a fazer isto à frente dele. Normalmente guardo este momento para os duches demorados.

Quando o Graham retira a sua almofada da cama, parte dele parece querer consolar-me, enquanto a outra parte parece querer

gritar comigo. A parte furiosa vence e ele começa a avançar para a porta.

— Graham — sussurro.

A minha voz interrompe a sua marcha e ele vira-se para mim. Parece estar tão destroçado que nem sequer sei o que dizer. Gostaria de poder dizer que lamento por desejar ter um bebé mais do que o desejo a ele. Mas isso não ajuda, porque seria uma mentira. Não lamento. Estou amargurada por ele não compreender aquilo em que o sexo se transformou ao longo dos últimos anos. Ele quer que eu continue a desejá-lo, mas não consigo, quando o sexo e fazer amor sempre me deram esperança de que poderá ser aquela hipótese num milhão de conseguir engravidar. E o sexo leva à esperança que depois leva ao momento em que toda a esperança é superada pela desolação.

Com o passar dos anos, toda esta rotina e as emoções que arrasta começaram a andar de mãos dadas. Não consigo separar o sexo da esperança e não consigo separar a esperança da desolação. O sexo transformou-se em esperança que se transformou em desolação.

SexoEsperançaDesolação. Desolação. Desolação.

Agora, *tudo* me faz sentir desolada.

Ele nunca compreenderá. Ele nunca compreenderá que não é a *ele* que não desejo. É a desolação.

O Graham observa-me, esperando que eu diga mais alguma coisa depois de ter dito o seu nome. Mas não o faço. Não consigo.

Ele faz um ligeiro aceno de cabeça e acaba por me virar as costas e afastar-se. Vejo que tem os músculos das costas tensos. Vejo-o cerrar o punho e abrir a mão. Consigo vê-lo soltar um suspiro

pesado, apesar de não o conseguir ouvir. E depois ele abre a porta do quarto antes de a fechar com toda a força.

Um estrondo atinge a porta do outro lado. Fecho os olhos e todo o meu corpo fica tenso quando oiço o estrondo mais uma vez. E mais outra.

Ouç-o esmurrar a porta cinco vezes do outro lado. Ouço-o libertar a mágoa e a rejeição contra a madeira porque sabe que não tem mais para onde ir. Quando tudo volta a estar em silêncio... desfaço-me em cacos.

Capítulo Sete

Dantes

Tem sido difícil esquecer o Ethan. Bem, não o Ethan *per se*. Perder a relação foi mais difícil do que perder o Ethan. Quando estabelecemos uma relação com outra pessoa durante tanto tempo, é difícil voltarmos a ser nós mesmos. Demorei alguns meses até conseguir apagar todos os vestígios dele do meu apartamento. Livrei-me do vestido de noiva, das fotografias, dos presentes que ele me ofereceu ao longo dos anos, de roupas que me faziam recordá-lo. Até comprei uma cama nova, mas isso é capaz de ter tido mais que ver com querer uma cama nova do que com o fazer lembrar-me do Ethan.

Já passaram seis meses e a única razão pela qual estou no meu segundo encontro com este tipo, o Jason, é porque o primeiro não foi um desastre completo. E porque a Ava me convenceu a continuar.

Por muito que a minha mãe adorasse o Ethan e ainda deseje que eu o perdoe, creio que ela gostaria ainda mais do Jason. Isso talvez devesse ser um ponto positivo, mas não é. Eu e a minha mãe temos gostos muito diferentes. Estou à espera de que o Jason diga ou faça alguma coisa que a minha mãe detestaria, para que possa sentir-me um pouco mais atraída por ele.

Ele já repetiu várias das perguntas que me fez na sexta-feira.

Perguntou a minha idade. Respondi que tinha 25 anos, a mesma idade que tinha na sexta-feira. Perguntou-me quando era o meu aniversário e respondi que continuava a ser a 26 de julho.

Estou a tentar não ser uma cabra, mas ele está a dificultar muito as coisas, porque é claro que não prestou atenção a uma única palavra que eu disse na semana passada.

— Então, és Leão? — pergunta. Anuo. — Eu sou Escorpião.

Não faço a mínima ideia do que isso diz sobre ele. Nunca me interessei por astrologia. Além disso, é difícil prestar atenção ao Jason porque há algo muito mais interessante atrás dele. A duas mesas de distância, sorrindo na minha direção, encontra-se o Graham. Mal o reconheço, desvio imediatamente o olhar para o meu prato.

O Jason diz uma coisa qualquer sobre a compatibilidade dos Escorpiões e dos Leões e eu olho-o nos olhos, na esperança de que ele não consiga ver o caos que está dentro de mim neste momento. Porém, a minha determinação é quebrada, porque o Graham está agora de pé. Não consigo evitar olhar por cima do ombro do Jason e ver o Graham a pedir licença para se ausentar da mesa. Volta a fixar o seu olhar em mim e encaminha-se na nossa direção.

Aperto o guardanapo no colo, perguntando-me por que razão me sinto repentinamente mais nervosa ao ver o Graham do que alguma vez estive junto do Jason. Estabeleço contacto visual com o Graham mesmo antes de ele se aproximar da mesa. Mas, assim que olho para ele, ele desvia o olhar. Acena uma vez com a cabeça, na direção em que caminha. Passa pela nossa mesa, com a mão a tocar ao de leve no meu cotovelo. Um segundo toque com o dedo pela minha pele. Inspiro.

— Quantos irmãos tens?

Ponho o guardanapo sobre a mesa.

— Continuo a ter só uma. — Puxo a cadeira para trás. — Volto já. Tenho de ir à casa de banho.

O Jason chega-se para trás, soerguendo-se enquanto arrumo a minha cadeira. Sorrio-lhe e viro-me na direção das casas de banho. Na direção do Graham.

Porque é que estou tão nervosa?

As casas de banho ficam nas traseiras do restaurante. É preciso passar por trás de uma divisória para se chegar ao corredor. O Graham já desapareceu ao virar da esquina, por isso abrando antes de virar. Levo a mão ao peito, na esperança de que, de algum modo, isso acalme o que está a acontecer dentro de mim. E depois solto um breve suspiro e dirijo-me ao corredor.

O Graham está inclinado casualmente contra uma parede, com a mão no bolso do casaco. Vê-lo excita-me e conforta-me, mas não deixo de me sentir mal por nunca lhe ter telefonado.

O Graham oferece-me o seu sorriso de esguelha.

— Olá, Quinn.

Os seus olhos ainda franzem um pouco com o sorriso e eu fico feliz por ver isso. Não sei porquê. Gosto do facto de ele parecer estar sempre a enfrentar um tumulto interior constante.

— Olá... — Fico desajeitadamente a alguns passos dele.

— Graham — diz ele, tocando no peito. — Caso te tenhas esquecido.

Abano a cabeça.

— Não me esqueci. É difícil esquecer todos os pormenores do pior dia da minha vida.

O meu comentário provoca-lhe um sorriso. Ele afasta-se da parede e dá um passo na minha direção.

— Nunca me telefonaste.

Encolho os ombros como se não tivesse pensado muito no seu número de telefone. Mas, na verdade, olho para ele todos os dias. Ainda está colado na parede onde ele o deixou.

— Disseste-me para te ligar depois do meu namorado de ressaca. Só agora é que estou a chegar lá.

— É com ele que estás agora?

Assinto. Ele dá mais um passo, deixando apenas meio metro entre nós. Mas tenho a sensação de que me está a sufocar.

— E tu? — pergunto. — Estás com a tua namorada de ressaca?

— A minha ressaca terminou há duas raparigas.

Detesto esta resposta. Detesto-a o suficiente para pôr fim à conversa.

— Bem... Parabéns. Ela é bonita.

O Graham semicerra os olhos como se estivesse a tentar ler todas as coisas que não estou a dizer. Dou um passo em direção à casa de banho das senhoras e encosto a mão à porta.

— Foi bom ver-te, Graham.

Os seus olhos ainda estão semicerrados e ele inclina um pouco a cabeça. Não tenho a certeza do que mais dizer. Entro na casa de banho e deixo a porta fechar-se atrás de mim. Solto um suspiro enorme. Foi intenso.

Porque foi tão intenso?

Vou até ao lavatório e abro a torneira. As minhas mãos estão a tremer, por isso lavo-as na água morna, na esperança de que o sabão de lavanda ajude a acalmar os nervos. Seco-as e depois olho

para elas no espelho, tentando convencer-me de que não fiquei muito afetada pelo Graham. Mas fiquei. Ainda estão a tremer.

Durante seis meses quis telefonar-lhe, mas durante seis meses convenci-me a não o fazer. E agora, sabendo que ele superou aquilo e que está com outra pessoa, posso ter desperdiçado a minha oportunidade. Não que a quisesse. Ainda acredito verdadeiramente que ele me lembraria demasiado o que aconteceu. Se eu decidir começar alguma relação com alguém, quero que seja alguém novo. Alguém completamente alheio aos piores dias da minha vida.

Alguém como o Jason, talvez?

— Jason — murmuro. *Tenho de regressar ao meu encontro.*

Quando abro a porta, o Graham ainda está no mesmo lugar. Ainda me olha com a cabeça inclinada. Quando travo bruscamente, a porta atinge-me por trás ao fechar-se, empurrando-me para a frente.

Olho de relance para o fim do corredor e depois volto a olhar para o Graham.

— Não tínhamos acabado?

Ele inspira lentamente enquanto dá um passo na minha direção. Desta vez, para apenas a alguns centímetros de mim, fazendo deslizar ambas as mãos para os bolsos.

— Como estás? — A sua voz é calma, como se fosse difícil para ele deitá-la cá para fora. O modo como os seus olhos procuram os meus mostra bem como ele se refere a tudo o que passei com a separação. Com o cancelamento do casamento.

Gosto da sinceridade na sua pergunta. Sinto o mesmo conforto que a sua presença me deu naquela noite seis meses antes.

— Bem — respondo, acenando ligeiramente com a cabeça. — Alguns problemas de confiança residuais, mas, fora isso, não me posso queixar.

Ele parece aliviado.

— Ainda bem.

— E tu?

Ele fita-me por momentos, mas não vejo o que espero ver nos seus olhos. Em vez disso, vejo arrependimento. Tristeza. Como se talvez ele ainda não tivesse recuperado da perda da Sasha. Encolhe os ombros, mas não responde por palavras.

Eu tento não mostrar pena, mas creio que mostro.

— Talvez esta nova rapariga seja melhor do que a Sasha. E consigas, por fim, esquecê-la.

O Graham ri-se um pouco.

— Já esqueci a Sasha — afirma com convicção. — Não tenho qualquer dúvida de que esqueci a Sasha no momento em que te conheci. — Ele não me dá tempo absolutamente nenhum para absorver as suas palavras antes de me lançar mais algumas. — É melhor regressarmos aos nossos encontros, Quinn. — Dito isto, vira-se e afasta-se.

Eu fico imóvel, perplexa com as suas palavras. *Não tenho qualquer dúvida de que esqueci a Sasha no momento em que te conheci.*

Nem acredito que ele me disse aquilo. Não pode dizer uma coisa destas e depois ir-se simplesmente embora. Vou atrás dele, mas ele já vai a meio caminho da sua mesa. Entro no campo de visão do Jason e ele sorri quando me vê, levantando-se. Tento recompor-me, mas é difícil ao ver o Graham inclinar-se e dar um beijo ao de leve

na cabeça da mulher com quem está, antes de retomar o lugar à sua frente.

Estará ele a tentar fazer-me ciúmes? Se estiver, não está a resultar. Não tenho tempo para homens frustrantes. Mal tenho tempo para homens entediados como o Jason.

O Jason deu a volta à mesa para me puxar a cadeira. Antes de me sentar, o Graham olha para mim mais uma vez. Juro que consigo ver resquícios do seu sorriso malicioso. Não sei porque desço ao seu nível, mas inclino-me e dou um beijo na boca ao Jason.

Depois, sento-me.

Tenho a vista totalmente desimpedida quando o Jason dá a volta à mesa para se voltar a sentar. O Graham já não está a sorrir.

Mas eu estou.

— Estou pronta para sair daqui — digo.

Capítulo Oito

Agora

Eu e a Ava falávamos ao telefone quase todos os dias quando ela vivia no Connecticut, mas agora que ela se mudou para o outro lado do mundo, parece que falamos ainda mais. Por vezes, duas vezes por dia, mesmo com a diferença do fuso horário.

— Tenho de te contar uma coisa.

Há trepidação na sua voz. Fecho a porta de casa e pouso as coisas na bancada da cozinha.

— Estás bem? — Liberto-me da mala, retiro o telemóvel que segurava entre o ombro e a orelha e passo a segurá-lo com a mão.

— Sim — responde. — Estou ótima. Não se passa nada de mal.

— Bem, o que é? Estás a assustar-me, por isso é obviamente uma má notícia.

— Não é. É... na verdade, uma boa notícia.

Afundo-me no sofá da sala. Se é uma boa notícia, porque me parece ela tão infeliz?

E, então, acende-se uma luz. Ela nem sequer tem de o dizer.

— Estás grávida? — Surge uma pausa. Está tudo tão silencioso do lado dela que olho para o meu telemóvel para me assegurar de que a chamada não caiu. — Ava?

— Estou grávida — confirma.

Agora, *sou eu* a silenciosa. Levo a mão ao peito, sentindo o bater

acelerado do meu coração. Por momentos, receei o pior. Mas agora que sei que ela não está a morrer, não consigo deixar de pensar na razão pela qual ela não me parece estar feliz.

— Estás bem?

— Sim — responde. — É claro que é inesperado. Especialmente descobrir pouco depois de me ter mudado para aqui. Mas tivemos uns dias para processar a ideia. Estamos entusiasmados.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas, mas não sei bem porque é que me apetece chorar. Isto é bom. Ela está entusiasmada.

— Ava — sussurro. — Isso é... Uau!

— Eu sei. Vais ser tia. Quero dizer, eu sei que já és, devido aos filhos da irmã do Graham, mas nunca pensei que fosses tia de um filho meu.

Forço um sorriso, mas apercebo-me de que não chega, por isso forço uma gargalhada.

— A tua mãe vai ser avó.

— Essa é a parte mais engraçada — diz. — Ela não soube como reagir à notícia. Ou está a afogar-se em martínis ou saiu para comprar roupa para bebés.

Engulo a inveja imediata que sinto ao perceber que a minha mãe soube antes de mim.

— Tu... já lhe contaste?

A Ava solta um suspiro cheio de arrependimento.

— Ontem. Era para te dizer primeiro, mas.... Quis o conselho da mãe. Sobre como te contar.

Encosto a cabeça ao sofá. Ela tinha medo de me dizer? Será que pensa que sou instável?

— Achas que ia sentir inveja de ti?

— Não — responde, de imediato. — Não sei, Quinn. Achei que te ias sentir triste, talvez? Desiludida?

Cai mais uma lágrima, mas desta vez não é de alegria. Limpo-a rapidamente.

— Conheces-me melhor do que isso. — Levanto-me para me acalmar, apesar de ela não me conseguir ver. — Tenho de ir. Parabéns.

— Quinn.

Termino a chamada e olho fixamente para o telemóvel. Como poderia a minha própria irmã pensar que eu não ficaria feliz por ela? Ela é a minha melhor amiga. Fico feliz por ela e pelo Reid. Nunca senti ressentimentos por ela conseguir ter filhos. A única coisa pela qual tenho rancor é por ela ter concebido tão facilmente por *acidente*.

Oh, Deus. Sou uma pessoa horrível.

Independentemente do quanto tente negá-lo, sinto ressentimento. *E* desliguei-lhe o telefone. Este deveria ser um dos melhores momentos da sua vida, mas ela gosta demasiado de mim para se sentir plenamente entusiasmada. E eu estou a ser demasiado egoísta para o permitir.

Telefono-lhe de imediato.

— Desculpa — digo-lhe, mal ela atende.

— Não há problema.

— Há, sim. Tens razão. Sinto-me grata por estares a tentar ser sensível ao que eu e o Graham temos passado, mas, a sério, Ava. Estou tão feliz por ti e pelo Reid. E estou muito entusiasmada por voltar a ser tia.

Conseguo ouvir o alívio na sua voz quando diz:

— Obrigada, Quinn.

— Mas há mais uma coisa.

— O quê?

— Contaste à tua *mãe* primeiro? Nunca to perdoarei.

A Ava ri-se.

— Arrependi-me assim que o fiz. Ela chegou mesmo a dizer: *Mas vais criá-lo na Europa? Vai ter sotaque!*

— Oh, Deus nos ajude.

Rimo-nos as duas.

— Tenho de dar um nome a um ser *humano*, Quinn. Espero que me ajudes, porque eu e o Reid jamais concordaremos quanto ao nome.

Conversámos durante mais um pouco. Fiz-lhe as perguntas habituais. Como descobriu. *Consulta de rotina*. Qual a data do parto. *Abril*. Quando irão descobrir o sexo do bebé. *Querem que seja surpresa*.

Quando a conversa termina, a Ava diz:

— Antes de desligares... — Faz uma pausa. — A última agência de adoção a que te candidataste já te respondeu?

Levanto-me para me dirigir à cozinha. De repente, sinto sede.

— Já — respondo-lhe. Tiro uma água do frigorífico, retiro a tampa e levo-a à boca.

— Isso não me soa bem.

— É o que é. Não posso mudar o passado do Graham, e ele não consegue mudar o meu presente. Não vale a pena pensar nisso.

Por um momento, faz-se silêncio do lado da Ava.

— Então e se conseguires encontrar um bebé através de adoção

privada?

— Com que dinheiro?

— Pede dinheiro à tua mãe.

— Isto não é uma mala, Ava. Não vou deixar que a tua mãe me compre um ser humano. Ficaria em dívida para com ela eternamente. — Olho para a porta quando o Graham entra na sala de estar. — Tenho de ir. Gosto muito de ti. Parabéns.

— Obrigada — responde ela. — Também gosto muito de ti.

Desligo a chamada assim que os lábios do Graham me tocam no rosto.

— Era a Ava? — Estende uma mão para a minha água e dá um gole.

Assinto.

— Sim. Está grávida.

Ele quase se engasga. Limpa a boca e ri-se um pouco.

— A sério? Pensei que não quisesses ter filhos.

Encolho os ombros.

— Parece que estavam enganados.

O Graham sorri e eu adoro ver que ele está genuinamente feliz por eles. O que odeio, contudo, é que o seu sorriso esmoreça e a preocupação lhe tome conta do olhar. Ele não o diz, mas não tem de o dizer. Eu vejo a preocupação. Não quero que ele me pergunte como me sinto, por isso, sorrio ainda mais e tento convencê-lo de que estou perfeitamente bem.

Porque estou. Ou estarei. Assim que tudo assentar.

O Graham fez esparguete à carbonara. Insistiu em cozinhar esta noite. Normalmente, gosto quando ele cozinha, mas tenho a sensação de que só insisti em fazê-lo porque está com medo de que eu tenha uma reação negativa ao facto de a minha irmã ter engravidado por acidente e eu não, após seis anos a tentar com afinco.

— Já tiveste resposta da agência de adoção?

Levanto o olhar do prato e olho fixamente para a boca do Graham. Para a boca que acabou de fazer aquela pergunta. Aperto o garfo e volto a olhar para o prato.

Passámos um mês sem falar sobre os nossos problemas de infertilidade. Ou sobre o facto de nenhum de nós ter tido a iniciativa desde a noite em que ele dormiu no quarto de hóspedes. Eu tinha a esperança de que pudéssemos continuar assim *mais um* mês.

Aceno com a cabeça.

— Sim. Telefonaram na semana passada.

Vejo-o engolir em seco enquanto desvia o olhar de mim e desliza o seu garfo aleatoriamente pelo prato.

— Porque é que não me disseste?

— Estou a dizer-te agora.

— Só porque perguntei.

Não volto a responder-lhe. Ele tem razão. Devia ter-lhe dito quando recebi a chamada na semana passada, mas magoa-me. Não gosto de falar sobre coisas que magoam. E, ultimamente, tudo me magoa. E é por isso que já pouco falo.

No entanto, também não lhe disse porque sei quão culpado ele ainda se sente devido àquele acidente. O incidente responsável pela nossa terceira recusa por parte de uma agência de adoção.

— Desculpa — diz-me.

O seu pedido de desculpas gera-me uma dor no peito porque sei que ele não está a pedir desculpa pela nossa discussão impertinente. Está a pedir desculpa porque sabe que fomos recusados devido à sua condenação no passado.

Tudo aconteceu quando ele tinha apenas 19 anos. Ele não fala muito sobre isso. Quase nunca. Não teve culpa no acidente, mas como tinha álcool no sangue, não importa. A acusação permanece no seu cadastro e deixar-nos-á para sempre de fora, enquanto casais *sem* cadastro são aprovados no nosso lugar.

Mas foi algo que aconteceu há anos. Não é nada que se possa alterar, e ele tem sido suficientemente castigado pelo que aconteceu quando era apenas um adolescente. A última coisa de que necessita é que a sua própria mulher também o culpe.

— Não peças desculpa, Graham. Se pedes desculpa por não seres aprovado para a adoção, então eu terei de pedir desculpa por não conseguir engravidar. As coisas são como são.

Por momentos, os seus olhos cruzam-se com os meus e vejo neles um brilho de gratidão.

Ele passa o dedo pela beira do copo.

— A dificuldade que estamos a ter em adotar é o resultado direto de uma má decisão que tomei. Tu não podes controlar o facto de não conseguires engravidar. Essa é a diferença.

Eu e o Graham não somos o exemplo perfeito de um casamento, mas somos um exemplo perfeito no que diz respeito a saber quando e onde a culpa deve ser atribuída. Ele nunca me faz sentir culpada por não conseguir engravidar e eu nunca quis que ele se sentisse

culpado por uma escolha pela qual já se sente excessivamente culpado.

— Poderá haver uma diferença, mas não é muito grande. Vamos esquecer o assunto. — Estou cansada desta conversa. Já a tivemos tantas vezes e não altera nada. Dou mais uma garfada, enquanto penso num modo de podermos mudar de assunto, mas ele prossegue.

— E se... — Agora, inclina-se para a frente, empurrando o prato para o centro da mesa. — E se tu te candidatasses para adoção sozinha? Se me deixasses de fora?

Olho fixamente para ele a pensar em tudo o que aquela questão implica.

— Não posso. Somos legalmente casados. — Ele não reage. O que significa que sabia exatamente o que estava a sugerir. Recosto-me na cadeira e observo-o com cautela. — Queres que nos divorciemos para que me possa candidatar sozinha?

O Graham estende o braço e cobre a minha mão com a dele.

— Não significaria nada, Quinn. Ainda estaríamos juntos. Mas poderia melhorar as nossas hipóteses se nós... tu sabes... fingíssemos que eu não faço parte da equação. Assim, a minha condenação passada não afetaria as nossas hipóteses.

Considero a sua ideia por um momento, mas é tão absurda como o facto de estarmos a tentar engravidar. Quem aprovaria uma mulher divorciada sozinha para adotar uma criança, em detrimento de um casal estável e casado, com mais rendimento e mais oportunidades? Ser aprovada por uma agência não é um processo fácil, por isso, ser selecionada e conseguir que a mãe biológica avance com a adoção são processos ainda mais difíceis. Já para

não falar nas taxas. O Graham aufere duas vezes mais do que eu, e ainda assim é possível que não consigamos pagar, mesmo que eu, de algum modo, fosse aprovada para o processo de adoção.

— Não temos dinheiro suficiente. — Espero que esse seja o fim da conversa, mas consigo ver pela sua expressão que ele tem outra sugestão. Também consigo adivinhar, pelo facto de dizer abertamente o que está a pensar, que deve incluir a minha mãe. Abano imediatamente a cabeça e pego no prato. Levanto-me. — Não lhe vamos pedir. Da última vez que falei com ela sobre adoção, ela disse-me que Deus me daria uma criança quando eu estivesse preparada. E tal como eu disse à Ava hoje, a última coisa de que precisamos é que ela sinta que é dona de parte da nossa família. — Levo o prato para o lava-louça. O Graham desliza a cadeira para trás e levanta-se.

— Era apenas uma ideia — afirma, seguindo-me até à cozinha. — Sabes, há um tipo no meu emprego que me contou que a irmã dele tentou engravidar durante sete anos. Descobriu há três meses que vai ter um bebé. Em janeiro.

Sim, Graham. Chama-se a isso um milagre. E chama-se um milagre porque as hipóteses de isso acontecer são praticamente nulas.

Abro a torneira e lavo o meu prato.

— Falaste sobre isto com pessoas lá na empresa?

Agora, o Graham está ao meu lado, a colocar o prato dele no lava-louça.

— Às vezes falo — responde rapidamente. — As pessoas perguntam porque é que não temos filhos. — Consigo sentir a pressão a aumentar no peito. Tenho de acabar com esta conversa.

Quero que o Graham pare também, mas ele inclina-se na bancada para olhar para o meu rosto. — Ei. — Olho para ele de lado, dando-lhe a saber que estou a ouvir, mas depois volto a atentar na louça. — Já quase não falamos, Quinn. Não sei se isso é bom ou mau.

— Não é bom nem é mau. Só que estou cansada de falar sobre isto. O nosso casamento parece resumir-se a isto.

— Isso significa que estás a aceitá-lo?

— A aceitar o quê? — Continuo sem olhar para ele.

— Que nunca seremos pais.

O prato que tenho nas mãos escorrega. Aterra no fundo do lava-louça com um estrondo ruidoso.

Mas não se desfaz em cacos como eu.

Nem sequer sei porque acontece. Agarro-me ao lava-louça, a minha cabeça pende entre os ombros e a lágrimas começam a cair-me dos olhos. *Raios*. Por vezes, não consigo mesmo suportar-me.

O Graham espera vários segundos antes de me consolar. Não me envolve com os seus braços. Acho que ele sabe que não quero estar a chorar neste momento e abraçar-me foi algo que aprendeu que não ajuda nestas situações. Não choro à frente dele tantas vezes quanto as que choro sozinha, mas já o fiz vezes suficientes para ele saber que prefiro fazê-lo a sós. Ele passa a mão pelo meu cabelo e beija-me a nuca. Depois, toca-me ao de leve no braço e afasta-me do lava-louça. Pega no prato e acaba de lavar a louça. Eu faço aquilo em que já me tornei exímia — afasto-me, até ter forças suficientes para fingir que esta conversa nunca teve lugar. E ele faz o que de melhor faz. Deixa-me sofrer sozinha porque fiz com que fosse demasiado difícil ele conseguir consolar-me.

Estamos ambos a tornar-nos muito competentes nos nossos

papéis.

Capítulo Nove

Dantes

Estou na minha cama, enrolada com o Jason.

Culpo o Graham por isto.

Jamais teria convidado o Jason para vir a minha casa se não tivesse visto o Graham. No entanto, por uma razão qualquer, vê-lo ali encheu-me de... *sentimentos*. E, depois, vê-lo beijar o rosto da mulher que estava com ele encheu-me de ciúmes. E, depois, vê-lo dar-lhe a mão sobre a mesa enquanto passávamos por eles encheu-me de arrependimento.

Porque é que nunca lhe telefonei?

Devia ter-lhe telefonado.

— Quinn — diz o Jason. Ele estava a beijar-me o pescoço, mas já não está. Está a olhar para mim, com uma expressão cheia de tantas coisas que não quero que ali estejam neste momento. — Tens um preservativo?

Minto e digo-lhe que não.

— Lamento. Não estava a pensar trazer-te até aqui esta noite.

— Não há problema — diz ele, levando novamente a sua boca até ao meu pescoço. — Da próxima vez, virei preparado.

Sinto-me mal. Tenho quase a certeza de que nunca terei sexo com o Jason. Tenho a certeza de que ele não voltará ao meu apartamento depois desta noite. Tenho ainda *mais* certeza de que

estou prestes a pedir-lhe que se vá embora. Não tinha tanta certeza antes do jantar. Mas, depois de me cruzar com o Graham, ganhei consciência de qual seria a sensação de estar com outra pessoa. E o modo como me sinto com o Jason nem se compara ao modo como me sinto quando estou perto do Graham.

O Jason sussurra algo inaudível contra o meu pescoço. Os seus dedos encontraram o caminho por baixo da minha camisola e sobre o meu soutien.

Graças a Deus, tocam à campainha.

Deslizo para fora da cama à pressa.

— Deve ser a minha mãe — digo-lhe, endireitando a roupa. — Espera aqui. Volto já.

O Jason deita-se de costas e observa-me enquanto saio do quarto. Apresso-me a chegar à porta, sabendo exatamente quem espero que seja antes mesmo de a abrir. Ainda assim, arquejo quando espreito pelo óculo.

O Graham encontra-se à minha porta, a olhar para os pés.

Encosto a testa à porta e fecho os olhos.

O que faz ele aqui?

Tento endireitar a saia e o cabelo antes de abrir. Quando, por fim, me encontro frente a frente com ele, fico ainda mais irritada com o modo como me sinto na sua presença. O Graham nem sequer me toca e eu já o sinto por toda a parte. O Jason toca-me por todo o lado e eu não o sinto em parte nenhuma.

— O que... — A palavra que acaba de deixar a minha boca tem, de algum modo, mais ar do que voz. Aclaro a garganta e tento novamente. — O que é que estás aqui a fazer?

O Graham sorri um pouco, levando a mão até à ombreira da

porta. A expressão que traz no rosto e o facto de estar a mascar pastilha elástica são duas das coisas mais sensuais que alguma vez vi de uma só vez.

— Pensei que fosse este o plano.

Estou tão confusa.

— O plano?

Ele ri-se sem entusiasmo. Mas depois inclina a cabeça. Aponta para trás de mim, para o interior do meu apartamento.

— Pensei... — Ele aponta para trás dele, por cima do ombro. — No restaurante. Lançaste-me um olhar... mesmo antes de saíres. Pensei que me estavas a convidar para vir até aqui.

A sua voz é mais alta do que o necessário neste momento. Olho por cima do meu ombro para me assegurar de que o Jason não saiu do quarto. Depois, tento esconder um pouco melhor a minha casa do Graham, deslizando para o outro lado da porta.

— Que *olhar*?

O Graham semicerra um pouco os olhos.

— Não me lançaste um olhar?

Digo que não com a cabeça.

— Não te lancei olhar nenhum. Nem sequer sei que olhar te poderia lançar que dissesse: *Olha, deixa a mulher com quem estás e vem até à minha casa esta noite.*

Os lábios do Graham formam uma linha apertada e, então, o seu olhar baixa com uma ponta de constrangimento. Ergue o olhar, mas a sua cabeça ainda está baixa quando pergunta.

— Ele está aqui? O homem com quem estavas?

Agora, *sou eu* quem se sente constrangida. Assinto. O Graham solta um suspiro e encosta-se à ombreira da porta.

— Uau. Interpretei isto mal.

Quando volta a olhar para mim, reparo que a sua face esquerda está vermelha. Aproximo-me dele e toco-lhe no pescoço.

— O que aconteceu?

Ele sorri e afasta a minha mão. Não a solta. Não quero que o faça.

— Levei uma estalada. Não há problema. Mereci-a.

Foi quando a vi. O contorno de uma mão.

— A mulher com quem estavas?

Ele encolhe um ombro.

— Depois do que aconteceu com a Sasha, prometi ser completamente honesto em todos os aspetos dos meus relacionamentos. A Jess... a mulher com quem saí esta noite... não o considerou uma boa qualidade.

— O que lhe disseste?

— Rompi com ela. Disse-lhe que estava interessado noutra rapariga. E que ia até casa dela para a ver.

— Porque essa outra rapariga, supostamente, te lançou um olhar?

Ele sorri.

— Eu *pensei* que sim... — Ele passa com o polegar sobre a minha mão e solta-a em seguida. — Bem, Quinn. Talvez noutra altura.

O Graham dá um passo para trás e parece arrastar consigo todas as minhas emoções quando se vira para se ir embora.

— Graham — digo, saindo para o corredor. Quando ele dá meia-volta, não sei se me irei arrepender do que estou prestes a dizer,

mas arrepende-me-ei ainda mais se não o disser. — Volta daqui a 15 minutos. Eu livro-me dele.

O Graham lança-me o sorriso de agradecimento perfeito, mas, antes de se ir embora, o seu olhar desliza para lá de mim. Para alguém atrás de mim. Viro-me e vejo o Jason à porta do quarto. Parece estar aborrecido. E com razão.

Abre completamente a porta e avança em direção ao corredor. Passa pelo Graham, empurrando-o com o ombro. O Graham mantém-se em silêncio, a olhar para o chão.

Sinto-me pessimamente, mas, mesmo que não tivesse acontecido assim, eu tê-lo-ia posto fora de casa dentro de minutos. A rejeição é uma treta, independentemente de como se apresenta.

A porta para as escadas bate e nenhum de nós fala enquanto ouvimos os passos do Jason nos degraus. Quando fica tudo em silêncio, o Graham levanta, por fim, a cabeça e olha-me nos olhos.

— Ainda precisas daqueles 15 minutos?

Abano a cabeça.

— Não.

O Graham avança na minha direção quando volto a entrar no apartamento. Seguro-lhe a porta, certa de que ele não sairá daqui tão depressa como da última vez. Uma vez no interior, fecho a porta e viro-me para trás. O Graham está a sorrir, a olhar para a parede ao lado da porta. Sigo o seu olhar até à nota adesiva que ele deixou há seis meses.

— Ainda aqui está.

Sorriso timidamente.

— Acabaria por te telefonar. Eventualmente.

O Graham retira a nota e dobra-a ao meio, guardando-a no bolso.

— Não vais precisar disto depois desta noite. Vou assegurar-me de que terás o meu número memorizado antes de eu sair daqui amanhã.

— Estás assim tão confiante de que passas cá a noite?

O Graham dá um passo confiante na minha direção. Põe uma mão na porta ao lado da minha cabeça, obrigando-me a encostar as costas à porta. E é nesse momento que tomo consciência do motivo de o achar tão atraente.

Deve-se ao facto de ele *me* fazer sentir atraente. O modo como ele me olha. O modo como ele me fala. Acho que nunca ninguém alguma vez me fez sentir tão bonita como ele quando olha para mim. Como se estivesse a dar tudo de si para manter a sua boca longe da minha. O seu olhar recai sobre os meus lábios. Inclina-se tanto que consigo cheirar o sabor da pastilha elástica que masca. *Hortelã*.

Quero que ele me beije. Quero que ele me beije ainda mais do que queria que o Jason *parasse* de me beijar. E queria muito. Mas sinto que o que quer que seja que está prestes a começar entre mim e o Graham tem de ser iniciado com uma transparência absoluta.

— Eu beijei o Jason. Há pouco. Antes de chegares aqui.

O meu comentário não parece desanimá-lo.

— Calculei que sim.

Assento a mão no seu peito.

— Eu só... Também te quero beijar. Mas é estranho, porque acabei de beijar outra pessoa. Gostava de escovar os dentes primeiro.

O Graham ri-se. *Adoro o seu riso*. Ele inclina-se e pressiona a sua testa contra a parte lateral da minha cabeça, fazendo com que os

meus joelhos paralistem. Os seus lábios estão mesmo sobre o meu ouvido quando sussurra.

— Despacha-te. Por favor.

Contorno-o e precipito-me para a casa de banho. Abro a gaveta e pego na escova e na pasta de dentes como se estivesse a correr contra o tempo. Tenho as mãos trémulas quando aperto o tubo da pasta para a escova. Abro a torneira e começo a escovar os dentes furiosamente. Estou a escovar a língua quando olho para o espelho e vejo o Graham a entrar na casa de banho atrás de mim. Rio-me perante o ridículo da situação.

Não beijei um homem durante seis meses. Agora estou a lavar os germes de um homem enquanto o seguinte aguarda na fila de espera.

O Graham parece estar a divertir-se com o ridículo deste momento tanto quanto eu. Inclina-se na bancada ao meu lado, observando-me a cuspir a pasta de dentes para o lavatório. Passo a escova de dentes por água e ponho-a de lado, pegando num copo vazio. Encho-o de água e dou um gole, bochechando até ter a certeza de que fico com a boca tão limpa quanto possível. Cuspo a água e dou outro gole. Desta vez engulo a água, porque o Graham me tira o copo e pousa-o junto do lavatório. Retira a pastilha elástica da boca, lança-a para o caixote do lixo. Em seguida, aconchega-me a cabeça com a mão e nem sequer me pergunta se já estou pronta. Leva a sua boca à minha, confiante e ansioso, como se os últimos 60 segundos de preparação tivessem sido pura tortura. No momento em que os nossos lábios se tocam, é como se uma brasa que estivera a arder em fogo lento durante seis longos meses finalmente irrompesse em chamas.

Nem sequer perde tempo com um beijo inicial, lento. A sua língua está na minha boca como se ele tivesse estado ali muitas vezes antes e soubesse exatamente o que fazer. Ele vira-me de costas para o lavatório e depois levanta-me, pousando-me na bancada. Então posiciona-se entre as minhas pernas, agarrando-me nas ancas para me puxar para si. Enrolo os braços à sua volta, cruzo as pernas em seu redor. Tento convencer-me de que não passei toda a minha vida sem saber que este tipo de beijo existia.

O modo como os seus lábios se mexem contra os meus faz-me questionar as habilidades de cada homem que beijei antes dele.

Ele começa a aliviar a pressão e dou por mim a puxá-lo de novo, desejando que não pare. Mas ele para. Lentamente. Dá-me um beijo ao de leve no canto da boca antes de se afastar.

— Uau — sussurro. Abro os olhos e ele está a olhar fixamente para mim. Mas não olha para mim com admiração, como eu o olho a ele. Tem um ar abatido estampado no rosto.

Abana a cabeça devagar, com os olhos a semicerrarem-se.

— Não acredito que não me tenhas ligado. Já podíamos estar a beijar-nos assim há meses.

O seu comentário confunde-me. De tal modo que tropeço nas palavras quando tento responder.

— Eu apenas... Acho que pensei que estar contigo me faria lembrar demasiado o Ethan. Tudo o que aconteceu naquela noite.

Ele acena com a cabeça como se compreendesse.

— Quantas vezes pensaste no Ethan desde que me viste no restaurante esta noite?

— Uma vez — respondo. — Agora mesmo.

— Ainda bem. Porque eu não sou o Ethan. — Ele levanta-me,

levando-me até à cama. Pousa-me e afasta-se, despindo a camisa. Acho que nunca toquei numa pele assim tão suave e firme e bonita e bronzeada. O Graham sem camisa roça a perfeição.

— Gosto do teu... — Aponto para o peito e faço um movimento circular com o dedo. — Do teu corpo. É muito agradável.

Ele ri-se, pousando um joelho no colchão. Deita-se ao meu lado.

— Obrigado. Mas não podes ter este corpo neste momento. — Ajusta a almofada por baixo da cabeça, para ficar mais confortável. Eu apoio-me no cotovelo e franzo-lhe o sobrolho.

— Porque não?

— Qual é a pressa? Vou estar aqui toda a noite.

Só pode estar a brincar. Sobretudo depois daquele beijo.

— E o que é que fazemos enquanto esperamos? *Conversamos?*

Ele ri-se.

— Pelos vistos, na tua opinião, conversar comigo é a pior ideia do mundo.

— Se conversarmos demasiado antes de termos sexo, poderei descobrir coisas de que não gosto sobre ti. Depois o sexo não será tão divertido.

Ele estende a mão e aconchega o meu cabelo por trás da orelha com um sorriso.

— Ou... poderás descobrir que somos almas gémeas e o sexo será alucinante.

Ele tem razão.

Cruzo os braços sobre a almofada e deito a cabeça sobre eles ao mesmo tempo que me viro de barriga para baixo.

— É melhor falarmos, então. Começa tu.

O Graham passa a mão pelo meu braço. Traça o contorno da

cicatriz que tenho no cotovelo.

— Como é que fizeste esta cicatriz?

— Eu e a minha irmã mais velha estávamos a fazer uma corrida pela casa quando eu tinha 14 anos. Não reparei que a porta de correr de vidro estava fechada e atravessei-a. Parti o vidro e cortei-me em dez sítios. Apesar de tudo, essa é a única cicatriz.

— Bolas.

— Tens alguma cicatriz?

O Graham ergue-se ligeiramente e aponta para um ponto na clavícula. Tem uma cicatriz com cerca de dez centímetros que parece ter sido provocada por um ferimento mesmo muito mau.

— Acidente de viação. — Aproxima-se mais de mim e envolve as minhas pernas com a dele. — Qual é o teu filme preferido?

— Qualquer coisa dos irmãos Coen. O meu preferido é *Irmão, Onde Estás?*

Ele olha para mim como se não fizesse a mínima ideia do que estou a falar. Mas depois diz:

— Pensámos... que fosses... um sapo.

Rio-me.

— Bolas! Estamos numa situação difícil!

— Jesus Salva, George Nelson retira-se! — Agora estamos os dois a rir. O meu riso termina com um suspiro, o do Graham de um modo carinhoso. — Vês? Gostamos do mesmo filme. O nosso sexo vai ser fantástico.

Solto uma gargalhada.

— Próxima pergunta.

— Diz-me uma coisa que odeies.

— Infidelidade e a maioria dos legumes.

O Graham ri-se.

— Vives de *nuggets* de frango e batatas fritas?

— Adoro fruta. E tomate. Mas não sou grande adepta de qualquer coisa que seja verde. Tentei gostar de legumes, mas, por fim, no ano passado, decidi aceitar que os detesto e tento incutir valores nutricionais na minha dieta de outra maneira.

— Gostas de fazer exercício?

— Apenas em casos de emergência — admito. — Gosto de fazer coisas ao ar livre, mas não se se tornarem um exercício de rotina.

— Eu gosto de correr — diz ele. — Ajuda-me a espairecer. E adoro todos os legumes *menos* o tomate.

— Oh-oh. Não está com boa cara, Graham.

— Não, é perfeito. Tu comes o tomate do meu prato, eu como todos os outros legumes do teu prato. Não se estraga nada. É uma combinação perfeita.

Gosto do modo como ele olha para a questão.

— Que mais? Filmes e comida são apenas o começo.

— Podemos falar sobre política e religião, mas talvez seja uma boa ideia deixarmos esses dois temas para depois de estarmos apaixonados.

Ele fala com extrema confiança, mas também como se estivesse a brincar. De qualquer modo, concordo que devemos evitar política e religião. São temas que levam a discussões até mesmo quando as pessoas estão de acordo.

— Perfeitamente de acordo em não tocar nesses dois temas.

O Graham pega no meu pulso e puxa-o de debaixo da minha cabeça. Entrelaça os dedos nos meus e pousa as nossas mãos

entre nós. Eu tento não me concentrar demasiado em quão querido me parece o gesto.

— Qual é o teu feriado preferido? — pergunta.

— Todos. Mas tenho uma queda pelo Halloween.

— Não é o que esperava que dissesse. Gostas desse feriado pelas máscaras ou pelos doces?

— Ambos, mas mais pelas máscaras. Gosto de me mascarar.

— Qual foi o melhor disfarce que alguma vez vestiste?

Penso nisso durante um momento.

— É capaz de ter sido quando eu e as minhas amigas nos vestimos de Milli Vanilli. Duas de nós ficávamos a conversar durante a noite toda, enquanto as outras duas se mantinham à nossa frente e sussurravam tudo o que dizíamos.

O Graham virou-se, ficando de barriga para cima a rir-se.

— Isso é mesmo espetacular — afirma, olhando fixamente para o teto.

— Tu mascaraste no Halloween?

— Não me oponho a isso, mas nunca me mascarei com a Sasha porque ela vestia sempre algo típico e maroto. Uma chefe de claque marota. Uma enfermeira marota. Uma púdica marota. — Faz uma pausa por um segundo. — Não me entendas mal, adoro um fato maroto. Não há nada de errado quando uma mulher mostra aquilo que tem de bom, se é isso que deseja fazer. Mas a Sasha nunca me pediu verdadeiramente para me mascarar. Acho que queria toda a atenção só para ela, e não queria fazer aquela coisa de máscaras de casal a condizer.

— Isso é uma treta. Tanta oportunidade perdida.

— Não é? Eu podia ter-me mascarado de capitão de equipa

maroto.

— Bem, se ainda nos falarmos quando chegar a época do Halloween, podemos vestir disfarces marotos a condizer.

— *Se ainda* nos falarmos? Quinn, ainda faltam mais de dois meses para o Halloween. Já estaremos praticamente a viver juntos por essa altura.

Reviro os olhos.

— Estás demasiado confiante.

— Pode dizer-se que sim.

— A maioria dos homens insiste no sexo imediatamente. Mas tu recusaste-me numa noite e apareceste seis meses depois só para me rejeitares novamente e me obrigares a conversar. Não sei se não devo ficar preocupada.

O Graham ergue o sobrolho.

— Não me confundas com alguma coisa que não sou. Normalmente sou a favor do sexo primeiro, mas tu e eu temos uma eternidade para o fazer.

Não consigo perceber se ele está a brincar, devido ao ar sério que tenta manter. Chego-me para cima na minha almofada e ergo o sobrolho.

— Com o sexo posso concordar. Mas compromisso eterno já é esticar a corda.

O Graham desliza um braço por baixo de mim e puxa-me contra ele de tal modo que a minha cabeça está agora pousada no seu peito.

— Como queiras, Quinn. Se quiseres andar a fingir durante mais alguns meses que não somos almas gémeas, por mim, tudo bem. Sou um grande ator.

Rio-me do seu sarcasmo.

— As almas gémeas não existem.

— Eu sei — diz ele. — Nós não somos almas gémeas. Falar de almas gémeas é ridículo.

— Estou a falar a sério.

— Eu também. Absolutamente a sério.

— És um idiota.

Ele beija-me o topo da cabeça.

— Que dia é hoje?

Donde é que veio isto agora? Levanto a cabeça e olho para ele.

— É dia 8 de agosto. Porquê?

— Só não quero que esqueças a data em que o Universo nos juntou.

Volto a deitar a cabeça sobre o seu peito.

— Estás a ser demasiado insistente. Provavelmente, vais fazer com que eu fuja assustada.

O seu peito mexe-se com o riso silencioso.

— Não, não vou. Vais ver. Daqui a dez anos, no dia 8 de agosto, vou virar-me na nossa cama à meia-noite e sussurrar-te ao ouvido: «Eu bem te disse.»

— És assim tão mesquinho?

— O mais possível.

Rio-me. Rio-me muito enquanto conversamos. Não sei quanto tempo ficámos na mesma posição a conversar, mas ainda tenho um milhão de perguntas quando começo a bocejar. Luto contra isso porque conversar com ele é, de algum modo, ainda mais relaxante do que dormir, e eu quero fazer-lhe perguntas a noite toda.

Por fim, o Graham vai à cozinha buscar um copo de água.

Quando regressa ao quarto, apaga a luz do candeeiro e vem para a cama, aninhar-se atrás de mim, a fazer conchinha. Não é, sinceramente, o que esperava que acontecesse esta noite. Especialmente tendo em conta o modo como me abordou no restaurante e apareceu em seguida à minha porta. Pensei que ele tivesse apenas uma coisa em mente.

Não podia estar mais enganada.

Enrolo os meus braços sobre os dele e fecho os olhos.

— Pensei que estivesses a brincar acerca do sexo — sussurro.

Sinto-o a rir-se.

— Manter a braguilha fechada não é tão fácil como faço parecer.

— Encosta-se mais ao meu rabo para me dar a conhecer a seriedade com que fala. Consigo senti-lo hirto contra as calças de ganga.

— Isso deve ser doloroso — provoco. — Tens a certeza de que não queres mudar de ideias?

Ele aperta-me mais, dando-me um beijo junto à orelha.

— Nunca estive mais confortável.

As suas palavras fazem-me corar na escuridão, mas não lhe respondo. Não tenho uma resposta suficientemente boa. Fico em silêncio durante vários minutos enquanto ouço a sua respiração abrandar até atingir um padrão tranquilo. Mesmo antes de eu adormecer, o Graham sussurra ao meu ouvido.

— Pensei que me irias fugir por entre os dedos.

Sorrio.

— Ainda posso fugir.

— Não fujas.

Eu tento dizer «Não vou fugir», mas ele desliza a mão entre o

meu rosto e a almofada e vira-me a cabeça até a sua boca chegar à minha. Beijamo-nos na medida certa. Não é um beijo nem demasiado curto, nem demasiado longo que leve a outra coisa. É o beijo perfeito para o momento perfeito.

Capítulo Dez

Agora

— Mais dois batons — diz a Gwenn. Ela desliza o tubo de batom vermelho-vivo sobre o meu lábio superior tão fora dos limites que o sinto tocar-me no nariz.

— Tens mesmo muito jeito para isto — elogio, com um riso.

Estamos na casa dos pais do Graham, a jantar com a família dele. O Graham está no chão a brincar com a filha de 5 anos da sua irmã Caroline, a Adeline. A de 3 anos, a Gwenn, está no sofá ao meu lado, a maquilhar-me. Os pais do Graham estão na cozinha, a cozinhar.

É deste modo que passamos a maior parte dos nossos domingos. Sempre gostei dos domingos passados aqui em casa, mas ultimamente transformaram-se nos meus dias preferidos do mês. Não sei por que razão as coisas aqui são mais fáceis, rodeada pela família do Graham, mas são. É mais fácil rir-me. É mais fácil parecer feliz. É até mais fácil deixar o Graham amar-me.

Reparei que existe uma diferença entre o modo como me comporto com o Graham em público e em casa. Em casa, quando somos apenas nós os dois, fico mais retraída. Evito o seu toque e o seu beijo porque, no passado, essas coisas sempre levaram ao sexo. E agora que tenho tanto pavor ao sexo, receio também todas as situações que possam levar até ele.

Porém, quando nos encontramos num cenário destes, quando o seu afeto não tem segundas intenções, anseio por ele. Gosto que ele deslize as mãos por mim. Que me beije. Adoro aconchegar-me a ele no sofá. Não sei se ele repara na diferença entre o meu comportamento na nossa casa e noutros locais. Se repara, nunca o deixou transparecer.

— Acabei — diz a Gwenn. Tem dificuldades em colocar a tampa no batom que acabou de aplicar na minha boca. Retiro-lho das mãos e ajudo-a a fechá-lo.

O Graham olha para mim.

— Caramba, Quinn. Isso é... sim.

Sorrio para a Gwenn.

— Puseste-me bonita?

Ela começa a dar risinhos.

Dirijo-me à casa de banho e rio-me quando me vejo ao espelho. Estou convencida de que a sombra de olhos azul só existe para este propósito. Para que as crianças de 3 anos possam pintar os adultos.

Estou a lavar o rosto quando o Graham entra na casa de banho. Ele olha para mim ao espelho e faz uma careta.

— O que é? Não gostas?

Beija-me no ombro.

— Estás bonita, Quinn. Sempre.

Acabo de retirar a maquilhagem, mas os lábios do Graham não deixam o meu ombro. Ele segue um suave rasto de beijos até ao meu pescoço. Sabendo que este beijo não leva a *sexoesperançadesolação* faz-me gostar ainda mais do que se isto estivesse a acontecer na casa de banho da nossa casa.

É tão confuso, eu sei. Não compreendo como as suas ações

podem provocar diferentes respostas em mim dependendo do cenário. Mas, neste preciso momento, não o vou questionar, porque ele não parece questioná-lo. Ele parece estar a gostar.

Permaneço atrás de mim, pressionando-me contra o lavatório enquanto as suas mãos percorrem a minha anca e deslizam para a frente da minha coxa. Agarro-me ao lavatório e vejo-o no espelho. Ele ergue o olhar e olha fixamente para o meu reflexo enquanto agarra a frente do meu vestido, puxando-o para cima na parte da frente das minhas coxas.

Já passou mais de um mês e meio desde que ele tomou a iniciativa de termos sexo. O período mais longo de sempre. Tendo em conta o modo como as coisas terminaram da última vez, sei que ele está à espera de que seja eu a tomar a iniciativa. Mas não o fiz.

Já passou tanto tempo desde a última vez que ele me tocou, que as minhas reações parecem ter-se intensificado.

Fecho os olhos quando a sua mão desliza para o interior das minhas cuecas. Estou coberta de calafrios da cabeça aos pés, e saber que isto não pode ir longe demais faz-me querê-lo e à sua boca e às suas mãos por todo o meu corpo.

A porta está aberta, pelo que alguém pode aproximar-se pelo corredor a qualquer momento, mas isso apenas serve para me lembrar de que este momento escaldante irá terminar a qualquer instante. E é por esse motivo que a minha mente me permite gostar assim tanto.

Ele desliza um dedo para dentro de mim e roça o polegar mesmo no meu centro, e foi o máximo que senti do seu toque em mais de um ano. A minha cabeça descai para trás contra o seu ombro e ele inclina a minha boca na direção da dele. Eu gemo no instante em

que os seus lábios cobrem os meus. Ele beija-me de maneira ávida e impaciente, como se estivesse desesperado por retirar o máximo possível deste momento antes de eu o afastar.

Beija-me com urgência ao mesmo tempo que me toca. Beija-me até eu atingir o clímax, e, mesmo enquanto gemo e tremo nos seus braços, não deixa de me beijar e de me tocar até o momento passar por completo.

Retira lentamente a mão das minhas cuecas e mergulha a língua na minha boca uma última vez, antes de a retirar. Agarro o lavatório à minha frente, respirando pesadamente. Então, ele beija-me o ombro e sai da casa de banho, sorrindo como se tivesse acabado de conquistar o mundo.

Demoro vários minutos para me recompor. Antes de voltar para a sala de estar, asseguro-me de que o meu rosto já não está corado. O Graham está deitado no sofá, a ver televisão. Ele arranja espaço para mim e puxa-me contra si. De vez em quando, dá-me um beijo ou eu dou-lhe um beijo e a sensação é a de outrora. E finjo que tudo está bem. Finjo que todos os outros dias da semana são como os domingos na casa dos pais do Graham. É como se tudo o resto caísse por terra quando estamos aqui e sou só eu e o Graham sem um único vestígio de fracasso.

Depois do jantar, eu e o Graham oferecemo-nos para lavar a louça. Ele liga o rádio e vamos os dois para o lava-louça. Eu lavo e ele passa por água. Ele fala sobre o trabalho e eu ouço. Quando começa a tocar uma música do Ed Sheeran, as minhas mãos estão cobertas de espuma de detergente, mas, mesmo assim, o Graham puxa-me para si e começa a dançar comigo. Agarramo-nos um ao outro e mal nos mexemos enquanto dançamos — os seus braços

em torno da minha cintura e os meus à volta do seu pescoço. A sua testa faz pressão sobre a minha e, apesar de eu saber que ele me observa, mantenho os olhos fechados e finjo que somos perfeitos. Dançamos sozinhos até quase ao fim da música, mas somos apanhados pela Caroline quando entra na cozinha.

Ela está à espera do seu terceiro filho, que deverá nascer dentro de algumas semanas. Segura um prato de papel com uma mão e com a outra apoia a zona lombar. Ela revira os olhos ao ver-nos.

— Nem consigo imaginar como será quando vocês estão sozinhos, se já são tão atrevidos em público. — Lança o prato para o caixote do lixo e regressa à sala de estar. — Provavelmente, são aquele casal irritantemente perfeito que faz amor duas vezes por dia.

Quando a porta da cozinha se fecha, ficamos sozinhos. A canção acabou e o Graham está apenas a olhar para mim. Eu sei que os comentários da irmã o fizeram pensar sobre o meu afeto. Consigo ver que ele me quer perguntar porque gosto tanto do seu toque em público mas me retraio quando estamos só os dois.

Apesar de tudo, não diz nada sobre isso. Passa-me uma toalha para secar as mãos.

— Estás pronta para ir para casa?

Eu anuo, mas também sinto que está a começar. Os nervos acumulam-se no meu estômago. A preocupação com o facto de eu ter sido tão afetuosa com ele em casa da mãe o levar a pensar que quero o seu afeto em casa.

Faz-me sentir a pior esposa do mundo. Não o faço porque não o ame. Mas se conseguisse amá-lo melhor, de alguma maneira, talvez não fizesse isto.

Mesmo sabendo quão injusta sou para com ele, não me impede de lhe mentir a caminho de casa.

— Sinto que estou a ficar com uma enxaqueca — digo, pressionando a testa contra a janela do lado do passageiro.

Quando chegamos a casa, o Graham diz-me para me ir deitar e descansar um pouco. Cinco minutos depois, traz-me um copo de água e uma aspirina. Apaga o meu candeeiro e sai do quarto, e eu choro porque detesto aquilo em que transformei este casamento.

O coração do meu marido é a minha salvação, mas o seu toque físico transformou-se no meu inimigo.

Capítulo Onze

Dantes

Consigo sentir o calor do seu corpo ao meu lado. Gosto do facto de o sol já ter nascido e de ele ainda estar aqui.

Sinto o Graham mexer-se antes de abrir os olhos. A sua mão encontra a minha por baixo da almofada e entrelaça os nossos dedos.

— Bom dia.

Quando abro os olhos, ele está a sorrir. Levanta o seu outro braço e passa o polegar pelo meu rosto.

— O que é que eu perdi enquanto estavas a dormir? Sonhaste?

Acho que é a coisa mais querida que alguém alguma vez me disse. Não sei se isso é bom ou se é mau.

— Tive um sonho um bocadinho estranho. Tu entravas nele.

Ele anima-se, soltando a minha mão e levantando-se para se apoiar no cotovelo.

— Ah, sim? Fala-me dele.

— Tive um sonho em que aparecias aqui vestido da cabeça aos pés com um fato de mergulho. E disseste-me para eu vestir o meu fato de mergulho porque íamos nadar com tubarões. Eu disse-te que tinha medo de tubarões e tu disseste: «Mas, Quinn, estes tubarões são na realidade gatos!» E depois eu disse: «Mas eu tenho

medo do oceano.» E tu respondeste: «Mas, Quinn, este oceano é na realidade um parque.»

O Graham ri-se.

— O que é que aconteceu a seguir?

— Vesti o meu fato de mergulho, claro. Mas não me levaste para um oceano nem para um parque. Levaste-me a conhecer a tua mãe. E eu estava muito envergonhada e muito zangada porque estava com um fato de mergulho vestido à mesa de jantar.

O Graham cai de costas com o riso.

— Quinn, esse foi o melhor sonho na história dos sonhos.

A reação dele faz-me querer contar-lhe todos os sonhos que venha a ter durante o resto da minha vida.

Gosto do facto de ele rebolar e olhar para mim como se não houvesse mais ninguém com quem ele preferisse estar. Inclina-se para a frente e pressiona a sua boca contra a minha. Quero ficar na cama com ele o dia todo, mas ele afasta-se e diz:

— Estou com fome. Tens alguma coisa para comer?

Digo que sim com a cabeça, mas antes de ele conseguir sair da cama, volto a puxá-lo e pressiono os meus lábios contra o seu rosto.

— Gosto de ti, Graham. — Passo por cima dele e dirijo-me à casa de banho.

Ele anuncia:

— É claro que gostas de mim, Quinn! Sou a tua alma gémea!

Rio-me e fecho a porta da casa de banho. E depois apetece-me gritar ao ver a minha figura no espelho. Raios partam! Tenho rímel esborratado por todo o lado. Durante a noite apareceu-me uma borbulha na testa. O meu cabelo está completamente despenteado,

e não num sentido muito sensual ou encantador. Está simplesmente uma miséria. Como se um rato tivesse dormido nele toda a noite.

Gemo e depois grito.

— Vou tomar um duche!

O Graham responde a partir da cozinha.

— Estou à procura de comida!

Duvido que encontre grande coisa. Não tenho muitos alimentos em casa porque raramente cozinho desde que vivo sozinha.

Entro no duche. Não faço a mínima ideia se ele irá ficar depois do pequeno-almoço, mas enquanto tomo banho asseguro-me de prestar uma atenção especial a determinadas zonas só por precaução.

Estava no duche há três minutos quando ouço a porta da casa de banho a abrir.

— Não tens nada para comer.

O som da sua voz na minha casa de banho surpreende-me tanto que quase escorrego e caio. Agarro-me à barra do chuveiro e equilíbrio-me, mas solto-a de imediato e cubro o peito quando vejo a cortina do chuveiro a deslizar.

O Graham espreita para dentro do chuveiro. Olha diretamente para o meu rosto e para mais lado nenhum, mas ainda estou a fazer todos os possíveis para me esconder.

— Não tens absolutamente nada para comer. Bolachas e uma caixa antiga de cereais. — Ele diz isto como se não fosse nada invulgar olhar para mim nua. — Queres que vá buscar o pequeno-almoço?

— Hum... está bem. — Ainda estou com os olhos arregalados, em choque com a sua intrusão confiante.

O Graham sorri, puxando o lábio de baixo com os dentes. Os seus olhos começam lentamente a descer pelo meu corpo.

— Meu Deus, Quinn — sussurra. Fecha a cortina da banheira e acrescenta: — Volto dentro de minutos. — Imediatamente antes de sair da casa de banho, ouço-o murmurar: — Caramba!

Não consigo impedir-me de sorrir. Adoro o modo como aquilo me fez sentir.

Viro-me de frente para o chuveiro, fecho os olhos e deixo a água quente cair sobre o meu rosto. Não consigo perceber o Graham. Tem a quantidade certa de confiança e de atrevimento. Mas ele equilibra isso com o seu lado respeitoso. É divertido e inteligente e é demasiado insistente, mas parece ser tudo genuíno.

Genuíno.

Se eu tivesse de o descrever numa só palavra, seria essa.

Fico surpreendida, porque nunca pensei no Ethan como sendo genuíno. Houve sempre uma parte de mim que sentia que a sua aparente perfeição não passava de dissimulação. Como se lhe tivessem ensinado a dizer todas as coisas certas, sem que isso lhe fosse inato. Era como se tivesse estudado para ser uma versão de si mesmo que apresentava a todos.

Com o Graham, contudo, tenho a sensação de que, ao longo de toda a sua vida, ele sempre foi quem mostra ser.

Pergunto-me se aprenderei a confiar nele. Depois do que passei com o Ethan, senti que isso nunca voltaria a acontecer.

Quando termino o duche, seco-me e visto uma t-shirt e um par de calças de algodão. Não faço a mínima ideia se o Graham tem intenções de passarmos tempo juntos hoje, mas até descobrir isso, ficarei vestida de modo confortável.

Quando regresso ao quarto, pego no telemóvel que se encontra na mesa de cabeceira e reparo em várias mensagens por responder.

Gravei o meu número no teu telemóvel. É o Graham. A tua alma gémea.

O que queres para o pequeno-almoço?

McDonald's? Starbucks? *Donuts*?

Ainda estás no duche?

Gostas de café?

Não consigo deixar de pensar em ti no duche.

Muito bem, então. Levo *bagels*.

Encontro-me no meu quarto a pendurar a roupa lavada quando ouço o Graham entrar no apartamento. Vou até à sala de estar e vejo-o de volta da mesa, a servir o pequeno-almoço. Um imenso pequeno-almoço.

— Não especificaste o que querias, por isso trouxe tudo.

Os meus olhos analisam a caixa de *donuts*, do McDonald's, de Chick-fil-A. Ele até trouxe *bagels*. E Starbucks.

— Estás a tentar replicar a cena do pequeno-almoço de *Um Sonho de Mulher* quando o Richard Gere pede tudo o que constava na ementa? — Sorrio e sento-me à mesa.

Ele franze o sobrolho.

— Estás a dizer que isto já foi feito?

Dou uma dentada num *donut* glacê.

— Pois. Terás de ser mais original se me quiseres impressionar.

Ele senta-se à minha frente e retira a tampa de um copo do Starbucks. Lambe as natas.

— Parece que vou ter de cancelar a limusina branca que contratei

para encostar junto à tua escada de incêndio esta tarde.

Rio-me.

— Obrigada pelo pequeno-almoço.

Ele recosta-se na cadeira, voltando a colocar a tampa no café.

— Quais são os teus planos para hoje?

Encolho os ombros.

— É sábado. Não tenho de trabalhar.

— Nem sequer sei o que fazes.

— Escrevo para uma empresa de publicidade no centro da cidade. Nada de muito impressionante.

— Nada em relação a ti é pouco impressionante, Quinn.

Ignoro o seu elogio.

— E então tu?

— Nada de extraordinário. Sou contabilista de uma empresa no centro da cidade.

— Um tipo dos números, hã?

— A minha primeira escolha foi ser astronauta, mas a ideia de deixar a atmosfera da Terra é um pouco aterradora. Os números não representavam uma ameaça à minha vida, por isso segui esse caminho. — Abre um dos sacos e retira um biscoito. — Acho que devíamos ter sexo esta noite. — Dá uma dentada no biscoito. — Toda a noite — diz, com a boca cheia.

Quase me engasgo com a dentada que acabo de engolir. Aproximo de mim o outro café e dou um gole.

— Ah, achas, é? O que há de tão diferente esta noite em relação à noite anterior?

Ele parte um pedaço do biscoito e lança-o para a boca.

— Estava a ser educado ontem à noite.

— Então a tua educação é apenas uma fachada?

— Não, sou mesmo um tipo decente. Mas também me sinto extremamente atraído por ti e quero ver-te nua outra vez. — Ele sorri-me. Trata-se de um sorriso tímido, mas é tão engraçado que *me* faz sorrir.

— Alguns homens são traídos e tornam-se vingativos. Tu és traído e tornas-te brutalmente honesto.

Ele ri-se, mas não volta a falar na possibilidade do sexo. Comemos ambos em silêncio durante um minuto e depois ele diz.

— O que fizeste ao teu anel de noivado?

— Enviei-o por correio à mãe do Ethan.

— O que fizeste àquele que deixei aqui?

Um sorriso reservado espreita nos meus lábios.

— Guardei-o. Às vezes uso-o. É bonito.

Ele observa-me por um momento, dizendo em seguida:

— Queres saber o que guardei?

Assinto.

— As nossas sinas.

Demoro um momento a compreender do que está a falar.

— Da comida chinesa e da infidelidade?

— Sim.

— Guardaste isso?

— Claro.

— Porquê?

— Porque sim. — Ele olha para o café e desenha pequenos círculos com o copo. — Se visses o que está na parte de trás, não me questionarias.

Recosto-me na cadeira e fito-o com desconfiança. Eu e o Ethan

recebíamos sempre imensos daqueles bolinhos da sorte com as encomendas. Sei exatamente o que se encontra na parte de trás porque sempre me pareceu um bocado estranho. A maioria tem um conjunto de números, mas aquele restaurante coloca apenas um dígito nos versos.

— Na parte de trás desses bolinhos da sorte existe apenas um número.

— Pois. — Ele tem um ar malicioso nos olhos.

Inclino a cabeça.

— O quê? Tinham o mesmo número ou algo assim?

Ele olha-me com um ar sério.

— O número oito.

Não desvio o meu olhar do dele e penso sobre isso durante alguns segundos. Na noite anterior ele perguntou-me qual era o dia e o mês. Dia 8 de agosto.

8/ 8.

O dia em que nos reencontrámos.

— Estás a brincar?

O Graham mantém a sua seriedade por um momento, mas depois relaxa e solta um riso.

— Estou a brincar. O teu tinha um sete e o meu tinha um cinco ou algo assim. — Ele levanta-se e leva o lixo para a cozinha. — Guardei-as porque sou um maníaco das limpezas e não quis sujar o chão do corredor. Esqueci-me de que as tinha no bolso até ter chegado a casa naquela noite.

Pergunto-me o quanto disto é verdade.

— Ainda as tens, a sério?

Ele pisa o pedal do caixote do lixo e a tampa abre-se.

— Claro. — Regressa à mesa e puxa-me da minha cadeira. Desliza os seus braços em torno da minha cintura e beija-me. É um beijo doce com sabor a caramelo e a açúcar. Depois dá-me um beijo no rosto e puxa-me contra o seu peito. — Sabes que estou apenas a brincar contigo, certo? Não estou a falar a sério quando digo que vamos passar o resto das nossas vidas juntos. *Ainda*.

Eu até gosto da sua provocação. Muito. Abro a boca para lhe responder, mas o seu telemóvel toca. Ele levanta um dedo, indicando que vai atender e retira-o do bolso, respondendo imediatamente:

— Olá, linda — diz. Cobre o telemóvel com a mão e sussurra: — É a minha mãe. Não te assustes.

Rio-me e deixo-o com o seu telefonema enquanto me dirijo à mesa para levantar toda a comida que ele trouxe. Não creio que caiba tudo no frigorífico.

— Nada de mais — diz o Graham. — O pai vai jogar golfe hoje? — Observo-o a conversar com a mãe. Fá-lo com tanto à-vontade. Quando eu converso com a minha mãe, fico tensa e nervosíssima e a revirar os olhos durante a maior parte da conversa. — Sim, jantar parece-me bem. Posso levar uma pessoa? — Cobre o telemóvel e olha para mim. — Prepara o teu fato de mergulho, Quinn.

Não sei se me ria com a sua piada ou se comece a entrar em pânico. Ainda nem sequer sei o apelido dele. Não quero conhecer os seus pais. Limito-me a dizer «Não» com muita firmeza.

Ele pisca-me o olho.

— O nome dela é Quinn — diz, respondendo à pergunta da mãe. Ele observa-me enquanto prossegue com a conversa. — Pois, é bastante sério. Já namoramos há uns tempos.

Reviro os olhos face às suas mentiras. Ele é incansável.

— Espera, vou perguntar-lhe. — Desta vez ele não cobre o telemóvel. Na verdade, fala ainda mais alto do que o necessário, uma vez que nos encontramos apenas a alguns metros um do outro.

— Querida! Queres tarte ou torta para a sobremesa?

Aproximo-me dele para que ele ouça a seriedade na minha voz.

— Ainda nem sequer tivemos um *encontro* — sussurro. — Não quero conhecer a tua mãe, Graham.

Ele cobre o telemóvel e aponta para a mesa.

— Acabámos de ter, tipo, cinco encontros — sussurra ele. — Chick-fil-A, McDonald's, *donuts*, Starbucks... — Volta a encostar o telemóvel ao ouvido. — Ela prefere tarte. Vemo-nos por volta das seis? — Faz-se uma pausa. — Muito bem. Também gosto muito de ti.

Termina o telefonema e volta a guardar o telemóvel no bolso. Estou a olhar fixamente para ele, mas não o faço durante muito tempo porque ele vem ter comigo e faz-me cócegas até eu me rir. Depois, volta a puxar-me para si.

— Não te preocupes, Quinn. Quando provares os cozinhados da minha mãe, nunca mais vais querer sair de lá.

Suspiro pesadamente.

— Não és nada como eu esperava.

Ele pressiona um beijo no topo da minha cabeça.

— Isso é bom ou mau?

— Sinceramente, não faço ideia.

Capítulo Doze

Agora

Quando viro para a rua da Caroline, vejo o carro do Graham estacionado na entrada. Mas parece que, além da irmã dele e do seu marido, somos os únicos. Fico aliviada por isso.

A Caroline teve o bebê ontem de manhã. Um parto em casa. É o primeiro rapaz na família do Graham desde o seu próprio nascimento.

A Caroline é a única irmã do Graham que vive no Connecticut. A Tabitha vive em Chicago com a mulher. A Ainsley é uma advogada que nunca para. Viaja quase tanto como a Ava e o Reid. Por vezes, tenho um pouco de inveja dos seus estilos de vida despreocupados, no entanto, sempre tive outras prioridades.

Eu e o Graham estamos muito envolvidos na vida das duas filhas da Caroline. Fora o tempo que passamos com elas aos domingos, ocasionalmente também as levamos a sair ou ao cinema, para dar à Caroline e ao marido algum tempo a sós. Desconfio que, com o nascimento do filho, iremos passar ainda mais tempo com as meninas.

Adoro ver o Graham com elas. Ele é brincalhão e gosta de fazê-las rir. Mas também está muito empenhado na sua saúde mental e bem-estar. Responde a cada «Mas porquê?» com paciência e honestidade. E, apesar de terem apenas 3 e 5 anos, não as

infantiliza. A Caroline acha piada ao facto de, ao regressarem a casa depois de passarem algum tempo connosco, começarem cada frase da mesma forma: «Mas o tio Graham disse...»

Gosto tanto da relação que ele tem com as duas sobrinhas que me sinto extremamente entusiasmada ao vê-lo no papel de tio de um sobrinho bebé. Permito, ocasionalmente, em momentos como este, que me ocorram pensamentos sobre como ele daria um bom pai, mas recuso-me a deixar a nossa situação deprimente arruinar a experiência do Graham com a sua família. E, portanto, ponho a minha máscara de felicidade e asseguro-me de que a tristeza nunca sobressai.

Pratico o sorriso no retrovisor. Sorrir era algo natural para mim, mas hoje em dia quase todos os sorrisos que surgem no meu rosto são uma fachada.

Quando chego à porta de casa, não sei se hei de tocar à campainha ou, simplesmente, entrar. Se o bebé ou a Caroline estiverem a dormir, sentir-me-ia mal por os acordar. Empurro a porta e a parte da frente da casa está silenciosa. Não vejo ninguém na sala de estar, embora haja presentes desembulhados pousados no sofá. Vou até lá e coloco o nosso presente sobre a mesa de apoio ao lado do sofá.

Atravesso a cozinha igualmente silenciosa e avanço para o anexo onde a Caroline e a família passam a maior parte do seu tempo. Foi um acrescento que fizeram logo após o nascimento da Gwenn. Metade da divisão serve de sala de estar e a outra metade serve de quarto de brincadeira para as miúdas.

Estou quase a chegar lá, mas paro mesmo à porta quando vejo o Graham. Está de costas voltadas para mim, ao lado do sofá, com o

sobrinho ao colo. A embalá-lo de um lado para o outro, o recém-nascido envolto num cobertor. Suponho que, se a nossa situação fosse diferente, este seria um momento em que eu não sentiria nada mais do que pura adoração pelo meu marido — observá-lo a segurar o seu sobrinho recém-nascido. Em vez disso, sofro por dentro. Não consigo evitar perguntar-me que pensamentos poderão estar a passar pela cabeça dele neste preciso momento. Será que uma pequena parte dele se ofende por eu não ter conseguido proporcionar-lhe um momento como este?

Ninguém me consegue ver, uma vez que o Graham está de costas voltadas para mim e eu me encontro fora do campo de visão da sua irmã, que estará, provavelmente, sentada no sofá. Ouço a voz dela quando diz:

— É-te tão natural.

Aguardo pela reação do Graham às suas palavras, mas ele não tem reação. Limita-se a baixar o olhar para o seu sobrinho.

E depois a Caroline diz algo que me faz agarrar à parede atrás de mim.

— Darias um excelente pai, Graham. — As palavras dela voam entre divisões e atingem-me em cheio.

Estou convencida de que ela não teria dito o que disse se soubesse que eu a conseguia ouvir. Espero pela resposta do Graham, curiosa por ver se reage.

E reage.

— Eu sei — diz calmamente, olhando para a Caroline. — Sinto-me destroçado por ainda não ter acontecido.

Levo a mão à boca porque tenho medo do que possa acontecer se não o fizer. Posso arquejar, ou gritar, ou vomitar.

Agora, estou no carro.

A conduzir.

Não o conseguiria encarar depois daquilo. Aquelas poucas frases confirmaram todos os meus receios. Porque falaria nisso à Caroline? Porque lhe responderia ele com uma tal frontalidade, se nunca *me* diz a verdade sobre como se sente?

Este é o primeiro momento em que sinto que estou a desiludir a sua família. O que dirão as suas irmãs sobre mim? O que dirá a mãe? Desejarão mais que ele tenha filhos do que desejam que ele permaneça casado comigo?

Nunca tinha pensado nisto do ponto de vista delas. Não gosto do modo como estes pensamentos me fazem sentir. Envergonhada. Como se não estivesse meramente a impedir que o Graham alguma vez tenha um filho, mas também que a sua família possa amar um filho que o Graham seria perfeitamente capaz de gerar se não fosse pelo meu problema. Se não fosse por mim.

Viro para um parque de estacionamento para me acalmar. Limpo as lágrimas e digo a mim mesma para esquecer aquilo que acabei de ouvir. Retiro o telemóvel da mala para enviar uma mensagem ao Graham.

O trânsito está horrível. Diz à Caroline que não vou conseguir passar por aí hoje, só amanhã.

Envio a mensagem e depois encosto-me no assento, tentando eliminar a conversa deles da minha mente, mas esta continua a repetir-se continuamente.

Darias um excelente pai, Graham.

Eu sei. Sinto-me destroçado por ainda não ter acontecido.

*

Duas horas depois, estou em frente ao frigorífico quando o Graham regressa, finalmente, a casa. Limpar o frigorífico é um sinal de que estou stressada, e foi exatamente o que estive a fazer durante a última meia hora. Ele pousa as suas coisas na bancada da cozinha. As chaves, a pasta, uma garrafa de água. Avança até mim e inclina-se, beijando-me o rosto. Forço um sorriso e, ao fazê-lo, reparo que se trata do sorriso mais forçado que alguma vez fiz.

— Como correu a visita? — pergunto-lhe.

Ele estende o braço, contornando-me, até ao frigorífico.

— Bem. — Pega num refrigerante. — O bebé é querido.

Ele está a agir tão casualmente sobre tudo aquilo, como se não quisesse admitir, em voz alta, que se sente de rastos por não ser pai.

— Chegaste a pegar nele?

— Não — responde o Graham. — Esteve a dormir o tempo todo que lá estive.

Dirijo repentinamente o meu olhar para o dele. *Porque é que acabou de me mentir?*

Sinto que as paredes interiores do meu peito estão a ser incendiadas enquanto tento manter ao largo as minhas emoções, mas não consigo esquecer a sua confissão de que está destroçado por ainda não ter sido pai. *Porque continua ele comigo?*

Fecho a porta do frigorífico apesar de as gavetas laterais ainda estarem por limpar. Tenho de sair da cozinha. Sinto demasiada culpa quando olho para ele.

— Esta noite, vou ficar acordada até tarde. Tenho muito trabalho

em atraso no escritório. O jantar está no micro-ondas, se tiveres fome. — Dirijo-me ao meu escritório. Antes de fechar completamente a porta, olho de relance para a cozinha.

As mãos do Graham apertam a bancada e a sua cabeça pende entre os ombros. Permanece nesta posição durante um minuto, mas depois empurra a bancada com força, como se estivesse zangado com alguma coisa. Ou com alguém.

Antes de eu fechar a porta do escritório, ele olha na minha direção. Cruzamos o olhar. Olhamos um para o outro durante uns segundos e é a primeira vez que sinto que ele é um completo desconhecido. Não faço a mínima ideia do que estará a pensar neste preciso momento.

Estou ciente de que este é o momento em que deveria estar a perguntar-lhe o que lhe vai na cabeça. Este é o momento em que deveria dizer-lhe aquilo que me vai na cabeça. Este é o momento em que deveria ser honesta com ele e admitir que talvez fosse melhor abrimos aquela caixa.

Porém, em vez de ser corajosa e de dizer, por fim, a verdade, sufoco com a minha cobardia interior. Desvio o olhar dele e fecho a porta.

Retomamos a dança.

Capítulo Treze

Dantes

Cada minuto que passo com ele surpreende-me mais do que o último.

De cada vez que abre a boca ou sorri ou me toca, tudo o que consigo pensar é: *Mas que raio terá passado pela cabeça da Sasha para trair este homem com o Ethan?*

O lixo de uns é o tesouro de outros...

A casa da sua infância é tudo o que eu imaginava que fosse. Cheia de riso e de histórias e de pais que olhavam para ele como se tivesse sido enviado diretamente dos céus. É o mais jovem de quatro filhos e é o único rapaz. Não cheguei a conhecer nenhuma das suas irmãs hoje porque duas delas vivem noutra estado e uma delas não pôde vir ao jantar.

O Graham é muito parecido com o pai. O pai é um homem sério de olhos tristes e alma feliz. A mãe é pequena e magra. Mais baixa do que eu, mas move-se com uma confiança ainda maior do que a do Graham.

Ela é cautelosa. Calculo que queira gostar de mim, mas não quer voltar a ver o filho de coração partido. Deve ter gostado da Sasha, em tempos. Tenta saber tudo sobre a nossa «relação», mas o Graham só lhe dá factos fictícios.

— Há quanto tempo namoram?

Ele põe um braço em torno dos meus ombros e diz:

— Há uns tempos.

Há um dia.

— O Graham já conhece os teus pais, Quinn?

O Graham responde.

— Já estive com eles algumas vezes. São ótimos.

Nunca. E são horríveis.

A mãe sorri.

— Isso é bom. Onde se conheceram?

— No edifício do meu escritório — responde.

Nem sequer sei onde ele trabalha.

O Graham está a divertir-se com aquilo. Sempre que inventa uma história sobre nós, aperto-lhe a perna ou empurro-o, enquanto tento sufocar o riso. A determinada altura, ele diz à mãe que nos conhecemos junto a uma máquina de venda automática. Narra:

— Os *Twizzlers* dela ficaram presos na máquina, por isso, introduzi um dólar e comprei *Twizzlers* para que os dela se soltassem. Mas nem acreditam no que aconteceu. — Ele olha para mim e pede-me para que eu termine a mentira. — Conta-lhes o que aconteceu em seguida, Quinn.

Eu aperto a perna dele com tanta força que ele estremece.

— Os *Twizzlers* dele também ficaram presos na máquina.

O Graham ri-se.

— Conseguem acreditar? Nenhum de nós conseguiu comprar *Twizzlers*. Então, convidei-a para almoçar na zona de restauração e o resto é história.

Tenho de morder a bochecha para me impedir de rir. Felizmente, ele tinha razão em relação à comida da mãe, por isso passo a maior

parte da refeição com a boca cheia. A mãe dele é uma cozinheira extraordinária.

Quando ela se dirige à cozinha para terminar a tarte, o Graham pergunta-me:

— Queres que te faça a visita guiada à casa?

Dou-lhe a mão quando ele me leva para fora da sala de jantar. Mal ficamos sozinhos, empurro-o no peito.

— Mentiste aos teus pais quase 20 vezes em menos de uma hora!

Ele pega nas minhas mãos, puxando-me para si.

— Mas foi divertido, não foi?

Não consigo retrain o sorriso que irrompe.

— Sim. Foi muito divertido.

O Graham baixa a sua boca até à minha e beija-me.

— Queres uma típica visita guiada à casa ou queres ir até à cave ver o quarto da minha infância?

— Isso nem sequer se pergunta.

Ele leva-me até à cave e acende a luz. Pendurado na parede da escada está um cartaz esbatido da tabela de elementos. Ele acende outra luz quando chegamos à parte de baixo, revelando um quarto de adolescente que parece não ter sido tocado desde que ele saiu de casa. É como um portal secreto diretamente para a mente do Graham Wells. *Fiquei, finalmente, a saber o seu apelido durante o jantar.*

— A minha mãe recusa-se a alterar o quarto — afirma, avançando de costas para a divisão. — Ainda tenho de dormir aqui quando estou de visita. — Pontapeia uma bola de basquetebol que se

encontra no chão. Está sem ar, por isso quase nem se mexe. — Detesto-o. Faz-me lembrar o secundário.

— Não gostaste do secundário?

Ele faz um gesto abarcando todo o quarto.

— Gostava de ciências e de matemática mais do que de raparigas. Imagina o que o secundário foi para mim.

Vejo uma estante cheia de troféus de ciência e de fotografias emolduradas. Nem um único prémio de desporto à vista. Pego numa das suas fotografias de família e aproximo-a para a analisar melhor. É uma fotografia do Graham e das suas três irmãs mais velhas. Saem todas à mãe. E depois, no meio, está um pré-adolescente magro, com aparelho nos dentes.

— Uau.

Agora, está mesmo atrás de mim, a espreitar por cima do meu ombro.

— Eu era o exemplo perfeito das fases estranhas.

Volto a pousar a fotografia na estante.

— Agora, ninguém diria.

O Graham vai até à cama e senta-se no edredão da *Guerra das Estrelas*. Inclina-se para trás, apoiando-se nas mãos, e não desvia o olhar de mim enquanto continuo a olhar para o quarto à minha volta.

— Já alguma vez te disse o quanto gosto desse vestido?

Olho para o meu vestido. Não estava preparada para conhecer os pais de um homem com quem nem sequer namoro, por isso não tinha assim tanta roupa lavada. Escolhi um vestido de algodão azul-marinho simples e combinei-o com uma camisola branca. Quando saí do meu quarto, o Graham saudou-me como se eu estivesse na

Marinha. Virei-me imediatamente para trás para ir mudar de roupa, mas ele agarrou-me e disse que eu estava muito bonita.

— Já disseste, já — respondo, ao mesmo tempo que balanço sobre os calcanhares.

Os seus olhos deslizam lentamente pelas minhas pernas.

— Não te vou mentir. Gostava mesmo que tivesses vestido o fato de mergulho.

— Nunca mais te conto os meus sonhos.

O Graham ri-se e diz:

— Tens de contar. Todos os dias, enquanto estivermos juntos.

Eu sorrio e depois viro-me para ler alguns dos prémios na sua parede. São tantos.

— És inteligente? — Olho de relance para ele. — Quero dizer, *mesmo* inteligente?

Ele encolhe os ombros.

— Ligeiramente acima da média. Uma consequência de ser *nerd*. Não sabia como manter uma conversa com as raparigas, por isso passei a maior parte do meu tempo aqui a estudar.

Não consigo perceber se ele está a brincar, porque, se eu tivesse de adivinhar como ele era durante o secundário com base no que sei sobre ele agora, diria que ele tinha sido o capitão de equipa de futebol e que namorava com a chefe da claque.

— Ainda eras virgem quando concluíste o secundário?

Ele empina o nariz.

— Estava no segundo ano na faculdade. Tinha 19 anos. Bolas, só aos 18 anos é que beijei uma rapariga. — Inclina-se para a frente, apertando as mãos entre os joelhos. — Na verdade, és a primeira rapariga que trago até aqui abaixo.

— Não é possível. E a Sasha?

— Veio jantar algumas vezes, mas nunca lhe mostrei o meu antigo quarto. Não sei porquê.

— Como queiras. Provavelmente dizes isso a todas as raparigas que trazes até aqui. Depois lanças o teu charme em cima do edredão da *Guerra das Estrelas*.

— Abre a gaveta de cima — diz ele. — Garanto-te que está aí um preservativo desde os meus 16 anos.

Abro a gaveta e afasto umas coisas. Parece ser uma gaveta de tralha. Recibos antigos, pastas de arquivos, trocos. *Um preservativo na parte de trás*. Eu rio-me e tiro-o, virando-o sobre os meus dedos.

— Expirou há três anos. — Olho para o Graham e ele está a olhar fixamente para o preservativo na minha mão como se estivesse a perguntar-se qual o grau de exatidão do prazo de validade. Guardo o preservativo no soutien. — É melhor ficar comigo.

O Graham sorri-me com carinho. Gosto do modo como ele me olha. Já me senti gira antes. Bonita, até. Mas acho que não sabia o que era sentir-me sexy até o ter conhecido.

O Graham volta a inclinar-se para a frente, chegando-se mesmo à beirinha. Faz-me sinal com um dedo para que me aproxime. Tem novamente aquele olhar. O olhar que exibia naquela noite no restaurante, quando tocou no meu joelho. Aquele olhar que me trespassa de calor, tal como aconteceu nesse dia.

Avanço alguns passos, mas paro a uma curta distância dele. Ele endireita-se.

— Aproxima-te, Quinn. — O desejo que ouço na sua voz gera um turbilhão no meu peito e no meu estômago.

Dou mais um passo. Ele desliza uma mão por trás do meu joelho

e puxa-me para si. O seu toque provoca-me arrepios nas pernas e nos braços.

Está a olhar para cima, na minha direção, e eu estou a olhar para baixo, para ele. A sua cama é muito baixinha, por isso ele tem a boca perigosamente perto do meu baixo-ventre. Engulo em seco quando a mão que tem na minha perna começa a deslizar lentamente para a parte de trás da minha coxa.

Não estou preparada para a sensação que o seu toque desperta em mim. Fecho os olhos e vacilo um pouco, segurando-me com as duas mãos firmemente nos seus ombros. Olho para ele quando pressiona os lábios sobre o vestido que me cobre o ventre.

Ele mantém o olhar fixo no meu enquanto desliza a outra mão por trás da minha outra coxa. Estou completamente imersa no meu próprio ritmo cardíaco. Sinto-o por todo o lado, tudo em simultâneo.

O Graham começa a agarrar-me o vestido com as mãos, puxando-o pouco a pouco para cima. Levanta-o lentamente até à cintura, depois beija-me na parte de cima da coxa. Passo as mãos pelo cabelo dele, arfando em silêncio enquanto os seus lábios se movem sobre as minhas cuecas.

Céus.

Consigo sentir o calor intenso da sua boca enquanto me beija ali. É um beijo suave, mesmo contra a parte da frente das minhas cuecas, mas não interessa quão suave é. Sinto-o até ao mais profundo de mim e provoca-me arrepios.

Aperto os dedos no seu cabelo, aproximando-me ainda mais da sua boca. As suas mãos estão agora no meu rabo, puxando-me na sua direção. Os beijos suaves transformam-se em beijos sedentos e, antes de ele ter tido sequer a oportunidade de me puxar para

baixo as cuecas, um tremor começa a percorrer-me, inesperado, repentino, explosivo.

Afasto-me dele com um gemido, mas ele volta a puxar-me para a sua boca, beijando-me ainda com mais força até eu ser obrigada a agarrar-lhe os ombros, pois só apoiando-me nele consigo manter-me de pé. Todo o meu corpo começa a estremecer e tenho dificuldade em permanecer quieta e de pé enquanto o quarto gira à minha volta.

Os meus braços tremem e as pernas estão fracas quando os seus beijos param. Então, ele beija-me a coxa e olha para cima na minha direção. Tenho de dar tudo de mim para o olhar nos olhos enquanto ele me puxa um pouco mais o vestido para cima e me beija a pele desnuda do ventre.

O Graham agarra-me pela cintura. Estou completamente sem fôlego e um pouco em choque com o que acabou de acontecer. E a velocidade com que aconteceu. E com o facto de eu querer mais. Quero baixar-me sobre ele e dar uso ao seu preservativo.

Como se conseguisse ler a minha mente, o Graham diz-me:

— Até que ponto achas que devemos acreditar nessa data de validade?

Baixo-me até ao seu colo e monto-o, sentindo a seriedade da pergunta. Passo os meus lábios pelos dele.

— Tenho a certeza de que a data de validade é apenas uma precaução.

O Graham agarra-me na nuca e mergulha a língua na minha boca, beijando-me com um gemido. Desliza os dedos pelo meu soutien e retira o preservativo, depois deixa de me beijar apenas o tempo necessário para o abrir com os dentes. Vira-me para me

deitar no edredão da *Guerra das Estrelas*. Agarro nas cuecas com os polegares e dispo-as enquanto ele abre o fecho das calças de ganga. Estou deitada de costas na cama quando ele se ajoelha no colchão e põe o preservativo. Nem sequer consigo olhar bem para ele antes de se baixar sobre mim.

Ele beija-me enquanto começa a entrar em mim. Todo o meu corpo fica tenso e eu gemo. Talvez um pouco alto demais, porque ele se ri, encostado à minha boca.

— Chiu — murmura contra os meus lábios, com um sorriso. — A ideia era estarmos a conhecer a casa. Não a conhecermo-nos um ao outro.

Eu rio-me, mas assim que ele volta a penetrar-me, sustenho a respiração.

— Céus, Quinn. — Ele respira contra o meu pescoço e depois encosta-se a mim. Estamos os dois a ficar um pouco ruidosos. Ele mantém-se quieto quando me penetra, ambos dando o nosso melhor para fazermos o mínimo barulho possível. Ele começa a mexer-se, fazendo-me arquejar, mas cobre a minha boca com a sua, beijando-me profundamente.

Vai alternando entre beijar-me e olhar para mim, mas sempre com uma intensidade que desconheço. Afasta os seus lábios para que parem sobre os meus, roçando-os ocasionalmente enquanto nos debatemos para não fazermos barulho. Ele mantém o olhar concentrado no meu enquanto se move dentro de mim.

Está a beijar-me outra vez quando começa a vir-se.

A sua língua está profundamente dentro da minha boca e a única razão pela qual eu sei que ele está prestes a terminar é porque sustém a respiração e deixa de se mexer durante uns segundos.

Consegue ser muito subtil, tendo em conta o esforço por se manter tão silencioso quanto possível. Sinto os músculos nas suas costas a ficarem tensos sob as palmas das minhas mãos e ele nunca desvia o seu olhar do meu, quando se afasta, por fim, dos meus lábios.

Espero que ele se abata sobre mim, ofegante, mas não o faz. De algum modo, mantém-se suspenso mesmo depois de terminar, observando-me como se estivesse receoso de não ter reparado em alguma coisa. Volta a baixar a cabeça e beija-me novamente. E mesmo quando sai de dentro de mim, não se deixa cair. Coloca todo o seu peso de lado enquanto desliza de cima de mim sem deixar de me beijar.

Eu passo a mão pelo seu cabelo e agarro-o contra a minha boca. Beijamo-nos durante tanto tempo que quase me esqueço de onde estou.

Quando faz uma pausa para respirar, observa-me em silêncio por momentos, ainda com a mão no meu rosto, e depois volta a inclinar a cabeça e beija-me novamente como se não soubesse parar. Acho que também não sei como parar com isto. Desejo mais do que tudo que estivéssemos noutra lugar. Em minha casa... na casa dele... em qualquer outro lugar que não aqui, porque teremos de parar e voltar a subir, a certa altura.

Não sou inexperiente em relação ao sexo. Mas creio que sou inexperiente no que diz respeito a isto. A sensação de não querer que acabe, muito depois de ter acabado. A sensação de desejar poder enterrar-me no seu peito para poder estar mais próxima dele. Talvez isto não seja novo para ele, mas com base no modo como olha para mim entre todos os beijos, posso dizer que existe mais confusão na sua expressão do que familiaridade.

Os segundos vão passando sem que nunca desviemos os olhos um do outro. Nenhum de nós fala. Talvez ele não tenha nada para dizer; já eu não consigo falar devido à intensidade que cresce dentro do meu peito. O sexo foi ótimo. Rápido, mas incrível.

Porém, isto que está a acontecer neste preciso momento... o não conseguir parar... o não querer que os beijos terminem... o não conseguir desviar o olhar... Não sei dizer se isto é apenas uma vertente do sexo que nunca senti ou se se trata de algo mais profundo do que isso. Talvez o sexo não seja assim tão profundo. Talvez exista um nível completamente novo de ligação que eu não sabia sequer que existia.

O Graham fecha os olhos durante alguns segundos, depois pressiona a testa contra a minha. Após soltar um suspiro breve, levanta-se e afasta-se de mim, quase como se tivesse de forçar os olhos a fecharem-se para que nos separemos. Ajuda-me a levantar e eu procuro pelas minhas cuecas enquanto ele tira o preservativo e aperta as calças.

O silêncio paira enquanto me visto. Não olhamos um para o outro. Ele apanha o invólucro vazio do preservativo do chão e deita-o no caixote do lixo ao lado da cama.

Agora, estamos de frente um para o outro. Tenho os braços cruzados no peito e ele olha para mim como se não tivesse a certeza de que os últimos 15 minutos tivessem realmente acontecido. Eu olho para ele como se desejasse que acontecessem de novo.

Ele abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas depois abana rapidamente a cabeça e dá um passo em frente, segura-me o rosto e beija-me novamente. É um beijo violento, como se ainda não

estivesse despachado. Devolvo-lhe o beijo com igual intensidade. Após um minuto de beijo, ele começa a encaminhar-me para as escadas. Separamo-nos para respirarmos e ele limita-se a rir, pressionando os lábios contra o meu cabelo.

Conseguimos subir dois degraus antes de eu me lembrar de que nem me vi ao espelho. Acabei de ter sexo com este homem e estou prestes a ir ter com os pais dele e fazer o meu melhor sorriso. Penteio o cabelo freneticamente com os dedos e endireito o vestido.

— Como estou?

O Graham sorri.

— Como se tivesses acabado de ter sexo.

Tento empurrá-lo na brincadeira, mas ele é mais rápido do que eu. Pega na minha mão e vira-nos até as minhas costas estarem contra a parede das escadas. Endireita-me alguns fios de cabelo e depois desliza os polegares por baixo dos meus olhos.

— Pronto — diz. — Estás bonita. E inocente, como se tivesses feito uma visita guiada normal à casa. — Volta a beijar-me e sei que ele, provavelmente, quer ser breve e doce, mas eu agarro-lhe a cabeça e puxo-o para mais perto. Não me farto do seu sabor. Só quero ir para casa, para a minha cama com ele, beijá-lo. Não quero voltar lá para cima e fingir que me apetece comer tarte, quando tudo o que desejo é o Graham.

— Quinn — sussurra-me ele ao ouvido, pegando nos meus pulsos e empurrando-os contra a parede. — A que velocidade consegues comer uma fatia de tarte?

É bom saber que temos as nossas prioridades alinhadas.

— A uma grande velocidade.

Capítulo Catorze

Agora

Apesar de todas as noites de quinta-feira em que o Graham chegou a casa a cheirar a cerveja, nunca o vi verdadeiramente bêbedo. Acho que ele decidiu não beber mais do que uma ou duas cervejas de cada vez porque ainda se sente demasiado culpado por ter perdido o melhor amigo, o Tanner, há vários anos. A sensação de estar embriagado fá-lo, provavelmente, recordar a sua desolação. Tal como o sexo me faz recordar a *minha* desolação.

Pergunto-me qual será a razão pela qual ele se sente desolado esta noite.

Foi a primeira vez que teve de ser acompanhado até casa por um colega de trabalho numa noite de quinta-feira. Espreito pela janela enquanto o Graham cambaleia em direção à porta, com um braço à volta do pescoço de um tipo que está a ter dificuldades em apoiá-lo até casa.

Vou até à porta da frente para a destrancar. Mal a abro, o Graham levanta o olhar e sorri abertamente para mim.

— Quinn! — Acena na minha direção, virando a cabeça para o tipo com quem se encontra. — Quinn, este é o meu grande amigo Morris. Ele é o meu grande amigo.

O Morris assente, num pedido de desculpa.

— Obrigada por o trazeres a casa — digo. Ajudo-o a livrar-se do

Graham, pondo-lhe o braço em torno dos meus ombros. — Onde está o carro?

O Morris aponta com o polegar por cima do ombro, no preciso momento em que o carro do Graham chega à entrada. De lá sai outro dos colegas, que reconheço do escritório dele. Creio que se chama Bradley.

O Bradley dirige-se à porta de casa enquanto o Graham põe os dois braços à minha volta, apoiando ainda mais do seu peso em cima de mim. O Bradley passa-me as chaves e ri-se.

— Foi a primeira vez que conseguimos fazê-lo beber mais de duas cervejas — diz, apontando com a cabeça na direção do Graham. — Ele é bom em muitas coisas, mas o homem não aguenta o álcool.

O Morris ri-se.

— Peso-leve. — Despedem-se ambos com um aceno e dirigem-se ao carro do Morris. Eu entro em casa com o Graham e fecho a porta.

— Eu ia apanhar um táxi — segreda o Graham. Solta-me e caminha em direção à sala de estar, caindo no sofá.

Eu rir-me-ia e acharia isto hilariante se não estivesse tão preocupada com a razão pela qual ele decidiu beber demasiado esta noite. Terá certamente que ver com quão perturbado ficou depois de ter tido o seu sobrinho nos braços. Ou talvez com o que sente em relação ao nosso casamento — e quis ficar entorpecido por momentos.

Vou até à cozinha para lhe ir buscar um copo de água. Quando lho levo até à sala, encontro-o sentado no sofá. Dou-lhe a água e não posso deixar de reparar no seu olhar — está diferente. Ele sorri

ao dar um gole. Não o via assim tão feliz ou contente há muito tempo. Vê-lo embriagado faz-me ter consciência de quão triste ele parece nos últimos tempos quando está sóbrio. Não reparei que a sua tristeza o consumia ainda mais do que dantes. Provavelmente não reparei porque a tristeza é como uma teia de aranha. Não a vemos até estarmos envolvidos nela, e depois temos de esfregar o corpo todo para nos livrarmos dela.

Ponho-me a pensar há quanto tempo o Graham estará a tentar libertar-se. Deixei de tentar há anos. Deixo, simplesmente, a teia consumir-me.

— Quinn — diz o Graham, deixando cair a cabeça para trás contra a almofada do sofá. — És mesmo linda! — Os seus olhos percorrem o meu corpo e depois param na minha mão. Envolve-me o pulso com os dedos e puxa-me para si. Fico rígida. Não cedo ao puxão. Gostava que ele estivesse suficientemente embriagado para desmaiar no sofá. Em vez disso, está bêbedo o suficiente para não se lembrar de que não toma a iniciativa de um contacto sexual desde a noite em que dormiu no quarto de hóspedes. Está bêbedo o suficiente para fingir que não temos estado numa luta permanente.

O Graham inclina-se e agarra-me pelo pulso, puxando-me para baixo para me sentar no sofá ao seu lado. O seu beijo é alcoolizado e fluido enquanto me deita de costas. Tenho os braços por cima da cabeça e a língua dele já está na minha boca, e ele sabe tão bem que, por momentos, me esqueço de que não quero isto. Esse momento transforma-se em dois e não demora muito para que a minha t-shirt esteja levantada pela cintura e as suas calças desapertadas. Sempre que abro os olhos e o observo, ele está a

olhar para mim com uns olhos tão diferentes dos meus. Tão longe do desalento permanente que adquiri.

A sua falta de tristeza é suficientemente intrigante para que eu o deixe possuir-me, mas não intrigante o suficiente para que eu lhe responda com a mesma necessidade com que ele me possui.

Depois de nos casarmos, costumávamos ter sexo quase todos os dias, mas a quinta-feira era o dia pelo qual eu mais ansiava. Era uma das minhas noites preferidas da semana. Vestia uma *lingerie* e esperava por ele no quarto. Às vezes, vestia uma das suas t-shirts e esperava por ele na cozinha. Na verdade, o que eu vestia não era importante. Ele entrava em casa e segundos depois eu já não tinha nada vestido.

O nosso casamento já teve tanto sexo, que eu conheço cada centímetro do seu corpo. Conheço cada som que ele faz e o que esses sons significam. Sei que ele gosta de ficar por cima na maior parte das vezes, mas nunca se importou quando eu quis tomar as rédeas. Sei que ele gosta de manter os olhos abertos. Sei que ele adora beijar durante o sexo. Sei que ele gosta de ter sexo de manhã, mas prefere à noite. Sei tudo o que há para saber sobre ele, em termos sexuais.

No entanto, nos últimos dois meses... nunca fizemos sexo. O mais parecido com isso foi aquele episódio na casa de banho em casa dos pais dele.

Ele não tomou a iniciativa desde então, nem eu. E não falámos sobre a última vez que tivemos sexo desde que isso aconteceu. Não tive de estar atenta ao meu ciclo de ovulação e, francamente, tem sido um grande alívio. Depois de terem passado alguns meses sem ter de estar sempre a controlar o meu ciclo, percebo o quanto

preferia nunca mais voltar a ter sexo. Desse modo, todos os meses, quando fico menstruada, seria absolutamente expectável e não completamente desolador.

Tento conciliar a minha necessidade de evitar ter sexo com a minha necessidade do Graham. Só porque não desejo sexo, não significa que não o deseje a ele. Apenas me obriguei a que fosse um tipo diferente de desejo. Um desejo emocional. São os meus desejos físicos que nunca acabam bem. Eu desejo o seu toque, mas, se o permitir, isso conduz inevitavelmente ao sexo. Desejo o seu beijo, mas se o beijar demasiado, isso conduz inevitavelmente ao sexo. Desejo o seu lado provocador, mas se me deixar ir, isso conduz inevitavelmente ao sexo.

Gostava tanto de poder desfrutar do meu marido sem aquilo que ele mais necessita e aquilo que eu menos desejo. Porém, ele faz tantos sacrifícios por mim; eu sei que, por vezes, deveria fazer o mesmo por ele. Apenas gostaria que o sexo não fosse um sacrifício para mim.

Mas é. E é um sacrifício que decido fazer por ele esta noite. Já passou demasiado tempo e ele tem sido demasiado paciente.

Levanto uma perna sobre as costas do sofá e baixo a outra até ao chão, mesmo quando ele me penetra. O seu hálito morno desliza pela minha garganta enquanto me penetra repetidamente.

Hoje, é dia 13.

Que dia será daqui a 14 dias?

— Quinn — murmura ele, com os lábios a roçarem ao de leve nos meus. Mantenho os olhos fechados e o meu corpo flácido, permitindo que ele me use para se livrar da embriaguez. — Beijame, Quinn.

Abro a boca, mas mantenho os olhos fechados. Tenho os braços pousados frouxamente por cima da cabeça e conto pelos dedos quantos dias passaram desde que tive a última menstruação. Estarei no período de ovulação? Estou quase a acabar de contar os dias quando o Graham me agarra na mão direita e a põe à volta do seu pescoço. Enterra a cabeça no meu cabelo ao mesmo tempo que me agarra uma das pernas, enrolando-a em torno da sua cintura.

Não estou.

Já passaram cinco dias desde a ovulação.

Suspiro pesadamente, desiludida por nem sequer haver uma possibilidade de isto levar a algum lado. É suficientemente difícil para mim fazer amor, por isso o facto de esta vez nem sequer contar enche-me de mágoa. Porque não pôde isto ter acontecido na semana passada?

O Graham para. Espero pela sua libertação, mas nada em si fica tenso. Limita-se a afastar o rosto do meu cabelo e a olhar para mim. As suas sobrancelhas estão juntas e ele abana a cabeça, mas depois deixa cair novamente a cabeça sobre o meu pescoço, penetrando-me.

— Não podes, ao menos, fingir que ainda me desejas? Às vezes, sinto que estou a fazer amor com um cadáver.

As suas próprias palavras não o deixam continuar.

Escorrem-me lágrimas pela face quando ele sai de dentro de mim com mágoa.

Desta vez, detesto a sensação do seu hálito quente contra o meu pescoço. Detesto o seu cheiro, tal como a cerveja que lhe deu a coragem desinibida para me dizer aquelas palavras.

— Sai de cima de mim.

— Desculpa. Desculpa.

Empurro-lhe o peito com as mãos, ignorando o arrependimento imediato e intenso na sua voz.

— Sai imediatamente de cima de mim.

Ele rebola para o lado, agarrando o meu ombro, tentando fazer-me rebolar na sua direção.

— Quinn, não quis dizer aquilo. Estou bêbedo! Desculpa...

Salto do sofá e praticamente fujo da sala de estar, sem querer saber das suas desculpas. Vou diretamente para o chuveiro para o lavar de mim enquanto permito que a água leve as minhas lágrimas.

Não podes, ao menos, fingir que ainda me desejas?

Aperto os olhos com força e deixo que a humilhação me percorra.

Às vezes, sinto que estou a fazer amor com um cadáver.

Limpo furiosamente as lágrimas. É claro que ele sente que está a fazer amor com um cadáver. Porque *está*. Há anos que não me sinto viva por dentro. Tenho vindo a apodrecer lentamente, e essa podridão está agora a devorar o meu casamento, de tal forma que já não o consigo esconder.

E o Graham já não o suporta.

Quando termino o duche, espero encontrá-lo na nossa cama, mas não. Deve estar tão embriagado que desmaiou no sofá. Por muito zangada que esteja com ele por ter dito o que disse, também sinto compaixão suficiente para ir ver como ele está.

Quando atravesso a escuridão da cozinha em direção à sala de estar, nem sequer o vejo de pé junto à bancada, até passar por ele e ele me agarrar o braço. Arquejo com a imprevisibilidade do gesto.

Olho para ele, preparada para gritar, mas não consigo. É difícil

gritar com alguém por ter dito a verdade. A luz irradia o suficiente pela janela e consigo ver que a tristeza regressou ao seu olhar. Ele não diz nada. Limita-se a puxar-me para si e a abraçar-me.

Não... a *agarrar-me*.

As costas da minha t-shirt estão presas por dois punhos firmes enquanto ele estreita o seu aperto à minha volta. Consigo sentir a sua mágoa por ter permitido que aquelas palavras se lhe escapassem pela boca, mas ele não volta a pedir-me desculpa. Apenas me abraça em silêncio porque sabe que, neste momento, um pedido de desculpas é inútil. As desculpas são boas para admitir o arrependimento, mas não têm a capacidade de apagar a verdade das ações que provocaram a mágoa.

Permito que ele me abrace até os meus sentimentos feridos nos antagonizarem. Afasto-me e olho para os pés por um momento, perguntando-me se quero dizer-lhe alguma coisa. Perguntando-me se ele irá dizer-me alguma coisa. Porque tudo o que se ouve à nossa volta é o silêncio, viro-me e dirijo-me para o quarto. Ele segue-me, mas limitamo-nos a deitar-nos na cama, virar as costas um ao outro e evitar o inevitável.

Capítulo Quinze

Dantes

Comi a fatia de tarte em cinco dentadas.

Os pais do Graham pareceram ter ficado um pouco confusos com a nossa saída apressada. Ele disse à mãe que tínhamos bilhetes para um espetáculo de fogo de artifício e que tínhamos de ir antes de perdermos o grande final. Eu fiquei aliviada por ela não ter percebido a parte metafórica da sua mentira.

Conversamos muito pouco a caminho de casa. O Graham diz que gosta de conduzir com as janelas abertas à noite. Aumenta o som da música e pega na minha mão, segurando-a o caminho todo até minha casa.

Quando chegamos, abro a porta e já estou a meio da sala de estar quando me apercebo de que ele não me seguiu até ao interior. Viro-me e ele encontra-se inclinado contra a ombreira da porta como se não tivesse intenção de entrar.

Há um ar de preocupação no seu olhar, por isso vou ter com ele.

— Estás bem?

Ele diz que sim com a cabeça, mas de forma pouco convincente. Os seus olhos vagueiam pela sala e depois fixam-se nos meus com demasiada seriedade. Estava a habituar-me à faceta brincalhona e sarcástica do Graham. Mas agora ressurgia a faceta intensa e séria.

Ele afasta-se da porta e passa uma mão pelo cabelo.

— Talvez isto seja... demasiado. Demasiado depressa.

Começo a sentir as faces a arder. Mas não se trata de um calor agradável. É o tipo de calor que sentimos quando ficamos furiosos: o peito arde.

— Estás a brincar comigo? Tu é que me obrigaste a ir conhecer os teus pais antes de eu saber sequer o teu apelido. — Pressiono a testa com a mão, completamente desorientada por ele decidir recuar agora. *Depois* de me ter comido. Rio-me, de tão incrédula com a minha própria estupidez. — Isto é surreal.

Dou um passo atrás para fechar a porta, mas ele dá um passo em frente e abre-a, puxando-me para ele pela cintura.

— Não — diz, abanando fervorosamente a cabeça. — Não. — Beija-me, mas afasta-se antes de eu ter hipótese de o rejeitar. — É só... Céus, parece que nem sequer consigo encontrar as palavras neste momento. — Deixa a cabeça descair para trás como se não conseguisse perceber de que modo processar a sua confusão. Então, solta-me e sai para o patamar. Começa a andar para trás e para a frente enquanto organiza os pensamentos. Parece tão destroçado como estava da primeira vez em que o vi. Nesse dia também andava de um lado para o outro, à porta do apartamento do Ethan.

O Graham dá um passo na minha direção, agarrando a ombreira da porta.

— Passámos um dia juntos, Quinn. *Um*. Tem sido perfeito e divertido e tu és tão bonita. Quero pegar em ti ao colo e levar-te para a cama e ficar dentro de ti a noite toda, e amanhã, e no dia seguinte, e é... — Passa a mão pelo cabelo rebelde e depois agarra a parte de trás do pescoço. — Tenho a cabeça a andar à roda e

sinto que, se não recuar agora, ficarei seriamente desiludido quando descobrir que não sentes o mesmo.

Demoro, pelo menos, dez segundos para processar tudo o que ele acabou de dizer. A minha boca abre-se e, antes de lhe conseguir dizer que tem razão, que é demasiado cedo e demasiado rápido, sai-me:

— Percebo o que queres dizer. É aterrador.

Ele aproxima-se.

— É.

— Já alguma vez sentiste isto antes? Tão depressa?

— Nunca. Nem de perto.

— Eu também não.

Ele leva uma mão ao meu pescoço e entrelaça os dedos no meu cabelo. A sua outra mão pressiona-me a zona lombar enquanto me puxa para si. Então, faz a pergunta num sussurro contra os meus lábios.

— Queres que me vá embora?

Eu respondo-lhe com um beijo.

Nenhum de nós questiona tudo o que acontece em seguida. Não há dúvidas quando ele fecha a porta com um pé. Não há preocupações quando nos livramos das roupas um do outro. Nenhum de nós hesita a caminho do quarto.

E durante a hora seguinte, a única pergunta que me faz é:

— Queres passar para cima agora?

Só precisa da minha resposta uma vez, mas eu digo que sim pelo menos cinco vezes antes de terminarmos.

Agora, ele está deitado de costas e eu estou enrolada nele como se não tivéssemos meio metro de colchão de cada lado da cama. As

minhas pernas estão entrelaçadas nas dele e eu estou entretida a desenhar círculos no seu peito. Temos estado em silêncio na maior parte do tempo desde que terminámos, mas não por não termos nada para dizer. Creio que estamos apenas a pensar em como era a vida há apenas dois dias comparada com o que é neste momento.

É muito para assimilar.

O Graham passeia o dedo para cima e para baixo ao longo do meu braço. Os seus lábios encontram a parte de cima da minha cabeça num breve beijo.

— Alguma vez o Ethan te tentou reconquistar? — Sim, durante algumas semanas. — Creio que nem seja preciso dizer que sem sucesso. — E a Sasha?

— Sim — responde. — Foi incansável. Telefonou-me três vezes por dia durante um mês. A minha caixa de voicemail ficou cheia.

— Devias ter mudado o número.

— Não podia. Era a única forma que tinhas para me contactar.

Esta confissão faz-me rir.

— É provável que eu nunca te fosse telefonar — admito. — Mantive o teu número na parede porque gostei do que me fazia sentir. Mas não achei que fosse uma boa ideia, dado o modo como nos conhecemos.

— Ainda te sentes assim?

Deslizo para cima dele e a sua expressão preocupada é substituída por um sorriso.

— Nesta altura, não quero saber de como nos conhecemos. Só me interessa que nos conhecemos.

O Graham beija-me o canto da boca, entrelaçando as nossas mãos.

— Eu juro que pensei que tinhas aceitado o Ethan de volta e que era por isso que não me telefonavas.

— Era impossível aceitá-lo de volta. Especialmente depois de tentar pôr as culpas todas na Sasha. Ele pintou um quadro em que ela era uma espécie de sedutora que lhe deu a volta à cabeça. Chegou mesmo a chamar-lhe galdéria, uma vez. Foi a última vez que falei com ele.

O Graham abana a cabeça.

— A Sasha não é uma galdéria. É uma pessoa relativamente boa que, por vezes, toma decisões terríveis e egoístas. — Ele vira-me até eu ficar deitada de costas e começa a traçar círculos lânguidos na minha barriga com o dedo. — Tenho a certeza de que o fizeram porque pensaram que não seriam apanhados.

Não faço a mínima ideia de como ele consegue falar tão calmamente sobre este assunto. Sentia-me tão furiosa nas semanas a seguir a ter descoberto a traição do Ethan. Levei a peito, como se eles se tivessem envolvido só para nos humilharem. O Graham, pelo contrário, acha que eles teriam tido o caso de qualquer maneira.

— Ainda falas com ela?

— Credo, não — diz, com um riso. — Só porque não creio que ela seja uma pessoa maliciosa não significa que queira ter alguma coisa que ver com ela.

Sorrio perante essa verdade.

O Graham beija-me a ponta do nariz e depois afasta-se.

— Estás aliviada por ter acontecido? Ou sentes a falta dele?

As suas perguntas não me parecem vir, de todo, de uma faceta ciumenta. O Graham parece estar apenas curioso em relação às

coisas que aconteceram na minha vida. É por esse motivo que lhe respondo com total transparência.

— Senti a falta dele durante uns tempos, mas agora que tive tempo para pensar, na verdade, não tínhamos nada em comum. — Viro-me de lado e apoio a cabeça com a mão. — Teoricamente, tínhamos muitas coisas em comum. Mas aqui — toco no peito — não fazia sentido. Eu amava-o, mas não creio que fosse o tipo de amor que pudesse sobreviver a um casamento.

O Graham ri-se.

— Dizes isso como se o casamento fosse um furacão de categoria 5.

— Não a toda a hora. Mas acredito piamente que existem *momentos* de categoria 5 em todos os casamentos. Não creio que eu e o Ethan conseguíssemos sobreviver a esses momentos.

O Graham fita pensativamente o teto.

— Sei o que queres dizer. Eu teria desiludido a Sasha enquanto marido.

— O que é que te leva a dizer uma coisa dessas?

— É mais um reflexo dela do que de mim mesmo. — O Graham estende a mão até ao meu rosto e limpa qualquer coisa.

— Então, isso faria dela uma esposa dececionante. Não faria de ti um marido dececionante.

O Graham gosta do que ouve.

— Lembras-te do que dizia o teu bolinho da sorte?

Encolho os ombros.

— Já passou algum tempo. Qualquer coisa sobre defeitos, e tinha um erro gramatical.

O Graham ri-se.

— Dizia: «Se apenas iluminar os seus defeitos, todos os seus perfeitos ficarão às escuras.» — Adoro o facto de ele ter guardado o papel da minha sina. Adoro ainda mais que ele a tenha memorizado. — Todos nós temos defeitos. Centenas deles. São como buracos minúsculos que pontilham a nossa pele. E tal como constava na tua sina, por vezes, iluminamos demasiado os nossos defeitos. No entanto, há pessoas que tentam ignorar os seus próprios defeitos iluminando os das outras pessoas, a ponto de os defeitos da outra pessoa se transformarem na sua única preocupação. Apropriam-se deles, aos poucos, até os exporem por completo e a outra pessoa nada mais ser do que um defeito gigante. Um defeito gigante e totalmente exposto. — O Graham olha-me nos olhos e, apesar de estar a dizer algo deprimente, não parece desiludido. — A Sasha é esse tipo de pessoa. Se eu me tivesse casado com ela, independentemente de quanto eu tivesse tentado evitá-lo, mais cedo ou mais tarde ela teria ficado desiludida comigo. Era incapaz de se concentrar no lado positivo das pessoas.

Estou aliviada pelo Graham. A ideia de ele poder ter tido um casamento infeliz faz-me sentir triste por ele. E a ideia de eu vir a fazer parte, potencialmente, de um casamento infeliz é-me demasiado próxima. Franzo o sobrolho, sabendo que escapei do mesmo tipo de casamento. Olho para a minha mão, enquanto rodo de modo inconsciente uma aliança invisível num anelar despido.

— O Ethan costumava fazer isso. Mas eu não reparei até termos acabado. Apercebi-me de que me sentia melhor comigo mesma sem ele do que com ele. — Volto a olhar para o Graham. — Durante tanto tempo, pensei que ele era bom para mim. Sinto-me tão ingénua. Já nem consigo confiar no meu próprio discernimento.

— Não sejas tão dura contigo mesma, Quinn. Agora sabes exatamente o que deves procurar. Quando conheceres alguém que seja bom para ti, essa pessoa não te irá encher de inseguranças concentrando-se nos teus defeitos. Encher-te-á de inspiração, porque se concentrará em todas as melhores partes de ti.

Rezo para que ele não sinta o bater intenso do meu coração, neste preciso momento. Engulo em seco e depois engasgo-me numa frase patética.

— Isso é... muito bonito.

O seu olhar penetrante não vacila até ele fechar os olhos e me beijar. Um beijo longo, mas tão intenso que sinto que não consigo respirar quando nos afastamos. Olho para baixo e inspiro em silêncio antes de o olhar novamente nos olhos. Forço um sorriso numa tentativa de aliviar a intensidade no meu peito.

— Nem acredito que guardaste a minha sina.

— Nem acredito que guardaste o meu número na parede durante seis meses.

— *Touché.*

O Graham estende a mão até ao meu rosto e acaricia-me os lábios com o polegar.

— Qual dirias que é um dos teus grandes defeitos?

Beijo a ponta do seu polegar.

— A família conta como defeito?

— Não.

Penso durante mais um momento.

— Tenho muitos. Mas creio que um dos que gostaria de alterar, se pudesse, é a minha incapacidade de ler as pessoas. É difícil para

mim olhar para alguém e saber exatamente o que essa pessoa está a pensar.

— Não creio que haja muitas pessoas capazes de ler as outras. Apenas acham que conseguem.

— Talvez.

O Graham muda de posição, enrolando-se na minha perna enquanto os seus olhos se enchem de alegria. Inclina-se para a frente e passa ao de leve com os seus lábios nos meus, provocando-me com uma carícia da sua língua.

— Tenta ler-me agora — sussurra. — Em que estou a pensar? — Afasta-se e observa a minha boca.

— Estás a pensar que te queres mudar para o Idaho e comprar uma plantação de batatas.

Ele ri-se.

— Era *exatamente* nisso que eu estava a pensar, Quinn.

Deita-se de costas, puxando-me para cima dele. Empurro o seu peito e sento-me, montando-o.

— E tu? Qual é o teu maior defeito?

O sorriso desaparece do rosto do Graham e os seus olhos ficam uma vez mais, e do nada, tristes. A contradição na sua expressão é tão extrema. Quando ele está triste, parece estar mais triste do que qualquer outra pessoa que alguma vez conheci. Mas quando está feliz, parece estar mais feliz do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido.

O Graham entrelaça os seus dedos nos meus e aperta-os.

— Fiz uma escolha verdadeiramente estúpida uma vez, que teve algumas consequências devastadoras. — A sua voz fica mais branda e consigo perceber que ele não quer falar sobre o assunto.

Mas adoro o facto de que o faça de qualquer modo. — Tinha 19 anos. Estava com o meu melhor amigo, o Tanner. O Alec, o irmão dele, que tinha 16 anos, estava connosco. Tínhamos ido a uma festa e eu era o que estava menos bêbedo dos três, por isso levei eu o carro. Eram apenas três quilómetros até casa.

O Graham aperta as minhas mãos e inspira fundo. Não me olha nos olhos, por isso sei que a sua história não acaba bem e fico triste por ele. Questiono-me se será a razão pela qual aparenta estar tão triste às vezes.

— Tivemos um acidente a menos de um quilómetro da minha casa. O Tanner morreu. O Alec foi projetado do veículo e partiu vários ossos. O acidente não foi por nossa culpa. Um camião não parou num sinal de stop, mas isso não interessa, porque eu não estava sóbrio. Acusaram-me de condução sob o efeito de álcool e passei a noite na prisão. Mas como não tinha cadastro, fui apenas acusado por causar ferimentos a um menor e fiquei com um ano de pena suspensa pelo que aconteceu ao Alec. — O Graham solta um suspiro pesado. — Não é marado? Fui acusado pelos ferimentos de que o Alec foi vítima no acidente, mas não fui acusado da morte do meu melhor amigo.

Consigo sentir o peso da sua tristeza no meu peito enquanto olho fixamente para ele. É tão pesada.

— Dizes isso como se te sentisses culpado por não teres sido acusado pela sua morte.

Os olhos do Graham vão, por fim, ao encontro dos meus.

— Sinto-me culpado todos os dias por estar vivo e o Tanner não estar.

Detesto que ele se tenha sentido na obrigação de me contar isto.

É um assunto penoso, obviamente, mas estou grata por o ter feito. Levo uma das suas mãos à minha boca e beijo-a.

— Vai melhorando com o tempo — aquiesce ele. — Quando digo a mim mesmo que poderia muito bem ter sido eu naquele lugar do passageiro e o Tanner ao volante. Ambos tomámos decisões estúpidas naquela noite. Estivemos os dois mal. Mas, independentemente das consequências que sofri em resultado daquilo, eu estou vivo e ele não. E não consigo deixar de pensar se os meus reflexos poderiam ter sido mais rápidos se eu não tivesse estado a beber. E se eu não tivesse decidido que estava suficientemente sóbrio para conduzir? E se eu tivesse sido capaz de guinar o volante e não tivesse acertado naquele camião? Creio que é o que alimenta a maior parte da minha culpa.

Nem sequer lhe tento oferecer palavras reconfortantes. Por vezes, as situações não têm uma vertente positiva. Têm apenas vários lados tristes. Estendo a mão e toco-lhe no rosto. Depois, no canto dos seus olhos tristes. Os meus dedos deslocam-se até à cicatriz na clavícula que me mostrou na noite anterior.

— Foi nessa noite que fizeste esta cicatriz?

Ele anui.

Baixo-me em cima dele e pressiono os meus lábios contra a sua cicatriz. Beijo-a de uma ponta à outra e depois levanto-me e olho-o nos olhos.

— Lamento que isso tenha acontecido.

Ele força um sorriso, mas este desvanece-se tão depressa quanto surgiu.

— Obrigado.

Levo os meus lábios até ao seu rosto e beijo-o suavemente.

— Lamento que tenhas perdido o teu melhor amigo.

Consigo sentir o Graham libertar um sopro quando os seus braços me envolvem.

— Obrigado.

Arrasto os meus lábios da sua face até à sua boca e beijo-o delicadamente. Depois afasto-me e fito-o de novo.

— Lamento — murmuro.

O Graham observa-me em silêncio durante uns breves segundos, depois vira-me para ficar em cima de mim. Pressiona a sua mão contra a minha garganta, agarrando o meu maxilar com uns dedos suaves. Observa o meu rosto enquanto me penetra, com a boca à espera ansiosamente do meu arquejo. Assim que os meus lábios se afastam, a sua língua mergulha entre eles e ele beija-me do mesmo modo que me penetra. Sem pressas. De forma ritmada. Com determinação.

Capítulo Dezasseis

Agora

A primeira vez que sonhei que o Graham me traía, acordei a meio da noite encharcada em suor. Sentia-me com falta de ar porque, no meu sonho, estava a chorar tanto que não conseguia respirar. O Graham acordou e abraçou-me de imediato. Perguntou-me o que se passava, mas eu estava tão furiosa com ele. Lembro-me de o empurrar porque a raiva do meu sonho ainda estava presente, como se ele me tivesse traído na realidade. Quando lhe contei o que tinha acontecido, ele riu-se e limitou-se a abraçar-me e a beijar-me até eu deixar de estar furiosa. Depois, fez amor comigo.

No dia seguinte, enviou-me flores. O cartão dizia: «Lamento o que te fiz no teu pesadelo. Por favor, perdoa-me esta noite quando sonhares.»

Ainda tenho o cartão. Sorrio sempre que penso nele. Alguns homens nem sequer conseguem pedir desculpa pelos erros que cometem na vida real. No entanto, o meu marido pede desculpa pelos erros que comete nos meus sonhos.

Pergunto-me se ele pedirá desculpa esta noite.

Pergunto-me se ele tem, na verdade, algo por que pedir desculpa.

Não sei porque estou desconfiada. Começou na noite em que ele chegou a casa demasiado embriagado para se lembrar na manhã seguinte do estado em que tinha chegado, e a desconfiança

manteve-se até à última quinta-feira, quando ele chegou a casa e não cheirava, de todo, a cerveja. Nunca desconfiei dele antes deste mês, mesmo depois dos problemas de confiança que o Ethan me enraizou. Mas senti que havia algo que não batia certo nesta última quinta-feira. Ele veio diretamente para casa e mudou de roupa sem me dar um beijo. E não sinto as coisas bem desde então.

O medo atingiu-me em cheio hoje, mesmo no peito. Com tanta força que arquejei e tapei a boca.

Foi como se eu conseguisse sentir a culpa dele a partir de onde quer que ele se encontrasse naquele segundo. Sei que é impossível duas pessoas estarem tão ligadas a ponto de se sentirem uma à outra quando não estão juntas. Acho que foi a minha negação a avançar lentamente até, por fim, se encontrar em posição de destaque na minha consciência.

Nunca as coisas estiveram tão mal entre nós. Pouco comunicamos. Não somos afetuosos. Ainda assim, andamos por todas as divisões da casa e fingimos que ainda somos marido e mulher. Mas desde a noite em que ele chegou bêbedo, parece que o Graham deixou de se esforçar. Os beijos de despedida começaram a ser cada vez menos frequentes. Os beijos de cumprimento deixaram de existir por completo. Ele desceu, por fim, ao meu nível neste casamento.

Ou ele tem algo por que se sentir culpado ou desistiu enfim de lutar pela sobrevivência deste casamento.

Não era isso mesmo que eu desejava? Que ele deixasse de lutar com tanto afinco por algo que só lhe trará ainda mais sofrimento?

Eu não bebo com muita frequência, mas mantenho o vinho à mão

para emergências. Isto parece, sem dúvida, uma emergência. Bebo o primeiro copo na cozinha enquanto olho para o relógio.

Bebo o segundo copo no sofá enquanto olho para a entrada.

Tenho necessidade do vinho para acalmar as dúvidas que me assolam. Os meus dedos tremem enquanto olho fixamente para o vinho. O meu estômago foi tomado por aflição, como se estivesse a ter um dos meus pesadelos.

Estou sentada à pontinha do sofá com os pés enrolados por baixo do corpo. A televisão não está ligada. A casa está às escuras. Ainda estou a olhar para a entrada quando ele estaciona, por fim, o seu carro às 19h30. De onde estou, consigo vê-lo perfeitamente a desligar o motor, e a luz dos faróis a desvanecer até se apagar. Consigo vê-lo, mas ele não me consegue ver a mim.

Tem as duas mãos a segurar o volante. Ali está ele — sentado no carro, como se o último lugar onde ele quisesse estar fosse aqui dentro, comigo. Dou mais um gole no vinho e observo enquanto ele pousa a testa no volante.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Quinze segundos é o tempo que permanece nessa posição. Quinze segundos de pavor. Ou de arrependimento. Não sei o que está a sentir.

Ele larga o volante e senta-se direito. Olha para o retrovisor e limpa a boca. Arranja a gravata. Limpa o pescoço. *Parte-me o coração*. Suspira profundamente e, por fim, sai do carro.

Quando entra em casa, não repara imediatamente em mim. Atravessa a sala de estar, na direção da cozinha, a qual dá para o nosso quarto. Repara em mim quando está prestes a chegar à cozinha.

Levo o copo à boca. Sustenho o seu olhar enquanto dou mais um gole. Ele apenas me observa em silêncio. Estará, provavelmente, a perguntar-se o que estarei a fazer sentada no escuro. Sozinha. A beber vinho. Os seus olhos seguem o caminho desde mim até à janela da sala de estar. Percebe quão visível é o seu carro de onde me encontro. Quão visíveis devem ter sido as suas ações enquanto estive sentado lá dentro. Está a perguntar-se se o terei visto a limpar os restos dela da sua boca. Do seu pescoço. Está a perguntar-se se o terei visto a arranjar a gravata. Está a perguntar-se se o terei visto a pressionar a cabeça no volante com terror. Ou arrependimento. Não volta a fixar os seus olhos nos meus. Em vez disso, olha para o chão.

— Como é que ela se chama? — Não sei como, faço a pergunta sem parecer rancorosa. Faço a pergunta com o mesmo tom com que costumo perguntar como foi o seu dia.

Como foi o teu dia, querido?

Qual é o nome da tua amante, querido?

Apesar do meu tom de voz agradável, o Graham não me responde. Levanta os olhos até encontrar os meus, mas permanece em silêncio na sua negação.

Sinto o estômago às voltas como se estivesse fisicamente indisposta. Estou chocada com o quanto o seu silêncio me enfurece. Estou chocada com o quanto isto magoa mais na realidade do que nos meus pesadelos. Não pensava que pudesse ser ainda pior do que nos pesadelos.

De algum modo, levanto-me, ainda a apertar o copo. Quero atirá-lo. Não contra ele. Preciso apenas de o atirar contra *alguma coisa*. Odeio-o com todos os pedaços da minha alma neste preciso

momento, mas não o culpo o suficiente para lhe atirar com o copo. Se o pudesse atirar a mim mesma, fá-lo-ia. Mas não consigo, por isso atiro-o contra a nossa fotografia de casamento que se encontra pendurada na parede do outro lado da sala.

Repito as palavras quando o meu copo de vinho atinge a fotografia, partindo-se em mil pedaços, sangrando pela parede até ao chão.

— Como é que ela se chama, caraças?!

A minha voz já não é agradável.

O Graham nem sequer vacila. Não olha para a fotografia de casamento, não olha para o chão a sangrar por baixo dela, não olha para a porta de casa, não olha para os seus pés. Olha-me diretamente nos olhos e diz:

— Andrea.

Assim que o nome sai dos seus lábios, ele desvia o olhar. Não quer testemunhar o que a sua honestidade brutal me faz.

A minha mente dispara para o momento em que estive prestes a enfrentar o Ethan depois de descobrir que ele me tinha traído. O momento em que o Graham me segurou no rosto com as suas mãos e disse: «O pior que podemos fazer neste momento é mostrar emoção, Quinn. Não te zangues. Não chores.»

Foi mais fácil naquela altura. Quando o Graham estava do *meu* lado. Não é tão fácil estar deste lado sozinha.

Os meus joelhos tocam no chão, mas o Graham já não está aqui para me apanhar. Assim que disse o nome dela, saiu da sala.

Faço tudo o que o Graham me disse para não fazer da última vez que isto me aconteceu. Mostro emoção. Fico furiosa. Choro.

Rastejo até à bagunça que fiz no chão. Pego nos pedaços de

vidro mais pequenos e coloco-os numa pilha. Estou a chorar demasiado para os ver a todos. Mal consigo ver através das minhas lágrimas enquanto olho à volta para perceber o que posso usar para absorver o vinho do soalho de madeira.

Ouço a água a correr no chuveiro. Ele deve estar a livrar-se dos despojos da Andrea enquanto eu me livro dos despojos do vinho.

As lágrimas não são nada de novo, mas são diferentes desta vez. Não estou a chorar por algo que nunca chegou a existir. Estou a chorar por algo que chegou ao fim.

Pego num caco de vidro e precipito-me para a parede, encostando-me a ela. Estico as pernas à minha frente e olho fixamente para o estilhaço. Viro a mão e pressiono o vidro contra a palma. Perfura-me a pele, mas, mesmo assim, continuo a pressionar com mais força. Observo à medida que se afunda cada vez mais na pele. Observo o sangue a borbulhar em torno do vidro.

De algum modo, o meu peito continua a doer-me mais do que a minha mão. *Muito mais.*

Deixo cair o fragmento de vidro e limpo o sangue. Depois puxo as pernas para cima e abraço os joelhos, enterrando neles a cabeça. Ainda estou a soluçar quando o Graham regressa à sala. Abraço-me ainda com mais força quando ele se ajoelha ao meu lado. Sinto a sua mão no meu cabelo, os seus lábios no meu cabelo. Os seus braços à minha volta. Puxa-me contra si e senta-se encostado à parede.

Quero gritar com ele, esmurrá-lo, fugir dele. Mas só consigo enrolar-me em mim mesma ainda mais enquanto choro.

— Quinn. — Tem os braços entrelaçados firmemente à minha volta e o rosto escondido no meu cabelo. O meu nome está imbuído

de agonia quando sai dos seus lábios. Nunca o odiei tanto. Tapo os ouvidos porque não quero ouvir a sua voz neste momento. Mas ele não profere mais nenhuma palavra. Nem sequer quando me afasto dele, me dirijo ao quarto e tranco a porta.

Capítulo Dezassete

Dantes

Inseparáveis.

É o que somos.

Já passaram dois meses e meio desde que lhe lancei, supostamente, um «olhar» naquela noite no restaurante.

E mesmo passando todos os momentos juntos, à exceção do tempo que nos encontramos nos nossos respetivos empregos, ainda sinto a sua falta. Nunca estive tão envolvida com alguém em toda a minha vida. Para ser honesta, nem nunca pensei que fosse possível. Não se trata de uma obsessão doentia, porque ele dá-me espaço se eu quiser. Eu, simplesmente, não quero esse espaço. Ele não é possessivo nem superprotetor. Eu não sou ciumenta nem carente. No entanto, o tempo que passamos juntos transmite-me uma sensação de escapatória eufórica e eu quero senti-la tanto quanto possível.

Apenas dormimos separados uma vez nas dez semanas de namoro. A Ava e o Reid tiveram uma discussão, por isso ela ficou cá em casa e aproveitámos para dizer mal dos homens e comer comida de plástico durante toda a noite. Foi deprimentemente divertido, mas cinco minutos depois de ela transpor a porta, eu já estava a ligar ao Graham. Vinte minutos depois de ela sair, ele

batia-me à porta. Vinte e um minutos depois de ela sair, estávamos a fazer amor.

E, basicamente, tem sido assim. Dez semanas de mais nada a não ser sexo, riso, sexo, comida, sexo, riso e mais sexo.

O Graham brinca com o facto de termos de atingir um planalto a dada altura. Mas ainda não é hoje.

— Céus, Quinn — resmunga contra o meu pescoço ao deixar-se cair sobre mim. Está sem fôlego e eu não o posso ajudar porque também não consigo recuperar o meu.

Isto não era para acontecer. Como é Halloween, tínhamos combinado ir a uma festa em casa da Ava e do Reid, mas assim que vesti o meu minivestido maroto, o Graham não conseguiu manter as mãos longe de mim. Quase tivemos sexo no patamar, perto do elevador, mas ele levou-me de volta para casa de modo a salvar a nossa dignidade.

O Graham obrigou-me a manter a promessa quanto aos fatos de Halloween que sugeri em agosto. Decidimos vestir-nos como nós mesmos, mas de um modo mais ordinário. Não conseguimos decidir exatamente como seria um fato ordinário, por isso optámos por quase não vestir roupa. Tenho uma tonelada de maquilhagem. Ele diz que a sua função é apenas apalpar-me a noite toda e garantir que temos muitas demonstrações públicas de afeto.

As nossas roupas encontram-se agora no chão, embora a minha t-shirt tenha mais um rasgão. A espera pelo elevador consome-nos sempre imenso tempo.

O Graham inclina-se sobre mim e enterra novamente a cabeça no meu pescoço, beijando-me até eu me desfazer em arrepios.

— Quando é que vou conhecer a tua mãe?

A pergunta rasga o instante perfeito que experienciávamos e sinto toda a minha alegria a escapar-se.

— Nunca, se depender de mim.

O Graham afasta-se do meu pescoço e olha para mim.

— Ela não pode ser assim tão má.

Solto um sorriso indiferente.

— Graham, foi ela quem colocou a palavras *prestigiado* nos meus convites de casamento.

— A opinião que formaste acerca de mim teve como base os meus pais?

Adoro os pais dele.

— Não, mas eu conheci-os no primeiro dia em que estivemos juntos. Eu nem sequer te conhecia o suficiente para formar uma opinião sobre *ti*.

— Tu conhecias-me, Quinn. Não sabias nada sobre mim, mas conhecias-*me*.

— Pareces tão confiante!

Ele ri-se.

— E estou. Nós vimos a alma um do outro na noite em que nos conhecemos naquele patamar. Por vezes, as pessoas conhecem-se e nada do que está à superfície interessa, porque elas veem para lá de tudo isso. — O Graham leva a boca até ao meu peito e dá-me um beijo sobre o coração. — Eu soube tudo o que tinha de saber na noite em que te conheci. Nada exterior poderia alguma vez influenciar a minha opinião sobre ti. Nem mesmo a opinião que viesse a formar sobre a mulher que te criou.

Quero beijá-lo. Ou casar-me com ele. Ou *comê-lo*.

Contento-me com um beijo, mas mantenho-o relativamente breve,

porque tenho medo de lhe dizer que estou apaixonada por ele se não me contiver agora. Está mesmo aqui, na ponta da língua, e é mais difícil manter isso cá dentro do que deixar sair. Mas não quero ser a primeira a dizê-lo. Ainda não.

Rebolo rapidamente para fora da cama e pego nos nossos fatos.

— Está bem. Podes conhecer a minha mãe na semana que vem.
— Atiro-lhe as roupas dele. — Mas esta noite vais conhecer a Ava. Veste-te, estamos atrasados.

Quando visto o meu fato, o Graham ainda está sentado na cama, de olhos fixos em mim.

— E as tuas cuecas? — pergunta ele.

A minha saia é mesmo curta, e em qualquer outra noite não me apanhariam com ela vestida, nem morta. Olho para as minhas cuecas descartadas no chão e penso em como ele ficaria louco se soubesse que eu não tinha nada vestido por baixo da saia já de si demasiado curta. Então, deixo-as no chão e sorrio-lhe. — Não condizem com a minha indumentária.

O Graham abana a cabeça.

— Estás a dar cabo de mim, Quinn. — Ele levanta-se e veste-se, enquanto eu retoco a maquilhagem.

Dirigimo-nos à porta.

Atravessamos o patamar.

Mas, uma vez mais, distraímos-nos à espera do elevador.

*

— Estás atrasada. — É a única coisa que a Ava diz quando abre a porta e me vê com o Graham. Tem vestido um fato de duas peças e

o cabelo penteado como se tivesse saído diretamente do filme *Mulheres Perfeitas*. Ela espera até entrarmos em casa e depois fecha a porta. — Reid! — grita o seu nome e vira-se para o procurar, mas ele está mesmo ao seu lado. — Oh. — Ela estende a mão na direção do Graham. — Ele está aqui.

O Reid aperta a mão ao Graham.

— É um prazer conhecer-te.

A Ava olha para o Graham de alto a baixo. Depois olha para mim de alto a baixo.

— Os vossos fatos são tão degradantes. — Dito isto, afasta-se sem olhar para trás.

— Mas que raio?! — digo, olhando para o Reid. — Porque está ela a ser tão indelicada?

O Reid ri-se.

— Eu tentei dizer-lhe que aquele disfarce não era lá muito óbvio.

— Mas ela está mascarada de quê? Cabra?

O rosto do Reid ruboriza. Inclina-se na nossa direção.

— Está disfarçada de tua mãe.

O Graham começa logo a rir-se.

— Então ela não costuma ser assim tão... desagradável?

Eu reviro os olhos e pego-lhe na mão.

— Anda, tenho de voltar a apresentar-te à minha irmã.

Da segunda vez que lho apresento, a Ava é simpática para com o Graham. Mas depois volta a assumir a personagem durante o resto da noite e faz de conta que é a nossa mãe. A parte mais engraçada é que ninguém na festa tem a menor ideia de quem é que ela pretende ser. É apenas um segredo entre nós os quatro, o que torna

as coisas ainda melhores sempre que a ouço dizer a alguém que está com um ar cansado ou o quanto ela odeia crianças.

A determinada altura, ela aproxima-se do Graham e diz:

— Quanto é que ganhas? — E, antes que ele responda, continua:
— Assegura-te de que assinas um acordo pré-nupcial antes de te casares com a minha filha.

Ela é tão boa a fazer de nossa mãe que estou aliviada por a festa estar a acabar, pois não creio que aguentasse nem mais um segundo sequer disto.

Agora estou sozinha na cozinha com ela, a dar-lhe uma ajuda a lavar a louça.

— Pensei que tu e o Reid tivessem máquina de lavar louça. Ou enlouqueci? — A Ava levanta o pé e aponta para o minifrigorífico com a porta em vidro a alguns metros de distância. — É uma garrafeira refrigerada? Onde a tua máquina de lavar louça costumava estar?

— Pois — diz ela.

— Mas... *porquê?*

— A desvantagem de me ter casado com um tipo francês. Ele acha que uma ampla oferta de vinho refrigerado é mais importante do que uma máquina de lavar louça.

— Isso é terrível, Ava.

Ela encolhe os ombros.

— Concordei com isso porque ele prometeu que lavaria a louça na maior parte das vezes.

— Então, porque estás tu a fazê-lo?

A Ava revira os olhos.

— Porque o teu namorado é um brinquedo novo e reluzente e o

meu marido está apaixonado.

É verdade. O Graham e o Reid passaram a maior parte da noite à conversa. Passo-lhe o último prato.

— O Reid chamou-me à parte há pouco e disse-me que já gosta mais do Graham do que gostava do Ethan.

— Já somos dois — afirma a Ava.

— *Três*.

Quando acabamos de lavar a louça, espreito para a sala de estar, onde o Graham está a dizer alguma coisa ao Reid que exige muitos movimentos de braço. Acho que nunca o vi tão animado. O Reid está dobrado de tanto se rir. O Graham capta o meu olhar, e o sorriso que surge no seu rosto durante esse breve olhar de relance gera um calor em mim. Ele sustém o meu olhar durante alguns segundos e depois concentra a sua atenção de volta no Reid. Quando me viro, a Ava encontra-se à porta, a observar enquanto tento apagar o sorriso do meu rosto.

— Ele está apaixonado por ti.

— Chiu. — Retrocedo para a cozinha e ela segue-me.

— *Aquele olhar* — diz ela. Pega num prato de papel e abana-se.
— *Aquele homem está apaixonado por ti e quer casar-se contigo e quer que tu tenhas os filhos dele.*

Não consigo parar de sorrir.

— Meu Deus, espero que sim.

A Ava endireita-se e compõe o seu fato.

— Bem, Quinn. Ele tem um aspeto decente, mas, como tua mãe, tenho de admitir que pensei que conseguias encontrar alguém muito mais rico. Agora, onde está o meu martíni?

Reviro os olhos.

— Por favor, para.

Capítulo Dezoito

Agora

Não sei se o Graham dormiu no quarto de hóspedes ou no sofá na noite passada, mas, seja onde for que tenha ficado, duvido que tenha conseguido dormir alguma coisa. Tentei imaginar o aspeto dele com o seu olhar triste e as mãos a agarrarem o cabelo de modo desesperado. De vez em quando, sentia pena dele, mas depois tentava imaginar como seria a Andrea, que aspeto teria. Tentava imaginar a Andrea através dos olhos tristes do meu marido enquanto a beijava.

Pergunto-me se a Andrea sabe que o Graham é casado. Pergunto-me se ela sabe que ele tem uma mulher em casa que não consegue engravidar. Uma mulher que passou uma noite inteira e um dia inteiro trancada no quarto. Uma mulher que finalmente saiu da cama tempo suficiente para fazer uma mala. Uma mulher que está... *farta*.

Quero ir-me embora antes que o Graham regresse a casa.

Ainda não telefonei à minha mãe para lhe dizer que estou a caminho da casa dela. É provável que não a avise. Vou, simplesmente, aparecer. O receio que tenho da conversa com ela faz-me querer adiar o mais possível esse momento.

«Eu avisei-te», dirá ela.

«Devias ter casado com o Ethan», dirá ela. «Todos eles, mais

tarde ou mais cedo, traem, Quinn. Pelo menos o Ethan teria sido um traidor rico.»

Destranco a porta do quarto e vou até à sala de estar. O carro do Graham não está na entrada. Dou uma volta pela casa para ver se há alguma coisa que queira levar comigo. Faz-me lembrar o tempo em que me esforcei por limpar o Ethan do meu apartamento. Não queria ter nada que ver com ele. Nem sequer as coisas que me recordavam dele.

Perscruto a casa e os meus olhos recaem sobre tudo o que eu e o Graham acumulámos ao longo dos anos. Nem sequer saberia por onde começar, se quisesse levar alguma coisa. Por isso, não começo por lado nenhum. Só preciso de roupa.

De regresso ao quarto, fecho a mala. Ao tirá-la da cama, os meus olhos fixam-se na caixa de madeira na prateleira do fundo da minha estante. Dirijo-me imediatamente para lá e pego na caixa, depois levo-a até à cama. Agito o cadeado, mas este nem se mexe. Lembro-me de o Graham prender a chave com fita-cola para que nunca a perdêssemos. Viro a caixa e deslizo a unha por baixo da fita-cola. Parece que vou, por fim, ver o que se encontra no interior.

— Quinn.

Sobressalto-me quando ouço a sua voz. Mas não olho para ele. Não posso olhar para ele agora. Mantendo o olhar baixo, acabo de puxar a fita-cola até conseguir libertar a chave.

Quinn. A voz do Graham está repleta de pânico. Eu estaco, esperando que ele diga o que tem a dizer. Ele entra no quarto e senta-se na cama ao meu lado. As suas mãos apertam a minha mão que segura a chave.

— Fiz a pior coisa que te poderia ter feito. Mas dá-me uma

hipótese de corrigir as coisas antes de abrires isto.

Sinto a chave na palma da minha mão.

Ele pode ficar com ela!

Pego na mão dele e viro-a. Assento-lhe a chave na palma da mão e fecho-lha. Olho-o nos olhos.

— Não vou abrir a caixa. Mas só porque já me estou nas tintas para o que está lá dentro.

Nem sequer me lembro da dor que senti entre o momento em que saí de casa e conduzi até aqui, mas estou agora estacionada no acesso à casa da minha mãe.

Observo-a. Uma casa enorme de estilo vitoriano que tem mais importância para a minha mãe do que qualquer outra coisa. Incluindo eu.

Ela nunca o admitirá. Iria parecer mal, admitir em voz alta que nunca quis ser mãe. Por vezes, guardo-lhe rancor por isso. Ela foi capaz de engravidar — acidentalmente — e levar a gravidez a termo. Duas vezes. E nenhuma das vezes foi entusiasmante para ela. Queixou-se durante anos sobre as estrias que eu e a minha irmã lhe deixámos. Odiava o peso extra que nunca chegou a perder. Nos dias em que a deixávamos mesmo enervada, ela telefonava para uma ama cujo número tinha em marcação rápida e dizia: «Sinceramente, Roberta, não consigo aguentar isto nem mais um minuto. Por favor, venha assim que puder, preciso de um dia no spa.»

Recosto-me no banco e fito o quarto que dantes era o meu. Muito antes de ela o transformar num roupeiro adicional para as suas caixas de sapatos vazias. Lembro-me de estar à janela uma vez, a

fitar o pátio da frente. O Graham estava comigo. Foi a primeira vez que o trouxe aqui a casa, para o apresentar à minha mãe.

Nunca esquecerei o que ele disse naquele dia. Foi a coisa mais honesta e bonita que ele alguma vez me disse. E foi nesse momento — quando estávamos à janela do meu quarto — que percebi que o amava.

Essa é a melhor recordação que tenho de um episódio que teve lugar na casa da minha mãe, e nem sequer se trata de uma recordação que partilho com ela. É uma recordação que partilho com o Graham. O marido que acabou de me trair.

Sinto que estar em casa da minha mãe seria pior do que estar na minha própria casa. Não a consigo encarar neste momento. Tenho de organizar as ideias antes de permitir que ela se intrometa.

Começo a fazer marcha-atrás, mas é demasiado tarde. A porta de casa abre-se e eu vejo-a a sair, semicerrando os olhos para ver quem está na entrada.

Inclino a cabeça para o encosto do banco. Lá se vai a minha hipótese de escapar.

— Quinn? — chama ela. — Saio do carro e encaminho-me para lá. Ela está a segurar na porta de casa, mas, se eu entrar, vou sentir-me encurralada. Sento-me no degrau de cima e ponho-me a olhar em frente, para o pátio. — Não queres entrar?

Digo que não com a cabeça e depois cruzo os braços sobre os joelhos e começo a chorar. Ela acaba por se sentar ao meu lado.

— O que se passa?

É nestas alturas que gostava de ter uma mãe que se preocupasse verdadeiramente quando eu estou a chorar. Ela apenas executa a mecânica, batendo com a mão rígida nas minhas costas.

Nem sequer lhe conto o que aconteceu com o Graham. Não o faço porque, para começar, estou a chorar demasiado para sequer conseguir verbalizar seja o que for. Quando, por fim, me acalmo o suficiente para recuperar o fôlego, tudo o que lhe consigo perguntar é algo que soa muito pior do que eu pretendia.

— Porque é que Deus dá filhos a alguém como tu, mas não a mim? — A minha mãe retesa-se quando digo isto. Levanto-me imediatamente e olho para ela. — Desculpa. Não quis dizer isto de forma tão insensível.

Ela não parece ter ficado ofendida, de todo. Apenas encolhe os ombros.

— Talvez não seja culpa de Deus — diz. — Talvez os aparelhos reprodutores só tenham duas opções: em funcionamento ou não. — Isso faria muito mais sentido. — Como é que sabes que eu nunca quis ter filhos?

Rio-me sem convicção.

— Foste tu que o disseste. Muitas vezes.

Na verdade, ela tem um ar culpado. Afasta o olhar de mim e olha para o pátio.

— Eu queria viajar — diz. — Quando eu e o teu pai nos casámos, fizemos planos para nos mudarmos para um país diferente todos os anos, durante cinco anos, antes de comprarmos uma casa. Só para podermos viver noutras culturas antes de morrermos. Mas, numa certa noite louca, não tivemos cuidado e concebemos a tua irmã Ava. — Então, volta a olhar para mim e diz: — Nunca quis ser mãe, Quinn. Mas dei o meu melhor. Sinceramente. E sinto-me grata por ti e pela Ava. Mesmo que seja difícil para mim demonstrá-lo. — Ela pega na minha mão e aperta-a. — Não vi concretizada a minha

primeira escolha para uma vida perfeita, mas, ainda assim, fiz o melhor que consegui com a minha segunda opção.

Aceno com a cabeça, limpando uma lágrima. Não consigo acreditar que ela está a admitir tudo isto. E não consigo acreditar que sou capaz de estar aqui sentada a aceitar que ela me diga que eu e minha irmã não éramos aquilo que ela queria da vida. Mas o facto é que ela está a ser honesta e ainda disse que se sente grata, algo que nunca imaginei ouvir da boca dela. Abraço-a.

— Obrigada.

Ela também me abraça, ainda que rigidamente e não como eu abraçaria os meus filhos, se tivesse algum. Porém, ela está aqui e está a abraçar-me, e isso deveria significar alguma coisa.

— Tens a certeza de que não queres entrar? Posso preparar um chá.

Eu abano a cabeça.

— Já é tarde. É melhor ir para casa.

Ela anui, embora eu consiga ver que ela se sente hesitante em deixar-me aqui fora sozinha. Mas não sabe o que fazer ou dizer além do que já disse, sem a situação se tornar demasiado estranha. Por fim, entra em casa, mas eu não me vou embora de imediato. Fico sentada no alpendre durante mais algum tempo, porque não quero regressar ainda à minha casa.

Também não quero estar aqui.

Acho que não quero estar em lado nenhum.

Capítulo Dezanove

Dantes

— Sinto a tua falta. — Tento não fazer beicinho, mas, como estamos a falar ao telefone, ele não me consegue ver, por isso faço mesmo.

— Vejo-te amanhã — diz ele. — Prometo. Só tenho receio de que possa estar a sufocar-te, e tu sejas demasiado simpática para mo dizer.

— Não sou. Sou má e franca e dir-te-ia para te ires embora, se quisesse que te fosses embora. — É verdade. Dir-lhe-ia que queria espaço. E ele dar-mo-ia, sem me questionar.

— Vou buscar-te assim que sair do trabalho, amanhã. Depois vou conhecer a tua mãe.

Suspiro.

— Está bem. Mas vamos fazer amor antes de irmos a casa dela, porque já estou stressada.

O Graham ri-se e eu consigo adivinhar através do seu riso que ele está a ter pensamentos obscenos por causa do que eu disse. Ele tem risos diferentes para reações diferentes, e tem sido uma das minhas descobertas preferidas — diferenciá-los. O meu riso preferido é o da manhã, quando lhe conto o meu sonho da noite anterior. Ele acha sempre os meus sonhos engraçados, e há uma rouquidão seca no seu riso matinal, porque ainda não está completamente acordado.

— Vemo-nos amanhã — diz ele baixinho, como se já estivesse a sentir a minha falta.

— Boa noite. — Desligo à pressa. Não gosto de falar com ele ao telefone porque ele ainda não me disse que me ama. Eu também ainda não lho disse. Por isso, quando nos despedimos um do outro, tenho sempre medo de que seja esse o momento em que decide dizê-lo. Não quero que ele o diga pela primeira vez durante uma conversa ao telefone. Quero que o diga quando estiver a olhar para mim.

Passo as duas horas seguintes a tentar lembrar-me de como era a minha vida antes do Graham. Tomo um duche sozinha, vejo televisão sozinha, jogo no meu telemóvel sozinha. Pensei que pudesse ser uma experiência agradável, mas sinto-me, acima de tudo, aborrecida.

É estranho. Eu estive com o Ethan durante quatro anos e só devo ter passado uma ou duas noites por semana com ele. Adorava o meu tempo sozinha quando eu e o Ethan namorávamos. Mesmo no início. Estar com ele era bom, mas estar sozinha era igualmente bom.

Não é nada assim com o Graham. Ao fim de duas horas, estou entediada de morte. Por fim, desligo a televisão, depois o telemóvel, e apago a luz. Quando fica tudo escuro, tento desanuviar os pensamentos para poder adormecer e conseguir sonhar com ele.

*

O meu despertador começa a tocar, mas há demasiada luz, por isso, pego numa almofada e tapo o rosto. Como o Graham costuma

cá estar, é ele que desliga sempre o despertador e me dá alguns minutos para acordar. O que significa que hoje o despertador irá tocar eternamente, se eu não me portar como uma pessoa adulta.

Retiro a almofada e, precisamente quando estou prestes a chegar ao despertador, este para. Abro os olhos e o Graham vira-se para me encarar. Está em tronco nu e parece que acabou de acordar.

Sorri e dá-me beijinhos ao de leve nos lábios.

— Não conseguia dormir — diz. — Acabei por desistir e vim até cá depois da meia-noite. — Eu sorrio, apesar de ser demasiado cedo para me apetecer sorrir. — Senti a tua falta. — O Graham puxa-me para si. — É estranho. Dantes, eu ficava bem quando estava sozinho. Mas agora que te tenho a ti, sinto-me só quando estou sozinho.

Há alturas em que ele diz as coisas mais queridas. Palavras que eu quero escrever e guardar para sempre para nunca as esquecer. Mas nunca as escrevo, porque sempre que ele diz algo doce, tiro-lhe as roupas e necessito dele dentro de mim mais do que necessito de escrever as suas palavras.

É exatamente isso que acontece. Fazemos amor e eu acabo por não tomar nota das suas palavras, de novo. Tentamos recuperar o fôlego durante o último minuto quando ele se vira para mim e pergunta:

— O que é que perdi enquanto estavas a dormir?

Eu abano a cabeça.

— É demasiado estranho.

Ele apoia-se no cotovelo e olha para mim como se não estivesse a perceber. Eu suspiro e deito-me de costas.

— Está bem, pronto. Estávamos na tua casa no sonho. Só que a

tua casa era uma espelunca minúscula em Manhattan. Acordei antes de ti porque queria fazer alguma coisa simpática e preparar-te o pequeno-almoço. Mas não sabia cozinhar e tu só tinhas caixas de cereais, por isso decidi preparar-te uma tigela de *Lucky Charms*. Mas sempre que eu despejava os cereais para a tigela, a única coisa que saía da caixa eram pequenos comediantes com microfones.

— Espera — diz o Graham, interrompendo-me. — Disseste *comediantes*? As pessoas que dizem piadas?

— Eu disse-te que era estranho. E sim. Estavam a contar piadas secas. Eu estava a ficar tão furiosa, porque tudo o que queria era preparar-te uma tigela de *Lucky Charms*, mas havia centenas de comediantes minúsculos e irritantes a escalar por todo o lado na tua cozinha, a contar as mesmas piadas secas. Quando acordaste e foste até à cozinha, encontraste-me num pranto. Eu estava num estado caótico soluçante, a correr pela cozinha, a tentar esmagar todos os pequenos comediantes com um frasco de vidro. No entanto, em vez de ficares apavorado, aproximaste-te de mim por trás e envolveste-me nos teus braços. Disseste: «Quinn, não há problema. Podemos comer uma torrada ao pequeno-almoço.»

O Graham deixa cair o rosto na almofada, abafando o riso. Empurro-lhe o braço.

— Tenta lá decifrar este, espertalhão.

Então, ele solta um suspiro e puxa-me para si.

— Provavelmente significa que eu deveria preparar o pequeno-almoço a partir de agora.

Gosto do plano dele.

— O que é que queres comer? Rabanadas? Panquecas?

Levanto-me e beijo-o.

— Só te quero a ti.

— Outra vez?

Assinto.

— Quero uma segunda dose.

Obtenho exatamente o que queria para o pequeno-almoço. Depois tomamos um duche juntos, bebemos café juntos e vamos para o trabalho.

Não conseguimos passar uma noite inteira longe um do outro, mas não creio que isto signifique que vivamos juntos. Esse é um passo enorme que nenhum de nós está disposto a admitir que demos. Creio que, quando muito, isto significa apenas que já não vivemos sozinhos. Existe uma diferença.

Provavelmente, a mãe dele pensa que já vivemos juntos, uma vez que, para todos os efeitos, para ela namoramos há muito mais tempo do que na realidade acontece. Tenho ido a casa dos pais do Graham pelo menos uma vez por semana desde a primeira noite em que ele me levou até lá. Felizmente, ele deixou-se de histórias fictícias. Estava preocupada com a possibilidade de não conseguir acompanhá-lo em tudo o que ele lhe contou na primeira noite.

A mãe dele adora-me e o pai já se refere a mim como a sua nora. Não me importo. Sei que estamos juntos apenas há três meses, mas o Graham será meu marido, um dia. Isso nem sequer está em causa. É o que acontece quando conhecemos o nosso futuro marido. Acabamos por casar com ele.

E acabamos por ter de o apresentar à nossa mãe.

Que é o que vai acontecer esta noite. Não porque eu queira que

ele a conheça, mas porque é justo, uma vez que já conheço a mãe dele. *Já te mostrei o meu, agora mostra-me o teu.*

*

— Porque é que estás tão nervosa? — O Graham estende a mão para me apertar o joelho. O joelho que tenho estado a balançar desde que entrámos no carro. — Eu é que vou conhecer a tua mãe. Eu é que deveria estar nervoso.

Aperto-lhe a mão.

— Vais perceber depois de a conheceres.

O Graham ri-se e leva a minha mão até aos seus lábios, para a beijar.

— Achas que ela me vai detestar?

Já estamos na rua da minha mãe. Tão perto.

— Não és o Ethan. Ela já te detesta.

— Então, porque é que estás tão nervosa? Se ela já me detesta, não a posso desiludir.

— A mim não me importa que ela te deteste. Tenho é medo de que tu a detestes a ela.

O Graham abana a cabeça como se eu estivesse a ser ridícula.

— Nunca poderia detestar a pessoa que te deu vida.

Ele diz isso agora...

Vejo a expressão dele quando vira para o acesso. Os seus olhos absorvem a enorme casa onde cresci. Consigo sentir os seus pensamentos. E também consigo ouvi-los, porque ele os verbaliza em voz alta.

— Santo Deus. Cresceste aqui?

— Para de me julgar.

O Graham desliga o motor.

— É apenas uma casa, Quinn. Não te define. — Vira-se no seu lugar para ficar de frente para mim, pousando a mão no encosto por trás da minha cabeça e aproximando-se. — Sabes o que mais não te define? A tua mãe. — Inclina-se e beija-me, depois estende a mão para trás de mim e abre a porta. — Vamos lá tratar disto.

Ninguém nos recebe à porta, mas uma vez lá dentro encontramos a minha mãe na cozinha. Quando nos ouve, vira-se para trás e analisa o Graham da cabeça aos pés. É estranho, porque o Graham avança para lhe dar um abraço ao mesmo tempo que ela avança para um aperto de mão. Ele hesita um pouco, mas é a única vez que vacila. Passa todo o jantar a ser a pessoa adoravelmente encantadora que é.

Observo-o o tempo todo, absolutamente impressionada. Fez tudo certo. Cumprimenta a minha mãe como se estivesse verdadeiramente entusiasmado por a conhecer. Responde de modo educado a todas as suas perguntas. Fala o suficiente sobre a sua própria família, ao mesmo tempo que dá a entender que está mais interessado na nossa. Elogia a sua decoração, ri-se das suas piadas secas, ignora os seus insultos ardilosos. Ainda assim, não vejo nada senão crítica nos olhos dela. Nem sequer tenho de ouvir o que ela está a pensar, porque as suas expressões são absolutamente transparentes. Apesar de anos de botox.

Ela detesta que ele conduza um *Honda Accord* e não algo mais vistoso.

Ela detesta que ele se tenha atrevido a aparecer para o primeiro jantar de t-shirt e calças de ganga.

Ela detesta que ele seja contabilista, e não um dos milionários de cuja contabilidade trata.

Ela detesta que ele não seja o Ethan.

— Quinn — diz ela, de pé. — Porque não mostras a casa ao teu amigo?

O meu amigo.

Ela nem sequer se digna a atribuir-nos um rótulo.

Fico aliviada por ter uma desculpa para sair da sala de estar, mesmo que seja por uns meros minutos. Pego na mão do Graham e arrasto-o da sala enquanto a minha mãe leva a bandeja do chá de volta para a cozinha.

Começamos pela biblioteca, que é apenas um nome mais chique para uma sala de estar onde não é permitido que ninguém se sente. Aponto para a parede dos livros e murmuro:

— Nunca a vi ler um livro na vida. Ela apenas finge ser uma cidadã do mundo.

O Graham sorri e finge estar interessado enquanto avançamos lentamente pela biblioteca. Para diante de uma parede de fotografias. Na maioria está a minha mãe e nós, as raparigas. Visto que o meu pai morreu e que ela voltou a casar-se, guardou a maior parte das fotografias dele noutra sítio. No entanto, manteve uma — o meu pai, com a Ava sentada num joelho e eu no outro. Como se o Graham soubesse para que fotografia eu estava a olhar, retira-a da parede.

— Tu e a Ava são mais parecidas agora do que nesta altura.

Assinto.

— Pois, perguntam-nos se somos gémeas sempre que estamos juntas. Nós não vemos as semelhanças.

— Que idade tinhas quando o teu pai morreu?

— Tinha 14.

— Eras tão nova — comenta. — Eram muito próximos?

Encolho os ombros.

— Não éramos afastados. Mas ele trabalhava muito. Ao longo da nossa infância, só o víamos algumas vezes por semana, mas ele aproveitava ao máximo o tempo que passávamos juntos. — Forço um sorriso. — Gosto de imaginar que seríamos muito mais próximos agora, se ele ainda estivesse vivo. Ele era um pai mais velho, e talvez por isso fosse tão difícil estabelecer uma ligação com as filhas, sabes? Mas creio que teríamos tido uma ligação enquanto adultos.

O Graham volta a pendurar a moldura na parede. O seu olhar detém-se em cada fotografia e ele toca na minha imagem, como se pudesse ficar a saber mais sobre mim através das fotografias. Quando chegamos, por fim, à sala de estar, levo-o em direção à porta das traseiras para lhe mostrar a estufa. Mas antes de passarmos as escadas, ele pousa a mão na minha zona lombar e murmura-me ao ouvido.

— Primeiro, quero ver o teu quarto.

A sua voz sedutora torna claras as suas intenções. Fico excitada com a ideia de recriar o que aconteceu no quarto de adolescência dele. Pego-lhe na mão e corremos escada acima. Provavelmente já terá passado um ano ou mais desde a última vez que estive no meu antigo quarto. Estou entusiasmada por ele o ver porque, depois de ter estado no dele, sinto que aprendi muito mais sobre ele enquanto pessoa.

Quando chegamos ao meu quarto, abro a porta e deixo-o entrar

primeiro. Mal acendo a luz, fico completamente desiludida. Esta experiência não será como a que tivemos no antigo quarto do Graham.

A minha mãe guardou tudo dentro de caixas. Há caixas de sapatos de marca vazias empilhadas contra duas das paredes, do chão ao teto. Caixas de malas de marca vazias cobrem uma terceira parede. Todas as minhas coisas que outrora preenchiam as paredes do meu quarto estão agora em caixas velhas de mudanças identificadas com o meu nome. Vou até à cama e passo a mão por uma das caixas.

— Parece que a minha mãe precisa de mais espaço — digo tranquilamente.

O Graham passa uma mão reconfortante pelas minhas costas.

— É uma casa minúscula — afirma. — Consigo ver o porquê de ela precisar do quarto suplementar.

Rio-me com o seu sarcasmo. Ele abraça-me e eu fecho os olhos enquanto me aninho no seu peito. Detesto o facto de ter ficado tão entusiasmada por ele ver o meu antigo quarto. Detesto que me deixe assim tão triste saber que a minha mãe nunca gostará de mim como a mãe do Graham gosta dele. Embora esta casa tenha dois quartos de hóspedes, a minha mãe usa o meu antigo quarto como armazém. Fico envergonhada por ele ter de assistir a isto.

Afasto-me e engulo as minhas emoções. Encolho os ombros, na esperança de que ele não repare no quanto isto me incomoda. Mas ele percebe. Puxa-me o cabelo para trás e diz:

— Estás bem?

— Sim. Eu só... Não sei. Conhecer a tua família foi como descobrir mais uma qualidade em ti. Tinha a esperança de que

puдesses ter a mesma experiênciа. — Esboço um sorriso, envergonhada pelo que acabo de dizer. — Esperanças vãs.

Vou até à janela e olho para o exterior. Não quero que ele veja a desilusão que me assola o rosto. O Graham aproxima-se de mim por trás e envolve a minha cintura com os braços.

— Na sua maioria, as pessoas são o resultado do seu contexto, Quinn. Eu venho de um bom lar. Cresci com uns pais maravilhosos e estáveis. Era de esperar que eu me tivesse tornado relativamente normal. — Ele vira-me e pousa as mãos nos meus ombros. Baixa a cabeça e olha-me com uma sinceridade imensa nos olhos. — Estar aqui... conhecer a tua mãe e ver de onde vieste e em quem acabaste por te tornar... é *inspirador*, Quinn. Não sei como conseguiste, mas és uma mulher altruísta, maravilhosa e incrível.

Nem toda a gente consegue identificar o momento exato em que se perde de amores por outra pessoa.

Eu consigo.

Simplesmente aconteceu.

E, por coincidência ou talvez por algo mais, o Graham escolhe este preciso momento para encostar a testa à minha e dizer:

— Eu amo-te, Quinn.

Abraço-o, grata por ele ser como é — por cada ínfima parte dele.

— Também te amo.

Capítulo Vinte

Agora

Desligo o motor e chego o banco para trás, apoiando as pernas no volante. A única luz dentro de casa é a da cozinha. É quase meia-noite. O Graham deve estar a dormir, porque tem de ir trabalhar amanhã.

Esta manhã, quando acordei, estava à espera de ver o Graham ainda à porta do nosso quarto, a insistir, a pedir perdão. Fiquei furiosa por ele ter ido trabalhar. O nosso casamento está a desmoronar-se, ele admitiu que esteve com outra mulher, passei uma noite angustiante fechada no quarto... mas, ainda assim, ele levantou-se, vestiu-se e foi trabalhar.

Ele deve trabalhar com a Andrea. Provavelmente quis avisá-la de que eu sabia, não fosse eu perder as estribeiras e aparecer no escritório dele e dar cabo dela.

Eu não faria isso. Não estou zangada com a Andrea. Não é ela que tem um compromisso comigo. Ela não me deve lealdade nem eu a ela. Só estou zangada com uma pessoa neste cenário, o meu marido.

As cortinas da sala de estar mexem. Penso em baixar-me, mas sei por experiência própria que da sala se vê perfeitamente a entrada. O Graham vê-me, por isso não vale a pena esconder-me. A porta da frente abre-se e ele sai. Começa a dirigir-se ao carro.

Está a usar as calças de pijama que lhe ofereci no último Natal. Nos pés, duas meias desemparelhadas. Uma preta, outra branca. Sempre pensei que era um traço da sua personalidade contraditória. Ele é muito organizado e previsível em muitos sentidos, mas, por alguma razão, nunca se preocupa com a combinação das meias. Para o Graham, as meias são uma necessidade prática, não uma tendência de moda.

Olho pela minha janela enquanto ele abre a porta do lado do passageiro e se senta. Quando fecha a porta, dá-me a sensação de que interrompe o meu fornecimento de ar. Sinto o peito apertado e os meus pulmões parecem ter sido perfurados por uma faca. Abro a janela para conseguir respirar.

Ele cheira bem. Odeio que, por muito que ele me tivesse magoado o coração, todas as outras partes do meu corpo não tenham sido informadas de que eu deveria sentir repulsa. Se um cientista pudesse descobrir como alinhar um coração com o cérebro, haveria muito menos agonia no mundo.

Aguardo pelo seu pedido de perdão. Pelas desculpas. Possivelmente, até pela culpabilização. Ele inspira e diz:

— Porque é que nunca tivemos um cão?

Ele está sentado no lugar do passageiro, metade do seu corpo de frente para mim, com a cabeça apoiada no encosto. Fita-me de modo muito sério, apesar da pergunta improvável que acabou de fazer. Tem o cabelo húmido, como se tivesse acabado de sair do banho. Os olhos estão vermelhos. Não sei se é devido à falta de sono ou se esteve a chorar, mas tudo o que ele quer saber é a razão pela qual nunca tivemos um *cão*?

— Estás a brincar comigo, Graham?

— Desculpa — diz, abanando a cabeça. — Foi só um pensamento que tive. Não sabia se havia alguma razão.

É a primeira vez que profere a palavra «desculpa» desde que admitiu ter um caso extraconjugal, e nem sequer se refere à sua infidelidade. Não parece dele. Ter um caso não parece nada dele. É como se eu nem sequer conhecesse este homem que está sentado ao meu lado.

— Quem és tu neste momento? O que fizeste ao meu marido?

Ele vira-se para a frente e recosta-se no banco, cobrindo os olhos com o braço.

— Deve estar algures com a minha mulher. Já passaram uns tempos desde a última vez que a vi.

Então é assim que vai ser? Pensei que ele viria até aqui para tornar toda esta provação um pouco mais fácil de suportar, mas, em vez disso, está a dar-me todas as razões do mundo para justificar a minha raiva. Afasto o olhar dele e concentro a minha atenção no lado de fora do carro.

— Odeio-te neste momento. Tanto. — Uma lágrima escorre-me pelo rosto.

— Tu não me odeias — diz, num tom calmo. — Para poderes odiar-me, terias de me amar. Mas há muito tempo que a única coisa que sentes por mim é indiferença.

Limpo uma lágrima.

— Seja o que for que desculpe o facto de teres ido para a cama com outra mulher, Graham. Odiaria que te sentisses culpado.

— Nunca fui para a cama com ela, Quinn. Nós só... nunca chegámos a ir tão longe. Juro.

Interrompo a sua confissão.

Ele não foi para a cama com ela? Isso faz alguma diferença?

Magoa menos? Não. Faz-me sentir menos furiosa com ele? Não. Nem sequer um pouco. O facto é que o Graham teve uma relação próxima com outra mulher. Não interessa se foi uma conversa, um beijo ou uma maratona sexual de três dias. A traição de um marido magoa o mesmo em qualquer nível.

— Nunca fui para a cama com ela — repete calmamente. — Mas isso não deve fazer-te sentir-te melhor. Já pensei sobre isso.

Levo a mão aos lábios para abafar um soluço. Não resulta porque tudo o que ele está a dizer, tudo o que está a fazer... não é o que eu esperava dele. Eu tinha necessidade de conforto e de tranquilidade, e o que ele está a dar-me é precisamente o oposto.

— Sai do meu carro. — Destranco as portas, apesar de não estarem trancadas. Quero-o longe de mim. Agarro o volante e endireito o meu assento à espera de que ele se vá embora. Ligo a ignição. Ele não se mexe. Olho novamente para ele. — Sai, Graham. *Por favor*. Sai do meu carro. — Pressiono a testa contra o volante. — Nem consigo olhar para ti neste momento. — Aperto os olhos e espero que a porta se abra, mas, em vez disso, o motor desliga-se. Ouço-o a retirar a chave da ignição.

— Não vou a lado nenhum até tu saberes todos os pormenores.

Abano a cabeça, afastando mais lágrimas. Estico-me para abrir a porta, mas ele pega-me na mão.

— Olha para mim. — Puxa-me para si, recusando deixar-me sair do carro. — Quinn, *olha* para mim!

É a primeira vez que ele me grita.

Aliás, é a primeira vez que o ouço gritar.

O Graham sempre foi um lutador silencioso. A força na sua voz e

o modo como reverbera no interior do carro deixam-me completamente paralisada.

— Tenho de te dizer porque fiz o que fiz. Quando acabar, podes decidir o que fazer, mas, *por favor*, Quinn. Deixa-me falar primeiro.

Largo a porta e encosto-me ao assento. Fecho os olhos com força, mas as lágrimas continuam a escorrer. Não o quero ouvir. Ainda assim, parte de mim tem de saber todos os pormenores, porque, se não conhecer todos os factos, receio que a minha imaginação torne as coisas ainda piores.

— Despacha-te — sussurro. Não sei quanto tempo conseguirei ficar aqui sentada sem dar em louca.

Ele inspira calmamente. Demora um momento a decidir por onde começar. Ou como começar.

— Ela foi contratada pela nossa empresa há alguns meses.

Consigno ouvir as lágrimas na sua voz. Ele tenta mantê-la firme, mas o arrependimento marca presença. É a única coisa que ajuda a aliviar a dor, saber que também ele se encontra em sofrimento.

— Interagimos algumas vezes, mas nunca olhei para ela como algo mais do que uma colega de trabalho. Nunca olhei para outra mulher como olho para ti, Quinn. Não quero que penses que foi assim que começou.

Consigno senti-lo a olhar para mim, mas mantenho os olhos fechados. O meu coração bate com tanta força — sei que a única coisa que o poderia fazer parar era sair deste carro claustrofóbico. Contudo, também sei que ele não deixará que isso aconteça até acabar de o ouvir, por isso concentro-me em respirar enquanto ele fala.

— Havia certas coisas que ela fazia que me chamavam a

atenção. Não porque a achasse interessante ou atraente, mas porque... um ou outro detalhe ou trejeito me faziam lembrar de ti.

Abano a cabeça e abro a boca para falar. Ele percebe que estou prestes a interrompê-lo, por isso murmura.

— Deixa-me terminar.

Aquiesço e inclino-me para a frente, cruzando os braços sobre o volante. Pressiono a cabeça contra os braços e rezo para que ele acabe com isto.

— Não aconteceu nada entre nós até à semana passada. Fomos os dois destacados para um trabalho na quarta-feira, por isso passámos grande parte do dia juntos. À medida que as horas iam passando, reparei que algo nela me chamava a atenção. Me atraía. Mas não porque ela tivesse algo que tu não tivesses. O que me atraía era o quanto ela me fazia lembrar de ti.

Tenho tanta coisa que gostaria de lhe gritar neste momento, mas contendo-me.

— Estar com ela o dia todo, naquela quarta-feira, fez-me sentir a tua falta. Por isso, saí cedo do emprego, pensando que, se te levasse a jantar fora num sítio simpático, ou se fizesse algo que te deixasse feliz, talvez tu me sorrisses como costumavas sorrir. Ou mostrasses interesse pelo meu dia. Ou por *mim*. Porém, mal atravessei a porta da rua, vi-te abandonar a sala de estar. Sei que me ouviste abrir a porta de casa. Mas, por alguma razão, em vez de ficares entusiasmada por me veres chegar a casa uma hora mais cedo, foste para o teu escritório para me poderes evitar.

Agora não estou apenas cheia de raiva. Também estou cheia de vergonha. Não pensei que ele tivesse reparado em todas as vezes que o tentei evitar.

— Dirigiste-me duas palavras na noite de quarta-feira. *Duas*. Lembras-te de quais foram?

Eu aceno com a cabeça, mas mantenho-a enterrada nos braços.

— Boa noite.

Consigo ouvir as lágrimas na sua voz quando diz:

— Estava tão zangado contigo. Por vezes, tentar compreender-te é como resolver o raio de um enigma, Quinn. Cansei-me de estar sempre a tentar descobrir qual a forma certa de estar contigo. Estava tão furioso que nem sequer te dei um beijo de despedida quando fui para o trabalho na quinta-feira.

Eu reparei.

— Quando concluímos o projeto na quinta-feira, eu devia ter regressado a casa. Devia ter-me vindo embora, mas em vez disso... fiquei. E conversámos. E... beijei-a. — O Graham passa as mãos pelo rosto. — Não o deveria ter feito. E mesmo depois de ter começado, eu deveria ter logo posto um fim àquilo. Mas não consegui. Porque durante todo o tempo em que estive com os olhos fechados, fingi que eras tu.

Levanto a cabeça e olho para ele.

— Então a culpa é *minha*? É isso que estás a dizer? — Viro-me para ele. — Como não recebes a atenção que queres de mim, procuras alguém que te faça lembrar a minha pessoa? Achas que, desde que finjas que se trata da tua mulher, não conta? — Reviro os olhos e deixo-me cair para trás. — Graham Wells, o primeiro homem no mundo a encontrar um modo ético para contornar um caso extraconjugal.

— Quinn.

Não o deixo falar.

— É óbvio que não te sentiste muito culpado, já que tiveste o fim de semana todo para pensar nisso e depois voltaste ao trabalho e recomeçaste tudo outra vez.

— Foram duas vezes. Na quinta-feira passada e ontem à noite. Foi só. Juro.

— E se eu não te tivesse apanhado? Terias terminado tudo?

O Graham passa a mão pela boca, apertando o maxilar. Abana um pouco a cabeça, mas espero que não seja em resposta à minha pergunta. Espero que esteja a abaná-la apenas como forma de arrependimento.

— Não sei como responder a isso — diz, olhando pela sua janela. — Ninguém merece isto. Especialmente tu. Antes de eu sair esta noite, jurei a mim mesmo que nunca mais voltaria a acontecer. Mas nunca sequer acreditei que seria capaz de fazer algo assim.

Olho para o teto e pressiono a palma da minha mão contra o peito, soltando um arquejo breve.

— Então, porque o fizeste? — A minha pergunta sai com um soluço.

O Graham vira-se para mim, assim que começo a chorar. Inclina-se no seu assento e toma-me o rosto, suplicando em silêncio que o olhe nos olhos. Quando encontro, por fim, o seu olhar desesperado, começo a chorar ainda mais.

— Andamos ali dentro, na nossa própria casa, como se estivesse tudo bem, mas *não* está, Quinn. Há anos que estamos desfeitos, e eu não faço a mínima ideia de como nos consertar. Procuro soluções. É o que faço. É aquilo em que sou bom. No entanto, não faço a mínima ideia de como hei de nos solucionar aos dois. Todos os dias chego a casa, na esperança de que as coisas estejam

melhores. Mas tu nem sequer suportas estar na mesma divisão que eu. Odeias que te toque. Odeias que fale contigo. Finjo não reparar nas coisas em que não queres que eu repare porque não te quero magoar mais do que já te magoas a ti mesma. — Ele solta um suspiro profundo. — Não estou a culpar-te pelo que fiz. A culpa é minha. A culpa é *minha*. *Eu* fiz isto. *Eu* dei cabo de tudo. Mas não dei cabo de tudo por estar atraído por *ela*. Dei cabo de tudo porque sinto a *tua* falta. Todos os dias, sinto a tua falta. Quando estou no trabalho, sinto a tua falta. Quando estou em casa, sinto a tua falta. Quando estás ao meu lado na cama, sinto a tua falta. Quando estou *dentro* de ti, sinto a tua falta.

O Graham pressiona a sua boca contra a minha. Consigo saborear as suas lágrimas. Ou talvez sejam as minhas. Ele afasta-se e encosta a testa à minha.

— Sinto a tua falta, Quinn. Tanto. Estás mesmo aqui, mas não estás. Não sei para onde foste nem quando foste, mas não faço a mínima ideia de como te trazer de volta. Estou tão só. Vivemos juntos. Comemos juntos. Dormimos juntos. Mas nunca me senti tão só em toda a minha vida.

O Graham solta-me e recosta-se no seu assento. Pousa o cotovelo contra a janela, cobrindo o rosto enquanto se tenta acalmar. Está mais abalado do que alguma vez o vi em todos os anos que o conheço.

E sou eu quem o está a dilacerar lentamente. Estou a deixá-lo irreconhecível. Fui-o arrastando, permitindo-lhe que acreditasse que ainda havia esperança de que eu, um dia, mudasse. De que eu, milagrosamente, voltasse a ser a mulher por quem ele se apaixonou.

Mas não consigo mudar. Nós somos as pessoas em quem as circunstâncias nos transformam.

— Graham. — Limpo o rosto com a t-shirt. Ele fica em silêncio, mas depois acede e olha para mim, com os seus olhos tristes e destroçados. — Não fui a lado nenhum. Tenho estado aqui o tempo todo. Mas já não me consegues ver porque ainda estás à procura de alguém que eu costumava ser. Lamento por já não ser quem era nessa altura. Talvez eu melhore. Talvez não melhore. Mas um bom marido ama a sua mulher nos bons e nos maus momentos. Um bom marido mantém-se ao lado da sua mulher na saúde e na doença, Graham. Um bom marido, um marido que ama *verdadeiramente* a sua mulher, não a trai e depois atribuiria a sua infidelidade ao facto de se sentir só.

A expressão do Graham permanece imutável. Mantém-se imóvel como uma estátua. A única coisa que mexe é o seu maxilar enquanto ele o desloca para trás e para a frente. E depois os seus olhos semicerram-se e ele inclina a cabeça.

— Achas que não te amo, Quinn?

— Sei que dantes amavas. Mas não creio que ames a pessoa em quem me transformei.

O Graham endireita-se. Inclina-se para a frente, olhando-me seriamente nos olhos. As suas palavras são contundentes.

— Amei-te durante todos os segundos de todos os dias desde o momento em que te vi a primeira vez. Amo-te mais do que te amava no dia em que me casei contigo. Eu amo-te, Quinn. Oh, como eu te *amo!*

Então, abre a porta do carro, sai e depois fecha-a com toda a sua força, fazendo abanar a carroçaria. Encaminha-se para casa, mas,

antes de entrar, dá meia-volta e põe-se a apontar para mim furiosamente.

— Eu *amo-te*, Quinn!

Está a gritar as palavras. Ele está furioso. *Tão* furioso.

Caminha em direção ao carro dele e pontapeia o para-choques da frente com o pé descalço. Depois de vários pontapés consecutivos, para e grita-me novamente.

— Eu *amo-te*!

Bate com o punho no capô repetidamente, até se deixar cair, por fim, sobre o carro, com a cabeça enterrada nos braços. Permanece nessa posição durante um minuto inteiro, sem qualquer movimento a não ser o agitar subtil dos seus ombros. Eu não me mexo. Acho que nem respiro.

Então, o Graham levanta-se e utiliza a t-shirt para limpar os olhos. Olha para mim, completamente derrotado.

— Eu amo-te — diz, agora num tom calmo. — Sempre te amei. Por muito que tu desejes que não te ame.

Capítulo Vinte e Um

Dantes

Nunca pedi favores à minha mãe, pelas razões óbvias. E foi precisamente por isso que telefonei ao meu padrasto para pedir autorização para usar a casa de praia em Cape Cod. Trata-se de um imóvel de arrendamento e está sempre ocupado no verão. No entanto, estamos em fevereiro e a casa tem estado vazia durante o inverno. Foi preciso engolir o meu orgulho, mas, ainda assim, foi muito mais fácil do que se tivesse pedido à minha mãe. Ela afirmou várias vezes, desde que conheceu o Graham, que acredita que eu consigo encontrar melhor. À luz dos seus olhos, melhor significa encontrar alguém com a sua própria casa de praia, para que nunca tenha de pedir a deles emprestada ao fim de semana.

O Graham andou às voltas durante uma hora depois de lá termos chegado, a apontar para as coisas com o entusiasmo de uma criança na manhã do dia de Natal.

Quinn, vem ver esta vista!

Quinn, vem ver esta banheira!

Quinn, já viste o braseiro?

Quinn, eles têm caiaques!

O seu entusiasmo já se desvaneceu um pouco, entretanto. Jantámos e eu tomei um duche, enquanto o Graham acendia o lume no braseiro. Está um dia invulgarmente quente para fevereiro no

Massachusetts, mas mesmo num dia quente de inverno mal passa dos dez graus durante o dia e dos zero à noite. Levo um cobertor para junto do braseiro e enrosco-me ao lado do Graham no sofá do alpendre.

Ele puxa-me para mais perto dele e põe um braço à minha volta enquanto pouso a cabeça no seu ombro. Aconchega o cobertor à nossa volta. Está frio, mas o nosso calor e o do fogo torna-o suportável. Confortável, até.

Nunca vi o Graham tão tranquilo como aqui, a ouvir os sons do mar. Adoro o modo como observa a água, como se tivesse todas as respostas a todas as perguntas do mundo. Ele contempla o oceano com o respeito que merece.

— Que dia perfeito — diz calmamente.

Eu sorrio. Gosto que um dia perfeito para ele me inclua. Já passaram seis meses desde que começámos a namorar. Por vezes, sinto uma gratidão imensa por ele fazer parte da minha vida. Quase dou por mim a escrever bilhetes de agradecimento aos nossos ex. Ele é a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

É engraçado como ser tão feliz com alguém e amá-lo tanto cria uma sensação subjacente de medo, uma sensação desconhecida até então. O medo de o perder. O medo de que se magoe. Imagino que seja o que se sente por um filho. É, provavelmente, o tipo de amor mais incrível que se pode conhecer, mas também o mais aterrador.

— Queres ter filhos? — pergunto-lhe, do nada. Estava um silêncio tão sólido entre nós e eu rompo-o com uma pergunta cuja resposta pode determinar o nosso futuro. Não sei fazer nada com subtileza.

— É claro que sim. Tu queres?

— Sim. Quero ter muitos filhos.

O Graham ri-se.

— Quantos é que são muitos?

— Não sei. Mais do que um. Menos do que cinco. — Levanto a cabeça do seu ombro e olho para ele. — Creio que daria uma excelente mãe. Não é para me gabar, mas, se eu tivesse filhos, tenho quase a certeza de que seriam as melhores crianças de sempre.

— Não tenho dúvidas.

Volto a pousar a cabeça no ombro dele. Ele pousa a mão em cima da minha, que pressiono contra o seu peito.

— Sempre quiseste ser mãe?

— Sim. É um pouco embaraçoso o entusiasmo que sinto com a perspetiva de ser mãe. A maior parte das raparigas cresce a sonhar com uma carreira de sucesso. Eu sempre tive demasiada vergonha para admitir que queria trabalhar a partir de casa e ter muitos filhos.

— Isso não é embaraçoso.

— É, sim. Hoje em dia, espera-se que uma mulher queira ser mais do que apenas mãe. O feminismo e tudo isso...

O Graham afasta-me do seu peito para ir tratar do lume. Pega em dois pequenos toros e leva-os até ao braseiro, depois volta a sentar-se no seu lugar ao meu lado.

— Sê quem quiseres ser. E tem a profissão que bem entenderes. Soldado, se quiseres. Ou advogada. Ou diretora-executiva. Ou dona de casa. A única coisa que não deves ter é vergonha da escolha que fizeres.

Eu amo-o. Amo-o tanto.

— Ser mãe não é a única coisa que quero ser. Quero escrever um

livro, um dia.

— Bem, imaginação não te falta, tendo em conta todos os sonhos loucos que tens.

— Se calhar era melhor tomar nota deles. — Rio-me.

O Graham está a sorrir-me com uma expressão estranha estampada no rosto. Quando estou prestes a perguntar-lhe em que pensa, ele antecipa-se.

— Pergunta-me se quero ter filhos.

— Porquê? Vais mudar a tua resposta?

— Vou. Pergunta-me outra vez.

— Queres ter filhos?

Ele sorri-me.

— Só quero ter filhos se for contigo. Quero ver a tua barriga crescer, e quero ver-te com o nosso bebé nos braços pela primeira vez, e quero ver-te chorar por estares tão delirantemente feliz. E, à noite, quero ficar à porta do quarto dele e ver-te embalá-lo enquanto lhe cantas. O que eu mais quero é tornar-te mãe.

Beijo-lhe o ombro.

— Dizes sempre as coisas mais queridas. Gostava de saber exprimir-me como tu.

— És uma escritora. Tu é que és boa com as palavras.

— Não estou a falar das minhas qualidades de escritora. Eu poderia, provavelmente, escrever o que sinto por ti, mas nunca o conseguiria verbalizar como tu fazes.

— Então faz isso. Escreve-me uma carta de amor. Nunca ninguém me escreveu uma carta de amor.

— Não acredito nisso.

— Estou a falar a sério. Sempre quis receber uma.

Rio-me.

— Eu escrevo-te uma carta de amor, meu grande lamechas.

— É bom que tenha mais de uma página. E quero que me digas tudo. O que pensaste de mim a primeira vez que me viste. O que sentiste quando nos estávamos a apaixonar. E quero que a perfumes com o teu perfume, como fazem as miúdas da escola secundária.

— Mais algum pedido?

— Não me oporia a que incluísse uma fotografia de ti nua no envelope.

Sou bem capaz de fazer isso mesmo.

O Graham dá-me um puxão para o seu colo de modo que eu o monte. Puxa o cobertor para cima de nós, aninhando-nos no seu interior. Tem vestidas umas calças de pijama em algodão, por isso consigo senti-lo bem e sei no que está a pensar neste preciso momento.

— Alguma vez fizeste amor na rua, com zero graus?

Rio-me contra a sua boca.

— Não. Mas é engraçado que fales nisso, pois é precisamente por isso que não tenho qualquer roupa interior vestida.

As mãos do Graham deslizam para o meu rabo e ele geme enquanto levanta a minha camisa de dormir. Ergo-me um pouco para que ele se possa libertar das calças e depois baixo-me sobre ele, aceitando-o dentro de mim. Fazemos amor, aninhados sob um cobertor, com o som do mar como melodia em pano de fundo. É o momento perfeito, num lugar perfeito, com a pessoa perfeita. E sei, sem sombra de dúvidas, que irei mencionar este momento quando lhe escrever a minha carta de amor.

Capítulo Vinte e Dois

Agora

Ele beijou outra mulher.

Olho fixamente para a mensagem que estou prestes a enviar à Ava, mas depois lembro-me de que são várias horas mais tarde onde ela vive agora. Sentir-me-ia mal, sabendo que seria esta a mensagem com que iria acordar. Apago-a.

Já passou meia hora desde que o Graham desistiu e voltou para dentro, mas eu continuo sentada no carro. Acho que estou demasiado magoada para me mexer. Não faço a mínima ideia se tenho culpa de alguma coisa ou se a culpa é dele ou de alguém. A única coisa que sei é que ele me magoou. E magoou-me porque eu tenho estado a magoá-lo. Não que isso signifique que o que ele fez esteja certo, mas é possível compreender um comportamento sem o desculpar.

Agora, estamos os dois tão magoados que nem sequer sei o que fazer daqui para a frente. Por muito que amemos alguém, a capacidade desse amor é insignificante, se superar a nossa capacidade de perdoar.

Parte de mim pergunta-se se estaríamos a ter estes problemas se conseguíssemos ter um bebé. Não me parece que o nosso casamento tivesse assumido os contornos que assumiu, porque eu

nunca teria ficado destroçada como fiquei ao longo dos últimos anos. E o Graham não teria de andar com falinhas mansas.

Porém, parte de mim pergunta-se se isto era inevitável. Talvez uma criança não tivesse alterado o nosso casamento, e, em vez de sermos apenas um casal infeliz, teríamos sido uma família infeliz. O que faria isso de nós? Apenas mais um casal que não se separava pelo bem da criança.

Pergunto-me quantos casamentos teriam sobrevivido, se não fosse pelos filhos que geraram juntos. Quantos casais teriam continuado a viver juntos e felizes sem os filhos a funcionarem como a cola que mantém a família unida?

Talvez devêssemos ter um cão. Para ver se isso nos ajuda.

Talvez seja exatamente nisso que o Graham estava a pensar quando se sentou aqui ao meu lado e me perguntou: *Porque é que nunca tivemos um cão?*

Claro, era nisso que ele estava a pensar. Ele está tão ciente dos nossos problemas quanto eu. Faz sentido que as nossas mentes sigam na mesma direção.

Quando fica demasiado frio no carro, vou para casa e sento-me na beira do sofá. Não quero ir para o meu quarto, onde o Graham está a dormir. Há instantes, ele estava a gritar que me amava a plenos pulmões. Foi tão ruidoso, que tenho a certeza de que os vizinhos acordaram com o barulho que ele fez a gritar e a bater com o punho contra o metal.

No entanto, neste momento, a casa está em silêncio. E esse silêncio entre nós é ensurdecedor, por isso acho que não seria capaz de adormecer.

Já experimentámos terapia em tempos, na esperança de que

ajudasse com as questões da infertilidade com que nos debatíamos. Aborreci-me com isso. *Ele* aborreceu-se com isso. E depois sentimo-nos unidos pelo facto de a terapia ser tão aborrecida. Os terapeutas não fazem nada a não ser tentarem obrigar-nos a reconhecer os nossos próprios defeitos. Não é esse o problema do Graham e não é o meu. Conhecemos os nossos defeitos. Assumimo-los. O meu defeito é a impossibilidade de ter um bebé, e isso deixa-me triste. O defeito do Graham é a incapacidade de resolver isso, o que leva a que *e/e* fique triste. Não existe uma cura mágica que a terapia nos proporcione. Por muito dinheiro que gastemos a tentar consertar o nosso problema, nenhum terapeuta no mundo pode fazer com que eu engravide. Por conseguinte, a terapia é apenas um sorvedouro numa conta bancária que já teve demasiadas fugas.

Talvez a única cura para nós seja o divórcio. É estranho pensar em divorciar-me de alguém por quem estou apaixonada. Mas penso muito nisso. Penso no tempo que o Graham desperdiça ao estar comigo. Ele ficaria triste se eu o deixasse, mas haveria de conhecer alguém. Ele é demasiado bom para que isso não aconteça. Apaixonar-se-ia e poderia ter um bebé e poderia regressar àquele círculo da vida de onde o retirei. Quando penso no Graham no papel de pai, um dia, dou sempre por mim a sorrir... mesmo que a ideia de ele ser pai não me incluía como mãe.

Creio que a única razão pela qual nunca o deixei ir por completo se deve aos milagres. Eu leio os artigos e os livros e as publicações nos blogues de mães que tentam engravidar durante anos e depois, quando estão prestes a desistir, *voilà! Grávida!*

Os milagres deram-me esperança. Esperança suficiente para me

aguentar com o Graham até um dia termos um milagre nosso. Talvez esse milagre nos tivesse consertado. Posto um penso rápido no nosso casamento desfeito.

Quero odiá-lo por ter beijado outra mulher, mas não consigo, porque parte de mim não o culpa. Tenho-lhe dado todas as desculpas do mundo para me deixar. Já não temos sexo há bastante tempo, mas eu sei que não foi por isso que ele se afastou do nosso casamento. O Graham passaria uma vida inteira sem sexo, se eu precisasse que ele o fizesse.

O Graham permitiu-se arruinar tudo porque ele desistiu de nós.

Quando eu frequentava a faculdade, foi-me atribuída a tarefa de escrever um artigo sobre um casal que já estava casado há 60 anos. Estavam ambos na casa dos 80. Quando apareci para os entrevistar, fiquei chocada com a sintonia que mostravam um com o outro. Presumi que, depois de se viver com alguém durante 60 anos, se estaria farto dessa pessoa. No entanto, eles olhavam um para o outro como se, de algum modo, ainda se respeitassem e admirassem mutuamente, mesmo depois de tudo o que já haviam passado.

Fiz-lhes várias perguntas, mas a questão com que dei a entrevista por terminada deixou em mim um grande impacto.

«Qual é o segredo para um casamento tão perfeito?»

O velhote inclinou-se para a frente e olhou para mim com muita seriedade.

«O nosso casamento não foi perfeito. *Nenhum* casamento é perfeito. Houve alturas em que ela desistiu de nós. Houve alturas em que *eu* desisti de nós. O segredo para a nossa longevidade foi nunca desistirmos em simultâneo.»

Nunca me esquecerei da honestidade da resposta daquele homem.

E, agora, acho que sinto que estou a passar por isso. Porque ele desistiu, finalmente, de nós. Ele não é um super-herói. É humano. Não existe uma única pessoa neste mundo que pudesse suportar ser deixada de parte durante todo o tempo que o Graham foi posto de parte. Ele tem sido a nossa força e eu tenho sido constantemente o nosso elo mais fraco. Mas agora as coisas mudaram e o Graham foi, por momentos, o nosso elo mais fraco.

O problema é que eu sinto que também desisti. Sinto que desistimos os dois em simultâneo e poderá não haver volta a dar. Eu sei que poderia corrigir tudo perdoando-o e dizendo-lhe para tentar com mais afinco, mas parte de mim pergunta-se se essa será a escolha acertada.

Porquê lutar por algo que, provavelmente, nunca irá melhorar? Durante quanto tempo pode um casal agarrar-se ao passado que ambos preferem, de modo a justificar um presente em que nenhum dos dois é feliz?

Não tenho dúvida nenhuma de que eu e o Graham éramos perfeitos um para o outro. Mas o facto de já termos sido perfeitos um para o outro não significa que sejamos perfeitos agora. Estamos muito longe disso.

Olho para o relógio, desejando que avance por artes mágicas até ao dia seguinte. Tenho a sensação de que amanhã vai ser muito pior do que hoje. Porque sinto que amanhã seremos obrigados a tomar uma decisão.

Teremos de decidir se chegou, por fim, a altura de abirmos aquela caixa de madeira.

A ideia dá-me a volta ao estômago. Alastra-se uma dor por mim e eu agarro-me à camisola enquanto me inclino para a frente. Estou tão destroçada; consigo senti-lo fisicamente. Mas não choro, porque nesta situação as minhas lágrimas ainda me provocarão mais dor.

Vou até ao nosso quarto com os olhos secos. Trata-se do período mais longo das últimas 24 horas sem chorar. Abro a porta do quarto, à espera de encontrar o Graham a dormir. Em vez disso, está sentado e encostado à cabeceira da cama. Os seus óculos de leitura estão na ponta do nariz e tem um livro no colo. O candeeiro da sua mesa de cabeceira está aceso e nós trocamos um olhar por breves segundos.

Vou para a cama ao seu lado, com as costas voltada para ele. Acho que estamos ambos demasiado destroçados para sequer continuar a discutir. Ele continua a ler o seu livro e eu esforço-me ao máximo para tentar adormecer. A minha mente vagueia. Passam vários minutos, e saber que ele se encontra mesmo ao meu lado impede-me de relaxar. Ele deve perceber que ainda estou acordada, porque o ouço a fechar o livro e a pousá-lo na mesa de cabeceira.

— Despedi-me hoje.

Não digo nada como resposta à sua confissão. Limito-me a fitar a parede.

— Sei que pensas que saí para o trabalho esta manhã e que te deixei aqui, abandonada no quarto.

Ele tem razão. Foi exatamente o que pensei.

— Mas só saí de casa porque tinha de me ir demitir. Não posso trabalhar num sítio onde cometi o pior erro da minha vida. Na próxima semana, vou começar a procurar um novo emprego.

Fecho os olhos com força e puxo o edredão até ao queixo. Ele

apaga a luz, indicando que não está à espera de uma resposta minha. Depois de se virar, deixo escapar um suspiro silencioso, sabendo que ele não irá trabalhar mais junto da Andrea. Ele deixou de desistir. Está a tentar outra vez. Ainda acredita que existe a possibilidade de o nosso casamento voltar a ser o que foi.

Sinto pena dele. E se ele estiver errado?

Estes pensamentos afligem-me durante a hora seguinte. O Graham, de algum modo, adormeceu — ou assim me parece. Se não for esse o caso, representa bem.

Mas eu não consigo dormir. As lágrimas continuam a ameaçar escorrer e a dor que tenho na barriga está cada vez pior. Levanto-me e tomo uma aspirina, mas quando regresso à cama começo a perguntar-me se um tumulto emocional se pode manifestar desta forma, como dor física.

Há algo de errado.

Não deveria doer assim tanto.

Sinto uma dor aguda. Uma dor profunda. Uma dor forte o suficiente para me obrigar a virar de lado. Cerro os punhos em torno do edredão e enrolo as pernas até ao ventre. Quando o faço, sinto-o. Escorregadio e molhado por todo o lençol.

— Graham. — Tento alcançá-lo, mas ele está a virar-se para acender a luz. Mais uma dor, tão profunda que me faz arquejar.

— Quinn?

Ele tem a mão no meu ombro. Afasta o edredão. Dá um salto da cama ao ver o que quer que esteja a ver, acende a luz, pega em mim, diz-me que vai correr tudo bem, leva-me ao colo, entramos no carro, ele acelera, estou a suar, olho para baixo, estou coberta de sangue.

— Graham.

Vendo-me aterrorizada, ele pega na minha mão, aperta-a e diz:

— Está tudo bem, Quinn. Estamos quase a chegar. Estamos quase a chegar.

Depois disto, tudo passa a correr.

Tenho vislumbres de detalhes que se destacam. A luz fluorescente sobre mim. A mão do Graham a apertar a minha. Palavras que não quero ouvir, como *aborto espontâneo*, *hemorragia* e *cirurgia*.

Palavras que o Graham está a dizer ao telefone, provavelmente à sua mãe, enquanto me segura a mão. Sussurra-as porque pensa que poderei estar a dormir. Parte de mim está, a maior parte de mim não está. Eu sei que o que ele diz não são coisas que *poderão* acontecer. *Já* aconteceram. Não vou para cirurgia. Acabei de sair dela.

O Graham termina a chamada. Ele beija-me a testa e murmura o meu nome.

— Quinn?

Abro os olhos para encontrar os dele. Ele tem os olhos vermelhos e uma ruga profunda entre as sobrancelhas na qual eu nunca reparara. É nova, provavelmente provocada pelo que está a acontecer. Pergunto-me se me lembrarei deste momento sempre que olhar para aquela ruga.

— O que aconteceu?

O vinco entre os olhos fica mais fundo. Ele passa com a mão pelo meu cabelo e liberta cuidadosamente as suas palavras.

— Tiveste um aborto espontâneo ontem à noite — confirma. Os

seus olhos procuram os meus, preparando-se para a minha reação, seja ela qual for.

É estranho que o meu corpo não o sinta. Eu sei que é provável que esteja fortemente medicada, mas sinto que deveria saber que havia uma vida a crescer dentro de mim que já não se encontra ali. Levo a mão ao ventre, perguntando-me como não reparei. Durante quanto tempo estive grávida? Quanto tempo passou desde que tivemos sexo pela última vez? Mais de dois meses. Perto de três.

— Graham — murmuro. Ele pega na minha mão e aperta-a. Eu sei que deveria estar de tal modo destroçada que nem um fragmento de felicidade ou de alívio conseguiria penetrar a minha alma. Mas, de algum modo, não sinto a devastação que deveria acompanhar este momento. Sinto esperança.

— Eu estava grávida? Engravidámos finalmente?

Não sei como me estou a concentrar na única coisa positiva de toda esta situação, mas após anos de fracasso constante, não consigo ver isto senão como um sinal. *Eu engravidei. Tivemos um milagre parcial.*

Uma lágrima escorre do olho do Graham e aterra no meu braço. Olho para baixo, para a lágrima, e vejo-a escorrer pela minha pele. Os meus olhos voltam a subir até aos olhos do Graham e não há uma só parte dele que consiga ver o lado positivo nesta situação.

— Quinn...

Cai-lhe outra lágrima do olho. Em todos os anos em que o conheço, nunca o vi assim tão triste. Abano a cabeça, porque seja o que for que o deixou assim tão aterrorizado para falar não é algo que eu queira ouvir.

O Graham aperta a minha mão com mais força e olha para mim

com tanta desolação nos olhos que tenho de virar a cabeça para o conseguir ouvir.

— Quando chegámos aqui ontem à noite...

Eu tento deixar de ouvir, mas os meus ouvidos recusam-se.

— Estavas com uma hemorragia.

A palavra «não» repete-se, e eu não faço a menor ideia se vem da minha boca ou do interior da minha cabeça.

— Tiveram de te fazer uma...

Enrolo-me e abraço os joelhos, fechando os olhos com força. Mal ouço a palavra «histerectomia», começo a chorar. *Convulsivamente*.

O Graham sobe para a cama e envolve-me, abraçando-me à medida que toda e qualquer réstia de esperança se solta de nós.

Capítulo Vinte e Três

Dantes

É a nossa última noite na casa de praia. Regressamos na manhã seguinte ao Connecticut. O Graham tem uma reunião presencial amanhã à tarde. Eu tenho roupa para lavar antes de regressar ao trabalho na terça-feira. Nenhum de nós está preparado para partir. Têm sido uns dias tranquilos e perfeitos e já estou ansiosa por voltar cá com ele. Nem sequer me importo de que, para isso, tenha de lambar as botas à minha mãe no próximo mês, de modo a poder planear a nossa escapadela. É um preço que pagarei alegremente por outro fim de semana perfeito.

Está um pouco mais frio esta noite do que nas duas últimas noites em que estivemos aqui, mas até me agrada. Liguei o aquecimento a uma temperatura elevada. Congelamos durante horas lá fora, junto ao braseiro, e depois enroscamo-nos na cama para descongelar. É uma rotina que nunca me aborrece.

Acabo de preparar duas canecas de chocolate quente. Levo-as até lá fora e entrego uma ao Graham, sentando-me em seguida ao seu lado.

— Muito bem — diz ele. — Próxima pergunta.

O Graham descobriu esta manhã que, apesar de eu gostar de olhar para o mar, na realidade, nunca me aproximei dele. Passou a maior parte do dia a tentar conhecer outras coisas sobre mim que

não sabia. Isto transformou-se agora num jogo e estamos a alternar perguntas para que possamos saber tudo o que há para saber um sobre o outro.

Ele referiu, na primeira noite que passámos juntos, que não fala sobre religião nem sobre política. No entanto, já passaram seis meses e agora estou com curiosidade em conhecer as suas opiniões.

— Ainda não falámos sobre religião — arrisco. — Nem sobre política. Ainda são temas que não estão em cima da mesa?

O Graham leva a caneca aos lábios e aspira um *marshmallow* para a boca.

— O que queres saber?

— És republicano ou democrata?

Ele nem sequer hesita.

— Nem uma coisa nem outra. Não suporto os extremistas de nenhum dos lados, por isso paio algures pelo meio.

— Então és uma *dessas* pessoas.

Ele inclina a cabeça.

— Que pessoas?

— Daquelas que fingem que concordam com todas as opiniões só para manterem a paz.

O Graham arqueia as sobrancelhas.

— Não... Eu tenho as minhas opiniões, Quinn. E são bem fortes.

Levanto as pernas e encaixo-as por baixo de mim, de frente para ele.

— Quero ouvi-las.

— O que queres saber?

— Tudo — desafio-o. — A tua posição sobre o controlo de armas.

A imigração. O aborto. *Tudo*.

Adoro o ar de entusiasmo que tem no rosto. Como se estivesse a preparar-se para uma apresentação. Acho adorável que uma apresentação o entusiasme.

Ele pousa a caneca de chocolate quente na mesa ao seu lado.

— Muito bem... vejamos. Não creio que devamos retirar o direito de ter uma arma a um cidadão. Mas acho que devia ser um processo extremamente difícil conseguir deitar as mãos a uma. Acho que as mulheres devem decidir o que fazer com o seu próprio corpo, desde que seja no primeiro trimestre ou que se trate de uma emergência médica. Acredito que os programas de governo são absolutamente necessários, mas também acho que tem de ser implementado um processo mais sistemático que incentive as pessoas a abandonarem os apoios sociais, em vez de continuarem a depender deles. Acho que devemos abrir as nossas fronteiras a imigrantes, desde que se registem e paguem impostos. Sou perentório quanto aos cuidados de saúde essenciais à vida: devem ser um direito humano básico, não um luxo que apenas os ricos podem pagar. Acredito que as propinas universitárias deveriam ser automaticamente diferidas e depois pagas ao longo de um período de 20 anos numa escala progressiva. Creio que se paga demasiado aos atletas, muito pouco aos professores, a NASA está subfinanciada, a erva deveria ser legal, as pessoas devem amar quem querem amar e o wi-fi deveria ser universalmente acessível e gratuito. — Quando acaba de falar, estende a mão para alcançar a sua caneca de chocolate quente. — Ainda me amas?

— Mais do que há dois minutos. — Dou-lhe um beijo no ombro e ele envolve-me num abraço, aconchegando-me contra ele.

— Bem, isto correu melhor do que eu estava à espera.

— Não te acomodes demais — aviso. — Ainda não falámos sobre religião. Acreditas em Deus?

O Graham desvia o olhar e fita o mar. Acaricia-me o ombro e pensa na minha pergunta durante um momento.

— Dantes não acreditava.

— Mas agora acreditas?

— Pois. Agora acredito.

— O que te fez mudar de ideias?

— Algumas coisas. Sendo *aquilo* uma delas. — Os seus olhos continuam a fitar o mar. — Como pode existir algo assim tão magnífico e poderoso sem que exista algo ainda mais magnífico e poderoso para o criar?

Olho fixamente para a água, quando ele me pergunta em que acredito eu. Encolho os ombros.

— A religião não é um dos pontos fortes da minha mãe, mas sempre acreditei que haveria algo maior do que nós. Apenas não sei exatamente o que é. Acho que ninguém sabe ao certo.

— É por isso que lhe chamam fé — diz ele.

— Então, como é que um homem da matemática e da ciência concilia o seu conhecimento com a fé?

O Graham sorri quando lhe faço esta pergunta, como se estivesse desejoso de abordar o tema. Adoro isso nele. Ele tem um lado de *nerd* escondido e, quando o deixa vir à tona, fica ainda mais atraente.

— Sabes qual é a idade da Terra, Quinn?

— Não, mas aposto que estou prestes a descobrir.

— Quatro *mil milhões e meio* de anos — diz ele. A sua voz está

maravilhada, como se este fosse o seu tópic preferido. — Sabes há quanto tempo a nossa espécie surgiu?

— Não faço ideia.

— Há apenas duzentos mil anos. Há apenas duzentos mil anos em quatro *mil milhões e meio*. É inacreditável. — Ele pega na minha mão e pousa-a com a palma virada para baixo na coxa. Começa a acariciar-me a pele com um dedo preguiçoso. — Se as costas da tua mão representassem a idade desta Terra e todas as espécies que alguma vez viveram, a espécie humana não seria sequer visível a olho nu. Nós somos insignificantes a esse nível. — Ele arrasta o dedo até ao centro das costas da minha mão e aponta para uma pequena sarda. — Desde o início dos tempos até agora, poderíamos combinar todos os seres humanos que alguma vez caminharam pela Terra, e todos os seus problemas e preocupações como um todo nem sequer chegariam à dimensão desta sarda aqui. — Dá um toque na minha mão. — Cada uma das tuas experiências de vida caberiam nesta sarda minúscula. Tal como as minhas. Tal como as da Beyoncé.

Rio-me.

— Quando olhas para a existência da Terra como um todo, não somos nada. Ainda nem sequer estamos aqui há tempo suficiente para termos o direito de nos vangloriarmos. No entanto, o ser humano acredita que é o centro do Universo. Concentramo-nos nas coisas mais estúpidas, nas questões mais mundanas. Stressamos com coisas que não significam absolutamente nada para o Universo, quando, no mínimo, deveríamos estar gratos por a evolução ter proporcionado à nossa espécie a oportunidade de *ter* problemas. Porque um destes dias... o ser humano deixará de

existir. A História irá repetir-se e a Terra avançará para uma espécie completamente nova. Eu e tu... somos apenas duas pessoas de uma espécie inteira que, em retrospectiva, ainda é muito menos impressionante em relação à sua sustentabilidade do que um dinossauro. Só que ainda não atingimos o nosso prazo de validade. — Ele desliza os dedos pelos meus e aperta-me a mão. — Com todos os indícios científicos que provam quão insignificantes somos, sempre foi difícil para mim acreditar em Deus. A pergunta mais adequada teria sido: *Pode um Deus acreditar em mim?* Porque aconteceu muito a esta Terra em quatro mil milhões e meio de anos para pensar que um Deus se preocuparia comigo ou com os meus problemas. Mas concluí recentemente que não existe outra explicação para que tu e eu tenhamos acabado no mesmo planeta, na mesma espécie, no mesmo século, no mesmo país, no mesmo estado, na mesma cidade, no mesmo patamar, à frente da mesma porta, pela mesma razão, exatamente à mesma hora. Se Deus não acreditasse em mim, então, eu teria de acreditar que tu foste apenas uma coincidência. E é muito mais difícil para mim conceber que tu sejas uma coincidência na minha vida do que conceber a existência de um poder superior.

Oh.

Uau. Estou sem fôlego.

O Graham já me disse muitas coisas queridas, mas isto não foi querido. Isto foi pura poesia. Isto está para lá de uma expressão da sua inteligência, porque eu sei que ele é incrivelmente inteligente. Isto foi sacrificial. Ele deu-me propósito. Ele tornou-me incrivelmente relevante — fundamental — para ele, quando nunca me senti relevante, fundamental ou essencial para ninguém.

— Eu amo-te tanto, Graham Wells. — É tudo o que consigo dizer, porque não sou capaz de competir com o que ele acabou de dizer. Nem sequer tento.

— Amas-me o suficiente para te casares comigo?

Tiro-lhe o braço da minha perna para me sentar direita, ainda de frente para ele.

Será que ele está a falar a sério?

Foi tão espontâneo. Se calhar, nem sequer pensou bem nisso. Ele ainda está a sorrir, mas dentro de alguns segundos creio que irá rir-se, porque fez a pergunta sem pensar. Ele nem sequer tem um anel, o que prova que foi um acidente.

— Graham...

Ele põe a mão por baixo do cobertor. Quando retira a mão, vejo que segura um anel. Sem caixa, sem embrulho, sem pretensões. Trata-se apenas de um anel. Um anel que ele tem trazido no bolso para um momento no qual, obviamente, pensou.

Levo as mãos aos lábios. Estão a tremer porque eu não esperava isto e estou sem palavras — e assustada — por não lhe conseguir responder em voz alta, porque está tudo preso na minha garganta, embora consiga, de algum modo, sussurrar:

— Oh, meu Deus.

O Graham afasta a minha mão esquerda da boca e segura o anel perto do meu dedo anelar, mas não o tenta pôr. Em vez disso, baixa a cabeça para ir ao encontro dos meus olhos. Quando cruzamos o olhar, a sua expressão está imbuída de certeza e esperança.

— Casa comigo, Quinn. Supera os momentos de categoria 5 comigo.

Já estou a dizer que sim com a cabeça antes mesmo de ele

acabar de falar. Estou a acenar, porque se tentar dizer *sim*, começarei a chorar. Nem sequer consigo acreditar que ele conseguiu, de algum modo, transformar este fim de semana perfeito em algo ainda melhor.

Assim que aceno, ele ri-se com um pesado suspiro de alívio. E quando desliza o anel pelo meu dedo, morde o lábio, porque não quer que eu veja que também ele está a sufocar.

— Não sabia que anel havia de te comprar — diz, e olha de novo para mim. — Mas quando o joalheiro me disse que o anel de noivado simboliza um ciclo interminável sem início, meio ou fim, não quis interromper esse ciclo interminável com diamantes. Espero que gostes.

O anel de ouro é liso e delicado, sem pedras. Não é um reflexo de quanto dinheiro o Graham tem ou deixa de ter. É um reflexo de quanto tempo ele acredita que o nosso amor perdurará. Uma eternidade.

— É perfeito, Graham.

Capítulo Vinte e Quatro

Agora

— ... gestação ectópica cervical — diz ela. — Muito raro. Na verdade, as probabilidades de uma mulher sofrer deste tipo de gravidez ectópica são inferiores a um por cento.

O Graham aperta-me a mão. Encosto-me à cabeceira da cama de hospital, desejando apenas que a médica saia do quarto para eu poder voltar a adormecer. A medicação deixa-me tão ensonada que é difícil prestar atenção a tudo o que ela está a explicar. Eu sei que não tenho de pensar, porque o Graham está concentrado em todas as palavras que lhe saem da boca.

— Repouso na cama durante duas semanas...

Foi a última coisa que ouvi antes de fechar os olhos. Sei que é o Graham quem gosta de matemática, mas sinto que serei eu quem ficará obcecada com aquele menos de um por cento. As hipóteses de engravidar após tantos anos a tentar eram maiores do que as hipóteses de uma gravidez resultar numa interrupção ectópica cervical.

— Qual foi a causa? — pergunta o Graham.

— O mais provável é que tenha sido a endometriose — responde ela. Adianta mais alguns pormenores, mas ignoro o que diz. Inclino a cabeça para o Graham e abro os olhos. Ele está a olhar fixamente para a médica, atento à sua resposta. Mas consigo ver a sua

preocupação. A mão direita está a tapar-lhe a boca, a esquerda ainda agarra a minha.

— Poderá... — Ele desvia o olhar para mim por um momento, com a expressão carregada de apreensão. — Poderá o stress ter provocado o aborto?

— O aborto era inevitável neste tipo de gravidez — explica a médica. — Nada poderia ter sido feito para a prolongar. A rutura ocorreu porque as gestações ectópicas não são viáveis.

O meu aborto aconteceu há 19 horas. Só neste momento me apercebo de que o Graham passou as últimas 19 horas a pensar que, de algum modo, tinha sido ele o responsável. Tem medo de que o stress provocado pela nossa discussão tenha provocado isto.

Depois de a médica sair do quarto, passo o polegar pela mão dele. É um pequeno gesto, mas um gesto muito difícil de fazer devido a toda a raiva que ainda encerro em mim. Ainda assim, o Graham sente-o imediatamente.

— Tens muito de que te sentir culpado, mas não do meu aborto.

O Graham fita-me durante um momento com um olhar vazio e uma alma destroçada. Depois, liberta-me a mão e sai do quarto. Só regressa meia hora depois, e está com ar de quem esteve a chorar.

Ao longo de todos estes anos de casamento, ele chorou algumas vezes. No entanto, eu nunca o tinha visto a chorar até ontem, apenas percebia que ele o tinha feito.

O Graham passa as horas seguintes ao meu lado, assegurando-se de que estou confortável. A minha mãe vem visitar-me, mas eu finjo estar a dormir. A Ava telefona-me, mas peço ao Graham que lhe diga que estou a dormir. Passo a maior parte do dia e da noite a tentar não pensar em tudo o que aconteceu, mas, sempre que fecho

os olhos, dou comigo a desejar que tivesse sabido. Ainda que a gravidez tivesse terminado do mesmo modo, estou furiosa comigo mesma por não ter prestado mais atenção ao meu corpo, para a poder ter aproveitado enquanto durou. Se eu tivesse estado mais atenta, teria desconfiado de que estava grávida. Teria feito um teste. Teria dado positivo. E depois, por uma vez, eu e o Graham teríamos sabido como era sermos pais. Ainda que fosse uma sensação fugaz.

É um pouco mórbido que estivesse disposta a passar por tudo isto novamente se, ao menos, tivesse sabido que estava grávida, nem que fosse por um dia. Após tantos anos a tentar, parece cruel que a nossa recompensa tenha sido um aborto espontâneo seguido de uma histerectomia sem a atenuante da sensação de sermos pais, nem que fosse por um momento.

Todo este calvário tem sido injusto e doloroso. Mais do que será a minha recuperação. Devido à interrupção e à hemorragia, os médicos tiveram de realizar uma histerectomia abdominal de urgência, em vez de uma histerectomia vaginal. O que se traduz num tempo de recuperação mais longo. Estarei, provavelmente, no hospital mais um dia ou dois antes de ter alta. Depois, ficarei confinada à nossa cama durante duas semanas.

Tudo parece inacabado entre nós. Não sanámos nada antes do aborto e agora a decisão que estávamos prestes a tomar ficou suspensa. Porque não estou em condições de debater o futuro do nosso casamento neste momento. É provável que passem semanas antes de as coisas voltarem ao normal.

Tão normal quanto as coisas poderão ficar sem um útero.

— Não consegues dormir? — pergunta o Graham. Não saiu do

hospital o dia todo. Saiu do quarto, há pouco, durante meia hora, mas depois regressou e tem estado a alternar entre o sofá e a cadeira ao lado da minha cama. Agora está sentado à beirinha da cadeira, à espera de que eu fale. Parece estar exausto, mas eu conheço o Graham e sei que ele não sairá daqui sem ser comigo.

— Queres beber alguma coisa?

Abano a cabeça.

— Não tenho sede. — A única luz acesa no quarto é a que encima a minha cama e, ao incidir no rosto do Graham, faz com que ele pareça estar debaixo dos holofotes num palco solitário.

A sua necessidade de me consolar está em conflito com a consciência da tensão que há entre nós há tanto tempo. Mas ele luta contra a tensão e leva a mão à proteção da cama.

— Importas-te que me deite contigo?

Já desceu a proteção da cama e está a subir quando eu digo que não me importo. Ele tem cuidado ao virar-me, para não puxar a intravenosa. Encaixa-se em menos de metade da cama ao meu lado e passa a mão por baixo da minha cabeça, sacrificando o seu conforto pelo meu. Beija-me na nuca. Parte de mim não tem a certeza de o querer na cama comigo, mas depressa percebo que adormecer na nossa tristeza partilhada é, de algum modo, mais consolador do que adormecer sozinha.

*

— Vou voltar a casa — diz a Ava de rompante, antes de eu ter sequer a possibilidade de lhe dizer olá.

— Não vens nada. Eu estou bem.

— Quinn, sou tua irmã. Quero ir para perto de ti.

— Não — repito. — Eu fico bem. Tu estás grávida. A última coisa de que precisas é de um dia inteiro num avião. — Ela suspira pesadamente. — Além disso — acrescento —, estou a pensar em ir visitar-te. — É mentira. Não pensei nisso até este preciso momento. Mas as duas semanas iminentes de repouso na cama levam-me a concluir que vou precisar de me distanciar da nossa casa quando estiver recuperada.

— A sério? Podes? Quando achas que poderás ter alta para viajar?

— Vou perguntar à médica quando ela me der alta.

— Por favor, não digas isso se não estiveres a falar a sério.

— Estou a falar a sério. Acredito que me fará bem.

— E o Graham? Não vai utilizar todo o seu tempo de férias durante a tua recuperação?

Não falo dos problemas no meu casamento com ninguém. Nem sequer com a Ava.

— Gostaria de ir sozinha — digo. Não aprofundo. Não lhe contei que o Graham deixou o emprego e não lhe contei que ele beijou outra mulher. Mas, pela pausa que a Ava faz, consigo perceber que ela sabe que se passa alguma coisa. Aguardarei para lhe contar tudo até estarmos as duas pessoalmente.

— Está bem. Fala com a tua médica e depois diz-me uma data.

— Combinado. Gosto muito de ti.

— Também gosto muito de ti.

Depois de desligar, vejo o Graham parado à entrada do quarto. Espero que ele me diga que não é uma boa ideia planear viajar logo

após a cirurgia. Em vez disso, limita-se a baixar os olhos, para o copo de café que tem na mão.

— Vais visitar a Ava?

Ele não diz *nós*. Parte de mim sente-se culpada. Mas ele decerto compreende que necessito de espaço.

— Só quando tiver autorização para viajar. Mas sim. Tenho de a visitar.

Ele não desvia o olhar do copo. Apenas acena um pouco com a cabeça e diz:

— Vais voltar?

— Claro.

Claro.

Não o digo com muita convicção, mas tenho convicção suficiente na minha voz para lhe garantir que não se trata de uma separação. É apenas uma pausa.

Ele engole em seco.

— Durante quanto tempo estarás fora?

— Não sei. Talvez duas semanas.

O Graham assente e depois dá um gole no café, ao mesmo tempo que pontapeia a porta.

— Temos algumas milhas no nosso cartão. Diz-me quando queres ir e eu reservo-te o voo.

Capítulo Vinte e Cinco

Dantes

Não me lembro de os planos para o meu casamento com o Ethan terem sido tão stressantes.

Isso pode dever-se ao facto de eu ter deixado a minha mãe tomar as rédeas naquela altura e ter tido muito pouco que ver com o planeamento. Mas agora é diferente. Eu quero que eu e o Graham decidamos quem convidar e o local e a hora do dia em que queremos assumir o compromisso um com o outro para o resto das nossas vidas. Porém, a minha mãe não para de tomar decisões que não quero que ela tome, por muito que já lhe tenha dito para não o fazer.

«Só quero que o teu dia seja perfeito, Quinn», diz ela.

«O Graham não tem dinheiro para estas coisas, por isso só estou a tentar ajudar», diz ela.

«Não te esqueças de o fazer assinar um acordo pré-nupcial», diz ela.

«Nunca se sabe se o teu padrasto te irá deixar uma herança», diz ela. «Tens de proteger os teus bens.»

Ela diz coisas que me fazem sentir como se, para ela, o casamento não passasse de um empréstimo em vez de um compromisso de amor. Ela abordou a ideia de um acordo pré-nupcial tantas vezes que se esquece de que, na situação atual, não

tenho bens para proteger. Além disso, eu sei que o Graham não se vai casar comigo pelo dinheiro ou pela propriedade que o meu padrasto poderá ou não deixar-me um dia. O Graham casar-se-ia comigo mesmo que eu estivesse enterrada em dívidas.

Sinto que começo a ressentir-me de toda esta ideia de um casamento cheio de aparato. Eu descarregaria a minha frustração no Graham, mas, se fizesse isso, teria de lhe dizer o porquê de a minha mãe estar a deixar-me tão irritada. A última coisa que quero é partilhar com o Graham todas as coisas ardilosas que a minha mãe diz sobre ele.

Olho para o telemóvel ao receber mais uma mensagem da minha mãe.

Devias pensar melhor no *buffet*, Quinn. A Evelyn Bradbury contratou um *chef* privado para o seu casamento e foi muito mais elegante.

Reviro os olhos e viro o ecrã para baixo, para não ter de ver mais mensagens dela.

Ao ouvir a porta do meu apartamento a fechar, pego na escova. Finjo que estou só a escovar o cabelo, em vez de estar a lamentar-me na casa de banho quando o Graham entra. Só olhar para ele acalma-me instantaneamente. A minha frustração já está muito longe e foi substituída por um sorriso. O Graham dá-me um abraço e beija-me o pescoço.

— Olá, linda. — Sorri para mim ao espelho.

— Olá, lindo.

Então, vira-me e dá-me um beijo ainda melhor.

— Como foi o teu dia?

— Correu bem. E o teu?

— Foi bom.

Empurro-lhe o peito porque ele está a olhar para mim com demasiada intensidade e eu poderei, acidentalmente, revelar as minhas verdadeiras emoções, sendo que depois ele irá perguntar-me o que se passa e eu terei de lhe dizer o quanto este casamento me está a stressar.

Viro-me de frente para o espelho, na esperança de que ele vá para a sala de estar ou para a cozinha ou para qualquer outro lugar que não aqui, onde ficará a olhar fixamente para mim como me olha neste preciso momento.

— O que te está a incomodar?

Por vezes, detesto que ele me conheça assim tão bem.

Exceto durante o sexo. Nesse caso, dá sempre jeito.

— Porque é que não consegues ignorar o estado emocional de uma mulher, como a maioria dos homens faz?

Ele sorri e puxa-me para si.

— Se eu ignorasse o teu estado emocional, seria meramente um homem apaixonado por ti. Mas sou mais do que isso. Sou a tua alma gémea e consigo sentir tudo o que tu sentes. — Encosta os lábios à minha testa. — Porque é que estás triste, Quinn?

Eu suspiro, exasperada.

— É a minha *mãe*. — Ele solta-me e eu vou até ao quarto e sento-me na cama. Deixo-me cair para trás e olho para o teto. — Ela está a tentar transformar o nosso casamento no casamento que ela planeou para mim e para o Ethan. Nem sequer me pergunta o que queremos, Graham. Está apenas a tomar decisões e a pôr-me a par já depois do facto consumado.

O Graham deita-se ao meu lado na cama, apoiando a cabeça na

mão. Pousa a outra mão na minha barriga.

— Ontem, disse-me que fez uma reserva no Douglas Whimberly Plaza para a data do nosso casamento. Nem sequer me perguntou o que nós queremos, mas como é ela que vai pagar tudo, pensa que ganhou o direito de tomar todas as decisões. Hoje, enviou-me uma mensagem a dizer que já encomendou os convites.

O Graham faz uma careta.

— Achas que isso significa que os nossos convites vão ter a palavra *prestigiada*?

Rio-me.

— Ficaria mais chocada se não tivessem. — A minha cabeça descai para o lado e lanço-lhe um olhar patético, só faltou fazer beicinho. — Não quero um casamento enorme num espaço chique, com todos os amigos da minha mãe presentes.

— O que queres tu, Quinn?

— Neste momento, nem sequer sei se *quero* um casamento. — O Graham inclina a cabeça, ligeiramente apreensivo com o meu comentário. Retifico-o de imediato. — Não quero dizer que não me quero casar contigo. Só não me quero casar contigo no casamento de sonho da minha mãe.

O Graham sorri-me, mais reconfortado.

— Só estamos noivos há três meses. Ainda temos cinco meses até à data do casamento. Temos muito tempo para bater o pé e garantirmos que tens o que queres. Se isso facilitar, podes pôr as culpas em cima de mim. Diz-lhe que eu disse que não e que ela me pode odiar por lhe ter arruinado o casamento de sonho, e assim manténs-te em paz com ela.

Porque é que ele é tão perfeito?

— A sério que não te importas que eu te atribua a culpa?

Ele ri-se.

— Quinn, a tua mãe já me odeia. Isto apenas lhe dará um pouco mais de justificação pelo seu ódio e, no final, todos saem a ganhar. Ele levanta-se e descalça os sapatos. — Vamos sair esta noite?

— Como tu quiseses. A Ava e o Reid vão ver um combate qualquer no *Pay-Per-View* e convidaram-nos para irmos até lá.

O Graham tira a gravata.

— Isso parece ser divertido. Eu tenho alguns e-mails para enviar, mas consigo estar pronto dentro de uma hora.

Observo-o a sair do quarto. Deixo-me cair para trás na cama e sorrio porque parece que ele pode ter conseguido encontrar uma solução para alguns dos meus problemas em menos de dois minutos. No entanto, apesar de a solução me parecer boa a mim — *vou apenas culpar o Graham de tudo* —, a minha mãe não vai ceder. Limitar-se-á a realçar que o Graham não irá pagar o casamento, por isso o Graham não tem voto na matéria.

Ainda assim... Ele *tentou* resolver os meus problemas. É isso que conta, certo? Ele está disposto a arcar com as culpas, só para manter a paz entre mim e a minha mãe.

Nem acredito que vou casar-me com este homem dentro de cinco meses. Nem acredito que vou poder passar o resto da minha vida com ele. Mesmo que essa vida em conjunto comece na Douglas Whimberly Plaza, rodeada por pessoas que mal conheço e por iguarias caríssimas — entre as quais, bandejas enormes cheias de carne crua e ceviche de que ninguém gosta verdadeiramente, mas que todos fingem gostar porque é chique.

É o que é. A boda pode não ser a ideal, mas serão apenas

algumas horas dolorosas, seguidas por uma vida inteira de perfeição.

Arrasto-me para fora da cama, empenhada, de algum modo, em permanecer sã durante os cinco meses que tenho pela frente. Passo a meia hora seguinte a preparar-me para a nossa saída. Eu e o Graham temos uma mão-cheia de amigos com quem, por vezes, convivemos aos fins de semana, mas convivemos principalmente com a Ava e com o Reid. Eles casaram-se mesmo antes de eu conhecer o Graham. A Ava foi inteligente. Casou-se com o Reid às escondidas, em Las Vegas. A minha mãe não conseguiu encomendar os seus convites nem reservar o local do copo-d'água, nem sequer escolher o bolo. Eu fui a única que soube que iam partir para Las Vegas para se casarem, e fiquei, secretamente, com inveja da decisão deles.

Estou a abotoar as calças de ganga quando o Graham entra na casa de banho.

— Estás pronta?

— Quase. Deixa-me ir buscar os sapatos. — Vou até ao *closet* com o Graham no meu encalço. Encosta-se à ombreira da porta e observa-me enquanto procuro um par de sapatos. Tenho de me vestir de modo formal para o trabalho, por isso, uma noite de lazer em casa da Ava e do Reid é um descanso agradável dos saltos altos e da indumentária profissional que visto diariamente. Estou à procura, entre todos os sapatos na minha prateleira, de um par confortável. O Graham observa-me o tempo todo. Olho de relance para ele algumas vezes e não me consigo impedir de pensar que ele está a preparar alguma. Bem vejo aquele sorriso dengoso. É quase impercetível, mas está lá.

— O que foi?

Ele descruza os braços e leva as mãos aos bolsos das calças de ganga.

— E se eu te dissesse que passei a última meia hora a reformular os planos para o nosso casamento?

Levanto-me. Ele tem, decididamente, toda a minha atenção.

— Como assim?

Ele respira fundo, como se estivesse a tentar acalmar os nervos. Estar ciente de que ele está nervoso em relação ao que está prestes a dizer *deixa-me a mim* nervosa em relação ao que ele está prestes a dizer.

— Não quero saber dos pormenores do nosso casamento, Quinn. Podemos ter o tipo de casamento que quiseres, desde que o resultado seja seres minha mulher. Mas... — Ele entra no *closet* e para a uns meros centímetros de mim. — Se a única coisa que queres deste casamento sou eu, então porque esperamos? Vamos casar já. Este fim de semana. — Antes de eu conseguir falar, ele pega nas minhas mãos e aperta-as. — Acabei de reservar a casa da praia até à próxima segunda-feira. Falei com um padre que está disposto a ir lá para nos casar. Ele até leva uma testemunha, para não termos de dizer nada a ninguém. Seremos só tu e eu. Casamo-nos junto ao mar amanhã à tarde, e à noite podemos sentar-nos ao braseiro, onde eu pedi a tua mão. Passaremos a noite toda a comer *marshmallows* e a fazer perguntas um ao outro, e depois faremos amor e adormeceremos e acordaremos casados no domingo.

Estou praticamente sem palavras, tal como fiquei quando ele pediu a minha mão. E tal como há três meses, quando eu estava

demasiado entusiasmada e chocada para dizer *sim*, aceno com a cabeça. Convictamente. E rio-me e abraço-o e beijo-o.

— É perfeito, é perfeito! Amo-te, é perfeito!

Retiramos uma mala de viagem do *closet* e começamos a preparar tudo. Decidimos não dizer nada a ninguém. Nem sequer à mãe dele.

— Podemos telefonar-lhes amanhã, depois de estarmos casados — diz o Graham.

Não consigo parar de sorrir, apesar de saber que a minha mãe irá perder completamente a cabeça quando lhe ligar amanhã à noite e lhe disser que já nos casámos.

— A minha mãe vai matar-nos.

— Sim, provavelmente. Mas é muito mais fácil pedir perdão do que permissão.

Capítulo Vinte e Seis

Agora

Faz amanhã três semanas que estou em casa da Ava, e não ouço a voz do Graham desde o dia em que ele me deixou no aeroporto.

Telefonou-me uma vez na semana passada, mas não atendi o telemóvel. Enviei-lhe uma mensagem e disse que precisava de tempo para pensar. Ele respondeu apenas: «Telefona-me quando estiveres preparada.» Não me enviou nenhuma mensagem desde então e ainda não me sinto preparada para lhe telefonar.

Por muito infeliz que me sinta, gosto mesmo de estar aqui na casa da Ava. Não consigo determinar se gosto porque é novo e diferente ou se gosto porque me sinto mais afastada de todos os meus problemas. Não dei muitos passeios turísticos devido à recuperação. O meu corpo ainda está dorido e mais fraco do que estou habituada. Porém, a casa da Ava e do Reid é bonita e relaxante, por isso não me importo de passar a maior parte do tempo aqui. Já decorreu tanto tempo desde que eu e a Ava tivemos alguns momentos de qualidade juntas, que me tenho divertido, não obstante o estado em que o meu casamento se encontra.

Sinto a falta do Graham, apesar de tudo. Mas sinto falta do Graham que era casado com a minha versão mais feliz. Encaixávamos melhor no início do que encaixamos agora. Eu sei que isso se deve ao facto de a forma da minha peça do puzzle ter

mudado mais do que a dele. Ainda assim, apesar de me sentir mais em falta relativamente ao declínio da nossa relação, isso nada faz para mudar a trajetória.

Esta viagem tem sido exatamente aquilo por que a minha alma ansiava — uma mudança de ritmo muito necessária. Pela primeira vez, falei abertamente com a Ava sobre tudo o que se passava com o Graham. O que mais gosto na Ava é que ela ouve mais do que aconselha. Não quero conselhos. Os conselhos não vão alterar o modo como me sinto. Os conselhos não vão alterar a minha incapacidade de engravidar. Os conselhos não vão alterar o facto de o Graham ter dito que estava destroçado por ainda não ter sido pai. O conselho serve unicamente para afagar a estima da pessoa que o dá. Por isso, em vez de conselhos, ela apenas me distrai. Não só do Graham, mas da nossa mãe. Do trabalho. Da infertilidade. Do Connecticut. *De toda a minha vida.*

— E que tal esta cor? — A Ava segura uma amostra de tinta amarela.

— Demasiado... canário — respondo.

Ela olha melhor para as amostras e ri-se.

— Na verdade, é mesmo assim que se chama. Canário.

O Reid vai até ao fogão e levanta a tampa de um tacho, cheirando o molho que tem estado a cozinhar. Eu estou sentada ao balcão com a Ava, a seleccionarmos cores para as paredes do quarto do seu bebé.

— Se soubéssemos o que vamos ter, este processo tornar-se-ia muito mais fácil — diz o Reid, colocando a tampa sobre o tacho. Depois apaga o lume.

— Nada disso — afirma a Ava, deslizando para fora do balcão. —

Decidimos que não vamos saber antes. Já só faltam dez semanas. Sê paciente. — Ela retira três pratos do armário e leva-os até à mesa. Eu levo os talheres e os guardanapos, enquanto o Reid leva a massa.

Nenhum deles me faz sentir que estou a prolongar demasiado a minha estadia, mas começo a ficar preocupada com essa possibilidade. Três semanas é muito tempo para se receber alguém.

— Sou capaz de voltar para casa esta semana — digo, enquanto sirvo massa no meu prato.

— Não te vás embora por nossa causa — pede o Reid. — Gosto de te ter por cá. Fico mais tranquilo quando estou fora.

O Reid passa duas ou três noites por semana fora de casa e, com a Ava grávida, ele fica preocupado por ter de a deixar sozinha mais vezes do que ela gostaria.

— Não sei por que razão a minha presença aqui te traz tranquilidade. A Ava é mais corajosa do que eu.

— É verdade — confirma ela. — Uma vez fomos para uma casa assombrada e o Freddy Krueger saltou na nossa direção. A Quinn empurrou-me contra ele e correu de volta para a entrada.

— Não foi nada — digo. — Empurrei-te na direção do Jason Voorhees.

— Seja como for, quase morri.

— Achas que vais voltar dentro de dois meses, quando a Ava tiver o bebé?

— É claro que sim.

— Dessa vez, traz o Graham — diz o Reid. — Tenho saudades dele.

O Graham e o Reid sempre se deram bem. Mas consigo adivinhar

pelo olhar que a Ava me lança que ela não falou ao Reid sobre os meus problemas com o Graham. Agradeço-lho.

Rodopio o meu garfo na massa, refletindo quão sozinha me sentia desde que a Ava e o Reid se mudaram do Connecticut, mas esta é a primeira vez que me apercebo do quanto a sua mudança também deve ter afetado o Graham. Ele perdeu um amigo quando eles se mudaram. Possivelmente, o seu amigo mais próximo desde o Tanner. Contudo, não falou sobre isso uma única vez porque a minha tristeza enche a nossa casa do chão ao teto, não deixando espaço para a tristeza dele.

Durante o resto do jantar, só consigo pensar em todas as coisas que o Graham talvez não me conte porque não me quer sobrecarregar com a sua tristeza. Quando acabamos de comer, ofereço-me para lavar a louça. O Reid e a Ava estão sentados à mesa, a verem mais opções de cor para o quarto do bebé, quando tocam à campainha.

— Que estranho — diz a Ava.

— Mesmo estranho — concorda o Reid.

— Vocês nunca têm visitas?

O Reid afasta-se da mesa.

— Nunca. Ainda não conhecemos ninguém que tenha confiança suficiente para aparecer cá em casa. — Ele vai até à porta e eu e a Ava ficamos as duas a observá-lo quando a abre.

A última pessoa que eu esperava ver naquela entrada era o Graham.

Com as mãos mergulhadas em espuma, fico paralisada enquanto o Reid e o Graham dão um abraço. O Reid ajuda-o com a mala e,

assim que o Graham atravessa a soleira, os seus olhos procuram imediatamente os meus.

Quando por fim me vê, é como se todo o seu corpo relaxasse. O Reid está a sorrir, o seu olhar alterna entre o Graham e eu, expectante com o nosso reencontro inesperado. Mas eu não corro para o Graham e ele não corre para mim. Ficamos apenas a olhar fixamente um para o outro, em silêncio, por alguns instantes. Demasiados instantes. O suficiente para o Reid sentir a tensão neste reencontro.

Aclara a garganta e leva a mala do Graham.

— Eu vou... levar isto para o quarto de hóspedes.

— Eu ajudo — diz a Ava, levantando-se rapidamente. Quando ambos desaparecem pelo corredor, saio, por fim, do meu transe de choque tempo suficiente para retirar as mãos da água e secá-las num pano. O Graham avança devagar para a cozinha, observando-me cuidadosamente o tempo todo.

O meu coração bate forte ao vê-lo. Não me tinha apercebido do quanto sentia a sua falta, mas não creio que seja por isso que o meu coração está aos saltos. Tenho a pulsação descontrolada porque a sua presença significa confronto. E o confronto significa uma decisão. Não tenho a certeza de estar preparada para isso, ainda. É a única razão pela qual tenho estado a esconder-me dele em casa da minha irmã do outro lado do mundo.

— Olá — diz ele. É uma palavra tão simples, mas parece mais séria do que qualquer coisa que ele alguma vez me tenha dito. Suponho que seja essa a sensação, depois de quase três semanas sem se falar com o nosso marido.

— Olá. — A minha resposta sai com cautela. Mas não com tanta

cautela como o abraço que acabo por lhe dar. É rápido e sem significado e quero voltar atrás mal me afasto dele, mas, em vez disso, estendo a mão para o lava-louça e retiro a válvula de escoamento. — Que grande surpresa.

O Graham encolhe os ombros, inclinando-se para a bancada ao meu lado. Lança uma olhadela rápida à cozinha e à sala de estar antes de voltar a cruzar o olhar com o meu.

— Como te sentes?

Aceno com a cabeça.

— Bem. Ainda estou um pouco dorida, mas tenho descansado bastante. — Surpreendentemente, sinto-me mesmo bem. — Pensei que pudesse estar mais triste do que estou, mas percebi que já aceitei o facto de que o meu útero era inútil, por isso, o que interessa que já não esteja dentro do meu organismo?

O Graham fita-me em silêncio, não sabendo como responder a isso. Não espero que responda, mas o seu silêncio dá-me vontade de gritar. Não sei o que ele faz aqui. Não sei o que quer que eu diga. Estou furiosa por ele ter aparecido sem aviso e furiosa por me sentir feliz por ele estar aqui.

Passo a mão pela testa e encosto-me à bancada ao lado dele.

— O que é que estás aqui a fazer, Graham?

Ele inclina-se na minha direção, revelando uma expressão de pura honestidade.

— Não aguento mais um dia, Quinn. — Tem a voz baixa e suplicante. — Preciso que faças uma escolha. Ou me deixas de vez ou voltas para casa comigo. — Estende a mão na minha direção, puxando-me contra o seu peito. — Volta para casa comigo — repete num sussurro.

Fecho os olhos e inspiro o seu cheiro. Quero tanto dizer-lhe que o perdoo. Que não o culpo pelo que fez.

Sim, o Graham beijar outra mulher foi a pior coisa que ele fez durante a nossa relação. Mas eu não estou completamente inocente nesta situação.

Perdoá-lo não é o que me preocupa.

Preocupa-me o que acontecerá *depois* de eu o perdoar. Tínhamos problemas antes de ele beijar outra mulher. Ainda teremos os mesmos problemas se eu o perdoar. Naquela noite, no carro, antes do aborto espontâneo, eu e o Graham discutimos devido ao caso extraconjugal. Mas assim que abrimos as comportas esta noite... será aí que terá lugar a verdadeira discussão. Será aí que abordaremos os problemas que provocaram todos os outros problemas que levaram aos nossos problemas atuais. Esta é a conversa que tenho tentado evitar há alguns anos.

A conversa que está prestes a acontecer porque ele veio até ao outro lado do mundo para me confrontar.

Afasto-me do Graham, mas, antes de eu conseguir dizer alguma coisa, somos interrompidos pelo Reid e pela Ava, embora apenas por breves momentos.

— Vamos sair para comer a sobremesa — diz a Ava, vestindo o casaco.

O Reid abre a porta de casa.

— Vemo-nos dentro de uma hora.

Ele fecha a porta e eu e o Graham ficamos, repentinamente, sozinhos na casa deles, do outro lado do mundo. Do outro lado do mundo, longe do conforto da nossa evasão.

— Deves estar exausto — digo-lhe. — Queres dormir primeiro?

Ou comer?

— Estou bem — responde rapidamente.

Assinto, consciencializando-me para a iminência da conversa. Ele nem sequer quer comer ou beber alguma coisa antes de fazermos isto. E não há nada que eu possa fazer a não ser manter-me aqui, como se estivesse a tentar decidir se quero falar ou fugir dele para que possamos continuar a evitar isto. Nunca houve tanta tensão entre nós enquanto contemplamos os nossos próximos passos.

Por fim, ele dirige-se à mesa. Eu sigo-o, sentando-me à sua frente. Ele cruza os braços sobre a mesa e olha para mim.

Ele é tão elegante. Apesar de em muitas ocasiões lhe ter virado as costas no passado, isso não aconteceu por não me sentir atraída por ele. Nunca foi esse o problema. Mesmo agora, depois de um dia inteiro de viagem, ele tem melhor aspeto do que tinha quando o conheci. Funciona sempre assim com os homens, não é? De algum modo, quando chegam aos 30 ou 40 anos, ficam com um ar mais masculino do que tinham no auge da sua juventude.

O Graham sempre cuidou de si. Com a exatidão de um relógio, continua a fazer uma corrida todas as manhãs. Gosto que se mantenha em forma, mas não devido aos atributos físicos que lhe são concedidos. A minha parte favorita é que ele nunca fala sobre isso. O Graham não é do género de provar nada a ninguém nem de transformar a sua rotina de exercícios numa disputa com os amigos. Ele corre por si e por mais ninguém, e eu adoro isso.

A minha memória viaja para a manhã seguinte ao nosso casamento. Ele também tinha este ar. *Cansado*. Nenhum de nós dormiu muito na noite do casamento e, de manhã, parecíamos cinco anos mais velhos. Ele tinha o cabelo despenteado, os olhos

ligeiramente inchados por não ter dormido. Mas, naquela manhã, parecia estar *feliz* e cansado.

Agora está apenas triste e cansado.

Ele junta as palmas e os dedos das mãos e leva-as aos lábios. Parece estar nervoso, mas também preparado para despachar isto.

— Em que estás a pensar?

Odeio a sensação que estou a sentir. É como se todas as minhas preocupações e receios tivessem sido amarrados uns aos outros numa pequena bola que se encontra aos saltos dentro de mim, a bater com força contra o meu coração, contra os meus pulmões, contra o meu estômago, contra a minha garganta. Está a fazer com que as minhas mãos tremam, por isso aperto-as na mesa à minha frente e tento fazê-las parar.

— Estou a pensar em tudo — digo. — Onde erraste. Onde *eu* errei. — Liberto um breve suspiro. — Estou a pensar em como tudo isto me parecia tão certo e em como gostaria que ainda fosse assim.

— Podemos voltar aí, Quinn. Eu sei que podemos.

Ele está tão esperançoso quando o afirma. E ingénuo.

— Como?

Ele não tem uma resposta para essa pergunta. Talvez por não se sentir destruído. Tudo o que está destruído no nosso casamento provém de mim, e ele não me consegue consertar. Tenho a certeza de que, se ele conseguisse, de algum modo, consertar a nossa vida sexual, isso seria o suficiente para o apaziguar durante mais alguns anos.

— Achas que devemos ter sexo com maior regularidade? — O *Graham quase parece ficar ofendido com a minha pergunta*. — Isso faria com que ficasses mais feliz, certo?

Ele desenha uma linha invisível na mesa, olhando para ela até começar a falar.

— Não te vou mentir e dizer que estou feliz com a nossa vida sexual. Mas também não vou fingir que é a única coisa que eu gostaria que fosse diferente. O que quero mais do que tudo é que tu queiras ser minha mulher.

— Não, o que tu queres é que eu seja a mulher que era dantes. Não acredito que me queiras como sou atualmente.

O Graham observa-me por um momento.

— Talvez tenhas razão. É assim tão mau que eu não me tenha apercebido disso quando ainda estava convencido de que continuavas apaixonada por mim? Quando ficavas entusiasmada por me veres? Quando querias fazer amor comigo porque sim e não porque querias apenas engravidar? — Ele inclina-se para a frente, prendendo-me com o seu olhar. — Não podemos ter filhos, Quinn. E sabes que mais? Não tenho problema nenhum em relação a isso. Não me casei contigo pelos eventuais filhos que viéssemos a ter um dia. Apaixonei-me por ti e assumi o compromisso contigo porque queria passar o resto da minha vida contigo. Foi só nisso que pensei quando proferi os votos. Mas começo a concluir que talvez não te tenhas casado comigo pelas mesmas razões.

— Isso não é justo — digo calmamente. Ele não pode insinuar que eu não me teria casado com ele se soubesse que ele não poderia ter filhos. E ele não pode continuar a dizer que se teria casado comigo se soubesse que eu não podia ter filhos. Uma pessoa não pode proclamar com confiança o que teria feito ou como se teria sentido numa situação em que nunca esteve.

O Graham levanta-se e dirige-se à cozinha. Retira uma garrafa de

água do frigorífico e eu fico sentada em silêncio enquanto ele a bebe. Espero que ele regresse à mesa para prosseguir com a conversa, porque não estou preparada para voltar a falar novamente. Tenho de saber tudo o que ele está a sentir antes de decidir o que dizer. O que fazer. Quando ele se senta no seu lugar, estende as mãos por cima da mesa e pousa-as sobre as minhas. Olha para mim com um ar sincero.

— Nunca colocarei um grama de culpa em ti pelo que fiz. Beije outra mulher e isso foi culpa minha. Mas esse é apenas um ponto numa dúzia de problemas que temos neste casamento, e *não* são todos culpa minha. Não te consigo ajudar quando não sei o que se passa na tua cabeça. — Ele puxa a minha mão para mais perto dele e toma-a nas suas. — Eu sei que te fiz passar muito mal nestas últimas semanas. E por isso lamento muito. Mais do que julgas. Mas se me puderes perdoar por te ter feito passar pela pior coisa imaginável, então eu sei que conseguiremos ultrapassar o resto. Eu *sei* que sim.

Ele está a olhar para mim com tanta esperança. Suponho que isso não seja difícil, se acredita honestamente que o facto de ele ter beijado outra pessoa foi a pior coisa que alguma vez me aconteceu.

Se não me sentisse chocada, rir-me-ia. Afasto a mão dele.

Levanto-me.

Tento inspirar, mas não fazia a mínima ideia de que a raiva se tinha instalado nos pulmões.

Quando sou, por fim, capaz de lhe responder, faço-o lenta e calmamente, porque se há algo que necessito que o Graham compreenda é tudo o que estou prestes a dizer. Inclino-me para a frente e pressiono as palmas das mãos na mesa, encarando-o.

— O facto de pensares que o que fizeste com aquela mulher foi a pior coisa que me poderia ter acontecido prova que tu *não* fazes a mínima ideia de tudo o que eu tenho passado. Não fazes a mínima ideia do que é passar pela infertilidade. Porque *tu* não sentes a infertilidade, Graham. *Eu*, sim. Não fiques assim tão confuso. Podes ir para a cama com outra mulher e fazer um bebé. *Eu* não posso ir para a cama com outro homem e fazer um bebé. — Chego-me para trás na mesa e dou meia-volta. Planeio fazer uma pausa e organizar os pensamentos, mas, aparentemente, não preciso de um momento, porque me viro de pronto para ele. — E eu *adorava* fazer amor contigo, Graham. Não era a ti que eu não queria. Era a agonia que vinha em seguida. A tua infidelidade é uma brincadeira, comparada com o que eu sentia um mês depois de cada vez que tínhamos sexo e que não levava a nada a não ser a um orgasmo. Um *orgasmo!* Mas que *grande* coisa! Como é que querias que eu admitisse isso? Não havia maneira de te admitir que comecei a detestar cada abraço e cada beijo e cada toque porque tudo isso levava ao pior dia da minha vida a cada 28 malditos dias! — Empurro a cadeira e afasto-me da mesa. — Vai-te lixar mais ao teu caso! Quero lá saber da merda do teu caso, Graham!

Vou até à cozinha assim que termino de falar. Nem sequer olho para ele. Nunca na vida fui tão honesta, e tenho medo do que isso lhe possa fazer. Também tenho medo de não me importar com o que isso lhe possa fazer.

Nem sequer sei porque estou a discutir questões que são irrelevantes. Agora não posso engravidar, independentemente do quanto discutimos em relação ao passado.

Sirvo-me de um copo de água e bebo-o enquanto me acalmo.

Passam alguns momentos de silêncio antes de o Graham se afastar da mesa. Ele entra na cozinha e inclina-se sobre a bancada à minha frente, cruzando os pés pelos tornozelos. Quando encontro a coragem para o olhar nos olhos, fico surpreendida por ver serenidade neles. Mesmo após as palavras agressivas que acabaram de sair da minha boca, ele, de algum modo, ainda olha para mim como se não me odiasse.

Não desviamos o olhar, ambos com os olhos secos e cheios de anos de coisas que nunca deveríamos ter mantido fechadas. Apesar da sua serenidade e da sua falta de animosidade, ele parece ter sido esvaziado por tudo o que acabei de lhe gritar — como se as minhas palavras fossem alfinetes a espetá-lo, deixando o ar sair.

Posso dizer pela exaustão na sua expressão que desistiu novamente. Não o culpo. Porquê continuar a lutar por alguém que já não luta por *nós*?

O Graham fecha os olhos e aperta a cana do nariz com dois dedos. Recorre a uma respiração calmante antes de cruzar os braços sobre o peito. Abana a cabeça como se tivesse chegado por fim a uma constatação a que nunca quisera chegar.

— Por muito que me esforce... por muito que te ame... Não posso ser a única coisa que sempre quiseste que eu fosse, Quinn. Nunca serei pai.

Uma lágrima escorre-me imediatamente do olho. E depois outra. Mas mantenho-me estoica enquanto ele avança na minha direção.

— Se é isto que o nosso casamento é... se isto é tudo o que alguma vez será... só eu e tu... será suficiente? Sou suficiente para ti, Quinn?

Estou confusa. Sem palavras.

Fito-o em completa incredulidade, incapaz de lhe responder. Não porque não consiga. Eu sei a resposta à sua pergunta. *Sempre* soube a resposta. Mas permaneço em silêncio porque não tenho a certeza se lha devo dar.

O silêncio que perdura entre a sua pergunta e a minha resposta cria o maior equívoco que o nosso casamento alguma vez viu. O maxilar do Graham endurece. Os seus olhos endurecem. Tudo — mesmo o seu coração — endurece. Ele afasta o olhar de mim porque o meu silêncio significa algo diferente para ele do que aquilo que significa para mim.

Ele sai da cozinha, em direção ao quarto de hóspedes. Provavelmente para pegar na sua mala e voltar a partir. Tenho de recorrer a todas as minhas forças para não ir atrás dele e pedir-lhe que fique. Quero cair de joelhos e dizer-lhe que se, no dia do nosso casamento, alguém me obrigasse a escolher entre a possibilidade de ter filhos ou de passar a minha vida com o Graham, eu teria escolhido passar a minha vida com ele. Sem sombra de dúvida, tê-lo-ia escolhido.

Não consigo acreditar que o nosso casamento tenha chegado a este ponto. Ao ponto em que o meu comportamento convenceu o Graham de que ele não me chega. Que não é suficiente para mim.

O problema é que... ele poderia ser muito mais *sem* mim.

Solto um suspiro trémulo e viro-me, pressionando as palmas das mãos contra a bancada. Toda eu tremo de agonia por estar a fazê-lo sofrer desta maneira.

Quando ele surge do corredor, não traz consigo a mala. Tem outra coisa na mão.

A caixa.

Ele trouxe a caixa?

Entra na cozinha e pouso-a ao meu lado na bancada.

— Se não me disseres para parar, vamos abri-la.

Inclino-me para a frente e pressiono a bancada com os braços, o meu rosto contra os meus braços. Não lhe digo para parar. Tudo o que consigo fazer é chorar. É o tipo de choro que senti nos meus sonhos. Os gritos que magoam tanto que nem sequer permitem a emissão de um som.

— Quinn — implora com uma voz trémula. Fecho os olhos ainda com mais força. — *Quinn*. — Quando ainda assim me recuso a pedir-lhe para parar, ouço-o aproximar a caixa de mim. Ouço-o inserir a chave na fechadura. Ouço-o retirar o cadeado, mas, em vez de este cair com um ruído metálico sobre a bancada, bate com estrondo na parede.

Ele está tão furioso agora.

— Olha para mim.

Abano a cabeça. Não quero olhar para ele. Não me quero lembrar do que senti quando fechámos aquela caixa juntos há anos.

Ele passa a mão pelo meu cabelo e baixa-se, levando os seus lábios ao meu ouvido.

— Esta caixa não se vai abrir sozinha, mas podes ter a certeza de que não serei eu a abri-la.

A sua mão afasta-se do meu cabelo e os seus lábios afastam-se do meu ouvido. Aproxima a caixa de mim até esta tocar no meu braço.

Só houve uma mão-cheia de vezes em que chorei tanto na minha vida. Três dessas vezes foram quando a fertilização *in vitro* falhou. Uma dessas vezes foi na noite em que descobri que o Graham tinha

beijado outra mulher. Outra foi quando descobri que tinha feito uma histerectomia. Em todas as vezes em que chorei tanto como agora, o Graham abraçou-me sempre. Mesmo quando as lágrimas eram por culpa dele.

Desta vez parece muito mais difícil. Não sei se sou suficientemente forte para enfrentar este tipo de desolação sozinha.

Como se ele estivesse ciente disso, sinto os seus braços deslizar à minha volta. Os seus braços carinhosos, preocupados e abnegados puxam-me para si, pois, apesar de nos encontrarmos em lados opostos deste conflito, ele recusa-se a pegar nas armas. O meu rosto encontra-se agora pressionado contra o seu peito e eu estou tão destroçada.

Tão destroçada.

Tento acalmar a guerra dentro de mim, mas tudo o que ouço são as mesmas frases que se têm repetido vezes sem conta na minha cabeça desde o momento em que as ouvi pela primeira vez.

Darias um excelente pai, Graham.

Eu sei. Fico desolado por ainda não ter acontecido.

Deixo um beijo no peito do Graham e sussurro uma promessa silenciosa junto ao seu coração. *Um dia, irá acontecer contigo, Graham. Um dia, irás compreender.*

Afasto-me do seu peito.

Abro a caixa.

Damos, por fim, a dança por concluída.

Capítulo Vinte e Sete

Dantes

Já passaram cinco horas desde que dissemos «Sim» numa praia isolada na presença de dois estranhos que conhecemos minutos antes dos nossos votos. E não me arrependo de nada.

De nada.

Não me arrependo de concordar em passar o fim de semana com o Graham na casa da praia. Não me arrependo de me ter casado cinco meses antes do previsto. Não me arrependo de ter enviado uma mensagem à minha mãe no final, a agradecer-lhe por toda a ajuda mas dando-lhe a conhecer que já não é necessária porque já nos casámos. E não me arrependo de, em vez do jantar extravagante na Douglas Whimberly Plaza, eu e o Graham termos grelhado umas salsichas sobre o braseiro e termos comido biscoitos como sobremesa.

Não creio que alguma vez me venha a arrepender de nada disto. Algo tão perfeito nunca poderia transformar-se em arrependimento.

O Graham abre as portas que dão acesso à varanda. Estava demasiado frio para nos sentarmos aqui quando cá estivemos há três meses, mas esta noite está perfeita. Chega uma brisa fresca da água, soprando o meu cabelo o suficiente para o manter longe do rosto. O Graham senta-se ao meu lado, puxando-me na sua direção. Aninho-me nele.

Ele inclina-se ligeiramente para a frente e põe o seu telemóvel ao lado do meu no parapeito à nossa frente. Tinha estado lá dentro a dar a notícia à mãe de que não haveria cerimónia de casamento.

— A tua mãe ficou aborrecida? — pergunto.

— Fingiu estar feliz por nós, mas eu sei que ela gostava de ter estado presente.

— Sentes-te culpado?

Ele ri-se.

— Nada disso. Ela já presenciou dois casamentos das minhas irmãs e está neste momento a planear o casamento da última. Tenho a certeza de que uma grande parte dela se sente aliviada. É com as minhas irmãs que estou preocupado.

Nem sequer pensei nelas. Enviei uma mensagem à Ava ontem, quando vínhamos a caminho, mas acho que ela foi a única pessoa a saber. A Ava e as três irmãs do Graham iam ser damas de honor no casamento. Só na semana passada é que souberam.

— O que disseram elas?

— Ainda não lhes contei — responde ele. — Tenho a certeza de que não terei de o fazer, porque aposto dez dólares em como a minha mãe está neste preciso momento ao telefone com as três.

— Tenho a certeza de que ficarão felizes por ti. Além disso, elas conheceram a minha mãe no Domingo de Páscoa. Hão de compreender a razão de termos optado por agir deste modo.

O meu telemóvel dá sinal. O Graham estende a mão e pega nele para mo entregar. Ele vislumbra-o, naturalmente, enquanto mo entrega. Quando vejo a mensagem da minha mãe, tento retirar-lhe o telemóvel das mãos, mas é demasiado tarde. Ele puxa-o de volta para si e acaba de ler a mensagem.

— De que está ela a falar?

Leio a mensagem e sinto o pânico a apoderar-se de mim.

— Não é nada. — *Por favor, esquece, Graham.*

Consigo ver que não vai esquecer, porque me insta a sentar-me e a olhar para ele.

— Porque te enviou ela esta mensagem?

Volto a olhar para o telemóvel, lendo a mensagem horrível que me enviou.

Achas que ele deu um passo em frente porque estava entusiasmado por se casar contigo? Acorda, Quinn.

Foi a solução perfeita para evitar ter de assinar.

— Assinar o quê? — pergunta o Graham.

Pouso a mão sobre o seu coração e tento encontrar as palavras, mas são, de algum modo, ainda mais difíceis de encontrar esta noite do que têm sido nos últimos três meses em que tenho evitado falar sobre o assunto.

— Ela está a falar de um acordo pré-nupcial.

— Para quê? — pergunta o Graham. Já consigo ouvir a ofensa na sua voz.

— Ela está preocupada com a possibilidade de o meu padrasto alterar o seu testamento e me incluir. Ou talvez já o tenha feito, não sei. Faria mais sentido, uma vez que ela tem insistido tanto para eu falar contigo sobre isso.

— Porque não o fizeste?

— Eu ia falar. Só que... Sinto que não tenho necessidade de o fazer, Graham. Sei que não foi por isso que te casaste comigo. E mesmo que o marido da minha mãe me deixe dinheiro no futuro, não quero saber se vai para nós os dois.

O Graham encosta o polegar ao meu queixo.

— Primeiro, tens razão. Não quero saber da tua conta bancária. Em segundo lugar, a tua mãe é má para ti e isso irrita-me. Mas... por muito mal que te fale, por vezes, ela tem razão. Não te devias ter casado comigo sem um acordo pré-nupcial. Não sei por que razão nunca me falaste disso. Teria assinado imediatamente sem perguntas. Eu sou contabilista, Quinn. É o mais acertado a fazer quando há bens envolvidos.

Não sei o que esperava, mas não era isto de certeza, que ele concordasse com ela.

— Oh. Bem... Então, deveria ter-te falado no assunto. Não pensei que esta conversa corresse tão bem.

— Sou o teu marido. O meu objetivo é facilitar-te a vida, não é dificultá-la. — Ele beija-me, mas o beijo é interrompido pelo toque do meu telemóvel.

É mais uma mensagem da minha mãe. Antes de eu conseguir acabar de a ler, o Graham tira-me o telemóvel e escreve uma mensagem para ela.

O Graham concordou em assinar um acordo pós-nupcial. O teu advogado que elabore o texto. Problema resolvido.

Ele pousa o telemóvel no parapeito e, tal como na primeira noite em que nos conhecemos, fá-lo deslizar até ele cair. Antes de o meu telemóvel aterrar nos arbustos, o telemóvel do Graham recebe uma mensagem. E depois outra. E outra.

— As tuas irmãs.

O Graham inclina-se para a frente e dá, igualmente, um empurrão ao seu telemóvel. Quando o ouvimos também aterrar nos arbustos, rimo-nos os dois.

— Muito melhor — diz ele. Levanta-se e pega-me na mão. — Vamos. Tenho um presente para ti.

Pego na mão dele e salto com entusiasmo.

— A sério? Um presente de casamento?

Ele puxa-me atrás dele, levando-me até ao quarto.

— Senta-te — diz ele, apontando para a cama. — Volto já.

Eu salto para o meio da cama e aguardo ansiosamente que ele regressasse com o presente. Será o primeiro presente que vou receber do meu marido, por isso estou a dar-lhe uma importância muito maior do que aquela que provavelmente terá. Não sei quando terá tido tempo para ir comprar-me alguma coisa. Só soubemos que íamos casar-nos meia hora antes de virmos para aqui.

O Graham regressa ao quarto com uma caixa de madeira. Não sei se a caixa é o meu presente ou se tem alguma coisa no interior, mas a caixa em si é tão bonita que não me importaria que fosse isso o meu presente. É de mogno escuro e parece ter sido esculpida à mão, com detalhes intrincados na parte de cima da tampa.

— Foste tu que a fizeste?

— Há alguns anos — responde. — Costumava construir coisas na garagem do meu pai. Gosto de trabalhar com madeira.

— Não conhecia essa tua faceta.

O Graham sorri-me.

— É um efeito colateral de nos casarmos com alguém que conhecemos há menos de um ano. — Ele senta-se do outro lado da cama. Não para de sorrir, o que me deixa ainda mais entusiasmada. No entanto, ele não me entrega o presente. Abre a tampa e retira algo de dentro da caixa. É-me familiar. Um envelope com o nome dele.

— Sabes o que é isto?

Tiro-lhe o envelope. A última vez que estivemos aqui na casa de praia, o Graham pediu-me para lhe escrever uma carta de amor. Assim que chegámos a casa, passei uma noite inteira a escrever-lhe esta carta. Até cheguei a borrifá-la com o meu perfume e inseri no envelope uma fotografia minha nua antes de o fechar.

Depois de lha ter entregado, pus-me a pensar em porque nunca mais a teria referido. Mas fiquei tão absorvida pelo casamento que me esqueci dela. Viro o envelope e vejo que nunca foi sequer aberto.

— Porque não o abriste?

Ele retira outro envelope da caixa, mas não me responde. Um envelope maior, identificado com o meu nome.

Tiro-lho da mão, mais entusiasmada com a carta de amor do que alguma vez estive na vida.

— Também me escreveste uma carta?

— Primeira carta de amor que alguma vez escrevi — diz ele. — Creio que seja uma primeira tentativa decente.

Sorrio e vou para a abrir, mas o Graham retira-ma das mãos antes de eu o conseguir fazer.

— Ainda não a podes ler. — Ele segura a carta contra o peito como se estivesse à espera de que eu lutasse com ele para a recuperar.

— Porque não?

— Porque ainda não chegou a altura — responde, colocando ambos os envelopes de volta na caixa.

— Tu escreveste-me uma carta e eu não a posso ler?

O Graham parece estar a gostar disto.

— Tens de esperar. Vamos trancar esta caixa e vamos guardá-la para a abrimos quando fizermos 25 anos de casados. — Ele pega num cadeado que faz parte da caixa e passa-o por um pequeno aro na madeira.

— Graham! — digo, rindo-me. — Este é o pior presente de sempre! Deste-me 25 anos de suplício!

Ele ri-se.

Por muito frustrante que este presente seja, também é uma das coisas mais queridas que já fez. Ponho-me de joelhos e inclino-me para a frente, dando-lhe um abraço.

— Estou algo chateada por não poder ler ainda a carta — sussurro. — Mas é um presente mesmo bonito. Tu és, sem dúvida, o homem mais querido que eu conheço, Sr. Wells.

Ele beija-me a ponta do nariz.

— Fico feliz por gostares, Sra. Wells.

Eu beijo-o e depois volto a sentar-me na cama. Passo a mão sobre a caixa.

— Fico triste porque vais ficar 25 anos sem ver a minha fotografia. Foi necessária muita flexibilidade.

O Graham arqueia as sobrancelhas.

— Ah, sim?

Sorrio. Olho para a caixa, perguntando-me o que diz a carta que me é destinada. Não consigo acreditar que terei de esperar 25 anos.

— Não podemos contornar o tempo de espera?

— A única condição para abrimos esta caixa antes do nosso 25.º aniversário é se se tratar de uma emergência.

— Que tipo de emergência? Tipo... morte?

Ele abana a cabeça.

— Não. Uma emergência da relação. Tipo... divórcio.

— Divórcio? — Odeio essa palavra. — A sério?

— Não nos vejo a abrir esta caixa por qualquer outra razão que não seja para celebrar a nossa longevidade, Quinn. Mas se um de nós alguma vez decidir que quer o divórcio, se chegarmos a um ponto em que pensamos que é a única solução, temos de prometer não avançar para isso até abrirmos esta caixa e lermos estas cartas. Talvez lembrarmo-nos um ao outro de como nos sentíamos quando fechámos a caixa nos ajude a mudar de ideias, se alguma vez necessitarmos de a abrir mais cedo.

— Então esta caixa não é só uma recordação. É também um *kit* de sobrevivência do casamento?

O Graham encolhe os ombros.

— Pode dizer-se que sim. Mas não temos nada com que nos preocupar. Estou confiante de que não necessitaremos de abrir esta caixa de madeira durante 25 anos.

— Estou *mais* do que confiante — afirmo. — Apostaria nisso, mas se eu perder e nos divorciarmos, não terei dinheiro suficiente para pagar a nossa aposta, porque tu nunca assinaste um acordo pré-nupcial.

O Graham pisca-me o olho.

— Não deverias ter-te casado com um caçador de fortunas.

— Ainda tenho tempo para te fazer mudar de ideias?

O Graham fecha o cadeado.

— Tarde demais. Já a tranquei. — Pega na chave e leva a caixa até à cómoda. — Amanhã vou colar a chave com fita-cola por baixo, para nunca a perdermos — diz.

Dá a volta à cama para se aproximar de mim. Agarra-me pela

cintura e levanta-me, arremessando-me por cima do seu ombro. Leva-me até à varanda, onde me deixa deslizar pelo seu corpo e me senta no baloiço.

Sento-me ao seu colo, segurando-lhe o rosto com as minhas mãos.

— É um presente mesmo querido — sussurro. — Obrigada.

— Não tens de quê.

— Não te comprei um presente. Não sabia que me ia casar hoje, por isso não tive tempo para ir às compras.

O Graham ajeita-me o cabelo para trás dos ombros e pressiona os seus lábios contra a pele do meu pescoço.

— Não consigo pensar num único presente no mundo que me fizesse afastar-te do meu colo.

— E se eu te oferecesse um televisor com um ecrã gigante? Aposto que me afastarias do teu colo por um ecrã plano.

Ele ri-se contra o meu pescoço.

— Não. — A sua mão desliza pela minha barriga até me envolver o peito.

— E se fosse um carro novo?

Ele arrasta lentamente os lábios pela minha garganta. Quando a sua boca chega à minha, ele sussurra «é claro que não» contra os meus lábios. Tenta beijar-me, mas eu recuo o suficiente.

— E se eu te oferecesse uma daquelas calculadoras extravagantes que custam, tipo, dois mil dólares? Aposto que me afastarias do teu colo em troca de matemática.

O Graham desliza a mão pelas minhas costas.

— Nem sequer pela matemática. — A sua língua irrompe por entre os meus lábios e ele beija-me com uma tal confiança que a

minha cabeça começa a andar à roda. E durante a meia hora seguinte, é tudo o que fazemos. Ficamos aos beijos na varanda como dois adolescentes.

O Graham levanta-se, no final, segurando-me contra si sem interromper o nosso beijo. Leva-me para o interior e deita-me na cama. Apaga a luz e abre completamente a porta de correr de vidro para que possamos ouvir as ondas enquanto estas rebentam contra a costa.

Quando regressa à cama, despe-me, uma peça de cada vez, rasgando-me a t-shirt ao tirá-la. Começa a beijar-me o pescoço e vai descendo até às coxas, de forma minuciosa e prestando atenção a cada centímetro.

Quando volta, por fim, à minha boca, tem o meu sabor.

Viro-o de costas e devolvo-lhe o favor até ter o sabor dele.

Quando ele abre as minhas pernas e nos une, sinto uma sensação diferente e nova, porque é a primeira vez que fazemos amor enquanto marido e mulher.

Ele ainda está dentro de mim quando o primeiro raio de sol começa a espreitar ao fundo, no horizonte.

Capítulo Vinte e Oito

Agora

O Graham não faz nada depois de eu abrir a caixa. Limita-se a manter-se ao meu lado em silêncio enquanto pego no envelope com o nome dele. Entrego-lho e volto a olhar para a caixa.

Retiro o envelope com o meu nome, presumindo que seria a última coisa que restava no interior da caixa, uma vez que tudo o que colocámos dentro dela foram estas duas cartas. Mas por baixo das nossas duas cartas existem mais algumas, todas elas dirigidas a mim, datadas. *Ele tem estado a adicionar cartas.* Olho para ele, questionando-o em silêncio.

— Havia coisas que eu tinha de te dizer que tu nunca quiseste ouvir. — Ele pega no envelope dele e sai pela porta das traseiras, para o alpendre da Ava e do Reid. Eu levo a caixa até ao quarto de hóspedes e fecho a porta.

Sento-me sozinha na cama, segurando o único envelope dele que esperava encontrar na caixa. Aquele que aqui pusemos na nossa noite de núpcias. Ele escreveu a data no canto superior direito do envelope. Abro os outros envelopes e coloco as páginas umas sobre as outras na ordem em que foram escritas. Estou demasiado assustada para as ler. Demasiado assustada para não as ler.

Quando fechámos esta caixa há tantos anos, não havia a mínima dúvida na minha mente de que não teríamos de a abrir antes do

nosso 25.º aniversário de casamento. Mas isso foi antes de a realidade ter assentado. Antes de sabermos que o nosso sonho de termos filhos nunca se viria a concretizar. Antes de sabermos que quanto mais tempo passasse e mais momentos desoladores eu tivesse e quanto mais o Graham fizesse amor comigo, mais *tudo* isso resultaria em sofrimento.

Tenho as mãos a tremer e pressiono as páginas contra o cobertor, alisando-as. Levanto a primeira página para a ler.

Não acredito que esteja preparada para isto. Não creio que quem se casa pelas razões certas alguma vez esteja preparado para um momento como este. Fico rígida, como se estivesse a mentalizar-me para um impacto, quando começo a ler.

Querida Quinn,

Eu achava que teria mais tempo para me preparar para esta carta. Não tínhamos pensado em casar já, por isso este presente é de última hora. Nem sequer sou um grande escritor, pelo que não tenho sequer a certeza de conseguir transmitir por palavras o que tenho para te dizer. Sou melhor com números, mas não te quero aborrecer com um monte de equações matemáticas, como « $Eu + Tu = Infinito$ ».

Se achas que isto é foleiro, tens sorte de me teres conhecido tarde na tua vida, e não quando eu andava no terceiro ciclo. Quando eu frequentava o 7.º ano, inventei um poema de amor que iria dar à minha primeira namorada. Graças a Deus, isso foi anos antes de ter tido a minha primeira namorada. Por essa altura, apercebi-me de como era mau fazer rimar um poema de amor com a Tabela Periódica.

No entanto, estou tão confortável na minha masculinidade junto de ti, que creio que esta é a altura perfeita para, por fim, dar uso a esse poema da Tabela Periódica. Porque, sim, ainda me lembro dele. De parte dele.

A ti, miúda, me entrego todo

Pois parece que respiro iodo

*O teu sorriso é de outro mundo
Que pesa sobre mim como chumbo*

*A tua pele é suave, como se alguém com afinco
A tivesse banhado em zinco*

*Beijar-te será para mim um tesouro
Casa comigo e cobrir-te-ei de ouro*

É isso mesmo. És a rapariga cheia de sorte que hoje se irá casar com o autor deste poema.

Ainda bem que só daqui a 25 anos é que o vais ler, porque assim que estivermos casados esta tarde, nunca mais te deixarei sair deste casamento. Sou como o Hotel Califórnia. Podes amar o Graham sempre que quiseres, mas nunca poderás partir.

O padre chegará dentro de duas horas. Estás lá em cima a preparar-te para o nosso casamento enquanto eu escrevo esta carta. Ontem, quando vínhamos a caminho, parámos numa loja de noivas e fizeste-me esperar no carro enquanto corrias para o interior para escolher um vestido. Quando regressaste com o vestido escondido no interior de um porta-fatos, não conseguias parar de rir. Disseste que as senhoras que te estavam a ajudar pensaram que estavas louca, por comprares um vestido apenas um dia antes do teu casamento. Contaste-me que até arfaram, quando lhes disseste que és uma procrastinadora e que ainda não tinhas escolhido um noivo.

Mal posso esperar por te ver a caminho do altar de areia. Serás apenas tu no teu vestido numa praia sem decorações, sem convidados, sem pompa. E todo o oceano será o nosso pano de fundo. Mas vamos rezar para que nada do teu sonho da última noite se torne realidade.

Esta manhã, quando acordaste, perguntei-te o que tinha perdido enquanto estavas a dormir. Disseste-me que tiveste um sonho em que estávamos a casar-nos na praia, mas que, mesmo antes de dizermos «sim», fomos levados por uma onda gigante. Mas não morremos. Transformámo-nos em assassinos aquáticos. Tu eras um tubarão e eu era uma baleia e ainda estávamos

apaixonados, apesar de tu seres um peixe e eu ser um mamífero. Disseste que o resto do sonho foi apenas nós a tentarmos amar-nos um ao outro num oceano repleto de criaturas que não aprovavam a nossa relação interespécies.

Este é, provavelmente, o meu sonho preferido até agora.

Estou sentado no terraço, a escrever uma carta de amor que pensei que tivesse mais cinco meses para escrever. Em parte, estou nervoso porque, como te disse, nunca fui um grande escritor. A minha imaginação não é assim tão rebelde como a tua, como o comprovam as coisas com que sonhas. Mas escrever-te uma carta sobre o quanto te amo deveria ser bastante fácil, por isso, espero que esta carta e este presente sirvam o seu propósito.

Sinceramente, Quinn, nem sequer sei por onde começar. Creio que pelo início seja a escolha mais óbvia, certo?

Podia começar por falar sobre o dia em que nos conhecemos no patamar. No dia em que talvez a minha vida tenha descarrilado porque o destino tinha algo ainda melhor reservado para mim.

No entanto, em vez disso, irei falar sobre o dia em que não nos encontramos. É provável que isto seja uma surpresa para ti, porque não te lembras disso. Ou talvez te recordes, mas não te apercebeste de que era eu.

Foi alguns meses antes do nosso encontro no patamar. O pai do Ethan organizou uma festa de Natal para os seus funcionários e eu era o par da Sasha. Tu eras o par do Ethan. E embora eu admita que ainda me encontrava completamente envolvido com a Sasha na altura, houve algo em ti que me ficou gravado na memória após aquela noite.

Não tínhamos sido formalmente apresentados, mas estavas a apenas alguns centímetros de distância e eu soube quem tu eras porque a Sasha tinha apontado para ti e para o Ethan uns minutos antes. Ela disse que o Ethan ia ser o seu próximo chefe e tu ias ser a mulher dele.

Tinhas um vestido preto e sapatos de saltos altos pretos. O teu cabelo estava apanhado num pequeno rabo de cavalo e eu ouvi-te brincar com alguém sobre o facto de te pareceres com os empregados. Estavam todos vestidos de preto e as raparigas tinham o mesmo penteado que tu. Não sei se a equipa de catering tinha falta de pessoal, mas lembro-me de ver alguém ir ter contigo e pedir que lhe voltasses a encher o copo com champanhe. Em vez de o corrigires, foste apenas até ao bar e encheste-lhe o copo de champanhe. Depois, pegaste noutra garrafa e começaste a encher os copos de outras pessoas. Quando finalmente chegaste ao pé mim e da Sasha, o Ethan aproximou-se e perguntou

o que estavas a fazer. Disseste-lhe que estavas a servir bebidas, como se não fosse nada de especial, mas ele não gostou. Consegui ver na expressão do seu rosto que o envergonhava. Ele disse-te para pousares a garrafa de champanhe porque havia alguém que queria que conhecesses. Ele afastou-se e nunca me esquecerei do que fizeste em seguida.

Viraste-te para mim e reviraste os olhos com um riso, depois pegaste na garrafa de champanhe e ofereceste-te para me encher o copo.

Eu sorri-te e ergui o copo. Tu encheste o copo da Sasha até a garrafa ficar vazia.

Não me lembro de muito mais daquela noite. Foi uma festa mundana e a Sasha esteve de mau humor durante a maior parte do tempo, por isso saímos mais cedo. E, para ser sincero, não pensei muito em ti depois daquilo.

Até ao dia em que voltei a ver-te no patamar. Quando saíste do elevador e te dirigiste à porta do Ethan, eu estava tão apavorado e repugnado pelo que estava a acontecer no interior do apartamento do Ethan. No entanto, durante um breve momento, senti-me a querer sorrir quando os meus olhos pousaram em ti. Ver-te relembrou-me a festa e quão descontraída estavas. Gostei do facto de não te preocupares com a possibilidade de as pessoas pensarem que eras uma empregada e não a namorada do Ethan van Kemp. E quando te juntaste a mim no patamar — quando a tua presença, de algum modo, me levou à beira de um sorriso durante o pior momento da minha vida —, soube que tudo iria correr bem. Soube que a minha separação inevitável da Sasha não me iria destruir.

Não sei por que razão nunca te contei isso. Talvez porque eu gostava da ideia de nos termos conhecido no patamar de um prédio nas mesmas circunstâncias. Ou talvez porque estava preocupado com o facto de não te lembrares da noite na festa ou de encheres o meu copo de champanhe. E porque te lembrarias? Aquele momento não teve qualquer significado.

Até ter tido.

Eu escreveria mais sobre o nosso encontro no patamar, mas tu sabes tudo o que há para saber em relação a isso. Talvez eu pudesse escrever sobre a primeira noite em que fizemos amor, ou sobre o facto de, uma vez que nos reencontrámos, nunca mais termos passado um único segundo separados. Ou poderia escrever sobre o dia em que te pedi em casamento e tu teres sido tola o suficiente para concordares em passar o resto da tua vida com um homem que, possivelmente, não te poderá dar tudo o que mereces neste mundo.

Mas eu não quero falar sobre nada disso. Porque tu estiveste presente em todos esses momentos. Além disso, tenho quase a certeza de que a carta de amor que me escreveste detalha cada minuto da nossa história de amor, por isso eu detestaria desperdiçar a minha carta a repetir-te algo que tu irás seguramente pôr em palavras mais eloquentes do que eu alguma vez seria capaz.

Creio que isso significa que me resta falar sobre o futuro.

Se tudo correr como planeado, irás ler esta carta no 25.º aniversário do nosso casamento. Poderás derramar algumas lágrimas e manchar um pouco a tinta. Depois, irás inclinar-te e beijar-me e faremos amor.

Mas... se por alguma razão abrires esta caixa porque o nosso casamento não correu como esperávamos, deixa-me começar por dizer o quanto eu lamento. Porque eu sei que não leríamos estas cartas mais cedo a menos que fizéssemos absolutamente tudo o que pudéssemos para o evitar.

Não sei se te irás lembrar disto, mas tivemos uma conversa certo dia. Creio que tenha sido na segunda noite que passámos juntos. Referiste que todos os casamentos têm momentos de categoria 5 e que não acreditavas que os teus relacionamentos anteriores tivessem sobrevivido a esses momentos.

Eu penso nisso, por vezes. Sobre o que fará determinado casal superar um momento de categoria 5, mas outro casal não. Pensei sobre isso o suficiente para encontrar uma razão plausível.

Os furacões são uma ameaça constante para as cidades costeiras. O número de dias de bom tempo e de praia superam em muito os dias de furacões.

Os casamentos são semelhantes, no sentido em que há muitos dias ótimos sem discussões, quando as duas pessoas sentem amor uma pela outra.

Mas depois há os dias de tempo ameaçador. Poderá haver apenas alguns por ano, mas podem provocar estragos suficientes que demorem anos a reparar. Algumas cidades costeiras estarão preparadas para os dias de mau tempo. Irão reservar os seus melhores recursos e a maior parte da sua energia permanecerá armazenada e preparada para o rescaldo.

Por outro lado, algumas cidades não estarão assim tão preparadas. Irão dedicar todos os seus recursos aos dias de bom tempo na esperança de que o tempo adverso nunca chegue. É a escolha mais preguiçosa, com piores consequências.

Creio que seja essa a diferença entre os casamentos que sobrevivem e os que não sobrevivem. Algumas pessoas pensam que a atenção num casamento

deve ser dada a todos os dias perfeitos. Amam tanto quanto conseguem quando está tudo a correr bem. Mas se uma pessoa dá tudo de si nos tempos bons, na esperança de que os tempos maus nunca aconteçam, poderá não haver recursos ou energia suficientes para resistir a esses momentos de categoria 5.

Eu sei, sem sombra de dúvida, que iremos ter muitos momentos bons. Independentemente do que a vida nos der, iremos formar excelentes recordações juntos, Quinn. Isso é garantido. Mas também iremos ter dias maus e dias tristes e dias que testarão a nossa determinação.

Esses são os dias em que quero que sintas o peso absoluto do meu amor por ti.

Prometo que te amarei mais durante as tempestades do que durante os dias perfeitos.

Prometo amar-te mais quando estiveres a sofrer do que quando estiveres feliz.

Prometo amar-te mais quando formos pobres do que quando estivermos a nadar em dinheiro.

Prometo amar-te mais quando estiveres a chorar do que quando estiveres a rir.

Prometo amar-te mais quando estiveres doente do que quando estiveres saudável.

Prometo amar-te mais quando me odiares do que quando me amares.

E prometo... juro... que te amo mais quando estiveres a ler esta carta do que te amava quando a escrevi.

Mal posso esperar por passar o resto da minha vida contigo. Mal posso esperar por iluminar todos os teus perfeitos.

Amo-te.

Tanto.

Graham.

*

Querida Quinn,

Vou começar esta carta com um pedido de desculpas. Lamento ter aberto a

caixa uma vez mais. Lamento ter tido a necessidade de te escrever outra carta. Mas sinto que vais gostar tanto desta carta que isso compensará o facto de ter aberto a caixa.

Muito bem, agora a matemática. Eu sei que detestas matemática, mas eu adoro e tenho de fazer umas contas. Passou exatamente um ano desde que decidimos iniciar uma família. O que significa que passaram aproximadamente 365 dias entre esse dia e o dia de hoje.

Desses 365 dias, tivemos sexo, em média, 200 vezes. Sensivelmente quatro noites por semana. Dessas 200 vezes, estiveste em período de ovulação apenas 25 por cento do tempo. Cerca de 50 vezes. Mas as hipóteses de uma mulher engravidar enquanto se encontra na ovulação são de apenas 20 por cento. Isso são 10 vezes em 50. Por conseguinte, pelos meus cálculos, do total de 365 dias que passaram entre o dia em que começámos a tentar e hoje, apenas 10 desses dias contaram. E 10 não é nada.

É como se tivéssemos começado a tentar agora.

Só estou a escrever isto porque consigo ver que começas a ficar preocupada. E sei que pela altura em que leres esta carta, no nosso 25.º aniversário, estaremos provavelmente a alguns anos de sermos avós e nenhuma desta matemática será sequer relevante. Mas tal como quero que te lembres dos dias perfeitos, sinto que devo falar um pouco sobre os nossos dias não tão perfeitos.

Estás a dormir no sofá neste momento. Os teus pés estão ao meu colo e, de vez em quando, todo o teu corpo estremece, como se estivesses a saltar no teu sonho. Eu continuo a tentar escrever esta carta, mas os teus pés continuam a bater-me no braço, fazendo com que a caneta saia da página. Se a caligrafia ficar ilegível, a culpa é tua.

Nunca adormeces no sofá, mas esta foi uma noite longa. A tua mãe organizou mais um dos seus extravagantes eventos. Mas este até foi divertido. Teve como tema o «casino» e havia todo o tipo de mesas onde se podia jogar. Sendo para apoiar uma causa social, evidentemente não se pôde ganhar, mas foi melhor do que muitos eventos demasiado formais em que tínhamos de nos sentar em mesas com pessoas de quem não gostamos e ouvir discursos de pessoas que não fazem nada senão gabar-se de si mesmas.

A noite foi agradável, mas reparei bastante cedo que começavas a ficar exausta com as perguntas. É tudo inofensivo, conversa de circunstância, mas, por vezes, essa conversa pode ser deveras cansativa. Nociva, até. Eu ouvi, repetidamente, as pessoas a perguntar-te quando iríamos ter um bebé. Por

vezes, as pessoas presumem naturalmente que uma gravidez se segue a um casamento. No entanto, as pessoas não pensam nas perguntas que fazem aos outros e não se apercebem de quantas vezes alguém já foi obrigado a responder à mesma questão.

Nas primeiras vezes em que te fizeram a pergunta, apenas sorriste e disseste que tínhamos começado há pouco a tentar.

Mas à quinta ou sexta vez o teu sorriso começou a ficar mais forçado. Então, dei por mim a responder por ti, mas, mesmo então, conseguia ver nos teus olhos que as perguntas eram dolorosas. Eu só te queria tirar dali.

Esta noite foi a primeira vez que consegui ver a tua tristeza. Estás sempre tão esperançosa e sempre tão positiva em relação ao assunto, mesmo quando estás preocupada. Mas esta noite fiquei com a sensação de que atingiste um limite. Como se este pudesse ter sido o último evento em que irás marcar presença até termos um bebé nos braços.

Eu percebo. Também estou cansado de todas as perguntas. Está a dar cabo de mim ver-te tão triste. Sinto-me tão... incapaz. Detesto-o. Detesto não conseguir controlar isto. Detesto não conseguir consertar isto por ti.

Porém, apesar de estarmos a tentar há mais de um ano, tenho esperança. Irá acontecer um dia. Só tem de acontecer de um modo diferente do que pensámos que aconteceria.

Bolas, nem sequer sei porque estou a escrever sobre isto, porque já serás mãe quando leres esta carta. Cinco vezes, talvez.

Creio que estou apenas a processar tudo isto. E temos tantas coisas pelas quais estar gratos. Tu adoras o teu emprego. Eu tolero o meu. Depois do trabalho, podemos passar as noites juntos. Fazemos amor a toda a hora e rimo-nos muito. A vida é, sem dúvida, perfeita. Existe, naturalmente, a possibilidade de um bebé vir a tornar a nossa vida ainda melhor, mas isso chegará com o tempo. E, para ser sincero, quanto mais tempo demorar, mais poderemos valorizá-la. A gratidão nasce das dificuldades. E temos tido, decididamente, dificuldades.

A nossa sobrinha Adeline é bonita e feliz e ela gosta de ti ainda mais do que gosta de mim. A Caroline concordou em deixá-la dormir cá em casa certa vez e agora tornou-se uma rotina. E tu pareces tão feliz sempre que temos a sorte de a ter cá. Acho que isso me fez apaixonar um pouco mais por ti. Eu sei o quanto magoa o facto de ainda não termos tido um bebé nosso, mas ver como estás genuinamente feliz pela minha irmã e pela sua família reafirma exatamente

quão altruísta és. Tu não equiparas as nossas dificuldades com o sucesso deles, e isso faz-me adorar essa força em ti.

Ainda estás a dormir no sofá, mas agora estás a rressonar e eu tenho de parar de escrever esta carta para ir à procura do meu telemóvel para o gravar. Tu discutes comigo e dizes a todas as pessoas que não rressonas, por isso estou prestes a obter a prova.

Amo-te, Quinn. E apesar de o tom desta carta ser um pouco deprimente, a força do meu amor por ti encontra-se no seu auge. Este não é um momento de categoria 5. Talvez de categoria 2. Mas prometo-te que te amo mais este ano do que no ano anterior a este.

Amo-te.

Tanto.

Graham.

*

Querida Quinn,

Eu podia pedir-te desculpa por abrir uma vez mais a caixa, mas tenho a sensação de que irá acontecer novamente. Por vezes, tu não queres falar sobre as coisas que te deixam triste, mas sinto que um dia queres saber o que penso. Especialmente este ano. Tem sido o nosso ano mais difícil.

Estamos casados há mais de cinco anos. Não quero insistir demasiado porque sinto que a nossa vida se transformou apenas nisto, mas ao longo dos últimos anos não temos tido sucesso no que toca os nossos problemas de fertilidade. Passámos por três tentativas de fertilização in vitro antes de desistirmos dessa técnica. Teríamos realizado uma quarta, apesar de o médico ter dado um parecer negativo, contudo nós não tínhamos como a pagar.

Há muitas coisas que eu gostaria de documentar durante este casamento, Quinn, mas a desolação que se segue após cada tentativa falhada não é uma delas. Tenho a certeza de que te lembras de quão difícil foi para ambos, por isso, não vale a pena falar nisso.

Sabes aquela nossa brincadeira de eu te perguntar pelos teus sonhos? Acho que vou deixar de o fazer durante uns tempos.

No último domingo, quando acordaste, perguntei-te o que tinha perdido

enquanto estavas a dormir. Devolveste-me um olhar vazio. Permaneceste em silêncio durante algum tempo e pensei que estivesses a tentar compreender como transmitir o teu sonho, mas depois o teu queixo começou a tremer. Quando não conseguiste parar, pressionaste o rosto contra a almofada e começaste a chorar.

Meu Deus, Quinn. Senti-me tão culpado. Limitei-me a pôr o meu braço à tua volta até parares de chorar. Não insisti para falares dos teus sonhos porque não queria que tivesses de pensar neles novamente. Não sei se sonhaste que estavas grávida ou que tivemos um bebé, mas, o que quer que tenha sido, foi algo que te deixou desolada quando acordaste e percebeste que não passara de um sonho.

Já passaram seis dias desde que isso aconteceu e não te perguntei sobre os teus sonhos desde aquela manhã. Não quero que voltes a passar por aquilo. Espero que um dia possamos voltar a isso, mas prometo que não te perguntarei novamente até seres, finalmente, mãe.

É difícil. Eu sei que quando nos casámos não esperávamos enfrentar este tipo de obstáculos. E sinceramente, Quinn, eu tento fazer-te ultrapassá-los, mas tu és tão independente. Tu tentas não chorar à minha frente. Tu forças os teus sorrisos e o teu riso e finges que ainda estás esperançosa, mas isto está a mudar-te. Está a deixar-te triste e a encher-te de culpa.

Eu sei que, por vezes, te sentes mal porque pensas que me estás a tirar a oportunidade de ser pai. Mas não quero saber disso. Se me disseses hoje que queres deixar de tentar ter um bebé, eu ficaria aliviado, porque isso significaria que podias deixar de estar triste. Só estou a passar por este processo de fertilidade contigo porque sei que queres ser mãe mais do que tudo. Eu andaria sobre brasas para te ver feliz. Eu abandonaria tudo o que tenho para ver um sorriso genuíno no teu rosto. Se tivéssemos de renunciar ao sexo para todo o sempre, eu renunciaria. Raios, eu até desistiria de comer queijo, só para ver concretizado, por fim, o teu sonho de seres mãe. E sabes o quanto adoro queijo.

Eu nunca te diria isto porque sei que parte de ti o interpretaria mal, mas creio que os meus momentos preferidos do ano passado são todos aqueles em que não estivemos em casa. Quando saímos com os nossos amigos ou visitámos os nossos pais. Reparei que, em casa, tu ficas mais retraída quando te toco ou te beijo. Dantes, éramos daqueles amantes incapazes de estar longe um do outro, mas alguma coisa mudou no início deste ano. E eu sei que é apenas

porque o sexo se tornou algo frio entre nós, porque começou a tornar-se uma rotina para ti. Talvez até um pouco doloroso, porque nunca leva ao que tu esperas. Por vezes, quando estamos sozinhos e eu te beijo, tu não me beijas como costumavas beijar. Não te afastas, mas não te entregas.

Tens a tendência de gostar mais de mim quando sabes que um beijo tem de ser apenas um beijo. Em público, tu retribuis e deixas-te ir, e eu sei que existe uma diferença subtil, mas ela existe. Acho que os nossos amigos pensam que somos o casal mais carinhoso que conhecem porque estamos sempre colados um ao outro. Provavelmente, imaginam que a nossa vida íntima será ainda mais afetuosa.

Mas foi, na verdade, a nossa vida íntima que estagnou. E não me estou a queixar, Quinn. Não me casei contigo apenas pelos anos bons. Não me casei contigo pela química incrível que temos. E seria insensato pensar que o nosso casamento poderia perdurar uma eternidade sem alguns momentos difíceis. Por isso, embora este ano tenha sido o nosso ano mais complicado, estou certo do seguinte: eu amo-te mais este ano do que no ano anterior a este.

Eu sei que, por vezes, fico frustrado. Sinto saudades de quando fazíamos amor por impulso em vez de ser algo programado. Mas peço-te que, mesmo nas alturas em que fico frustrado, te lembres, por favor, de que sou apenas um ser humano. Por muito que eu prometa ser a tua rocha durante o tempo todo que necessites de uma, tenho a certeza de que haverá alturas em que te falharei. Todo o meu propósito na vida é fazer-te feliz e nem sempre me sinto capaz de o fazer. Às vezes, desisto de mim mesmo.

Eu amo-te, Quinn. Espero que esta seja a última carta deprimente que te escrevo. Tenho esperança de que, no próximo ano, a minha carta esteja repleta de boas notícias.

Até lá, continuarei a amar-te mais a cada dificuldade que enfrentemos do que te amava quando tudo era perfeito.

Graham

P. S.: Não sei por que motivo apenas menciono situações stressantes. Tantas coisas boas aconteceram ao longo dos últimos anos. Comprámos uma casa com um pátio enorme nas traseiras e passámos os primeiros dois dias a batizar cada divisão. Foste promovida há alguns meses. Agora só tens de ir ao

escritório um ou dois dias por semana. A maior parte do trabalho é feito a partir de casa, o que adoras. E falámos sobre a possibilidade de eu abrir a minha própria empresa de contabilidade. Estou a elaborar um plano de negócios. E a Caroline deu-nos mais uma sobrinha.

Tudo coisas boas, Quinn.

Tantas coisas boas.

*

Querida Quinn,

Temos tentado.

Tentado ter um bebé. Tentado adotar um bebé. Tentado fingir que estamos bem. Tentado esconder-nos um do outro quando choramos.

Foi nisto que o nosso casamento se transformou. Muitas tentativas e poucos sucessos.

Eu acreditava verdadeiramente que conseguíamos superar todos os momentos de categoria 5 que enfrentássemos, mas creio que este ano foi um ano de categoria 6. Por muito que eu espere estar errado e por muito que eu não o queira admitir, tenho a sensação de que iremos abrir esta caixa em breve. E é por esse motivo que me encontro num voo com destino à casa da tua irmã neste preciso momento, enquanto escrevo esta carta. Ainda estou a lutar por algo que nem sequer sei se queres que lute.

Sei que falhei contigo, Quinn. Talvez tenha sido autossabotagem ou talvez eu não seja o homem que pensei poder ser para ti. De qualquer modo, estou tão desiludido comigo mesmo. Amo-te tanto mais do que aquilo que as minhas ações mostraram, e eu podia passar toda esta carta a dizer-te o quanto lamento. Podia escrever um romance inteiro que incidisse por completo num pedido de desculpas, e ainda assim não descreveria o meu arrependimento.

Não sei porque fiz o que fiz. Nem sequer o consigo explicar, mesmo quando te tentei falar sobre isso naquela noite no carro. É difícil pôr por palavras, porque ainda estou a tentar processá-lo. Não o fiz devido a uma qualquer atração intensa que não consegui contrariar. Não o fiz por sentir falta de ter sexo contigo. E, apesar de eu ter tentado convencer-me a mim mesmo de que estava a fazê-lo porque ela me fazia lembrar de ti, eu sei quão estúpido isso

soa. Nunca deveria ter-te dito isso. Tens razão, num sentido, soava como se eu te estivesse a culpar, e nunca foi essa a minha intenção. Não tiveste nada que ver com o meu erro.

Não quero falar sobre isso, mas preciso de o fazer. Podes saltar esta parte da carta se não a quiseres ler, mas eu tenho de lidar com isso e, por uma qualquer razão, escrever sobre as coisas nestas cartas parece sempre ajudar-me a organizar os pensamentos. Tenho noção de que deveria ser capaz de os comunicar de forma mais eficaz, mas eu sei que tu nem sempre os queres ouvir.

Acho que o modo como me tenho sentido começou num momento que tive na casa da minha irmã. Talvez se possa dizer que tive uma epifania, mas isso parece ser uma palavra demasiado positiva para o que eu estava a sentir. Foi no dia em que tínhamos planeado conhecer o nosso sobrinho mas tu disseste que tinhas ficado presa no trânsito.

Eu sei que foi uma mentira, Quinn.

Sei disso, porque, quando estava a sair da casa da Caroline, vi o presente que comprámos para ela na sala de estar. O que significa que estiveste lá em determinada altura durante a minha visita, mas que, por qualquer razão, não quiseste que eu soubesse.

Pensei nisso durante todo o caminho de regresso a casa depois de sair de casa dela. E a única coisa que me ocorre que te faria não querer admitir que estiveste lá é teres-me visto com o Caleb ao colo. E se viste isso, poderás ter ouvido o que a Caroline me disse e o que eu lhe respondi. Sobre quão destroçado estava por ainda não ser pai. Por muito que queira retirar o que disse, não posso. Mas tens de saber porque o disse.

Eu não conseguia tirar os olhos dele enquanto o tinha ao colo porque ele é parecido comigo. Nunca tive as miúdas ao colo quando eram assim tão pequeninas, por isso o Caleb foi o ser humano mais pequeno em que alguma vez peguei. E não pude deixar de pensar: se tu estivesses estado ali, como te teria feito sentir? Terias ficado orgulhosa, ao ver-me com o meu sobrinho? Ou terias ficado desapontada por nunca me poderes ver com um recém-nascido nosso daquele modo?

Creio que a Caroline terá visto a expressão no meu rosto enquanto ele estava nos meus braços e pensou que o admirava com uma tal intensidade porque queria um meu. Mas, na verdade, estava a olhar para ele e a perguntar-me se

continuaras a amar-me se eu nunca viesse a ser a única coisa que tu desejavas que eu fosse.

Eu sei que a Caroline estava simplesmente a elogiar-me quando disse que eu daria um bom pai. Porém, a razão pela qual eu disse que estava desolado por ainda não ter acontecido é porque te destrói a ti. Pelo nosso futuro. Porque não foi senão naquele momento que me apercebi de que eu poderia nunca ser suficiente para ti.

Foi à saída da casa da minha irmã que vi o presente e percebi que tu tinhas estado ali. Não quis ir para casa. Não queria confrontar-te porque tinha medo de que pudesses confirmar os meus receios, por isso conduzi sem destino. Mais tarde, quando cheguei a casa, tu perguntaste se eu cheguei a pegar no Caleb ao colo. Eu menti-te porque queria ver a tua reação à minha mentira. Talvez acalentasse a esperança de estar enganado e tu não teres estado, de facto, na casa da minha irmã. Talvez o presente fosse de outra pessoa e fosse apenas semelhante ao que nós tínhamos comprado. Mas assim que vi a tua reação, soube que tinhas estado lá.

E por estares a escondê-lo, soube que devias ter ouvido a nossa conversa. O que significa que tu também me viste com o Caleb ao colo. Temia que a minha imagem a pegar num recém-nascido, como se eu fosse o pai, ficasse presa na tua mente e te deixasse triste sempre que olhasses para mim e eu não fosse pai. Acabarias por chegar à conclusão de que o único modo de apagares essas imagens da tua mente de vez passaria por deixares de me ter na tua vida.

Preocupe-me com muitas coisas desde que nos casámos, mas não creio que alguma vez me tenha preocupado connosco até àquele momento. Tenho lutado durante tanto tempo para ser a tua rocha de apoio, mas aquela foi a primeira vez que me ocorreu que eu posso já não ser o que te dá força. E se eu for parte daquilo que te destrói?

Queria que me acusasses de te ter mentido. Queria que gritasses comigo por ter dito à Caroline que estava destroçado por ainda não ser pai. Queria algo de ti, Quinn. Qualquer coisa. Mas tu guardas todos os teus pensamentos e sentimentos bem no fundo; tem-se tornado impossível ler-te.

No entanto, não és a única impossível de ler. Eu deveria ter sido honesto contigo em relação a essa noite. No momento em que soube que tinhas estado em casa da Caroline, deveria ter-to dito. Mas algures entre o dia do nosso casamento e hoje, perdi a coragem. Ganhei demasiado medo de ouvir o que preenche a tua cabeça e o teu coração, por isso fiz a minha parte ao mantê-lo

oculto. Se eu não insistisse para falares sobre isso, nunca teria de enfrentar a possibilidade de o nosso casamento se encontrar em apuros. O confronto leva à ação. A evasão leva à inação.

Eu tenho sido um marido inativo ao longo dos últimos anos e, por isso, lamento imenso.

Na noite em que te menti em relação a ter pegado no Caleb ao colo, lembro-me de tu te teres refugiado no teu escritório. Foi a primeira vez que me ocorreu que talvez precisássemos do divórcio.

Não tive esse pensamento por não ser feliz contigo. Tive esse pensamento porque senti que já não te conseguia fazer feliz. Senti que a minha presença te estava a deitar abaixo, a levar a que te afundasses ainda mais e mais em ti mesma.

Fui até à sala de estar e sentei-me no sofá, perguntando-me se se apresentariam novas possibilidades para ti se eu te deixasse. Se tu não estivesses presa a mim, talvez um dia mais tarde pudesses conhecer um homem que já tivesse filhos. Poderias apaixonar-te por ele e ser a madrasta dos seus filhos e voltar a sentir alguma felicidade na tua vida.

Fui-me abaixo, Quinn, ali mesmo, na nossa sala de estar. Foi o momento em que concluí que já não te fazia feliz. Transformei-me numa das muitas coisas que te acrescentava sofrimento.

Creio que seria esse o caso já há algum tempo, mas por qualquer razão não consegui reconhecê-lo senão recentemente. E mesmo então, demorei um bom bocado antes de me permitir, por fim, acreditar nisso.

Senti-me como se tivesse falhado contigo. Ainda assim, mesmo sabendo isso, nunca tomaria a decisão de te deixar. Eu sabia isso sobre mim. Mesmo que soubesse que serias mais feliz com a minha partida, seria demasiado egoísta para te dar isso. Eu sabia quão destruído ficaria se te deixasse ir, e isso apavorava-me. Por vezes, o receio de não te ter na minha vida domina o meu desejo de te ver feliz.

Creio que tenha sido por isso que fiz o que fiz. Porque eu sabia que nunca seria altruísta o suficiente para te deixar. Permiti a mim mesmo fazer algo completamente fora do normal, porque se sentisse que já não te merecia, seria mais fácil convencer-me de que tu merecias melhor.

É tão marado.

Nem sequer sei como chegou a este ponto. Não consigo olhar para trás para

o nosso casamento e identificar o dia em que o meu amor por ti se transformou em algo de que tu te ressentias e não algo que estimavas.

Eu costumava acreditar que, se se amasse alguém o suficiente, esse amor poderia sobreviver a qualquer coisa. Desde que duas pessoas continuassem apaixonadas, nada as conseguiria afastar. Nem sequer uma tragédia.

Mas agora tenho consciência de que a tragédia consegue fazer ruir mesmo as muralhas mais fortes.

Pode ser-se dono de uma das melhores vozes de sempre, mas um ferimento na garganta pode acabar com toda uma carreira. Pode ser-se o velocista mais veloz do mundo, mas uma lesão nas costas pode mudar tudo isso. Pode ser-se o professor mais inteligente em Harvard, mas um AVC pode enviá-lo para a reforma mais cedo.

Podemos amar a nossa mulher mais do que qualquer homem alguma vez amou uma mulher, mas uma luta angustiante com a infertilidade transforma o amor de um casal em ressentimento.

No entanto, mesmo após anos de tragédia a desgastar-nos, recuso-me a desistir já. Não sei se viajar para a Europa com a caixa que fechámos na nossa noite de núpcias irá facilitar ou dificultar as coisas. Não sei se um gesto grandioso irá convencer-te de como a minha vida é incompleta sem ti. Mas não consigo passar mais um dia sem tentar provar-te a pouca importância que os filhos têm no que toca ao destino do meu futuro contigo. Não preciso de ter filhos, Quinn. Só preciso de te ter a ti. Não sei como realçar ainda mais isso.

Ainda assim, por muito satisfeito que eu esteja com esta vida, isso não significa que tu estejas satisfeita com a tua.

Quando eu chegar à Europa, será tomada uma decisão final, e tenho a sensação de que não vou querer concordar com essa decisão. Se eu pudesse evitar a conversa contigo para sempre só para te impedir de decidires abrir a caixa, fá-lo-ia. Mas foi aí que errámos. Deixámos de falar sobre todas as coisas que nunca devem ser silenciadas.

Já não faço a mínima ideia do que será melhor para nós. Eu quero estar contigo, mas não quando a minha presença te provoca tanto sofrimento. Tanta coisa mudou entre nós desde o momento em que fechámos a caixa. As nossas circunstâncias mudaram. Os nossos sonhos mudaram. As nossas expectativas mudaram. Mas o mais importante entre nós nunca mudou. Perdemos tanto de nós neste casamento, mas nunca deixámos de nos amar um ao outro. Foi a única coisa que se manteve firme contra esses momentos de categoria 5.

Apercebo-me agora de que, por vezes, duas pessoas podem perder a esperança ou a vontade ou a felicidade, mas perder todas essas coisas não significa uma derrota.

Não perdemos ainda, Quinn.

E independentemente do que aconteceu desde que fechámos esta caixa ou do que acontecerá depois de a abrirmos, prometo amar-te.

Prometo amar-te mais quando estiveres a sofrer do que quando estiveres feliz.

Prometo amar-te mais quando formos pobres do que quando estivermos a nadar em dinheiro.

Prometo amar-te mais quando estiveres a chorar do que quando estiveres a rir.

Prometo amar-te mais quando estiveres doente do que quando estiveres saudável.

Prometo amar-te mais quando me odiares do que quando me amares.

Prometo amar-te mais enquanto mulher sem filhos do que te amaria enquanto mãe.

E prometo... juro... que se decidires pôr um ponto final no nosso casamento, amar-te-ei mais quando estiveres a sair pela porta do que no dia em que caminhámos para o altar. Espero que escolhas o caminho que te der maior felicidade. Mesmo que não seja uma escolha que me agrada, ainda assim continuarei a amar-te sempre. Quer eu faça parte da tua vida ou não. Mereces a felicidade mais do que qualquer pessoa.

Amo-te.

Para sempre.

Graham

Não sei durante quanto tempo chorei depois de ler a última carta. Tempo suficiente para me doer a cabeça e o estômago, e já vou a meio de uma caixa de lenços de papel. Choro durante tanto tempo que me perco na dor.

O Graham está a abraçar-me.

Não sei quando entrou no quarto, nem quando se ajoelhou na cama, nem quando me puxou para o seu peito.

Ele não faz a mínima ideia do que decidi. Ele não faz a mínima ideia se as palavras prestes a deixarem a minha boca serão simpáticas ou odiosas. No entanto, aqui está ele, a abraçar-me enquanto choro, simplesmente porque o magoa ver-me chorar.

Dou-lhe um beijo no peito, mesmo por cima do coração. E não sei se o meu choro perdura cinco minutos ou meia hora, mas quando paro finalmente de chorar tempo suficiente para falar, levanto a cabeça do seu peito e olho para ele.

— Graham — sussurro. — Amo-te mais neste momento do que em qualquer outro momento que o antecedeu.

Assim que liberto as palavras, as lágrimas começam a deslizar-lhe pelas faces.

— Quinn — diz ele, segurando o meu rosto. — *Quinn...*

É tudo o que consegue dizer. Está a chorar demasiado para conseguir dizer mais alguma coisa. Beija-me e eu beijo-o com tudo em mim, numa tentativa de compensar todos os beijos que lhe fui negando.

Fecho os olhos, repetindo as palavras da carta que me tocaram mais fundo.

Ainda não perdemos, Quinn.

Ele tem razão. Podemos até ter desistido ao mesmo tempo, mas isso não significa que não possamos recuperar essa esperança. Quero lutar por ele. Quero lutar por ele tanto quanto ele tem lutado por mim.

— Lamento tanto, Quinn — sussurra ele contra a minha face. — Por tudo.

Eu abano a cabeça, nem sequer querendo um pedido de

desculpas. Mas sei que ele precisa do meu perdão, por isso, concedo-lho.

— Eu perdoo-te. Com todas as minhas forças, Graham. Perdoo-te e não te culpo, e também te peço desculpa.

O Graham abraça-me com força. Permanecemos na mesma posição durante tanto tempo que as minhas lágrimas secam, mas mantenho-me agarrada a ele, com todo o fôlego que me resta. E farei tudo o que conseguir para garantir que nunca o soltarei.

Capítulo Vinte e Nove

Dantes

Não conseguia imaginar melhor maneira de terminar o nosso primeiro aniversário de casamento — enrolada numa manta no terraço, a ouvir as ondas rebentarem contra a costa. É o momento perfeito para o presente perfeito.

— Tenho uma coisa para ti — digo ao Graham.

Normalmente, é ele quem me surpreende com prendas, por isso a iniciativa partir de mim capta a sua atenção. Ele olha para mim com expectativa e afasta-me a manta, puxando-me da cadeira. Corro para dentro de casa e depois regresso com o presente. Está embrulhado em papel natalício, apesar de nem sequer estarmos na altura do Natal.

— Foi tudo o que consegui encontrar — digo. — Não tive tempo para o embrulhar antes de partir, por isso teve de ser com o que havia aqui no armário.

Ele começa a abri-lo, mas antes que consiga retirar o papel de embrulho, eu não me aguento e digo:

— É uma manta. Fui eu que a fiz.

Ele ri-se.

— És terrível a fazer surpresas. — Ele afasta o papel e revela a manta que fiz com pedaços de roupa rasgados. — Fizeste isto

com... — Ele levanta uma das suas camisas de trabalho rasgadas e ri-se.

Por vezes, não é fácil manter as nossas roupas intactas quando as estamos a arrancar um ao outro. Acho que já rasguei meia dúzia de camisas ao Graham, pelo menos. E ele já rasgou várias das minhas. Às vezes, eu faço-o porque adoro o dramatismo dos botões a saltarem. Não me lembro de quando começou, mas transformou-se num jogo para nós. Um jogo dispendioso. Foi por esse motivo que decidi fazer bom uso de alguma da roupa posta de lado.

— Este é o melhor presente que alguém alguma vez me deu. — Ele atira a manta por cima do ombro e depois pega em mim. Leva-me até ao quarto e pouasa-me na cama. Rasga a minha camisa de dormir e depois rasga a sua própria camisola para dar espetáculo. Toda a cena me faz rir, até ele se pôr em cima de mim e abafar o meu riso com a sua língua.

O Graham levanta o meu joelho e começa a mover-se para dentro de mim, mas eu pressiono-lhe o peito.

— Precisamos de um preservativo — sussurro, ofegante.

Estive a tomar antibióticos na semana anterior devido a uma gripe que estava a tentar superar, por isso não tomei a pílula. Tivemos de usar preservativos durante toda a semana como medida de prevenção.

O Graham sai de cima de mim e dirige-se à mochila. Pega num preservativo, mas não regressa de imediato para a cama. Fica apenas a olhar para ele. Depois, volta a metê-lo na mochila.

— O que é que estás a fazer?

Com uma confiança inabalável, afirma:

— Não o quero usar esta noite.

Não lhe respondo. Ele não quer usar um preservativo? Estarei a fazer uma leitura errada das suas intenções?

Então, regressa à cama e volta a baixar-se sobre mim. Beija-me e depois afasta-se.

— Penso nisso às vezes. Sobre engravidares.

— Pensas? — Não estava à espera disso. Hesito por um momento antes de dizer: — Lá porque pensas nisso, não quer dizer que estejas preparado.

— Mas estou. Quando penso nisso, fico entusiasmado. — Ele rebola para o lado e pousa a mão no meu ventre. — Acho que não devias voltar a tomar a pílula.

Pego na parte de cima da mão dele, chocada com a enorme vontade que tenho de o beijar, de me rir e de o ter dentro de mim. Mas, por muita certeza que eu tenha em relação a querer ter filhos, só quero tomar essa decisão se ele tiver tanta certeza quanto eu.

— Tens a certeza absoluta?

A ideia de nos tornarmos pais faz-me sentir um amor imensurável por ele. Tanto, que sinto uma lágrima correr pelo rosto.

O Graham vê a lágrima e sorri ao limpá-la com o polegar.

— Adoro que me ames tanto que às vezes até te faz chorar. E adoro que a ideia de termos um bebé te faça chorar. Adoro quão cheia de amor estás, Quinn.

Ele beija-me. Acho que não lhe digo vezes suficientes como ele beija bem. Nunca beijei ninguém que o fizesse tão bem. Não sei o que torna os seus beijos tão diferentes dos beijos dos outros homens que beijei no passado, mas são muito melhores. Por vezes, tenho medo de que ele de canse de me beijar por eu o beijar tanto. Simplesmente não consigo estar perto dele sem o saborear.

— Beijas mesmo muito bem — sussurro.

O Graham ri-se.

— Porque te estou a beijar a ti.

Beijamo-nos ainda mais do que habitualmente quando fazemos amor. E eu sei que fizemos amor cem vezes antes desta noite. Talvez até mil vezes. Mas esta vez parece ser diferente. É a primeira vez que não temos qualquer tipo de barreira que evite que criemos uma vida juntos. É como se estivéssemos a fazer amor com um propósito.

O Graham termina dentro de mim e é a sensação mais incrível, saber que o nosso amor um pelo outro pode criar algo ainda maior do que o nosso amor um pelo outro. Não sei como pode ser isso possível. Como poderei eu amar alguém tanto ou ainda *mais* do que amo o Graham?

Tem sido um dia tão perfeito.

Passei por muitos momentos perfeitos, mas dias inteiros perfeitos são difíceis de encontrar. É preciso que exista a combinação do clima perfeito com a companhia perfeita, os alimentos perfeitos, o itinerário perfeito, a disposição perfeita.

Pergunto-me se as coisas irão ser sempre assim tão perfeitas. Agora que decidimos iniciar uma família, parte de mim questiona-se se existirá um nível de perfeição que ainda não tenhamos atingido. Como serão as coisas no próximo ano, quando, possivelmente, formos pais? Ou daqui a cinco anos? Dez? Por vezes gostaria que tivéssemos uma bola de cristal onde pudesse ver o futuro. Gostaria de saber tudo.

Estou a esboçar com os dedos um padrão invisível sobre o seu peito quando olho para ele.

— Onde achas que estaremos daqui a dez anos?

O Graham sorri. Ele adora falar sobre o futuro.

— Espero que tenhamos a nossa própria casa dentro de dez anos — diz ele. — Não demasiado grande, nem demasiado pequena. Mas o pátio será enorme e brincaremos no exterior com os miúdos a toda a hora. Teremos dois, um rapaz e uma rapariga. E estarás grávida do terceiro. — Eu sorrio com essa ideia. Ele reage ao sorriso no meu rosto e continua a falar. — Ainda continuarás a escrever, mas trabalharás a partir de casa e só quando tiveres vontade. Eu serei proprietário da minha própria empresa de contabilidade. Tu terás um monovolume e seremos certamente uns daqueles pais que vão levar os filhos aos jogos de futebol e à ginástica. — O Graham sorri-me. — E faremos amor a toda a hora. Provavelmente não com a frequência de agora, mas mais do que todos os nossos amigos.

Pouso a mão sobre o seu coração.

— Isso parece ser uma vida perfeita, Graham.

Porque parece. Mas *qualquer* vida com o Graham parece ser perfeita.

— Ou... — acrescenta. — Talvez nada mude. Talvez ainda vivamos num apartamento. Talvez tenhamos dificuldades financeiras porque mudamos continuamente de emprego. Podemos nem sequer conseguir ter filhos, por isso não teremos um grande pátio nem sequer um monovolume. Continuaremos a conduzir os mesmos carros reles daqui a dez anos. Talvez não mude absolutamente nada e, daqui a dez anos, a nossa vida seja igual à que vivemos atualmente. Mas ter-nos-emos um ao outro.

Tal como depois de ele ter descrito o primeiro cenário, um sorriso

sereno surge no meu rosto.

— Isso também parece ser uma vida perfeita. — E parece. Desde que eu tenha o Graham, não sei se esta vida poderá ser menos do que é agora. E neste momento, é maravilhosa.

Volto a deitar a cabeça no seu peito e relaxo. Adormeço com a sensação mais pacífica no meu coração.

Capítulo Trinta

Agora

— Quinn.

A sua voz é rouca junto ao meu ouvido. É a primeira manhã em muito tempo que consigo acordar com um sorriso no rosto. Abro os olhos e o Graham parece uma pessoa completamente diferente daquele homem destruído que entrou pela porta de casa da Ava e do Reid na noite passada. Ele pressiona os lábios contra a minha face e afasta-se, desviando-me o cabelo do rosto.

— O que é que eu perdi enquanto estavas a dormir?

Senti tanta falta destas palavras. Foi uma das coisas de que senti mais falta em nós. Significa ainda mais para mim agora, saber que ele apenas deixou de me fazer essa pergunta porque não me queria magoar. Estendo a mão até ao seu rosto e passo o meu polegar pela sua boca.

— Sonhei connosco.

Ele beija-me o dedo.

— Foi um sonho bom ou um sonho mau?

— Foi um sonho bom — respondo. — Não foi o sonho estranho normal. Foi mais uma recordação.

O Graham faz deslizar uma mão entre a sua cabeça e a almofada.

— Quero saber todos os pormenores.

Ponho-me na mesma posição que ele, sorrindo quando começo a contar-lhe o sonho.

— Foi o nosso primeiro aniversário. A noite em que decidimos começar uma família. Perguntei-te onde pensavas que estaríamos daqui a dez anos. Lembras-te?

O Graham assente.

— Vagamente. Onde pensava eu que estivéssemos?

— Disseste que teríamos filhos e que eu teria um monovolume e que viveríamos numa casa com um pátio grande onde brincaríamos com os nossos filhos. — O sorriso do Graham fraqueja. Desfaço o seu olhar carrancudo com o polegar, querendo o seu sorriso de volta. — É estranho, porque me esqueci da nossa conversa até ter sonhado com ela esta noite. Mas não me deixou triste, Graham. Porque naquela altura disseste que poderíamos não ter nada daquilo. Disseste que havia uma hipótese de andarmos sempre a mudar de emprego e que poderíamos não conseguir ter filhos. E que talvez nada entre nós mudasse passados dez anos, mas que nos teríamos um ao outro.

— Lembro-me disso — sussurra ele.

— Lembras-te do que eu te respondi? — Ele diz que não com a cabeça. — Eu disse: «Isso também parece ser uma vida perfeita.» — O Graham solta um suspiro, como se tivesse esperado durante uma vida inteira por estas palavras. — Lamento ter-me esquecido disso — sussurro. — De nós. Tu sempre foste suficiente para mim. Sempre.

Ele olha para mim como se tivesse sentido tanta falta dos meus sonhos como de mim.

— Eu amo-te, Quinn.

— Eu também te amo.

Ele beija-me na testa, depois no nariz. Eu beijo-lhe o queixo e aninhamo-nos bem aconchegados.

Mantemo-nos assim até que o momento é arruinado pelo ronco do meu estômago.

— A tua irmã tem alguma coisa que se coma por aqui? — O Graham tira-me da cama e vamos em silêncio até à cozinha. Não são 8 horas sequer, e a Ava e o Reid ainda estão a dormir. Eu e o Graham vasculhamos a cozinha em busca dos ingredientes de que necessitamos para fazer panquecas e ovos. Ele liga o fogão e eu estou a bater a massa quando reparo na caixa de madeira que ele fez para mim e que ainda se encontra na ponta da bancada.

Pouso a vara de arames e vou até à caixa. Passo a minha mão por ela, perguntando-me se as coisas seriam diferentes hoje se ele não tivesse feito este presente para nós. Ainda me lembro do momento em que lhe escrevi a carta de amor. Também me lembro de incluir uma fotografia minha nua. Pergunto-me se estarei muito diferente agora, em comparação com aquela altura.

Abro a caixa para tirar a carta dele, mas quando a retiro de dentro da caixa reparo em alguns pedaços de papel no fundo. Um deles é a nota adesiva amarela que deixei na minha parede durante seis meses. Os outros dois são as nossas sinas.

Pego nelas e leio-as.

— Não acredito que as tenhas guardado durante este tempo todo. É tão querido.

O Graham aproxima-se de mim.

— Querido? — Ele tira uma das sinas das minhas mãos. — Isto não é querido. É prova de que o destino existe.

Eu abano a cabeça e aponto para a dele.

— A tua diz que ias ter sucesso num negócio naquele dia, mas nem sequer foste trabalhar. Como é que isso prova que somos almas gémeas?

Os seus lábios curvam-se num sorriso.

— Se eu tivesse ido trabalhar, nunca te teria conhecido, Quinn. Eu diria que esse foi o maior sucesso relacionado com trabalho que alguma vez tive.

Inclino a cabeça, perguntando-me por que razão eu nunca tinha pensado naquilo sob esse ponto de vista.

— Também... há isto. — O Graham vira a sua sina e segura-a, apontando para o número 8 na parte de trás.

Eu olho para baixo e também vejo o número na parte de trás do meu. Um 8.

Dois números 8. *A data em que nos reencontrámos há tantos anos.*

— Mentiste-me — digo-lhe. — Disseste que estavas a brincar em relação à história do número 8 nos versos.

O Graham tira-me o papel da mão e coloca ambos cuidadosamente de volta na caixa.

— Não queria que te apaixonasses por mim por causa do destino — diz ele, fechando a caixa. — Queria apenas que te apaixonasses por mim porque não conseguias resistir.

Eu sorrio enquanto olho fixamente para ele com um carinho enorme. Adoro que ele seja tão sentimental. Adoro que ele acredite no destino mais do que acredita em coincidências. Adoro que ele acredite que *eu sou* o seu destino.

Ponho-me em bicos dos pés e beijo-o. Ele agarra-me pela nuca

com ambas as mãos e corresponde ao meu beijo com uma satisfação desmedida.

Após vários minutos a beijarmo-nos e alguns esforços falhados para pararmos, ele murmura algo sobre as panquecas estarem a queimar-se e obriga-se a afastar-se de mim e a aproximar-se do fogão. Levo os dedos aos lábios e sorrio quando me apercebo de que ele me beijou e de que eu não tive qualquer desejo de me afastar dele. Na verdade, eu queria que o beijo durasse ainda mais do que durou. Afinal, não tinha a certeza se seria capaz de voltar a sentir-me assim.

Reflito se devo puxá-lo novamente para mim, porque quero mesmo beijá-lo de novo. Mas também quero mesmo comer panquecas, por isso deixo-o retomar os cozinhados. Viro-me para a caixa de madeira e estendo a mão para a carta que lhe escrevi. Agora que sinto que nos encontramos num caminho para a recuperação, tenho vontade de ler as palavras que lhe escrevi no início desta caminhada juntos. Viro o envelope para retirar a carta, mas vejo que ainda se encontra selado.

— Graham? — viro-me para ele. — Não leste a tua?

O Graham olha por cima do ombro e sorri-me.

— Não tive necessidade, Quinn. Irei lê-la no nosso 25.º aniversário. — Dito isto, vira-se para o fogão e retoma as panquecas como se não tivesse proferido as palavras mais apaziguadoras e reveladoras de cura de todas as que me dedicou.

Volto a olhar para a carta com um sorriso estampado no rosto. Mesmo com a tentação da fotografia de mim nua, ele tinha confiança suficiente no seu amor por mim para não necessitar de qualquer conforto ao ler a carta.

É então que me surge a vontade de lhe escrever outra carta para fazer companhia àquela. Na verdade, poderei até começar a fazer o que ele tem feito ao longo de todos estes anos e adicionar mais cartas à caixa. Quero escrever-lhe tantas cartas que, quando voltarmos, por fim, a abrir esta caixa pelas razões certas, ele terá cartas suficientes para ler durante uma semana.

— Onde pensas que estaremos no nosso 25.º aniversário? — pergunto.

— Juntos — responde ele, de modo objetivo.

— Achas que alguma vez deixaremos o Connecticut?

Ele vira-se para mim.

— Queres?

Encolho os ombros.

— Talvez.

— Às vezes penso nisso — admite ele. — Já tenho alguns clientes pessoais alinhados. Se conseguir mais alguns, teríamos a possibilidade de o fazer, mas provavelmente não traria muito dinheiro. Ainda assim, podíamos viajar durante um ano ou dois. Talvez mais tempo, se assim quisermos.

Esta conversa faz-me lembrar a que tive com a minha mãe nos degraus à porta de casa dela. Não acho que lhe dê crédito suficiente, mas ela tem razão. Eu tanto posso passar o meu tempo concentrada na versão perfeita da vida que nunca terei como posso passar o meu tempo a aproveitar a vida que tenho. E a vida que tenho oferece-me muitas oportunidades, desde que abra os olhos durante tempo suficiente para ir atrás delas.

— Eu queria ser tantas coisas antes de ficar obcecada com a ideia de ser mãe.

O Graham sorri-me carinhosamente.

— Eu lembro-me. Querias escrever um livro.

Já passou tanto tempo desde que lhe mencionei isso, fico surpreendida por ele se lembrar.

— Queria. Ainda quero.

Ele está a sorrir para mim quando se volta para virar o resto das panquecas.

— Que mais queres fazer além de escrever um livro?

Vou para o lado dele, perto do fogão. Ele põe um braço à minha volta enquanto cozinha com a outra mão. Eu pouso a minha cabeça no seu ombro.

— Quero ver o mundo — digo tranquilamente. — E gostaria mesmo de aprender uma língua nova.

— Talvez devêssemos mudar-nos para aqui, para Itália, e aproveitar o professor de línguas da Ava.

Eu rio-me do seu comentário, mas o Graham pousa a espátula e vira-se para mim com um brilho entusiasmado nos olhos. Encosta-se à bancada.

— Vamos fazer isso. Vamos mudar-nos para cá. Não temos nada que nos prenda.

Eu inclino a cabeça e fito-o.

— Estás a falar a sério?

— Seria divertido experimentar uma coisa nova. E nem sequer tem de ser Itália. Podemos mudar-nos para onde quiseres.

O meu coração começa a bater mais depressa com a expectativa de fazer algo assim tão louco e espontâneo.

— Por acaso gosto mesmo de aqui estar — digo. — Mesmo muito. E tenho saudades da Ava.

O Graham assente.

— Pois, eu também sinto falta do Reid. Mas não lhe repitas isso. Sento-me na bancada ao lado do fogão.

— Na semana passada, fui dar um passeio e vi uma casa de campo algumas ruas acima para arrendar. Podíamos experimentá-la temporariamente.

O Graham olha para mim como se estivesse apaixonado pela ideia. Ou talvez ele esteja a olhar para mim como se estivesse apaixonado por *mim*.

— Vamos vê-la hoje.

— Está bem — digo, animadíssima. Dou por mim a morder a bochecha numa tentativa de esconder o meu sorriso, mas paro imediatamente de tentar escondê-lo. Se há uma coisa que o Graham merece, é que a minha felicidade seja transparente. E esta é a primeira vez, em muito tempo, que me sinto tão feliz. Também quero que ele a sinta.

É como se fosse a primeira vez que sinto verdadeiramente que posso estar bem. Que *nós* ficaremos bem. É a primeira vez que não olho para ele e me sinto culpada por tudo o que não lhe consigo dar, porque sei como ele está grato por tudo o que lhe *consigo* dar.

— Obrigada — murmuro. — Por tudo o que disseste nas tuas cartas.

Ele põe-se entre as minhas pernas, pousando as mãos nas minhas ancas. Enrolo os meus braços em torno do seu pescoço e, pela primeira vez em muito tempo, beijo o meu marido e sinto-me cheia de gratidão. Eu sei que a minha vida como um todo não tem sido perfeita, mas estou, finalmente, a começar a aproveitar todas as coisas perfeitas que a compõem. E há tantas. O meu emprego

flexível, o meu marido, os meus sogros, a minha irmã, as minhas sobrinhas, o meu sobrinho.

Esse pensamento faz-me parar. Chego-me para trás e olho para ele.

— O que dizia o meu bolinho da sorte? Decoraste?

— Se apenas iluminar os seus defeitos, todos os seus perfeitos ficarão às escuras.

Penso nisso por um momento. Sobre como encaixar esse destino na minha vida. Passei demasiado tempo a concentrar-me apenas na minha infertilidade. Tanto que o meu marido e todas as outras coisas que são perfeitas na minha vida estavam a ser obrigadas a ficar em espera.

Desde o momento em que abrimos aqueles bolinhos da sorte, nunca os levei verdadeiramente a sério. Mas talvez o Graham tenha razão. Talvez aquelas sinas sejam mais do que uma coincidência. E talvez o Graham tenha razão sobre a existência do destino.

Se assim for, creio que o meu destino está mesmo à minha frente.

O Graham leva as pontas dos seus dedos aos meus lábios e, lentamente, contorna o sorriso que exhibo neste momento.

— Não fazes a mínima ideia do que este sorriso significa para mim, Quinn. Senti tanto a falta dele.

Epílogo

— Espera, olha para este! — puxo a mão ao Graham, fazendo-o parar uma vez mais no passeio. Mas não me consigo impedir. Quase todas as lojas nesta rua têm as roupas de criança mais fofas que alguma vez vi e o Max ficaria adorável na roupa exposta na montra.

O Graham tenta prosseguir o seu caminho, mas eu puxo-lhe a mão até ele ceder e me seguir para o interior da loja.

— Já estávamos tão perto do carro — diz ele. — Tão perto.

Passo os sacos de roupa de criança que já comprei ao Graham e depois procuro a prateleira com tamanhos de bebé.

— Devo levar as calças verdes ou as amarelas?

Mostro-as ao Graham e ele responde:

— Decididamente as amarelas.

As calças verdes são mais fofas, mas aceito a escolha do Graham simplesmente porque ele respondeu sem refilar à pergunta. Ele detesta comprar roupa, e esta é a nona loja que o obrigo a visitar.

— Juro que esta é a última. Depois, podemos ir para casa. — Dou um beijo ao de leve nos lábios do Graham antes de me dirigir à caixa.

O Graham segue-me e tira a carteira do bolso.

— Sabes que não me importo, Quinn. Podes passar o dia nas compras. Ele só faz 2 anos uma vez.

Entrego as roupas à funcionária. Com uma pronúncia italiana

cerrada, diz:

— Este conjunto é o meu preferido. — Depois olha para nós e pergunta: — Que idade tem o vosso menino?

— É o nosso sobrinho. Faz amanhã 2 anos.

— Ah, perfeito — diz ela. — Quer embrulho de oferta?

— Não, basta um saco.

Ela indica ao Graham o valor e, enquanto ele paga, olha novamente para mim.

— Então e vocês? Têm filhos?

Eu sorrio e vou para responder, mas o Graham é mais veloz do que eu.

— Temos seis — mente. — Mas já cresceram e saíram de casa.

Eu tento não me rir, mas desde que decidimos começar a mentir a desconhecidos sobre a nossa infertilidade, transformou-se numa competição para ver quem consegue ser mais ridículo. O Graham costuma vencer. Na semana passada, disse a uma senhora que tínhamos quadrigêmeos. Agora está a tentar convencer alguém de que um casal da nossa idade pode ter seis filhos crescidos e emancipados.

— Tudo raparigas — acrescento. — Continuámos a tentar um rapaz, mas não estava escrito nas estrelas.

A funcionária da caixa fica perplexa.

— Vocês têm seis filhas?

O Graham pega no saco e no recibo.

— Sim. E duas netas.

Ele leva sempre as coisas um pouco ao extremo. Pego na mão do Graham e murmuro um «obrigada» à funcionária, puxando-o para o exterior com a mesma rapidez com que o levei para o interior.

Quando estamos novamente no passeio, dou-lhe um soco ao de leve no braço.

— Tu és tão exagerado! — digo, soltando uma gargalhada.

Ele entrelaça os nossos dedos quando começamos a andar.

— Devíamos inventar nomes para as nossas filhas imaginárias — sugere ele. — Para o caso de alguém pedir pormenores.

Estamos a passar por uma loja de cozinhas quando ele diz isso e os meus olhos recaem automaticamente na prateleira de especiarias na montra.

— Coriander — digo-lhe. — É a mais velha.

O Graham para e olha para a prateleira de especiarias comigo.

— A Parsley é a mais nova. E a Paprika e a Cinnamon são as gémeas mais velhas.

Eu rio-me.

— Temos dois conjuntos de gémeas?

— A Juniper e a Saffron.

Enquanto nos dirigimos ao carro, acrescento:

— Muito bem, deixa-me ter a certeza de que decoro isto tudo como deve ser. Por ordem de nascimento: Coriander, Paprika, Cinnamon, Juniper, Saffron e Parsley^[1].

O Graham sorri.

— Quase. A Saffron nasceu dois minutos antes da Juniper.

Reviro os olhos e ele aperta a minha mão ao atravessarmos a rua juntos.

Ainda me maravilho com o quanto as coisas mudaram desde que abrimos a caixa há dois anos. Estivemos tão perto de perdermos tudo o que tínhamos construído devido a algo que estava fora do

nosso controlo. Algo que nos deveria ter aproximado mais, mas que, em vez disso, nos afastou.

Evasão parece ser uma palavra tão inócua, mas essa palavra pode provocar danos severos numa relação. Evitámos tantas coisas no nosso casamento, simplesmente por receio. Evitámos comunicar.

Evitámos conversar sobre os desafios que enfrentávamos. Evitámos todas as coisas que nos deixavam mais tristes. E, com o passar do tempo, comecei a evitar por completo a outra metade da minha vida. Evitei-o em termos físicos, o que levou à evasão emocional, o que depois conduziu a muitos sentimentos que ficaram por expressar.

Abrir aquela caixa fez-me ter noção de que o nosso casamento não precisava de pequenas reparações. Precisava, sim, de ser reconstruído a partir da base, com uns alicerces completamente diferentes. Iniciei a nossa vida em conjunto com determinadas expectativas, e quando essas expectativas não foram correspondidas, não soube como avançar.

Contudo, o Graham tem sido uma força constante por detrás da minha regeneração. Deixei, finalmente, de estar tão triste pelo nosso destino. Deixei de me concentrar em todas as coisas que tínhamos e que podíamos ter. Não apagou toda a minha dor, mas há muito tempo que não me sentia tão feliz.

É claro que abrir a caixa não resolveu tudo por milagre. Não apagou, de imediato, o meu desejo de ter filhos, embora tenha aumentado o meu desejo de uma vida além da maternidade. Não desfez por completo a minha aversão ao sexo, embora tenha aberto a porta para aprender lentamente a separar o sexo da esperança da

desolação. E ainda choro, ocasionalmente, no duche, mas nunca choro sozinha. Choro enquanto o Graham me abraça, porque ele me fez prometer que eu deixaria de chorar para esconder o peso da minha mágoa.

Já não o escondo. Aceito-o. Estou a aprender a apresentar a minha luta com orgulho em vez de me envergonhar dela. Estou a aprender a não ficar tão ofendida quando as outras pessoas desconhecem a minha infertilidade. E aprendi que consigo encarar tudo isto com sentido de humor. Nunca pensei que chegasse a um ponto em que transformaríamos todas as perguntas dolorosas num jogo. Agora, quando estamos em público, eu fico, de facto, ansiosa por alguém me perguntar se temos filhos. Mas porque sei que o Graham irá dizer alguma coisa que me fará rir.

Também aprendi que não há problema em ter um pouco de esperança.

Durante muito tempo, estive tão desgastada e emocionalmente exausta que pensei que, se encontrasse uma forma de perder toda a esperança, também perderia toda a expectativa e toda a desilusão. Mas não foi assim. A esperança tem sido o único aspeto positivo em relação a ser infértil.

Nunca perderei a esperança de podermos vir a ter, na realidade, um filho nosso. Ainda me candidato a agências de adoção e falo com advogados. Não sei se alguma vez deixaremos de tentar. Mas aprendi que, apesar da minha esperança de ainda vir a ser mãe, isso não significa que não consiga viver uma vida preenchida enquanto continuo a tentar.

Por uma vez, sou feliz. E sei que serei feliz daqui a 20 anos, mesmo que sejamos apenas eu e o Graham.

— Bolas — murmura o Graham, quando chegamos ao carro. Ele aponta para o pneu. — Temos um furo.

Olho de relance para o pneu, que está, decididamente, vazio. Tão vazio que quantidade nenhuma de ar o poderia salvar.

— Temos um sobresselente?

Como estamos no carro do Graham, ele dirige-se ao porta-bagagens e levanta o tapete que dá acesso ao pneu sobresselente e ao macaco.

— Graças a Deus — diz ele.

Eu coloco os nossos sacos no banco de trás e observo-o enquanto ele retira o pneu e o macaco. Felizmente, o pneu furado está do lado do passageiro, e virado para o passeio e não para a estrada. O Graham traz o pneu sobresselente para junto do pneu furado e depois traz o macaco. Levanta os olhos na minha direção com um ar envergonhado no rosto.

— Quinn... — Pontapeia uma pedra no passeio, desviando o seu olhar do meu.

Eu rio-me, porque consigo ver no seu embaraço que ele não faz a mínima ideia do que fazer em seguida.

— Graham Wells, nunca mudaste um pneu?

Ele encolhe os ombros.

— Tenho a certeza de que consigo ver no *Google* como se faz. Mas tu referiste-me uma vez que o Ethan nunca te deixou mudar um pneu. — Ele avança em direção ao pneu. — Estou a dar-te primazia.

Eu sorrio. Estou a gostar demasiado disto.

— Puxa o travão de mão.

O Graham puxa o travão de mão, enquanto eu posiciono o

macaco por baixo do automóvel e começo a subi-lo.

— Isto até é sensual — diz ele, encostando-se a um candeeiro de rua enquanto me observa. Pego na chave de rodas e começo a desapertar as porcas.

Estamos numa rua movimentada, por isso há duas pessoas que param para perguntar se podem ajudar, porque não se apercebem de que o Graham está comigo. Das duas vezes, o Graham responde:

— Obrigado, mas a minha mulher trata disto.

Eu rio-me, quando me apercebo do que ele está a fazer. Durante o tempo todo em que estou a mudar o pneu, o Graham gaba-se a todas as pessoas que passam por ali.

— Olhe! A minha mulher sabe mudar um pneu.

Quando termino, por fim, ele guarda o macaco e o pneu furado no porta-bagagens. Tenho as mãos cheias de óleo.

— Vou num instantinho a esta loja lavar as mãos.

O Graham acena com a cabeça e abre a porta do lado do condutor, enquanto eu me apresso a entrar na loja mais próxima. Quando entro, sou apanhada completamente desprevenida. Estava à espera de que fosse mais uma loja de roupa, mas não é. Há transportadoras para animais de estimação expostas na montra e um pássaro — um periquito — empoleirado no cimo de uma gaiola próxima da porta de entrada.

— *Ciao!* — diz o pássaro muito alto.

Eu ergo um sobrolho.

— Olá.

— *Ciao!* — grita novamente. — *Ciao! Ciao!*

— É a única palavra que ele sabe — diz uma senhora ao

aproximar-se de mim. — Está aqui para adotar um animal ou para comprar alguma coisa?

Eu levanto as mãos cheias de óleo.

— Nem uma coisa nem outra. Tinha esperança de que tivesse um lavatório.

A mulher aponta na direção da casa de banho. Eu atravesso a loja, parando para olhar para os vários animais nas suas gaiolas. Há coelhos, tartarugas, gatinhos e porquinhos-da-índia. Mas quando me aproximo das traseiras da loja, perto da casa de banho, paro e respiro fundo.

Olho-o fixamente porque ele está a olhar para mim. Dois olhos castanhos grandes a fitarem-me como se eu fosse a quinquagésima pessoa a passar por ele hoje. Mas ele ainda mantém a esperança — como se talvez eu fosse a primeira a considerar adotá-lo. Aproximo-me da sua jaula, rodeada de outras jaulas vazias. É o único cão em toda a loja.

— Olá, amigo — sussurro. Leio a nota no canto inferior esquerdo da jaula. Por baixo da descrição em italiano encontra-se uma descrição escrita em inglês.

PASTOR-ALEMÃO

MACHO

SETE SEMANAS

DISPONÍVEL PARA ADOÇÃO

Olho fixamente para a nota por um momento e depois vou até à casa de banho. Lavo as mãos tão depressa quanto possível, porque não consigo suportar que aquele cachorrinho pense que sou mais

uma daquelas dezenas de pessoas que passaram por ele e não o quiseram levar para casa.

Nunca fui uma grande amante de cães, porque nunca tive um cão. Pensei sinceramente que nunca iria ter um, no entanto, tenho a sensação de que não sairei desta loja sem o levar comigo. Antes de sair da casa de banho, retiro o meu telemóvel do bolso e envio rapidamente uma mensagem ao Graham.

Vem ter comigo à parte de trás da loja. Despacha-te.

Saio da casa de banho e, quando o cão me vê novamente, levanta as orelhas. Depois, levanta uma pata e pressiona-se contra as grades quando me aproximo. Está sentado sobre as patas traseiras, mas consigo ver a sua cauda a abanar, como se soubesse que desta forma capta a minha atenção, mas tem medo de que eu seja apenas mais uma visita efémera e que tenha de passar mais uma noite aqui fechado.

Eu passo os dedos entre as grades e ele cheira-os, lambendo-me em seguida. Sinto um aperto no peito sempre que nos olhamos nos olhos, porque vê-lo tão cheio de esperança, mas com tanto medo da desilusão, entristece-me. Este cachorrinho faz-me lembrar de mim mesma, de como eu me costumava sentir.

Viro-me e vejo o Graham a olhar fixamente para o cão. Então, ele aproxima-se da jaula e inclina a cabeça. O cão vai alternando o olhar entre mim e o Graham e depois acaba por se sentar, incapaz de parar de abanar a cauda.

Nem sequer tenho de dizer nada. O Graham limita-se a anuir e a dizer:

— Olá, pequenino. Queres ir para casa connosco?

*

— Já passaram três dias — diz a Ava. — Aquele pobre cão precisa de um nome.

Ela está a levantar a mesa, a preparar-se para regressar a casa. O Reid levou o Max há cerca de uma hora para o ir deitar. Nós tentamos jantar juntos algumas vezes por semana, mas normalmente vamos nós a casa deles, uma vez que o Max se deita cedo. Mas agora somos nós que temos um novo bebé e, apesar de esse novo bebé ser um cachorrinho, dorme a sesta e faz chichi e cocó tantas vezes quantas um ser humano recém-nascido.

— É tão difícil arranjar um bom nome — suspiro. — Quero dar-lhe um nome que tenha significado, mas descartámos todas as ideias que tivemos.

— Estás a ser demasiado exigente.

— Demoraste oito meses para escolher um nome para o teu filho. Três dias não é assim tanto para um cão.

A Ava encolhe os ombros.

— Tens razão. — Ela limpa a mesa enquanto eu tapo os restos e os guardo no frigorífico.

— Pensei em dar-lhe um nome relacionado com a matemática, dado que é algo de que o Graham gosta tanto. Dar-lhe o nome de um número, por exemplo.

A Ava ri-se.

— É tão estranho que digas isso. Ainda hoje recebi as fichas dos estudantes estrangeiros de intercâmbio que chegam dentro de algumas semanas e dos quais serei tutora. Uma delas é de uma

rapariga do Texas. O seu nome é Seven Marie Jacobs, mas é conhecida como Six. Pensei no Graham quando vi isso.

— Porque é que lhe chamam Six, se o nome dela é Seven?

A Ava abana a cabeça.

— Não sei, mas é peculiar. Ainda nem sequer a conheci, mas já gosto da rapariga. — A Ava faz uma pausa e olha para mim. — É que tal dares-lhe o nome de uma das personagens do teu livro?

Abano a cabeça.

— Já pensei nisso, mas sinto que aquelas personagens são pessoas, agora que o livro está concluído. Eu sei que é estranho, mas quero que o cão tenha o seu próprio nome. Sentiria que ele estava a ser obrigado a partilhar.

— Faz sentido — diz a Ava, pousando as mãos nas ancas. — Já tens novidades da tua agente?

— Ainda não apresentou o manuscrito aos editores. Está a ser revisto por um editor interno e depois irão tentar vender os direitos.

A Ava sorri.

— Espero que consigam, Quinn. Vou ficar completamente passada da cabeça se entrar numa livraria e vir o teu livro na prateleira.

— Tu e eu!

O Graham entra com o cão ao colo e a Ava cruza-se com ele à porta.

— Já é tarde, tenho de ir — diz ela, falando com o cão enquanto lhe faz festas na cabeça. — Espero que, quando te vir amanhã, já tenhas nome.

Eu e o Graham despedimo-nos dela e ele tranca a porta. Ele embala o cão nos seus braços e aproxima-se de mim.

— Adivinha quem utilizou a casa de banho duas vezes para que a sua mamã e o seu papá consigam dormir algumas horas?

Eu tiro-o dos braços do Graham e aperto-o. Ele lambe-me a face e depois pousa a cabeça na dobra do meu cotovelo.

— Está cansado.

— Eu também estou cansado — diz o Graham, bocejando.

Ponho o cão na sua *box* e tapo-o com um cobertor. Nenhum de nós sabe o que quer que seja sobre cães, por isso temos lido o máximo possível sobre como podemos treiná-lo para ficar na *box*, o que come, como deve ser disciplinado, quanto tempo deve dormir.

Dormir foi, decididamente, a coisa mais difícil de abordar até agora. Ser o tutor de um cão bebé acarreta dificuldades, sendo a maior a exaustão. Apesar de tudo, não o trocava por nada. Sempre que aquele pequeno ser olha para mim, derreto-me.

Eu e o Graham dirigimo-nos para o quarto. Deixamos a porta aberta para podermos ouvi-lo se começar a ganir. Quando nos metemos na cama, viro-me para o lado do Graham e pouso a cabeça no seu peito.

— Nem consigo imaginar como será ter um recém-nascido, se um cão é tão extenuante.

— Estás a esquecer-te de todas as nossas noites em branco com a Coriander, a Paprika, a Cinnamon, a Saffron, a Juniper e a Parsley.

Rio-me.

— Eu amo-te.

— Eu também te amo.

Enrolo-me ainda mais no Graham e ele aperta o seu abraço. Faço os possíveis para adormecer, mas a minha mente continua a

divergir para nomes de cão até eu ter a certeza de ter esgotado todos os nomes existentes.

— Quinn. — A voz do Graham contra o meu ouvido, quente e tranquila. — Quinn, acorda. — Abro os olhos e afasto-me do seu peito. Ele aponta para trás de mim e diz: — Olha. — Eu viro-me para trás e olho de relance para o despertador, mesmo no instante em que muda para a meia-noite. O Graham inclina-se para o meu ouvido e sussurra: — É dia 8 de agosto. Dez anos depois e temos um casamento feliz. *Eu disse-te.*

Eu suspiro.

— Porque será que não me surpreende que te lembres disso?

Não sei como não estava à espera deste momento. O número 8 tem tanto significado para nós, que a data deveria ter sido óbvia para mim, mas tenho andado tão preocupada com o cão nestes últimos dias que nem sequer me apercebi de que hoje é dia 8 de agosto.

— *August* — sussurro. — É esse o nome que lhe vamos dar.

Agradecimentos

Em cada livro que escrevo, há pessoas que me acompanham desde o início que levam com os pedaços que acabo por deitar fora. Arruíno-lhes as reviravoltas da história. Altero linhas narrativas. Torno a leitura das minhas palavras uma tarefa ainda mais confusa. E isso foi particularmente óbvio nas muitas versões de *Se Fosse Perfeito*. Um enorme obrigada a Kay Miles, Vilma Gonzalez, Marion Archer, Karen Lawson, Lauren Levine, Vannoy Fite, Kim Jones, Jo Popper, Brooke Howard e Joy Nichols, por serem sempre sinceros. E estarem presentes.

À Tarryn Fisher. Adoro-te a ti e a toda a tua tola família.

Obrigada à minha agente, Jane Dystel, e à sua equipa fantástica!

Obrigada à extraordinária equipa da Atria Books. À minha editora, Judith Curr, pelos últimos cinco anos de apoio. À Ariele Stewart, a minha NPTBF. Provavelmente, está na altura de deixar cair a primeira letra da sigla. À Melanie Inglesias Pérez, obrigada por tudo o que fazes! Que é imenso! E à minha editora, Johanna Castillo. Quando tento escrever o quanto te valorizo, as palavras parecem não ser suficientes. Adoro-te.

Obrigada aos CoHorts. Um grupo de amantes de livros que me inflamam o ego e me lembram diariamente quem quero ser.

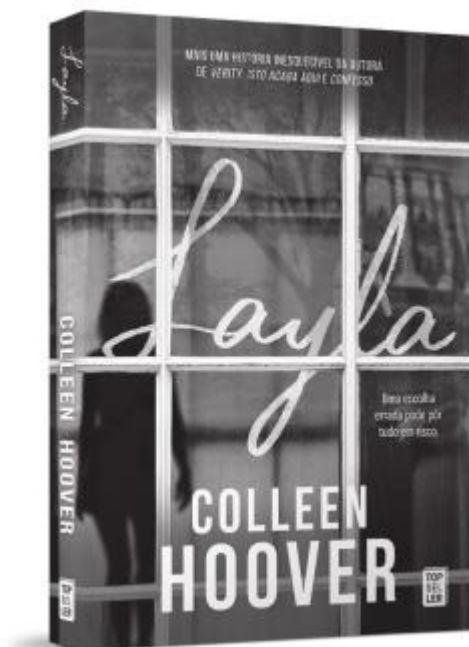
Obrigada à FP. Os 21 originais. Atribuo todas as coisas boas desta carreira àquele primeiro ano. O amor, o apoio e o entusiasmo

que todos tivemos uns pelos outros é uma coisa linda. Nunca o esquecerei. Valorizarei sempre cada um de vocês.

Aos meus rapazes. Os meus belos e maravilhosos homens. Graças ao vosso pai, a minha vida ainda seria completa mesmo que não vos tivesse tido. Mas nunca tomarei a vossa existência como um dado adquirido. Trazem alegria à minha vida todos os dias. Espero que nunca deixem de pedir que vos aconchegue à noite. Deixam-me tão orgulhosa.

E ao meu marido, Heath Hoover. As únicas vezes em que te vi prestes a chorar deveram-se a momentos de orgulho na tua família. Nada me faz amar-te e valorizar-te mais. Quase tudo o que de bom tenho na vida se deve a ti.

Não perca mais uma história surpreendente e inesquecível:



Quando Leeds conhece Layla, tem a certeza de ter encontrado a sua companheira para a vida, até que um ataque inesperado à namorada o obriga a repensar os seus planos. Depois de passar semanas no hospital, Layla recupera fisicamente, mas as sequelas mentais e emocionais parecem ter alterado a mulher independente e espontânea por quem Leeds se apaixonara. Para tentar ajudá-la na sua convalescença, Leeds decide levá-la para a pousada onde se conheceram, na esperança de que as boas recordações a façam voltar ao que era. Contudo, o que a pousada desperta em Layla é um comportamento cada vez mais bizarro e acompanhado por vários acontecimentos aparentemente inexplicáveis.

Preocupado com tudo o que se passa à sua volta, Leeds encontra apoio na misteriosa Willow, uma presença constante na pousada com quem ele estabelece uma forte ligação. Movido pela curiosidade que Willow lhe provoca, sente-se determinado a ajudá-la a encontrar respostas para os seus problemas, mas depressa se apercebe de que isso poderá pôr Layla em risco. Incapaz de ajudar as duas, Leeds vê-se perante uma escolha difícil e que poderá ser perigosa para todos.



PODERÁ UMA HISTÓRIA DE AMOR PERFEITA SOBREVIVER A TUDO?

Quinn e Graham conheceram-se numa situação em que nenhum dos dois se queria encontrar. Não foi um início digno de conto de fadas, mas o sentimento que os uniu foi mais forte do que o sofrimento e o desgosto que haviam partilhado.

Anos mais tarde, o amor perfeito que sentem um pelo outro é ameaçado pelas imperfeições da vida a dois. As recordações, os erros e os segredos que durante muito tempo foram acumulando estão agora a afastá-los cada vez mais.

E a única coisa capaz de salvar o seu casamento poderá transformar-se num inevitável ponto de rutura.

«Íntimo e cru.»
USA TODAY

Autora norte-americana bestseller do *New York Times* e que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para cerca de 30 línguas. Na sua lista de obras incluem-se *Um Caso Perdido*, *Uma Nova Esperança*, *Amor Cruel*, *Confesso*, *9 de Novembro*, *Isto Acaba Aqui*, *A Ilusão de Merit*, *Verity*, *Sempre Tu*, *Layla*, *Se Fosse Perfeito* e *Corações Feridos*, publicados em Portugal pela *Topseller*.

Colleen cresceu numa quinta, no Texas, casou-se quando tinha 20 anos e tirou uma licenciatura em Serviço Social. Trabalhou nos Serviços de Proteção de Menores, antes de voltar aos estudos para concluir a sua formação em Educação Especial e Nutrição Infantil.

Vive com o marido e os três filhos no Texas. Em 2015, criou The Bookworm Box, um clube de subscrição de livros autografados pelos respetivos autores e cujos fundos se destinam a instituições de solidariedade social.

Saiba mais em:

www.colleenhoover.com



Edição em formato digital: maio de 2022

SE FOSSE PERFEITO

Título original: All Your Perfects

Texto © 2018, Colleen Hoover

Publicado por Atria Books,
uma chancela de Simon & Schuster, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Pedro Carvalho e Guerra

Revisão: Teresa Antunes

Paginação: Ana Seromenho

Capa: Danielle Mazzella di Bosco

Imagens da capa: © Miguel Sobreira/Arcangel; 123RF

ISBN: 978-989-623-313-6

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

[1] As filhas imaginárias têm nomes de especiarias: Coentros, Colorau, Canela, Zimbro, Açafrão e Salsa. [N. T.]

Índice

Se Fosse Perfeito

Dedicatória

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Colleen Hoover

Créditos

Notas